INTRODUCÇAÕ Á VIDA DEVOTA

DE

S. FRANCISCO DE SALES,

BISPO E PRINCIPE DE GENEBRA,
e Fundador da Ordem da Visitaçaõ.

Novamente traduzida na Lingua Portugueza, com maior exacçaõ.

LISBOA

Na Of. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LXXXIV.

Com licença da Real Mesa Censoria.

PROLOGO
DESTA TRADUCÇAÕ.

OS motivos particulares que houve para esta Traducçaõ, foraõ primeiro estar quasi extincta a ediçaõ Portugueza, que ha annos se imprimio: e ser esta pouco commoda, para se trazer nas mãos, principalmente em lugares sagrados, por ser em quarto. O segundo motivo foi, encontrarem-se na dita Traducçaõ Portugueza innumeraveis defeitos, principalmente originados de se naõ exprimir com propriedade e elegancia no nosso idioma, o que se diz no Francez. Isto he o que procurámos evitar nesta Ediçaõ, tendo sempre á vista o Original Francez; e cor-

rendo regra por regra a Ediçaõ Parisiense de folha, que comprehende todas as obras deste Santo, impressa em 1669. Por esta nos deve examinar, quem quizer averiguar a verdade e fidelidade com que procedemos.

Na pagina 13 Capitulo II. Diz o Santo assim: *E que reciproquement les habitans estoient des gens si prodigieux, qu'ils mangeoient les autres hommes comme de locustes.* Quer dizer: » E que reciprocamente os habitado- » res eraõ gente taõ estranha, que » elles comiaõ aos outros homens co- » mo a gafanhotos. » Se neste lugar está ou naõ bem applicado o Texto do livro dos Numeros cap. 3. v. 34. nos naõ pertence a nós o decidi-lo; pois naõ fazemos as vezes de Censores, mas de Traductores.

Isto baste dizer; porque para recomendaçaõ da obra basta o nome de seu Author, e a estimaçaõ que della se faz em toda a Europa: persuadindo-se todos, que antes deste santo Escritor, ninguem melhor do que el-

le

le ſoube concordar e aſſociar os dictames da vida domeſtica e civil com as leis do Evangelho, e com os dictames da Perfeiçaõ Chriſtã, enſinados pelo Divino Meſtre. A quem ſeja dado todo o louvor e gloria.

BRE-

BREVE
DO SS. PAPA
ALEXANDRE VII.

Em refpofta das graças que lhe deu o Conde de Sales, fobrinho de S. Francifco de Sales; depois da Canonizaçaõ defte Santo.

Noffo cariffimo Filho Conde de Sales: Saude e Bençaõ Apoftolica.

NOffo mui amado Filho. Entre as graças mais finaladas, com que Deos foi fervido favorecer-nos mais do que mereciamos, foi huma efta, a de nos conduzir á obra da Canonizaçaõ do grande S. Francifco de Sales: a quem defde a noffa mocidade tinhamos fempre venerado, pela fua grande fantidade: e efcolhido defde entaõ por noffo Meftre e noffo Director na vida efpiritual, por meio dos feus efcritos que encerraõ huma doutrina toda de oiro e a mais faudavel. Por efta efcolha podeis conhecer, noffo cariffimo Filho, o noffo affecto e caridade paternal para comvofco e todos os voffos: principalmente eftando nós perfuadidos, de

que

que regrais os vossos costumes e acções, e as de vossos filhos por hum tal exemplar. E posto que já assim o fazeis de vós mesmo, com tudo naõ deixaremos com amor paternal de vos exhortar a hum novo vigor: pois he muito racionavel, que os que tem a honra de serem taõ chegados a este grande Santo, naõ desprezem hum taõ fermoso exemplar, que a maõ de Deos tirou da sua familia para admiraçaõ do mundo todo; e sejaõ os seus mais chegados, mais que todos os seus imitadores. E para que vós e a vossa casa possais ditosamente com a ajuda e favor do Ceo, unir-vos aos sagrados vestigios deste grande Santo, e alcançar a continuaçaõ e cumulo dos bens espirituaes e temporaes: de todo o nosso coraçaõ vos concedemos Bençaõ Apostolica e Pontificia. Dado em Roma em Santa Maria Maior, de baixo do Annel do Pescador: a tres de Junho de 1665.: 11. de nosso Pontificado.

Sellado e assinado.

Joaõ Florentino.

PRE-

PREFAÇAÕ DO SANTO.

Amigo Leitor, peço-te, que leias esta Prefaçaõ, para tua satisfaçaõ, e minha.

A Ramalheteira Gliceria sabia taõ propriamente diversificar a disposiçaõ e mistura das flores, que com as mesmas flores fazia huma grande variedade de ramalhetes: de sorte que o pintor Pausias, querendo á competencia arremedar esta variedade de obra, ficou vencido, naõ sabendo variar a sua pintura de tantos modos, de quantos compunha Gliceria os ramalhetes. Semelhantemente o Espirito Santo dispoem e ordena com tanta variedade os documentos de devoçaõ, que elle dá pelas linguas e pennas de seus servos, que sendo sempre huma mesma a doutrina, os discursos com tudo que se fazem saõ bem diferentes, segundo os diversos modos com que estaõ dispostos. Na verdade naõ posso, nem quero, nem devo escrever nes-

nesta Introducçaõ, senaõ o que está já publicado por nossos predecessores nesta materia: isto naõ saõ mais que as mesmas flores, que te offereço Leitor meu, mas o ramalhete que faço, será diferente dos seus, em razaõ da fórma de que he composto.

Os que tem tratado de devoçaõ, quasi sempre atenderaõ a instruir pessoas mui retiradas do comercio do mundo, ou ao menos ensinaraõ hum genero de devoçaõ, que conduz a este inteiro retiro: o meu intento he instruir os que vivem nas Cidades, nos negocios, e nas Cortes; e que pela sua condiçaõ estaõ obrigados a fazer huma vida commua quanto ao exterior, os quaes mui ordinariamente com o pretexto de huma affectada impossibilidade, nem ao menos querem cuidar, em emprehender a vida devota, assentando no dictame: que assim como nenhum animal se atreve a provar o graõ da erva chamada *Palma Christi*; assim tambem nenhum homem deve pretender a palma da piedade Christã, em quanto vive entre a multidaõ de negocios temporaes. Mas eu lhe mostro, que assim como as madreperolas vivem no meio do mar, sem receberem nem huma gota de agua salgada, e que junto ás Ilhas Chelidonias

ha

ha fonte de agua mui doce no meio do mar, e que as ſalamandras voaõ entre as chamas, ſem queimarem as azas: aſſim póde huma alma valeroſa e conſtante, viver no mundo ſem receber humor algum mundano, achar as fontes de huma ſuave piedade no meio das ondas amargoſas deſte mundo, e voar entre as chamas dos appetites terrenos, ſem queimar as azas dos ſantos deſejos da vida devota. Verdade he que iſto he dificultoſo, e eſta a cauſa por que eu deſejava, que muitos empregaſſem niſto o ſeu cuidado, com mais fervor, do que o tem feito até o preſente. Ainda que eu ſou fraquiſſimo, me enſaio com eſte tratado a contribuir com algum ſocorro, aos que com coraçaõ generoſo entrarem neſta digna empreza.

Com tudo naõ foi por eleiçaõ ou inclinaçaõ minha, que eſta Introducçaõ ſahe a publico: huma Alma verdadeiramente honrada e virtuoſa, tendo depois de paſſado algum tempo recebido de Deos a graça, de querer aſpirar á vida devota, deſejou a minha particular aſſiſtencia a eſte reſpeito: e como eu lhe devia muitas ſortes de obrigações, e tinha muito tempo antes advertido nella muitas diſpoſições a eſte fim, tomei todo o cuida-

do

do de bem a inſtruir : e tendo-a conduzido por todos os exercicios convenientes ao ſeu deſejo, e á ſua condiçaő, lhe deixei por eſcrito algumas memorias, para que recorreſſe a ellas, quando lhe foſſe neceſſario. Cőmunicou-as ella depois a hum grande douto e devoto Religioſo, o qual julgando, que muitos podiaő tirar proveito dellas, me exhortou a que as publicaſſe: o que lhe foi facil de me perſuadir, por ter a ſua amizade grande poder ſobre a minha vontade, e o ſeu juizo huma grande authoridade ſobre o meu.

Para que tudo pois foſſe mais util e agradavel, revi eſta obra, metendo-lhe algum genero de ornato, e acrecentando-lhe muitos aviſos e documentos proprios ao meu intento: mas tudo iſto o tenho feito, quaſi ſem genero algum de deſcanço. Por cuja cauſa nada verás aqui com exacçaő, mas ſómente hum montaő de advertencias bem intencionadas, que explico com palavras claras e inteligiveis, ou ao menos o deſejo aſſim fazer. E quanto aos de mais ornatos da lingua, nem ſequer cuidei niſſo, como quem lhe naő faltaő outras muitas coiſas que fazer.

Dirijo minhas palavras a Philotea, por que como quero que ſirvaő á utilida-
de

de commua de muitas almas, o que primeiramente tinha efcrito para huma fó, a apelido com hum nome cõmum a todas as que querem fer devotas, porque Philotea quer dizer, amadora ou amante de Deos.

Atendendo pois em tudo ifto a huma alma, que pelo defejo da devoçaõ afpira ao amor de Deos, dividi efta Introducçaõ em cinco partes: na primeira das quaes me empenho com algumas perfuasões e exercicios, a converter o fimples defejo da Philotea, em huma inteira refoluçaõ, que ella faz por fim, depois da Confiffaõ geral, por huma folida proteftaçaõ a que fe figa a fagrada Cõmunhaõ, na qual entregando-fe e recebendo a feu Salvador, entra felizmente em feu fanto amor. Feito ifto, para a conduzir adiante, lhe moftro dois grandes meios de fe unir mais e mais á Divina Mageftade: o ufo dos Sacramentos, pelos quaes efte bom Deos vem a nós: e a fanta Oraçaõ, pela qual elle nos leva a fi: nifto emprego a fegunda parte. Na terceira lhe moftro, como fe deve ella exercitar em muitas virtudes mais proprias do feu adiantamento; naõ me detendo fenaõ em varios documentos particulares, que naõ poderá facilmente achar em outra parte,

nem

nem de si mesma. Na quarta, lhe procuro descobrir algumas emboscadas de seus inimigos, e lhe mostro como se deve desembaraçar, e passar adiante na sua empreza. E finalmente na quinta parte, procuro, que se retire hum pouco comsigo, para se refrescar, tomar o folego, e reparar as forças, para poder depois mais felizmente ganhar terra, e adiantarse na vida devota.

A idade presente he mui litigiosa: prevejo muito bem, que muitos diraõ, que naõ pertence senaõ aos Religiosos e pessoas de devoçaõ, fazer direcções taõ particulares á piedade, e que estas pedem mais lazer do que póde ter hum Bispo carregado de huma Diocese taõ pezada como a minha; que isto distrae muito o entendimento, o qual se deve empregar em coisas importantes.

Mas eu, carissimo Leitor, te digo com o grande S. Dionysio: que aos Bispos pertence principalmente aperfeiçoar as almas, e tanto he a sua Ordem suprema entre os homens, como a dos Serafins entre os Anjos: pelo que naõ pódem empregar melhor o seu tempo do que nisto. Os antigos Bispos e Padres da Igreja, pelo menos eraõ taõ afeiçoados aos seus cargos como nós: e nem por isso

dei-

deixavaõ de ter cuidado da direcçaõ particular de muitas almas, que recorriaõ ao ſeu amparo, como ſe vê pelas ſuas cartas: imitando niſto aos Apoſtolos, que no meio da ſeara geral do Univerſo, recolhiaõ naõ obſtante certas eſpigas mais notaveis, com huma eſpecial e diſtincta affeiçaõ. Quem naõ ſabe, que Timotheo, Tito, Philemon, Oneſimo, Santa Tecla, Apia, eraõ os filhos queridos de S. Paulo? aſſim como S. Marcos, e Santa Petronilha de S. Pedro. Santa Petronilha, digo, a qual como provaõ doutamente Baronio e Galonio, naõ foi filha carnal, mas ſómente eſpiritual de S. Pedro. E S. Joaõ naõ eſcreveo huma das ſuas Epiſtolas Canonicas á devota matrona Electa? Iſto he de trabalho, bem o confeſſo; mas hum trabalho que conſola, ſemelhante ao dos ſegadores e vindimadores, quu nunca mais contentes, que quando eſtaõ muito ocupados e carregados. He hum trabalho que dilata e conforta o coraçaõ, com a ſuavidade, que delle reſulta aos que o emprendem; como faz o cinamomo, aos que o trazem no meio da Arabia Felis. Diz-ſe que a tigre femea, tendo achado algum de ſeus filhinhos, que o caçador lhe deixou no caminho, para a entreter, em quanto el-

le

le leva o reſto , carrega com elle por
pezado que ſeja ; e lhe naõ he iſto de pe-
ſo , antes corre mais ligeira , para o ſal-
var no ſeu covil : aliviando-lhe a carga
o amor natural. Com quanto mais boa
vontade tomará hum coraçaõ paternal a
ſeu cargo huma alma , que encontrar com
o deſejo da ſanta perfeiçaõ , trazendo-a
no ſeu ſeio , como huma mãi a ſeu filhi-
nho , ſem ſe queixar deſta querida car-
ga.

Mas ſem duvida deve ſer eſte hum
coraçaõ paternal : e por iſſo os Apoſto-
los e homens Apoſtolicos , chamaõ a ſeus
diſcipulos , naõ ſó ſeus filhos , mas ainda
mais ternamente ſeus filhinhos.

Quanto ao de mais , meu cariſſimo
Leitor , verdade he que eſcrevo da vida
devota , ſem ſer devoto , mas naõ por
certo ſem o deſejo de o vir a ſer : e tam-
bem eſte affecto he o que me dá animo
para te inſtruir. Porque como diz hum
grande homem (1) de letras , hum bom
modo de aprender he eſtudar , e melhor
ouvir , e optimo enſinar. Succede ordi-
nariamente , diz Santo Agoſtinho eſcre-
vendo á ſua devota Florentina , que o
offi-

(1) Eraſmo.

officio de diſtribuir ſerve de merecimento para receber : e o officio de ènſinar, de fundamento para aprender.

Alexandre mandou pintar a fermoſa Campaſpe, a quem tanto amou, pela mão do ſingular Apeles. Apeles obrigado a conſiderar muito de eſpaço a Campaſpe, ao meſmo paſſo que lhe hia delineando as feições ſobre o quadro, ſe lhe imprimia o amor no coraçaõ, affeiçoandoſe-lhe de tal ſorte, que Alexandre compadecido delle, lha deu por eſpoſa, privando-ſe por ſeu reſpeito da que mais amava neſte mundo : no que, diz Plinio, moſtrou a grandeza do ſeu coraçaõ, naõ menos que em huma inſigne victoria. Iſto pois me admoeſta, amigo Leitor, que ſendo eu Biſpo, quer Deos que eu pinte nos corações das peſſoas, naõ ſó as virtudes commuas, mas tambem a ſua cariſſima e dilectiſſima devoçaõ. Pelo que de boamente o emprehendo, tanto por obedecer e fazer o que devo, como pela eſperança que tenho, de que gravando-a no eſpirito dos outros, ſe tornará talvez o meu ſantamente amoroſo. Se a divina Mageſtade pois me vir ſempre inflamado nella, ma dará em matrimonio eterno. A fermoſa e caſta Rebeca dando de beber aos camelos de Iſaac, foi deſtinada para

ſer ſua eſpoſa, recebendo da ſua parte as arrecadas das orelhas, e os braceletes de oiro: aſſim eu me prómeto da immenſa bondade de meu Deos, que conduzindo ſuas cariſſimas ovelhas ás aguas ſalutiferas da devoçaõ, fará a minha alma ſua eſpoſa, metendo nos meus ouvidos palavras doiradas de ſanto amor, e em meus braços a fortaleza de as praticar, em que conſiſte a eſſencia da verdadeira devoçaõ: que eu ſuplico a ſua Mageſtade, me queira outorgar, e a todos os filhos da Igreja ſanta; á qual quero ſempre ſubmeter os meus eſcritos, as minhas acções, as minhas palavras, e a minha vontade e meus penſamentos. Em Anecy, dia de Santa Madalena. 1609.

INDICE
DOS CAPITULOS.

PRIMEIRA PARTE.

SEGUNDA PARTE.

ra

TER-

TERCEIRA PARTE.

CAP.

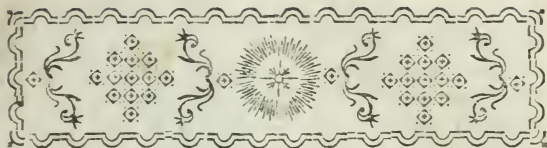
QUARTA PARTE.

CAP.

QUINTA PARTE.

CAP.

ERRATAS.

Pag.	*Erros.*	*Emendas.*
5	como lagostas	como gafanhotos
63	digo-te	digo-vos
63	o deves	o deveis
63	era isto	era esta
96	naõ se rie	naõ se ri
139	opondo-lhe	oponde-lhe
142	os ajunte	as ajunte
146	isso la he proprio	aquellouttras saõ proprias
203	o qual	a qual
215	mais exquisitos	mas exquisitos
229	as viandas	os manjares
241	e por modo	por modo
244	mac	mas
305	falsicado	falsificado
310	entregado	entregues
348	sou	sou eu
380	concedesse	concede

INTRODUCÇAÕ A' VIDA DEVOTA.

PRIMEIRA PARTE,

NA QUAL SE CONTÉM OS AVISOS, e exercicios neceſſarios, para conduzir a alma, deſde o ſeu primeiro deſejo da vida devota, até huma inteira reſoluçaõ de a abraçar.

CAPITULO I.

Deſcreve-ſe a verdadeira Devoçaõ.

CARISSIMA Philotea, vós aſpirais á perfeiçaõ, porque como ſois Chriſtá, ſabeis, ſer huma virtude ſummamente agradavel á Mageſtade divina. Mas como os pequenos defeitos que ſe comettem no principio de qualquer obra, creſcem infinitamente no progreſſo della, e ſaõ

quaſi irremediaveis no fim ; he neceſſario primeiro que tudo , ſaibais, que couſa ſeja eſta virtude da devoçaõ : porque aſſim como ſó huma ha verdadeira , aſſim tambem ha grande numero dellas falſas e vãs : e ſe naõ conhecerdes a verdadeira , vos podereis facilmente enganar , e perder tempo em ſeguir alguma devoçaõ impertinente e ſuperſticioſa.

Aurelio pintava todos os roſtos das imagens que fazia , com o ar e ſemelhança das mulheres que amava : e cada hum pinta a devoçaõ , ſegundo a ſua paixaõ e fantaſia. O que he dado ao jejum , ſe tem por mui devoto , porque jejua ; ainda que tenha o coraçaõ cheio de rancor : e naõ ſe atrevendo a molhar a lingua com vinho , nem ainda com agoa , por ſobriedade ; nenhuma duvida terá , em a banhar no ſangue do proximo , pela murmuraçaõ e calumnia. Outro ſe terá por mui devoto , porque todos os dias reza grande multidaõ de orações ; ainda que depois diſto , deſmande a lingua em palavras coléricas , arrogantes , e injurioſas , aſſim com domeſticos como com vizinhos. Outro de boa vontade tirará a eſmola da bolſa , para da-la aos pobres , mas naõ póde tirar de ſeu coraçaõ ſuavidade , para perdoar a ſeus inimigos : outro perdoará a ſeus inimigos , mas naõ pagará a ſeus credores , ſenaõ á viva força de juſtiça. Todos eſtes vulgarmente ſaõ tidos por devotos , e de nenhum modo o ſaõ. Buſcando a gente de Saul a David em ſua caſa , meteo Micol no ſeu leito huma eſtatua compoſta com os veſtidos de David , com que fez que Saul entendeſſe , ſer o

meſ-

mesmo David que estava enfermo. Assim ha muitas pessoas, que se cobrem com certas acções exteriores de santa devoçaõ; e o mundo as tem por sujeitos verdadeiramente devotos e espirituaes, naõ sendo na realidade mais que estatuas e fantasmas de devoçaõ.

A verdadeira e viva devoçaõ, Philotea, presupõe amor de Deos, ou naõ he outra coisa, senaõ hum verdadeiro amor de Deos: com tudo, naõ he amor de qualquer casta: porque em quanto este divino amor afermosea nossa alma, se chama graça, fazendo-nos agradaveis á Magestade divina: quando nos dá vigor para obrar bem, chama-se caridade: mas quando chega áquelle gráo de perfeiçaõ, que naõ só nos faz obrar bem, mas cuidadosa, frequente, e promptamente, se chama devoçaõ. Os avestruzes nunca voaõ, as gallinhas voaõ pouco, e mui baixo, e poucas vezes: mas as aguias, pombas, e andorinhas, voaõ frequente veloz e altamente: assim os peccadores naõ voaõ a Deos, mas todo o seu andar he na terra e pela terra. A gente boa, que ainda naõ tem conseguido a devoçaõ, voa a Deos com suas boas obras, mas raras vezes, e vagarosa e pesadamente: as pessoas devotas voaõ a Deos, frequente prompta, e altamente. Em huma palavra, a devoçaõ naõ he mais que huma agilidade e viveza espiritual, por cujo meio a caridade executa suas acções em nós, ou nós por ella, prompta e affectuosamente. E como á caridade pertence fazer-nos guardar geral e universalmente todos os Mandamentos de Deos: assim pertence á devoçaõ,

zer, que os guardemos prompta e diligentemente. Por cuja causa, aquelle que naõ guarda todos os Mandamentos de Deos, naõ póde ser havido por bom, nem por devoto; porque para ser bom, deve ter a caridade: e para ser devoto, além da caridade, deve ter huma grande viveza e promptidaõ nas acçóes caritativas.

Ao mesmo tempo que a devoçaõ consiste em certo gráo de excellente caridade, naõ só nos torna promptos, activos, e diligentes na observancia de todos os divinos preceitos: mas além disto nos excita a executar prompta e affectuosamente as boas obras que podemos, ainda que por nenhum modo sejaõ de preceito, mas unicamente de conselho ou inspiraçaõ. Porque da maneira, que hum homem que ha pouco se levantou de huma enfermidade, anda o que lhe he necessario, mas lenta e pesadamente: do mesmo modo o peccador, que sarou da sua enfermidade, caminha aquillo que Deos lhe manda, com tudo vagarosa e pesadamente, até que chegue a alcançar a devoçaõ: porque entaõ como homem saõ e bem disposto, naõ só anda, mas corre e salta pelo caminho dos Mandamentos: e passando adiante, corre pelos atalhos dos conselhos e inspiraçóes celestiaes. Em fim a caridade, e a devoçaõ, naõ tem entre si mais differença, que a que ha entre a cháma e o fogo; porque a caridade como hum fogo espiritual, quando he mui ardente, se chama devoçaõ. De sorte que a devoçaõ naõ acrescenta ao fogo da caridade, senaõ a cháma, que

faz

faz a caridade prompta, activa, e diligente; naõ só na observancia dos Mandamentos de Deos, mas na execuçaõ dos conselhos e inspiraçóes celestiaes.

CAPITULO II.

Propriedade e excellencias da Devoçaõ.

AQuelles que desanimavaõ aos Israelitas, de irem para a terra de Promissaõ, diziaõ-lhes, que era hum clima que devorava os habitadores: isto he, que os ares eraõ taõ malignos, que naõ se podia viver muito tempo: e que os habitadores eraõ gente taõ disforme, que comiaõ aos outros homens, como lagostas. Assim o mundo (carissima Philotea) diffama quanto póde a santa devoçaõ, despintando as pessoas devotas, com semblante enfadonho, triste, e macilento: e publicando, que a devoçaõ causa humores melancolicos e insoffriveis. Mas assim como Josué e Caleb (1), asseguravaõ, que a terra promettida naõ só era boa, senaõ que a sua posse seria agradavel: de semelhante modo o Espirito Santo pela boca de todos os Santos, e nosso Salvador pela sua propria, nos seguraõ, que a vida devota he suave, ditosa, e amigavel.

Vê o mundo, que os devotos jejuaõ, oraõ, e soffrem injurias, servem os enfermos, socorrem os pobres, fazem vigilias, reprimem a

(1) Num. 14. v. 7. & 8.

a cólera, detem e affogaõ ſuas paixões, privaõ-ſe dos prazeres ſenſuaes, e fazem outras acções, que de ſua natureza e qualidades ſaõ aſperas e rigoroſas: mas naõ vê o mundo a devoçaõ interior e cordial, que torna todas eſtas acções agradaveis, ſuaves, e faceis. Olhai como as abelhas ſobre o tomilho (*) naõ achaõ nelle mais que hum ſucco amargoſiſſimo; mas chupando-o, por propriedade que tem, o convertem em mel. Attendei mundanos: as almas devotas muitas amarguras encontraõ em ſeus exercicios, he bem verdade: mas quando nelles ſe empregaõ, ſe lhe convertem em doçura e ſuavidade: os fogos, as chámas, as rodas, as eſpadas, pareciaõ flores e perfumes aos Martyres, porque tinhaõ devoçaõ. E ſe eſta póde ſuavizar os mais crueis tormentos e a meſma morte, que naõ fará nas acções de virtude? O aſſucar faz doces os fructos, que ainda naõ eſtaõ maduros: e he correctivo da crueza e vicioſidade dos já ſazonados. A devoçaõ he o verdadeiro aſſucar eſpiritual, que tira o amargor ás mortificações, e o dano ás conſolações: ella he a que tira a triſteza aos pobres, a preſumpçaõ aos ricos, a deſconſolaçaõ ao opprimido, a inſolencia ao valído, a triſteza aos ſolitarios, e a diſſoluçaõ ao acompanhado: ella ſerve de fogo no Inverno, e de orvalho no Veraõ: ſabe ter abundancia, e padecer pobreza: igualmente torna util a honra, e o deſprezo: recebe o prazer e a dor, com hum coraçaõ

(*) *He huma planta odorifera, e amargoſa.*

çaõ qnasi sempre semelhante, e nos enche de huma admiravel suavidade.

Contemplai a escada de Jacob (que he o verdadeiro retrato da vida devota). Os dois lados entre que se sobe, onde se firmaõ os degráos, representaõ a oraçaõ, que impetra o amor de Deos, e os Sacramentos que o conferem: os degráos naõ saõ outra coisa, senaõ os diversos gráos de caridade, pelos quaes se vai de virtude em virtude: ou baixando pela acçaõ em socorro e ajuda do proximo, ou subindo pela contemplaçaõ, na uniaõ amorosa com Deos. Vêde agora, vos peço, como os que estaõ sobre a escada, saõ huns homens com coraçóes Angelicos, ou huns Anjos com corpos humanos: naõ saõ moços, mas parecem-no, segundo estaõ cheios de esforço e agilidade espiritual. Tem asas para voar e arrojar-se a Deos, por meio da santa oraçaõ: e tambem tem pés para caminhar com os homens, por huma santa e amigavel conversaçaõ. Seus rostos saõ formosos e alegres, recebendo tudo com doçura e suavidade. Estaõ com pés, braços, e cabeças descobertas, porque seus pensamentos, affectos, e acçóes, naõ tem outro designio, nem motivo, que agradar a Deos. O restante do corpo o tem cuberto, mas de hum vestido vistoso e ligeiro; porque ainda que verdadeiramente usaõ deste mundo, e das coisas mundanas, he por hum modo innocente e sincéro, tomando de passagem só aquillo que he necessario, segundo o seu estado. Taes saõ as pessoas devotas. Crêde-me, carissima Philotea; a devoçaõ he a suavidade

das

das ſuavidades, e a Rainha das virtudes, por quanto he a perfeiçaõ da caridade. Se a caridade he leite, a devoçaõ he a nata: ſe he planta, a devoçaõ he a flor: ſe he pedra precioſa, a devoçaõ he o luſtre: ſe he balſamo rico, a devoçaõ he o cheiro, e cheiro de tal ſuavidade, que conforta os homens e alegra os Anjos.

CAPITULO III.

Que a Devoçaõ he propria de qualquer ſorte de profiſſaõ ou eſtado.

NA creaçaõ mandou Deos ás plantas, que cada huma déſſe fruto, ſegundo a ſua eſpecie: aſſim manda tambem aos Chriſtáos, que ſaõ as plantas vivas da ſua Igreja, que produzaõ frutos de devoçaõ, cada hum ſegundo ſeu eſtado e vocaçaõ. De differente modo haõ de praticar a devoçaõ o Fidalgo e Official, o Vaſſallo e o Principe, a Viuva, a Donzella, e a Caſada: e naõ baſta iſto: deve o exercicio da devoçaõ, accommodar-ſe ás forças, aos negocios, e ás obrigaçóes de cada hum em particular. Pergunto, Philotea: ſerá bem que o Biſpo queira ſer ſolitario como os Cartuxos? E que os caſados naõ façaõ por adquirir mais que os Capuchinhos? Que o Official eſteja todo o dia na Igreja como o Religioſo? e o Religioſo ſempre expoſto a qualquer ſorte de encontro, por ſerviço do proximo, como o Biſpo? Naõ ſeria tal devoçaõ como

como esta, ridicula desordenada e insuportavel? Com tudo, vemos cahir mui de ordinario nesta falta: e o mundo que naõ distingue, ou naõ quer distinguir, entre a devoçaõ e indiscriçaõ daquelles que se persuadem ser devotos, murmura e vitupera a devoçaõ, que naõ he causa destas desordens.

Naõ, Philotea, a devoçaõ quando he verdadeira nada destróe, antes he quem tudo aperfeiçoa: e logo que se mostra contraria á legitima vocaçaõ de cada hum, he falsa sem duvida. A abelha, diz Aristoteles, tira o seu mel das flores sem as murchar, deixando-as inteiras e frescas como as achou: ainda mais faz a verdadeira devoçaõ, porque naõ só naõ preverte genero algum de vocaçaõ ou ocupaçaõ, mas pelo contrario as orna e aformosea. Toda a casta de pedra lançada no mel, sahe delle mais resplandecente, cada huma segundo a sua côr propria: e cada hum se torna mais agradavel em seu estado, juntandolhe a devoçaõ. O cuidado da familia, com ella se faz mais tranquillo, o amor do marido e mulher mais sincéro, o serviço do Principe mais fiel, e toda a sorte de ocupaçoes mais suaves e amaveis.

Naõ só he erro, mas heresia, querer desterrar a vida devota da companhia dos Soldados, da lója dos Officiaes, da Corte dos Principes, e da convivencia dos casados. Verdade he, Philotea, que a devoçaõ meramente contemplativa, Monastica e Religiosa, se naõ póde exercer nestes estados: mas tambem além destas tres sortes de devoçaõ, ha outras mui-

muitas acommodadas a aperfeiçoar os que vivem em estados seculares. Abraham, Isac, Jacob, David, Job, Tobias, Sara, Rebeca, e Judith, testificaõ bem esta verdade no Antigo Testamento: e no Novo, S. Joseph, Lydia e S. Crispim, foraõ perfeitamente devotos, nas suas lójas: Santa Anna, Santa Martha, Santa Monica, Aquila, Priscilla, nas suas familias: Cornelio, S. Sebastiaõ, e S. Mauricio, nos exercitos: Constantino, Helena, S. Luiz, o Beato Amadeo, S. Eduardo, em seus Thronos. E tambem tem succedido, perderem muitos a perfeiçaõ na soledade, que taõ appetecivel he para a perfeiçaõ; e conservarem-na no meio do tumulto, que taõ pouco favoravel lhe parece. Lot, diz S. Gregorio, que taõ casto foi na Cidade, naõ o soube ser no Deserto. Onde quer que estivermos, podemos e devemos aspirar á vida perfeita.

CAPITULO IV.

Da necessidade de hum Director para principiar, e fazer progressos na Devoçaõ.

SEndo mandado a Rages Tobias o moço, (1) respondeo: Em modo nenhum sei o caminho. Anda pois, lhe tornou o pai, e busca algum homem que te guie. O mesmo vos di-

(1) Tob. 5. v. 4. *Perge nunc, & inquire tibi fidelem virum.*

digo eu, minha Philotea: Quereis com ſegurança caminhar á devoçaõ? buſcai algum homem de bem, que vos guie e conduza. Eſta he a advertencia das advertencias. Ainda que mais buſqueis, (diz o devoto Joaõ de Avila) nunca já mais achareis taõ ſeguramente a vontade de Deos, como pelo caminho deſta humilde obediencia, taõ encomendada e praticada de todos os antigos devotos. A bemaventurada Madre Santa Tereſa, vendo que Dona Catharina de Cardona fazia grandes penitencias, deſejou muito imita-la niſto, contra o parecer de ſeu Confeſſor, que lho prohibia: ao qual eſteve tentada a naõ obedecer neſte particular, e Deos lhe diſſe: Filha minha, tu levas hum caminho bom e ſeguro: vês a penitencia que eſſoutra faz? pois eu eſtimo mais a tua obediencia. E tanto amou ella eſta virtude, que além da obediencia devida a ſeus ſuperiores, fez voto de obedecer a hum varaõ excellente, obrigando-ſe a ſeguir ſua direcçaõ e conducta, com que ficou conſolada por extremo; como antes e depois della muitas almas boas, para ſujeitar-ſe melhor a Deos, ſobmeteraõ a ſua vontade á de ſeus criados e domeſticos, o que Santa Catharina de Sena louva encarecidamente em ſeus Dialogos. A devota Princeza Santa Iſabel ſujeitou-ſe com ſumma obediencia ao Doutor M. Conrado. Eiſaqui hum dos conſelhos, que o grande S. Luiz deu a ſeu filho, antes de morrer. » Confeſſai-vos a miudo, elegei hum » Confeſſor idoneo, que ſeja homem pruden- » te, e vos poſſa enſinar ſeguramente a fazer » o que vos convem. »

O

O amigo fiel, diz a Eſcritura ſagrada, (1) he huma forte protecçaõ: quem o achou, achou hum theſouro. O amigo fiel, he hum medicamento de vida e immortalidade: os que temem a Deos o acharáõ (2). Eſtas divinas palavras, como bem vêdes, reſpeitaõ principalmente á immortalidade, para a qual ſobre tudo deve haver eſte amigo fiel, que guie noſſas acções com ſeus aviſos e conſelhos, livrando-nos por eſte meio das ciladas e enganos do inimigo; que ſeja para nós como hum theſouro de ſabedoria, em noſſas triſtezas afflicções e quédas; que ſirva de remedio para alliviar e conſolar noſſos corações nas enfermidades eſpirituaes: que nos guarde do mal, e torne o noſſo bem melhor: e quando nos venha alguma enfermidade, impida que ſeja mortal, e nos livre della.

Mas quem achará eſte amigo? Os que temem a Deos, reſponde o Sábio: a ſaber, os humildes que deſejaõ de veras o ſeu adiantamento eſpiritual. Já que tanto te importa, Philotea, caminhar com bom guia neſta ſanta jornada da devoçaõ, pede a Deos com ferveroſas inſtancias, te conceda hum, que ſeja conforme ao ſeu coraçaõ: e naõ duvides, que quando fora neceſſario mandar-te hum Anjo do

---

(1) Eccliſ. 6. v. 14. *Amicus fidelis, protectio fortis: qui invenit illum, invenit theſaurum.*

(2) v. 16. *Amicus fidelis medicamentum vitæ, & immortalitatis, qui metuunt Dominum, invenient illum.*

do Ceo, como a Tobias o moço, elle te concederia hum bom e fiel.

Eſte pois deve ſer ſempre para vós hum Anjo: iſto he, quando o achardes, naõ o conſidereis como hum mero homem, nem confieis nelle, nem em ſeu ſaber humano, mas em Deos; que vos favorecerá e fallará por ſeu meio, pondo-lhe no coraçaõ e na boca, o que for neceſſario para voſſa ſalvaçaõ: e aſſim o deveis ouvir como a hum Anjo baixado do Ceo, para vos lá levar. Tratai-o com o coraçaõ nas mãos, com toda a ſinceridade e fidelidade, manifeſtando-lhe claramente o voſſo bem e o voſſo mal, ſem fingimento nem diſſimulaçaõ: por eſte meio ſerá o voſſo bem examinado e ſegurado, e o voſſo mal corregido e remediado. Acharvos-heis alliviada e confortada em voſſas afflicções, moderada e regrada em voſſas conſolações. Poreis nelle huma ſumma confiança, acompanhada de huma ſanta reverencia; de modo, que a reverencia naõ diminua a confiança, nem a confiança embarace a reverencia. Confiai-vos nelle, como huma filha em ſeu pai: reſpeitai-o, com a confiança de hum filho para com ſua mãi. Em huma palavra, deve eſta amizade ſer forte e ſuave, toda ſanta, toda ſagrada, toda divina, e toda eſpiritual.

Por cuja cauſa eſcolhereis hum entre mil, diz Avila: e eu digo entre dez mil: porque ſe achaõ muito menos do que ſe cuida, que ſejaõ capazes deſte officio. Deve ſer cheio de caridade ſciencia e prudencia: huma deſtas tres partes que lhe falte, tem muito perigo.

Mas

Mas torno a dizer-vos, que o peçais a Deos, e quando o achardes louvai a Mageſtade divina, perſeverai conſtante, e naõ buſqueis outros, mas caminhai ſincéra humilde e confiadamente: e fareis huma feliciſſima jornada.

CAPITULO V.

Que he neceſſario começar, por purificar a alma.

APpareceraõ as flores na noſſa terra (diz o Sagrado Eſpoſo) (1) he chegado o tempo da monda e ſega. Quaes ſaõ as flores de noſſos corações, Philotea, ſenaõ os bons deſejos? Pelo que tanto que apparecerem, devemos lançar maõ á foice, para cortar de noſſa conſciencia todas as obras mortas e ſuperfluas. A donzella (2) eſtrangeira para ſe deſpoſar com o Iſraelita, devia tirar o veſtido do ſeu cativeiro, e cortar as unhas e cabellos: e a alma que aſpira á honra de ſer eſpoſa do Filho de Deos, deve-ſe deſpojar do homem velho, deſpindo o peccado: e depois cercear e raſpar todo o genero de impedimentos, que a deſviaõ do amor de Deos: porque o principio da noſſa ſantidade he eſtarmos purgados de noſſos humores peccantes. S. Pau-

(1) Cant. 2. v. 12. *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis advenit.*

(2) Deuteron. 21. v. 12. *Radet cæſariem, & circumcidet ungues, & deponet veſtem.*

Paulo em hum momento foi purgado com huma purgaçaõ perfeita ; como tambem o foi Santa Catharina de Genova , Santa Magdalena , Santa Pelagia , e outros mais. Mas esta purificaçaõ he milagrosa , e extraordinaria na ordem da graça , como a resurreiçaõ dos mortos na ordem da natureza , e por isso a naõ devemos pretender. A purificaçaõ e cura ordinaria , tanto de corpo , como de alma , só se faz pouco a pouco , caminhando de melhor em melhor , com trabalho e tempo.

Os Anjos da escada de Jacob tem asas , e com tudo naõ voaõ , mas sóbem e descem por ordem , de degráo em degráo. (*) A alma que do peccado sóbe á devoçaõ , he comparada á Alva do dia , a qual quando se levanta , naõ desterra as trévas em hum instante , mas pouco a pouco. A cura (diz o Aforismo) que se faz muito de espaço , sempre he a mais segura. As enfermidades do coraçaõ , assim como as do corpo , vem a cavallo e pela posta , mas vaõ-se a pé e a passo lento. Deveis pois , Philotea , ser animosa e sofrida nesta empresa. Oh que lastima ! que tantas almas vendo-se sujeitas a multiplicadas imperfeições , depois de se haverem algum tempo exercitado na devoçaõ , entrem a inquietar-se, turbar-se, e desanimar-se : deixando-se quasi seu coraçaõ levar da tentaçaõ de deixar tudo e tornar atrás. Por outra parte , tambem correm summo perigo as almas , que por huma tentaçaõ contraria á sobredita , se persuadem estar já purifi-das

(*) Cant. 6. v. 9.

das de ſuas imperfeições, logo no primeiro dia que começáraõ a purificar-ſe; tendo-ſe por perfeitas antes de o ſer, e metendo-ſe a voar ſem aſas. Que grande perigo, Philotea, correm de recahir, por ſe terem apartado taõ depreſſa das mãos do Medico! *Naõ vos levanteis* (diz o Profeta Rei) *antes que a luz ſeja chegada. Levantai-vos depois de vos terdes aſſentado.* (1) E elle proprio, praticando eſta liçaõ, e tendo-ſe já lavado e limpado, pertende ſer lavado outra vez.

O exercicio da purificaçaõ da alma naõ deve acabar ſenaõ com a noſſa vida: naõ nos perturbem pois noſſas imperfeições, porque em impugna-las conſiſte a noſſa perfeiçaõ: e naõ as poderiamos impugnar, ſe as naõ viſſemos, nem vencê-las ſem as encontrar: naõ conſiſte a noſſa victoria em as naõ ſentir, mas em as naõ conſentir.

Porém naõ he dar lhe conſentimento, ſentir as ſuas incomodidades, antes he neceſſario para exercicio da noſſa humildade, que recebamos algumas feridas neſte eſpiritual combate: mas nunca ſomos vencidos, ſenaõ quando perdemos a vida ou o animo. As imperfeições e peccados veniaes naõ nos podem tirar a vida eſpiritual, porque naõ ſe perde ſenaõ pelo peccado mortal. Só reſta, que naõ

(1) Pſalm. 126. v. 2. *Vanum eſt vobis ante lucem ſurgere, ſurgite poſtquam ſederitis.*
Pſalm. 50. v. 3. *Amplius lava me, &c.*

naõ nos façaõ perder o animo. (1) *Livrai-me Senhor* (dizia David) *da cobardia e pusilanimidade.* Esta he a nossa felicidade nesta guerra espiritual, sermos sempre vencedores, com tanto que queiramos peleijar.

CAPITULO VI.

Da primeira purificaçaõ, que he a dos peccados mortaes.

A Primeira cousa de que nos devemos purificar, he do peccado, e o meio de o fazer he o Sacramento da Penitencia. Buscai o mais digno Confessor que poderdes: tomai algum dos livrinhos, que se tem escrito, para ajudar a conciencia a se confessar bem, como Granada, Bruno, Arias, Auger; lède-os bem, e adverti ponto por ponto, em que tendes offendido a Deos, desde que tivestes uso de razaõ até a hora presente: e se naõ vos fiais da vossa memoria, ponde por escrito o que tiverdes notado: e tendo por este modo juntos os humores peccaminosos da vossa conciencia, detestai-os e abominai-os, com huma contriçaõ e displicencia a maior, que possa suportar vosso coraçaõ: considerando estas quatro coisas. Primeira, que pelo peccado perdestes a graça de Deos. Segunda, que abandonastes a parte que vos cabia no

B Ceo.

(1) Psalm. 54. v. 9. *Salvum me fac a pusilanimitate spiritus.*

Ceo. Terceira, que aceitaſtes as penas eternas do inferno. Quarta, que renunciaſtes o amor eterno de Deos. Bem vêdes, Philotea, que fallo de huma confiſſaõ geral de toda a vida, a qual conſeſſo na verdade, naõ ſer ſempre abſolutamente neceſſaria; mas tambem conſidero, que vos ſerá ſummamente proveitoſa neſte principio: e por iſſo vo-la aconſelho encarecidamente. Commummente ſuccede, ſerem as Confiſsões ordinarias dos que vivem huma vida commum e vulgar, cheias de grandes defeitos: porque commummente, ou naõ ha preparaçaõ, ou he pouca, ou falta a contriçaõ preciſa: e aſſim ſuccede muitas vezes, irem-ſe confeſſar com huma vontade tacita de tornar ao peccado: porque naõ querem evitar a ocaſiaõ delle, nem aceitar os meios conducentes á emenda da vida: e em todos eſtes caſos he a Confiſſaõ geral neceſſaria para ſegurança da alma. Além de que, eſta Confiſſaõ geral nos conduz ao conhecimento de nós meſmos; nos excita a huma ſaudavel confuſaõ da vida paſſada; nos faz admirar a miſericordia de Deos, que nos eſperou com paciencia: ſocega os noſſos corações, dilata noſſos animos, excita-nos a bons propoſitos, dá occaſiaõ a noſſo Padre eſpiritual, de nos dar os documentos mais convenientes ao noſſo eſtado, e abre-nos o coraçaõ para nos declararmos com mais confiança nas Confiſsões ſeguintes.

Fallando pois, de huma geral renovaçaõ do noſſo coraçaõ, e de huma converſaõ univerſal de noſſa alma a Deos, para a empreza da

da vida devota; baſtante razaõ tenho, me parece, Philotea, para vos aconſelhar eſta Confiſſaõ geral.

CAPITULO VII.

Da ſegunda purificaçaõ, a ſaber do affecto ao peccado.

TOdos os Iſraelitas ſahiraõ com effeito da terra do Egypto, mas nem todos com o affecto: por cuja cauſa muitos delles ſentiaõ no Deſerto naõ ter as cebolas e carnes do Egypto. (*) Aſſim tambem ha penitentes, que com effeito ſahem do peccado, e com tudo lhe naõ perdem o affecto: quero dizer; propoem nunca mais peccar, mas com certo diſſabor, que tem em ſe privar e abſter das infelizes deleitações do peccado. Renuncia o ſeu coraçaõ muitas vezes o peccado, e ſe aparta delle, mas nem por iſſo deixa de ſe voltar muitas vezes para elle, como a mulher de Loth para a parte de Sodoma. Abſtem ſe do peccado como os doentes dos melões, que os naõ comem, porque o Medico os ameaça com a morte ſe os provarem: mas naõ deixaõ de ſe deſaſocegar por cauſa deſta abſtinencia, fallaõ nelles, perguntaõ ſe os poderáõ comer, querem ao menos cheira-los, e tem por ditoſos os que os podem comer. Por ſemelhante modo, eſtes fracos, e debeis peni-

(*) Exod. 16. v. 3.

tentes ſe abſtem por algum tempo do peccado , mas com deſgoſto : e eſtimariaõ muito poder peccar , ſem ſer condemnados : fallaõ com affeiçaõ e goſto do peccado , e tem por contentes os que o cometem. Hum homem reſoluto a vingar-ſe , mudará de vontade na Confiſſaõ , mas pouco depois o acharáõ entre ſeus amigos , ſaboreando-ſe em fallar nas ſuas queixas , e que ſe naõ fora por temor de Deos , fizera iſto , e aquillo : e que a lei divina neſte artigo de perdoar he difficil , e que prouveſſe a Deos , que foſſe licita a vingança. Quem deixa de ver , que eſte miſeravel homem , ainda que eſteja livre do peccado , eſtá naõ obſtante todo enredado no affecto delle : e eſtando na realidade fóra do Egypto , eſtá ainda apetecendo os alhos , e cebolas , que alli coſtumava comer. Aſſim ſuccede á outra mulher , que tendo deixado ſeus laſcivos amores , ſe recrea naõ obſtante , de ſer buſcada , e galanteada. Ah , que grande he o perigo em que eſtá ſemelhante gente !

Por tanto , Philotea , já que quereis emprender a vida devota , naõ ſó convém deixeis o peccado , mas deveis inteiramente limpar voſſo coraçaõ de todos os affectos, que delle dependem : porque além do perigo em que poem de recahir , eſtes miſeraveis affectos affrouxaráõ continuamente o voſſo eſpirito , e o oprimiráõ de ſorte , que naõ poſſa executar as boas obras prompta , diligente , e frequentemente , em que conſiſte a verdadeira eſſencia da devoçaõ. Aquellas almas , que tendo ſahido do eſtado do peccado , conſervaõ ainda

da

da eſtes affectos e achaques, parecem-ſe, a meu ver, ás donzellas indiſpoſtas, que naõ eſtando doentes, todas ſuas acções ſaõ de moleſtia: comem ſem goſto, dormem ſem deſcanço, rim ſem alegria, e mais ſe arraſtaõ do que andaõ. Por ſemelhante modo obraõ bem eſtas almas, com taõ grande fraqueza eſpiritual, que tiraõ toda a graça a ſeus bons exercicios; poucos em numero, e pequenos no effeito.

CAPITULO VIII.

De que modo ſe ha de fazer eſta ſegunda purificaçaõ.

O Primeiro modo pois, e fundamento deſta ſegunda purificaçaõ, he a viva e forte aprehenſaõ do mal que o peccado nos cauſa: por cujo meio nos diſpomos a huma contriçaõ profunda e vehemente. Porque aſſim como a contriçaõ (com tanto que ſeja verdadeira) por pequena que ſeja, principalmente juntando-ſe á virtude dos Sacramentos, nos purifica ſufficientemente do peccado: aſſim tambem quando he grande, e vehemente, nos alimpa de todos os affectos que delle dependem. Huma raiva, ou hum rancor fraco e debil, faz que tenhamos averſaõ áquelles que aborrecemos, e nos apartemos da ſua companhia: mas ſe he hum odio mortal e violento, naõ ſó os fugimos, e aborrecemos, mas deſgoſtamos, e naõ podemos ſoffrer a con-

conversaçaõ de seus aliados, parentes, e amigos, nem sequer o seu retrato, ou coisa que lhe pertença. Assim quando o penitente só aborrece o peccado com huma leve, posto que verdadeira contriçaõ, he verdade que se resolve a nunca mais peccar; mas quando o aborrece com huma contriçaõ forte e vigorosa, naõ só detesta o peccado, senaõ tambem todos seus affectos, dependencias, e occasiões de peccar. Convém pois, Philotea, augmentar quanto nos for possivel a contriçaõ, e arrependimento, para que assim alcance as menores pertenças do peccado. Assim a Magdalena na sua conversaõ, perdeo de tal modo o gosto das culpas, e prazer que nellas achava, que nunca mais lhe lembraraõ: e David protestava aborrecer naõ só o peccado, mas todos os caminhos e veredas, que a elle conduziaõ. Neste ponto consiste a renovaçaõ da alma, que o mesmo Profeta compara ao renascer da Aguia. Para chegar pois a esta renovaçaõ e contriçaõ, deveis exercitar-vos cuidadosamente nas seguintes Meditações; que sendo bem praticadas, desarreigaráõ de vosso coraçaõ (mediante a graça de Deos) o peccado, e seus principaes effeitos. Para este uso determinadamente as ordenei pelo modo seguinte. Fareis huma depois da outra, com a ordem que aqui vaõ, sem tomar mais do que huma para cada dia: a qual fareis pela manhã, por ser o tempo mais proprio de todas as obras do espirito: e as repassareis e ruminareis no discurso do dia: e se naõ estais ainda industriada no modo de

medi-

meditar, vêde o que ſe diz na ſegunda Parte deſta Introducçaõ.

CAPITULO IX.

Meditaçaõ I. Da Creaçaõ.

PREPARAÇAÕ.

1. *Ponde-vos na preſença de Deos.*
2. *Pedi-lhe vos de ſuas inſpirações.*

CONSIDERAÇÕES.

Conſiderai, que ha mui poucos annos naõ eſtaveis no mundo, e que o voſſo ſer era hum verdadeiro nada. Onde eſtavamos, alma minha, naquelle tempo? O mundo tinha já durado tanto, e de nós naõ havia noticia alguma.

Tirou-vos Deos deſte nada para ſerdes o que ſois, ſem ter neceſſidade de vós, mas por ſua unica bondade.

Conſiderai o ſer que Deos vos deu, porque he o primeiro ſer do mundo viſivel, capaz de viver eternamente, e unir-ſe perfeitamente á Mageſtade divina.

Affectos, e reſoluções.

Humilhai-vos profundamente diante de Deos dizendo com o Pſalmiſta, de coraçaõ. Oh Senhor! Verdadeiramente ſou hum nada diante de vós: como vos lembraſtes de mim para

ra me crear? (1) Ai de ti alma minha! sumergida estavas neste antigo nada, e nelle esrarias ainda agora, se Deos te naõ tivera tirado. Que farias dentro deste nada?

Dai graças a Deos. Oh meu bom e soberano Creador: que grande he a minha obrigaçaõ para comvosco, pois me fostes tirar do profundo do meu nada, para me dardes o que sou por vossa misericordia! Que farei para bemdizer daqui em diante vosso santissimo Nome, e agradecer vossa infinita bondade?

Confundi-vos. Mas ah Creador meu, que em vez de me unir a vós por amor e serviço, me tenho inteiramente rebelado com meus desordenados affectos, separando-me, e apartando-me de vós, para me unir ao peccado: venerando taõ pouco vossa bondade, como se naõ tivesseis sido meu Creador!

Abatei-vos diante de Deos. Alma minha, sabe que o Senhor he o teu Deos. Elle he quem te fez, e naõ tu a que te fizeste a ti mesma. Deos meu! obra sou das vossas mãos.

Resoluçaõ efficaz.

Já desde aqui em diante naõ quero comprazer-me em mim mesma: pois nada sou da minha parte. De que te glorîas tu, pó e cinza? ou para melhor dizer, verdadeiro nada de que te exaltas? E para me humilhar, quero fazer esta, e estoutra coisa, suportar estes, e aqueloutros desprezos. Quero mudar de vida,

(1) Psalm. 38. v. 6. *Substantia mea tamquam nihilum ante te.*

da, e seguir desde hoje a meu Creador, e honrar-me da condiçaõ do ser que me deu, empregando-me totalmente em obedecer á sua vontade, pelos meios que me forem ensinados, conforme o parecer de meu Padre espiritual.

Conclusaõ.

1 *Graças a Deos.* Bemdize, alma minha, a teu Deos, e todas minhas entranhas louvem seu santo Nome: porque sua bondade me tirou do nada, e sua misericordia me creou. (1)

2 *Offerecei.* Deos meu, offereço-vos o ser que me déstes, com todo o meu coraçaõ, e vo-lo dedico, e consagro.

3 *Rogai.* Senhor, confirmai-me nestes Affectos, e resoluções. O' Virgem Santissima, encomendai-as á misericordia de vosso Filho, com todos aquelles por quem devo rogar, &c. *Pater Noster, Ave Maria, &c.*

Ao sahir da Oraçaõ, passeando hum pouco, ajuntai hum ramilhete de devoçaõ das considerações, que fizestes, para o cheirardes pelo decurso do dia.

CA-

---

(1) Psalm. 10. 2. v. 1. *Benedic anima mea Domino, & omnia quæ intra me sunt nomini sancto ejus.*

CAPITULO X.

Meditaçaõ II. Do fim para que somos creados.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos em presença de Deos:*
2 *Rogai-lhe que vos inspire.*

CONSIDERAÇÕES.

DEos naõ vos poz neste mundo por alguma necessidade, que tivesse de vós, pois totalmente lhe ereis inutil, mas sómente a fim de praticar sua bondade, dando-vos sua graça, e gloria. Por isso vos deu o entendimento para o conhecerdes, a memoria para delle vos lembrardes, a vontade para o amardes, a imaginaçaõ para representardes seus beneficios, os olhos para verdes as maravilhas das suas obras, a lingua para o louvardes, e assim as mais potencias.

Sendo creada e posta neste mundo com esta intençaõ, todas as acções contrarias a ella devem ser rejeitadas e evitadas: e as que para este fim nada conduzem, devem ser desprezadas como vãs e superfluas.

Considerai a desgraça do mundo, que naõ cuida nisto, antes vive como se cresse naõ ser creado para outra coisa, senaõ para edificar casas, plantar arvores, juntar riquezas, e tratar de ridicularias.

Asse-

Affectos, e resoluções.

Confundi-vos reprehendendo a miseria da vossa alma, que taõ grande foi até agora, que pouco ou nada cuidou nisto. Ai de mim Deos meu! (direis vós) que cuidava eu, quando naõ cuidava em vós? De que me lembrava, quando me esquecia de vós? Que amava, quando a vós naõ amava? Miseravel de mim! que devendo-me sustentar da verdade, me enchia de vaidade, e servia ao mundo, que só se fez para me servir a mim.

Detestai a vida passada. Eu vos renuncio pensamentos váos, imaginaçóes inuteis: abjuro-vos lembranças detestaveis e frívolas: eu vos renuncio amizades infiéis e desleaes, serviços perdidos, e miseraveis, agradecimentos ingratos, complacencias enfadonhas.

Voltai-vos a Deos. E vós ó meu Deos, e Salvador! vós unicamente sede daqui em diante o objecto dos meus pensamentos: nunca mais aplicarei a attençaõ a consideraçóes, que vos sejaõ desagradaveis. Todos os dias de minha vida se encherá minha memoria da grandeza da vossa mansidaõ, usada taõ suavemente comigo. Vós sereis as delicias do meu coraçaõ, e a suavidade dos meus affectos.

Eia pois, taes e taes superfluidades e divertimentos, a que eu me applicava: taes e taes exercicios váos, em que empregava meus dias: taes e taes affectos, que empenhavaõ meu coraçaõ, me causaráõ horror daqui em diante: e para isso usarei de taes e taes remedios.

Con-

Conclusaõ.

1 Dai graças a Deos, de vos crear para hum fim taõ excellente. Vós, Senhor, me fizestes para vós, para que goze eternamente da immensidade da vossa gloria. Quando serei eu digna della? e quando vos bemdirei eu como devo?

2 Offerecei. Eu vos offereço, ò meu amado Creador, todos estes meus affectos e resoluções, com toda minha alma e meu coraçaõ.

3 Rogai. Supplico-vos, Senhor, vos agradeis dos meus desejos e propositos, e concedais á minha alma a vossa santa bençaõ; para que os possa cumprir, pelos merecimentos do Sangue de vosso Filho derramado na Cruz.

Fazei hum ramilhetinho de devoçaõ.

CAPITULO XI.

Dos Beneficios de Deos.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos na presença de Deos.*
2 *Pedi-lhe que vos inspire.*

CONSIDERAÇÕES.

COnsiderai as graças corporaes de que Deos vos dotou: como corpo, commodidades para vos entreter, saude, consolações licitas para o corpo, amigos, assistencias: mas tudo isto considerai, comparando-vos com outras muitas pessoas melhores que vós, que carecem de semelhantes beneficios: huns estropeados de corpo, saude, e membros; outros expostos aos desprezos, oprobrios, e affrontas; outros oprimidos com pobreza: e Deos naõ quiz que vós fosseis taõ miseravel.

Considerai os dotes do animo. Quantos sujeitos ha no mundo tontos, loucos e insensatos: e porque naõ fostes vós hum delles. Houve-se Deos comvosco beneficamente. Quantos foraõ criados rusticamente, e em summa ignorancia, e a Providencia divina concedeo-vos huma criaçaõ civil e honrada.

Ponderai as graças espirituaes, Philotea. Sois dos filhos da Igreja. Desde a vossa mocidade, vos tem Deos ensinado como o podeis

co-

conhecer. Quantas vezes vos tem dado ſeus Sacramentos? Quantas inſpirações, luzes interiores, e reprehensões para voſſa emenda? Quantas vezes vos tem perdoado voſſas faltas? Quantas vos livrou das ocaſiões de vos perderdes, a que eſtaveis expoſta. E todos eſtes annos que tendes vivido, naõ tem ſido ocaſiaõ e commodidade de vos adiantar no bem de voſſa alma. Conſiderai hum pouco em particular, quanto Deos foi ſuave e propicio para comvoſco.

Affectos, e reſoluções.

Admirai a bondade de Deos. Oh que bom tem ſido Deos para mim! Oh quam bom he! Que rico he, Senhor, voſſo coraçaõ de miſericordias, que liberal de beneficencia! Alma minha, narremos continuamente os favores, que nos tem feito.

Eſtranhai voſſa ingratidaõ. Quem ſou eu Senhor, para vos lembrardes de mim! Que grande he a minha indignidade! Pizei aos pés voſſos beneficios, afrontei voſſos favores, convertendo-os em abuſo e deſprezo de voſſa ſoberana bondade: e oppuz o abiſmo da minha ingratidaõ, ao abiſmo da voſſa graça e clemencia.

Excitai-vos a reconhecimento. Eia pois coraçaõ meu, naõ queiras ſer infiel, ingrato, e desleal a taõ grande bemfeitor. E como naõ ſerá minha alma deſde agora ſujeita a hum Deos, que tantas maravilhas obrou em mim e por mim!

Eia pois, Philotea, retirai voſſo corpo,
de

de taes e taes deleites, ſujeitai-o ao ſerviço de Deos, que tanto por elle obrou: aplicai a voſſa alma a conhecê-lo e reconhecê-lo, com eſtes e aquelles exercicios, que para iſſo ſe requerem. Empregai cuidadoſamente os meios, que ha na Igreja, para vos ſalvar e amar a Deos. Aſſim o farei, frequentarei a Oraçaõ, os Sacramentos, ouvirei a palavra de Deos, praticarei as inſpiraçóes e conſelhos.

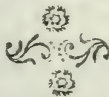
Concluſaõ.

1 Agradecei a Deos o conhecimento que agora vos deu da voſſa obrigaçaõ, e de todos os beneficios, que tendes recebido.

2 Offerecei-lhe voſſo coraçaõ, com todas voſſas reſoluçóes.

3 Pedi-lhe, vos fortaleça, para fielmente as pordes por obra, pelos merecimentos da morte de ſeu Filho. Implorai a interceſſaõ da Virgem, e dos Santos. *Pater noſter*, *Ave Maria.*

Fazei hum ramilhetinho eſpiritual.

CA-

CAPITULO XII.

Meditaçaõ IV. Dos peccados.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos na presença de Deos.*
2 *Pedi-lhe, que vos inspire.*

CONSIDERAÇÕES.

COnsiderai, quanto tempo ha que começastes a peccar, e vêde quanto se tem multiplicado em vosso coraçaõ os peccados, desde esse primeiro principio: como todos os dias os fostes aumentando contra Deos, contra vós mesma, contra o proximo, por obra, por palavra, por desejos e pensamentos.

Considerai vossas más inclinações, e quanto as tendes seguido: e por estes dois pontos vereis, que vossas culpas saõ mais em numero que os cabelos de vossa cabeça, e ainda que as areas do mar.

Considerai por outra parte o peccado de ingratidaõ para com Deos, que he hum peccado geral, que transcende por todos os outros, e os faz enormissimos. Vêde pois, quantos beneficios vos tem Deos feito, e que de todos abusastes contra o dador. Especialmente, quantas inspirações desprezadas, quantos bons movimentos inuteis. E sobre tudo, qual foi o fruto, que tirastes, de tantas vezes que rece-

bestes

beſtes os Sacramentos? Que he feito deſtas precioſas joias, com que voſſo amado Eſpoſo vos tinha ornado? Tudo ficou ſepultado em voſſas iniquidades. Com que preparaçaõ os recebeſtes? Conſiderai neſta ingratidaõ, que tendo Deos corrido tanto em voſſo alcance, para vos ſalvar, ſempre fugiſtes delle para vos perder.

Affectos, e reſoluções.

Confundi-vos na voſſa miſeria. Oh meu Deos! como me atrevo a aparecer diante de voſſos olhos? Miſeravel de mim! que naõ ſou mais que hum apoſtema do mundo, e hum charco de ingratidaõ e maldades! He poſſivel que tenha eu ſido taõ desleal, que nem ſequer hum de meus ſentidos, ou huma unica potencia de minha alma, deixei de eſtragar, violar, e enxovalhar! E que ſe naõ paſſaſſe dia em minha vida, em que naõ produziſſe taõ máos frutos? He eſte o modo, com que devia agradecer os beneficios do meu Creador, e o Sangue do meu Redemptor?

Pedi perdaõ, e lançaivos aos pés do Senhor, como hum filho pródigo, ou como huma Magdalena, ou como huma mulher, que manchou o thalamo nupcial com toda a ſorte de adulterios. Senhor, miſericordia para eſta peccadora! Ai de mim! Fonte viva de piedade, tende compaixaõ deſta miſeravel.

Proponde melhorar de vida. Nunca mais, Senhor, mediante a voſſa graça, nunca mais me arrojarei ao peccado. Pobre de mim! que outra coiſa tenho feito ſenaõ ama-lo deſenfrea-

damente ! Eu o detefto, e vos abraço a vós, ò Pai de Mifericordia: em vós quero viver e morrer.

Para apagar os peccados paffados, acufarme-hei animofamente delles, fem deixar nenhum que naõ lance de mim.

Farei todo o poffivel por defarraigar totalmente de meu coraçaõ as fementes do peccado, efpecialmente taes e taes, que mais me moleftaõ.

E para o executar, aceitarei com muita conftancia os meios, que me forem aconfelhados: perfuadindo-me, que nada do que fizer ferá muito para reparar taõ grandes faltas.

Conclufaõ.

1 Agradecei a Deos, tervos efperado até agora, e darvos eftes bons affectos.

2 Fazei-lhe oferta do voffo coraçaõ, para os efeituar.

3 Rogai-lhe, que vos conforte, &c.

CAPITULO XIII.

Meditaçaõ V. Da Morte.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos na presença de Deos.*
2 *Pedi-lhe a sua graça.*
3 *Imaginai, que estais na cama enferma, sem esperança alguma de escapar.*

CONSIDERAÇÕES.

COnsiderai a incerteza do dia da vossa morte. Alma minha, ha de chegar o dia, em que sahirás deste corpo. Quando será elle? Será no Inverno ou no Veraõ, na Cidade ou na Aldea, de dia ou de noite? Será imprevisto, ou advertido antes? Será de enfermidade, ou de accidente? Tereis lazer para vos confessar, ou naõ? Assistirvos-ha vosso Confessor e Padre espiritual? Ah, que de tudo isto naõ sabemos nada! Só estamos certos, de que havemos de morrer, e ordinariamente mais depressa do que cuidamos.

Considerai, que entaõ se acabará o mundo para vós, sem vos ficar nada delle: diante de vossos olhos se voltará de cima para baixo. Sim, porque entaõ os gostos, as vaidades e prazeres mundanos, e os vãos affectos, se nos representaráõ como fantasmas e sombras vãs. Miseravel de mim! Porque bacatelas e

chiméras offendi a meu Deos. Vereis, que deixamos a Deos por nada. Pelo contrario as boas obras vos pareceráõ entaõ mui apeteciveis e suaves. E porque naõ segui eu este caminho agradavel e fermoso? Os peccados que vos pareciaõ mui pequenos, vos pareceráõ entaõ tamanhos como montanhas, e a vossa devoçaõ pequena.

Considerai as grandes e tristes despedidas, que vossa alma fará deste mundo inferior: despedirse-ha das riquezas, das vaidades, das companhias vãs, dos gostos, dos passatempos, dos amigos e vizinhos, dos pais e filhos, da mulher; e em fim de todas as creaturas, até de seu mesmo corpo, que deixará palido, espantoso, desfeito, feio, e hediondo.

Considerai a pressa que haverá, em lançar fóra este corpo, e cobri-lo de terra: e que feito isto, o mundo se naõ lembrará mais de vós, nem terá maior lembrança, que a pouca que vós tinheis dos outros. Deos o tenha em paz, diraõ; e nisto se encerra tudo. Oh morte, que imponderavel! que desapiedada es!

Considerai que ao sahir a alma do corpo toma seu caminho, ou para a direita, ou para a esquerda Ai! onde irá a vossa? Que caminho tomará? Por certo, que naõ será outro, que o que tiver começado neste mundo.

Affectos, e resoluções.

Orai a Deos, e lançai-vos em seus braços. Senhor recebei-me debaixo da vossa protecçaõ, naquelle dia tremendo. Concedei-me

aquel-

aquella hora feliz e favoravel, ainda que todas as mais de minha vida fejaó triftes e de afflicçaó.

Defprezai o mundo. Já que naó fei, Mundo, a hora em que te hei de deixar, eu me naó quero apegar a ti. O' meus amados amigos, meus queridos parentes, permitti-me, que vos naó tenha mais affecto que huma fanta amizade, que poffa permanecer eternamente: porque de que me fervirá, unir-me a vós de forte, que feja precifo quebrar eftes laços?

Defde agora me quero preparar, e pôr o cuidado neceffario, para fazer com felicidade efta paffagem. Quero fegurar o eftado de minha conciencia, quanto me for poffivel, e pôr remedio a taes e taes faltas.

Conclufaõ.

Dai graças a Deos deftas refoluções que vos deu. Oferecei-as a Sua Mageftade. Tornai-lhe a pedir, que vos dê feliz morte, pelos merecimentos da de feu Filho. Implorai o favor da Virgem, e dos Santos. *Pater Nofter; Ave Maria, &c.*

Fazei hum ramilhete de myrra.

CAPITULO XIV.

Meditaçaõ VI. Do Juizo.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos diante de Deos.*
2 *Pedi-lhe que vos inſpire.*

CONSIDERAÇÕES.

EM fim depois do tempo, que Deos ſinalou de duraçaõ a eſte mundo, e depois de muitos ſinaes e preſagios horriveis, com que os homens ſe mirraráõ de medo e eſpanto; o fogo, vindo como hum diluvio, abrazará e reduzirá a cinza toda a face da terra, ſem lhe eſcapar coiſa alguma, das que vemos ſobre ella.

Depois deſte diluvio de chámas e raios, reſuſcitaráõ todos os homens da terra (excepto os que tem já reſuſcitado) e á voz do Arcanjo compareceraõ no valle de Joſafat. Mas oh, com quanta diferença! porque huns eſtaráõ com corpos glorioſos e reſplandecentes: e outros com elles hediondos e horriveis.

Conſiderai a mageſtade com que aparecerá o Supremo Juiz, cercado de todos os Anjos e Santos, trazendo diante de ſi a Cruz mais reſplandecente que o meſmo Sol; inſignia de graça para os bons, e de rigor para os máos.

Com

Com ſeu terrivel mandado, que ſerá pontualmente executado, ſeparará o Supremo Juiz os bons dos máos: pondo huns á ſua maõ direita, e outros á eſquerda. Separaçaõ eterna, depois da qual nunca mais ſe tornaráõ a ajuntar eſtes dois ranchos.

Feita eſta ſeparaçaõ, e abertos os livros das conciencias, ſe verá claramente a malicia dos máos, e o deſprezo que fizeraõ de Deos: e por outra parte a penitencia dos bons, e os effeitos da graça de Deos que receberaõ, ſem nada ſe encobrir. Oh que confuſaõ, Senhor, para huns; e que conſolaçaõ para os outros!

Conſiderai a final ſentença dos máos. Ide malditos para o fogo eterno, que eſtá aparelhado para o diabo e ſeus companheiros (1). Ponderai taõ peſadas palavras. *Ide* diz, que he huma expreſſaõ de perpetuo deſamparo, que Deos intimou aos malaventurados, banindo-os perpetuamente da ſua face. Chama-lhe malditos. Alma minha, que maldiçaõ he eſta? Maldiçaõ geral, que comprehende todos os males, maldiçaõ irrevogavel que comprende todos os tempos, e eternidade. Acreſcenta o Senhor, para o fogo eterno. Conſidera, ò coraçaõ meu, eſta grande eternidade. Oh perpetua eternidade de penas, como es formidavel!

Conſiderai a ſentença contraria dos bons. Vinde, diz o Juiz (oh que agradavel palavra de ſalvaçaõ he eſta, com que Deos nos atra-

(1) Matth. 25. v. 31. *Diſcedite a me maledicti in ignem, qui paratus eſt diabolo & Angelis ejus.*

atrahe a si, e nos recebe no gremio de sua bondade!) bemditos de meu Pai. Oh amada bençaõ, que comprehende todas as bençáos! Possui o Reino que vos está aparelhado desde a constituiçaõ do mundo (1). Oh bom Deos! que incomparavel mercê, possuir hum Reino, que nunca terá fim!

Affectos, e resoluções.

Treme, alma minha, com esta lembrança. Oh meu Deos, quem me poderá segurar naquelle dia, em que as columnas do Ceo tremeráõ de pavor.

Abominai vossos peccados, pois só elles vos podem ser de perdiçaõ neste temeroso dia. Quero julgar-me a mim mesma agora, para que naõ seja julgada depois: quero examinar minha conciencia, e condenar-me, acusarme, e reprehender-me, para que o Juiz me naõ condene naquelle dia tremendo. Confessarmehei pois, e aceitarei os avisos necessarios, &c.

Conclusaõ.

1 Dai graças a Deos, por vos dar meios, de vos assegurar para aquelle dia, e tempo para fazerdes penitencia.

2 Offerecei-lhe o vosso coraçaõ, para a fazerdes.

3 Pedi-lhe vos conceda a graça, de vos perdoar inteiramente. *Pater N. Ave Maria.*

Fazei hum ramilhete.

CA-

---

(1) Ibid. v. 34. *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi.*

CAPITULO XV.

Meditação VII. Do Inferno.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos na presença de Deos.*
2 *Humilhai-vos, e pedi-lhe a sua assistencia.*
3 *Imaginai-vos em huma Cidade, toda ardendo em fogo de enxofre e pêz pestifero, cheia de habitadores, que nunca poderáõ sahir della.*

CONSIDERAÇÕES.

OS condenados estaõ no abismo do Inferno, como em huma Cidade desaventurada, na qual padecem tormentos indiziveis em todos seus sentidos e membros: porque assim como empregáraõ todos em peccar, assim padeceráõ em todos as penas devidas ao peccado. Os olhos, por suas erradas e perversas vistas, padeceráõ a horrivel visaõ dos diabos, e do Inferno: os ouvidos, por se terem deleitado em discursos peccaminosos, naõ ouviráõ já mais senaõ prantos, lamentações, e desesperações: e assim dos mais.

Além de todos estes tormentos, ainda ha outro maior, que he a privaçaõ e perda da gloria de Deos, da qual estaõ excluidos para sempre.

E se Absalam entendeo, que a privaçaõ da face benevola de seu pai David, era mais pe-

penosa que o seu desterro ; oh bom Deos! que affliçaõ será, ser privado para sempre, de ver vosso benigno e suave semblante !

Considerai sobre tudo, a eternidade destas penas, que per si só faz insofrivel o Inferno. Ai ! Se huma pulga no ouvido, se o calor de huma pequena febre, faz huma breve noite, comprida e enfadonha, que terrivel naõ será a noite da eternidade de tantos tormentos. Desta eternidade procede a desesperaçaõ eterna, as blasfemias e raivas infinitas.

Affectos, e resoluções.

Amedrentai vossa alma com as palavras de Isaias. Alma minha : poderás tu viver eternamente nestes incendios interminaveis, e no meio deste fogo voraz (1) ? Queres deixar para sempre a teu Deos ?

Confessai que o tendes merecido muitas vezes. Mas daqui em diante, quero tomar pelo caminho contrario : para que procuro eu baixar a este abismo ?

Por tanto praticarei tal e tal diligencia para evitar o peccado, que unicamente me póde causar esta morte eterna.

Dai graças, offerecei, e rogai.

CA-

---

(1) Isai. 33. v. 14. *Quis poterit habitare cum igne devorante ? Cum ardoribus sempiternis.*

CAPITULO XVI.

Meditaçaõ VIII. Do Ceo:

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos na presença de Deos.*
2 *Fazei a invocaçaõ.*

CONSIDERAÇÕES.

Considerai huma bela noite mui serena, e ponderai quaõ agradavel he ver o Ceo, com tal multidaõ e variedade de estrelas. Ora ajuntai toda esta formosura com a de hum claro dia, de sorte que o resplandor do Sol naõ impida a clara vista das estrelas, nem da Lua: e depois dizei afoitamente, que toda esta fermosura junta he nada em comparaçaõ das excelencias e grandeza do Ceo. Que amavel e estimavel he semelhante lugar! Quaõ preciosa cidade esta!

Ponderai a nobreza, a formosura, e a multidaõ dos Cidadáos e habitadores deste ditoso Paiz: os milhões e milhões de Anjos, de Cherubins e Serafins: esses exercitos de Apostolos, de Martyres, de Confessores, de Virgens e Santas mulheres, naõ tem conto ou numero. Oh que bemaventurada companhia esta! O menor de todos he mais vistoso que todo este mundo: que será ver a todos! Oh Deos meu, e quaõ felizes saõ, pois cantaõ

ſem ceſſar os doces Canticos do Amor eterno : gozaõ ſempre de huma conſtante alegria : huns a outros ſe retribuem indiziveis prazeres , e vivem na conſolaçaõ de huma ditoſa e indiſſoluvel companhia.

Conſiderai em fim , o bem que poſſuem todos , em gozar de Deos : que perpetuamente os eſtá remunerando , com ſua benigna preſença : e por meio deſta infunde em ſeus corações hum mar de delicias. Oh que grande bem , eſtar ſempre unido á ſua origem ! Eſtaõ alli como aves felizes , cantando e voando ſem ceſſar no meio do ar da Divindade , que por toda a parte os rodea com incriveis prazeres : cada hum á porfia , e ſem inveja , entoa os louvores do Creador : Bemdito ſejais , ò Soberano e doce Creador e Salvador noſſo ! que taõ bom ſois para nós , comunicando-nos taõ liberalmente voſſa gloria. E reciprocamente abençoa Deos com bençaõ perpetua todos ſeus Santos : Bemditas ſejais perpetuamente , (lhe diz) minhas amadas creaturas , que me tendes ſervido , e me louvareis eternamente com eterno amor e fervor.

Affectos , e reſoluções.

Admirai e louvai a eſta Patria celeſtial. Oh que fermoſa es minha amada Jeruſalem ! que bemaventurados ſaõ teos Cidadãos !

Reprehendei o pouco esforço , que até agora teve o voſſo coraçaõ : pois ſe apartou tanto do caminho deſta glorioſa morada. Porque me tenho apartado tanto , da minha ſumma felicidade ? Miſeravel de mim ! Por eſſes goſ-

tos

tos desabridos e ridiculos, tenho milhares e milhares de vezes desprezado estas perpetuas e immensas delicias. Onde tinha o juizo, quando desprezei bens taõ estimaveis, por huns desejos váos e despreziveis.

Aspirai pois com vehemencia a esta deliciosa morada. Meu bom e Soberano Senhor, já que fostes servido de indireitar meus passos pelos vossos caminhos, nunca mais retrocederei delles. Eia pois alma minha amantissima, vamos para este descanço infinito: caminhemos para esta terra abençoada, que nos he prometida. Que fazemos neste Egypto? Desembaraçarme-hei pois de taes coisas, que me estorvaõ, ou retardaõ neste caminho. Praticarei isto e aquillo, que para alli me podem conduzir.

Dai graças, offerecei, rogai.

CA-

CAPITULO XVII.

Meditaçaõ IX. Por modo de eleiçaõ e eſcolha do Ceo.

PREPARAÇAÕ.

1 *Ponde-vos na preſença de Deos.*
2 *Humilhai-vos diante delle, rogando vos inſpire.*

CONSIDERAÇÕES.

IMaginai que eſtais em huma campina raſa, deſerta, ſó com o voſſo Anjo da guarda, como eſtava o mancebo Tobias, quando hia para Rages: e que lá no alto, vos moſtra o Ceo aberto, com os prazeres repreſentados na meditaçaõ do Paraiſo, que fizeſtes. E depois pela parte inferior, vos faz ver o Inferno aberto, com todos os tormentos mencionados na meditaçaõ do Inferno: figurando tudo iſto imaginariamente, e eſtando poſta de joelhos diante do voſſo Anjo bom.

Conſiderai que he certiſſimo eſtardes entre o Ceo e o Inferno, e que hum e outro eſtaõ abertos para vos receber, ſegundo a eſcolha que fizerdes.

Conſiderai que a eſcolha que ſe faz neſte mundo, durará eternamente no outro.

E ainda que ambos eſtaõ abertos para vos receber, ſegundo a voſſa eſcolha: e Deos eſ-

tá

tá prompto a dar-vos, ou hum por ſua juſtiça, ou outro por ſua miſericordia: deſeja com tudo incomparavelmente, que eſcolhais o Ceo: e voſſo Anjo bom vos ajuda com todo ſeu poder, offerecendo-vos da parte de Deos mil graças, e mil ſocorros para vos animar a lá ſubir.

Jeſu Chriſto vos eſtá vendo do alto do Ceo com clemencia, e vos convida amoroſamente. Vem alma minha querida, para o deſcanço eterno entre os braços de minha bondade, que te tem preparado immortaes delicias na abundancia de ſeu amor. Vêde com os olhos interiores a Virgem Santiſſima, que vos convida com affecto maternal. Animo, filha minha, naõ queiras deſprezar os deſejos de meu Filho, nem tantos ſuſpiros como dou por ti, ſuſpirando com elle pela tua ſalvaçaõ eterna. Olhai os Santos que vos exhortaõ, e hum milhaõ de Almas ſantas, que docemente vos convidaõ; naõ deſejando mais, que ver o voſſo coraçaõ junto com o ſeu, para louvar a Deos eternamente: e vos aſſeguraõ, que o caminho do Ceo naõ he taõ trabalhoſo como o mundo o fáz. Ardentemente vos eſtaõ ellas dizendo: Amiga amantiſſima, quem conſiderar bem o caminho da devoçaõ por onde temos ſubido, verá que chegámos a eſtas delicias, por meio de humas delicias incomparavelmente mais ſuaves, que todas as do mundo.

Eleiçaõ.

Eu te abomino, Inferno, agora e para ſem-

ſempre deteſto teus tormentos e penas, abomino tua infeliz e deſaventurada eternidade: e ſobre tudo, as eternas blasfemias e maldiçōes, que vomitas eternamente contra meu Deos. E voltando meu coraçaõ e minha alma a ti, ò fermoſo Ceo; gloria eterna, perpetua felicidade, eſcolho para ſempre e irrevogavelmente meu domicilio e habitaçaõ, em tuas fermoſas e ſagradas moradas, e em teus ſantos e eſtimaveis tabernaculos. Bemdigo, Deos meu, voſſa miſericordia: e aceito a offerta, que ſois ſervido de me fazer. Oh Jeſus, meu Salvador! aceito voſſo amor eterno, e conſinto na poſſe que tendes tomado por mim, de hum ſolar e morada neſſa Jeruſalem bemavenrurada: naõ tanto por outro algum motivo, como por vos amar e bemdizer eternamente.

Aceitai os favores que a Virgem e os Santos vos offerecem: prometei-lhe caminhar para onde elles eſtaõ: dai a maõ ao voſſo Anjo da guarda, para que que vos conduza: animai a voſſa almá a eſta eleiçaõ.

CAPITULO XVIII.

Meditação X. Por modo de eleição, que a alma faz da vida devota.

PREPARAÇÃO.

1. *Ponde-vos na presença de Deos.*
2 *Humilhai-vos na sua face, e pedi-lhe vos ajude.*

IMaginai outra vez, que estais em huma deserta campina, só com o vosso Anjo da guarda: e que á vossa maõ esquerda vêdes o demonio sobre hum grande throno mui elevado, rodeado de muitos espiritos infernaes, e grande multidaõ de mundanos, que com as cabeças descobertas o reverenceaõ, e lhe rendem homenagem: quaes com hum peccado, quaes com outro. Olhai a postura de todos os desaventurados vassallos deste abominavel Rei. Vêde huns furiosos de raiva, inveja, e cólera; outros que a si mesmos se tiraõ a vida: outros macilentos, pensativos, e ocupados em juntar riquezas: outros entregues a vaidades, sem genero nenhum de prazer, que naõ seja inutil e vaõ: outros immundos, perdidos, e corruptos em seus brutaes apetites. Vêde como estaõ sem socego, sem ordem, nem concerto. Vêde como se desprezaõ huns a outros, e se naõ amaõ senaõ fingidamente. Em fim vereis a huma calamitosa Republica,

tyranizada defte maldito Rei, que vos meterá compaixaõ.

A' parte direita vêde a Jefu Chrifto Crucificado, que com hum amor cordial roga por aquelles miferaveis poffuidos do demonio, para que faiaõ defta tyrania: e que os chama para fi. Vêde hum grande efquadraõ de devotos, que o cercaõ com feus Anjos. Contemplai a formofura defte Reino de devoçaõ. Quaõ viftofo he efte exercito de Virgens, homens, e mulheres, mais claros que açucenas: efte ajuntamento de Viuvas, cheias de huma fagrada mortificaçaõ e humildade. Vêde a ordem de tantas peffoas cafadas, que taõ fuavemente vivem juntos, com mutuo refpeito, o qual naõ poderiaõ ter fem mutua caridade. Vêde como eftas almas juntaõ o cuidado de fua cafa exterior com o da interior, o amor do marido com o do Efpofo celeftial. Lançai geralmente a vifta por todos, vêlosheis em huma fanta fuave e benevola continencia, ouvindo a Noffo Senhor, e defejando metelo dentro em feu coraçaõ. Alegraõfe, mas com huma alegria engraçada, caritativa, e bem regulada: amaõ-fe, mas com hum amor fagrado e puriffimo. Os que padecem aflicções nefte povo devoto, naõ fe defafocegaõ muito, nem perdem o fofrimento. Em fim, vêde como o Salvador com feus olhos os confola, e que todos afpiraõ a elle.

Vós já deixaftes a Satanás, com fua maldita companhia pelos bons affectos, que tendes concebido: e naõ obftante, ainda naõ chegaftes ao Rei Jefus, nem vos juntaftes á fua di-

tofa

tósa e santa companhia de devotos: mas tendes sempre estado entre huma e outra.

A Virgem Santissima com S. Joseph, S. Luis, Santa Monica, e cem mil outros, que estaõ no esquadraõ daquelles, que viveraõ no meio do mundo, vos convidaõ e alentaõ.

O Rei Crucificado vos chama por vosso nome proprio: Vem amada minha, vem para eu te coroar.

Eleiçaõ.

Oh mundo! oh turba abominavel! Nunca mais me verás seguir tuas bandeiras. Para sempre tenho deixado tuas vaidades e loucuras. Rei da soberba, Rei maldito, espirito infernal, eu te renuncio com todas tuas pompas vás, eu te detesto com todas tuas obras.

E convertendo-me a vós, meu doce Jesus, Rei de bemaventurança e gloria eterna, vos abraço com todas as forças de minha alma. Eu vos adoro de todo o meu coraçaõ: e vos escolho agora e para sempre por meu Rei: e para testimunho de minha inviolavel fidelidade vos tributo huma irrevogavel homenagem, e me sumeto á obediencia de vossas santas leis e preceitos.

O' Virgem Santissima, minha querida Senhora! eu vos escolho por minha guia, e me ponho de baixo do vosso estendar-te, e vos offereço hum respeito particular, e especial reverencia.

O' meu Santo Anjo! apresentai-me a essa santa companhia: naõ me desampareis, até que chegue ao porto bemaventurado com

ella: com a qual digo e direi ſempre, em teſtimunho da minha eleiçaõ: Viva Jeſus, Viva Jeſus.

CAPITULO IX.

Como ſe deve fazer a Confiſſaõ geral.

EIſaqui pois, minha cariſſima Philotea, as meditações preciſas ao noſſo intento. Depois de as terdes praticado, entrai animoſamente com eſpirito de humildade a fazer a voſſa Confiſſaõ geral; mas peço-vos, que vos naõ deixeis deſaſocegar com genero algum de aprehenſaõ. O eſcorpiaõ quando nos morde he venenoſo, mas o ſeu meſmo oleo he grande medicina contra a ſua mordedura. O peccado he afrontoſo quando o cometemos, mas convertido em Confiſſaõ e penitencia, he honroſo e ſaudavel. A contriçaõ e confiſſaõ ſaõ taõ formoſas e de tal fragrancia, que tiraõ a fealdade, e diſſipaõ o mao cheiro do peccado. Simaõ o Leproſo dizia que a Magdalena era peccadora; mas Noſſo Senhor diſſe que naõ: e ſó falou dos perfumes que derramou, e da ſua eminente caridade. Se formos mui humildes, Philotea, nos deſagradará infinito o peccado, por ſer Deos com elle ofendido: mas a acuſaçaõ do noſſo peccado nos ſerá ſuave e agradavel, por ſer Deos com ella honrado. Hum genero de alivio grande, he declararmos bem ao Medico a qualidade do mal que nos atormenta. Quan-

do

do chegardes á presença do vosso Padre espiritual, imaginai que estais no monte Calvario, debaixo dos pés de Jesu Christo crucificado, cujo Sangue precioso distila por toda a parte, para vos lavar de vossas iniquidades. Porque ainda que este naõ seja o proprio Sangue do Salvador, com tudo he o merecimento do seu Sangue derramado, que em abundancia rega os penitentes nos Confessionarios. Abri pois bem o vosso coraçaõ, para que saiaõ delle os peccados pela Confissaõ, porque ao mesmo passo que sahirem, entrará o precioso merecimento da Paixaõ divina, para vos encher de bençaõ.

Dizei tudo aquilo de que vos acusardes, sincéra e claramente: contentando nisto a vossa conciencia, e dando-lhe huma boa vez: e feito isto, ouvi as advertencias e mandados do Ministro de Deos, e dizei em vosso coraçaõ: Falai Senhor, porque vossa serva ouve. (1) Sim, Philotea, Deos he a quem ouvis; pois elle disse a seus Vigarios: *Quem a vós ouve, a mim ouve* (2). Tomai depois nas máos a seguinte protestaçaõ, que servirá de remate a toda a vossa contriçaõ, a qual deveis ter primeiro considerado e meditado. Lêde-a atentamente, e com o maior affecto, que vos for possivel.

CA-

---

(1) I. Reg. 3. v. 9. *Loquere Domine, quia audit servus tuus.*

(2) Luc. 10. v. 16. *Qui vos audit, me audit.*

CAPITULO XX.

Proteſtaçaõ authentica, para gravar na alma a reſoluçaõ de ſervir a Deos, e concluir os actos de penitencia.

NA preſença de Deos Eterno, e de toda a Corte Celeſtial ſubſcrevo reſolvo e proteſto: que conſiderando a immenſa miſericordia de ſua divina bondade para comigo, indigniſſima e viliſſima creatura ſua, que creou de nada, conſerva, e ſuſtenta, livra de tantos perigos, e enche de tantos beneficios: mas ſobre tudo, tendo conſiderado a incomprehenſivel doçura e clemencia, com que eſte boniſſimo Deos me tem taõ benignamente tolerado em minhas maldades; inſpirando-me frequentemente com tanta benevolencia, convidando-me á emenda, e eſperando-me com tanta paciencia a penitencia e arrependimento até eſte N. anno de minha idade: naõ obſtantes todas minhas ingratidões deslealdades e infidelidades, com que diferindo minha converſaõ, o ofendi deſprezando imprudentemente a ſua graça. Tendo conſiderado, que no dia de meu ſagrado Bautiſmo, fui ditoſa e ſantamente oferecida e dedicada a meu Deos, para ſer filha ſua: e que contra a profiſſaõ que ſe fez em meu nome, tantas e tantas vezes infeliz e abominavelmente profanei e violei minha alma, applicando-a, e empregando-a contra a divina Mageſtade. Voltando-me agora

ra a mim meſma, proſtrada com coraçaõ e alma ante o Throno da Juſtiça divina, me reconheço proteſto e confeſſo, por legitimamente incurſa e convencida de crime de leſa Mageſtade divina, e culpada na Morte e Paixaõ de Jeſu Chriſto, em razaõ dos peccados que tenho cometido, pelos quaes elle morreo e padeceo os tormentos da Cruz. Por conſeguinte, digna ſou da perdiçaõ e condenaçaõ eterna.

Mas voltando-me ao Throno da infinita miſericordia deſte meſmo Deos Eterno, depois de ter deteſtado de todo o meu coraçaõ, e com todas minhas forças, as maldades da minha vida paſſada, humildemente peço e rogo graça perdaõ e mercê, com inteira abſolviçaõ da minha culpa, em virtude da Morte e Paixaõ do meſmo Senhor e Redemptor de minha alma: na qual eſtribando-me como em unico fundamento da minha eſperança, novamente ofereço e renovo a ſagrada profiſſaõ de fidelidade, feita da minha parte a meu Deos no Bautiſmo; renunciando ao diabo ao mundo e a carne; deteſtando ſuas malditas ſugeſtões vaidades e concupiſcencias, por todo o tempo da minha preſente vida, e de toda a eternidade: e convertendo-me a meu Deos benigno e piedoſo, deſejo e proponho, determino e reſolvo irrevogavelmente ſervi-lo e ama-lo, agora e eternamente: entregando-lhe a eſte fim, dedicando-lhe e conſagrando-lhe minha alma com todas ſuas potencias, meu entendimento com todas ſuas faculdades, meu coraçaõ com todos ſeus affectos, meu corpo com todos ſeus ſentidos: proteſtando

de

de nunca mais abusar de parte alguma do meu ser contra sua divina vontade e soberana Magestade; á qual me offereço e sacrifico em espirito, para sempre ser leal obediente e fiel creatura; sem que já mais me queira disto desdizer, nem arrepender. E se por sugestaõ do inimigo, ou por alguma humana fraqueza, me succeder, contravir em alguma coisa a esta minha resoluçaõ e dedicaçaõ, desde agora protesto e proponho, mediante a graça do Espirito Santo, de me levantar, tanto que o advertir, convertendo-me de novo á Misericordia divina, sem demora nem dilaçaõ nenhuma. Esta he a minha vontade, a minha intençaõ, e a minha resoluçaõ inviolavel e irrevogavel; a qual prometo e confirmo, sem reserva nem excepçaõ, na mesma divina presença de meu Deos, e á vista da Igreja triunfante, e na face da Igreja militante minha mái, que presencea esta minha declaraçaõ, na pessoa daquelle, que como seu Ministro me ouve nesta acçaõ. Dignai-vos pois, ò meu Deos eterno, todo poderoso e todo bom, Padre, Filho, e Espirito Santo, confirmar em mim esta resoluçaõ, e aceitar o meu sacrificio cordial e interior, em cheiro de suavidade. E assim como foi do vosso beneplacito dar-me a inspiraçaõ e vontade de o fazer, dai-me tambem as forças e graça necessaria para o aperfeiçoar. O' meu Deos! Vós sois meu Deos, Deos do meu coraçaõ, Deos da minha alma, Deos do meu espirito: por tal vos reconheço e adoro agora e por toda a eternidade. Viva Jesus.

CA-

CAPITULO XXI.

Conclusaõ desta primeira purificaçaõ.

FEita esta protestaçaõ estai atenta, e aplicai os ouvidos do vosso coraçaõ, para ouvirdes em espirito as palavras da vossa absolviçaõ, que o mesmo Salvador da vossa alma, sentado no Throno de sua misericordia, pronunciará dos altos Ceos, diante de todos os Anjos e Santos: ao mesmo tempo, que em seu nome vos absolve o Sacerdote na terra. E regozijando-se todo o exercito de Bemaventurados da vossa felicidade, cantará o Cantico espiritual com incomparavel alegria; dando todos osculo de paz e amizade ao vosso coraçaõ, posto já em graça e santificado.

Bom Deos, Philotea! Que admiravel contrato! no qual fazeis hum ditoso concerto com sua divina Magestade: porque entregando-vos a elle, o ganhais, e a vós mesma para a vida eterna. Naõ resta mais senaõ, que tomando a penna na maõ, firmeis de boa vontade o auto da vossa protestaçaõ: e que depois vades ao Altar, onde Deos reciprocamente assinará e selará a vossa absolviçaõ, e a promessa que vos fará do Ceo, pondo-se a si mesmo sacramentado, como hum sagrado sinete e sello sobre vosso coraçaõ renovado. Deste modo, Philotea, entendo ficará a vossa alma purificada do peccado, e de todos

os

os affectos do peccado. Mas como estes affectos renascem facilmente na alma, por causa da nossa fragilidade e da nossa concupiscencia, que póde ser mortificada, mas naõ póde morrer, em quanto formos vivos neste mundo; darvos-hei documentos, os quaes se os praticardes bem, vos preservaráõ daqui em diante do peccado mortal, e de todos seus affectos: para que nunca já mais possa ter lugar no vosso coraçaõ. E porque os mesmos avisos tambem servem para huma purificaçaõ mais perfeita, antes de vo-los dar, quero-vos dizer alguma coisa desta mais completa pureza, a que desejo conduzir-vos.

CAPITULO XXII.

Que nos devemos purificar dos affectos aos peccados veniaes.

QUanto mais vai esclarecendo o dia, tanto mais claramente vemos no espelho os defeitos e manchas do nosso rosto. De semelhante modo, á medida que a luz interior do Espirito Santo alumia nossas conciencias, assim vemos mais distincta e claramente os peccados, inclinações, e imperfeições, que nos podem embaraçar o dar-nos á verdadeira devoçaõ: e a mesma luz, que nos mostra as faltas e defeitos, nos acende no desejo de nos alimpar e purificar dellas.

Descobrireis pois, minha carissima Philotea, que além dos peccados mortaes e seus affectos, de que vos purificastes com os exercicios

cios já mencionados, ainda tendes em vossa alma muitas inclinações e affectos aos peccados veniaes: naõ digo que descobrireis peccados veniaes, mas affectos e inclinações a elles. Huma coisa difere muito da outra: porque nunca podemos estar totalmente izentos de peccados veniaes, ou ao menos perseverar por muito tempo nesta pureza: mas podemos naõ ter affecto algum aos peccados veniaes. Bem se vê, que huma coisa he mentir huma ou duas vezes por entretenimento, em coisa de pouca importancia; e outra ter affecto a este genero de peccado.

Digo pois, que convém purificar a alma de todo o affecto que tiver aos peccados veniaes: isto he, que naõ deve voluntariamente manter vontade de perseverar em genero algum de peccado venial. Porque seria demasiada laxidaõ, querer apostadamente conservar em nossa conciencia coisa taõ desagradavel a Deos, como a vontade de lhe desagradar. O peccado venial, por pequeno que seja, desagrada a Deos: posto que lhe naõ desagrada tanto, que por isso nos queira condenar nem perder. E se o peccado venial lhe desagrada, a vontade e affecto que se tem ao peccado venial, naõ he outra coisa que huma resoluçaõ de querer desagradar a sua divina Magestade. Como he possivel, que huma alma nobre queira, naõ só desagradar a seu Deos, mas ter affecto a esse desagrado?

Estes affectos, Philotea, saõ directamente oppostos á devoçaõ, assim como os do peccado mortal o saõ á caridade: porque enfraque-

quecem as forças do eſpirito , impedem as conſolações divinas , abrem porta ás tentações, e ainda que naõ mataõ a alma , a tornaõ ſummamente enferma. As moſcas que morrem no unguento , diz o Sabio , deitaõ a perder e extinguem a ſua ſuavidade. Quer dizer , que quando as moſcas naõ cahem no unguento , mas ſó o provaõ de paſſagem , naõ perdem ſenaõ o que tomaõ : mas quando morrem dentro nelle , lhe tiraõ a eſtimaçaõ e o botaõ a perder. Da meſma ſorte os peccados veniaes, quando chegaõ a huma alma devota , e naõ ſe detem nella muito tempo , naõ a damnificaõ muito : mas ſe eſtes meſmos peccados ſe demorarem na alma , pelo affecto que ella lhe tem , ſem duvida deitaráõ a perder a ſuavidade do unguento , iſto he , da ſanta devoçaõ.

As aranhas naõ mataõ as abelhas , mas perdem e corrompem o ſeu mel : e com os fios das ſuas teas , que tecem na colmea , as embaraçaõ de modo , que naõ podem continuar a ſua obra. Iſto ſe entende , quando as aranhas alli eſtaõ de aſſento. Aſſim o peccado venial naõ mata a noſſa alma , mas conſome a devoçaõ , e embaraça tanto com os máos habitos e inclinações as potencias da alma , que naõ póde praticar a promtidaõ da caridade , em que conſiſte a devoçaõ : o que ſe entende quando o peccado venial mora de aſſento em noſſa alma , pelo affecto que lhe temos. Pouco mais de nada he , Philotea , dizer huma mentirinha , deſmandar hum pouco em palavras , em acções , em viſtas , em veſtidos ,

em

em gracejos, em jogos, em danças; com tanto, que logo que estas aranhas espirituaes entrarem na nossa alma, as rechacemos e desterremos, como fazem as abelhas com as aranhas materiaes. Mas se lhe consentirmos morarem em nossos coraçóes, e naõ só isto, más nos affeiçoarmos a conserva-las e multiplica-las, brevemente veremos o nosso mel perdido, e a colmea de nossa conciencia inficionada e desfeita. Ainda torno a dizer: em que razaõ cabe, que huma alma generosa, se agrade de desagradar a Deos, e se affeiçoe a ser-lhe desagradavel, e escolha livremente querer o que sabe lhe he enfadonho?

CAPITULO XXIII.

Que convém purificar-nos do affecto a coisas inuteis e perigosas.

OS jogos, os bailes, os festins, as pompas, as comedias, substancialmente de nenhum modo saõ coisas más, mas indiferentes, porque se podem praticar com culpa, ou sem ella: com tudo sempre saõ coisas perigosas, e affeiçoar a ellas ainda he mais perigoso. Digo pois, Philotea, que ainda que seja licito jogar, dançar, enfeitar-se, ouvir comedias honestas, celebrar convites, nem por isso deixa de ser contrario á devoçaõ, ter affecto a estas coisas, e summamente nocivo e perigoso. Naõ he máo fazê-lo, mas sim terlhe affecto. Grande perda he, semear na terra

ra de nosso coraçaõ affectos taõ váos e loucos, que ocupem o lugar das santas impressões, e impidaõ que o suco de nossa alma, se empregue em boas inclinações.

Por isso os antigos Nazarenos se abstinhaõ, naõ só de tudo o que podia embriagar, mas ainda das uvas e agraço: naõ porque as uvas nem o agraço embebedem, mas pelo perigo que havia, de que comendo o agraço se excitasse o desejo de comer as uvas, e comendo as uvas se provocasse o apetite de beber o mosto e o vinho. Naõ digo pois que naõ podemos usar destas coisas perigosas, o que assevéro he, que nunca já mais poderemos empregar nellas o affecto, sem arriscar a devoçaõ. Os veados depois de terem pastado muito, se apartaõ e retiraõ ás suas covas, conhecendo, que por estarem mui pezados, naõ poderáõ correr, se forem acometidos. E o coraçaõ do homem, carregando-se destes affectos inuteis superfluos e perigosos, sem duvida naõ póde prompta ligeira e facilmente correr para seu Deos, que he o verdadeiro alvo da devoçaõ. Os meninos pequenos affeiçoaõ-se e correm atras das borboletas; e ninguem o estranha, pois saõ meninos: mas naõ fora coisa ridicula, ou antes deploravel, ver a homens feitos entregar-se e affeiçoar-se a taõ indignas bacatelas, quaes saõ as coisas que nomeámos: as quaes além da sua inutilidade, nos poem em perigo, de nos desmandar e desordenar pelas seguir? Eisaqui, minha carissima Philotea, porque vos digo, que convém purificar destes affectos: porque ainda que os seus actos naõ

naõ sejaõ sempre contrarios á devoçaõ, os affectos com tudo lhe saõ sempre prejudiciaes.

CAPITULO XXIV.

Que devemos purificar-nos das más inclinações.

TAmbem temos, Philotea, certas inclinações naturaes, que como se naõ origináraõ dos nossos particulares peccados, propriamente naõ saõ peccados, nem mortaes, nem veniaes: mas chamaõ-se imperfeições, e seus actos defeitos e faltas. Por exemplo, S. Paula segundo refere S. Jeronymo tinha huma grande inclinaçaõ á tristeza e melancolia: tanto assim, que na morte de seus filhos e marido; esteve em pontos de morrer de pena. Era isto huma imperfeiçaõ, mas naõ peccado, pois era contra o seu alvedrio e vontade. Ha alguns que de sua condiçaõ saõ faceis, outros austeros, outros pertinazes na sua opiniaõ, outros propensos á indignaçaõ, outros á cólera, outros ao amor: em summa, poucas pessoas se achaõ, em que se naõ possa notar algum genero de semelhantes imperfeições. E posto que estas sejaõ proprias e naturaes a cada hum, podem com o cuidado e affecto contrario corrigir-se e moderar-se, e até livrar-nos e purificar-nos dellas. Digo-te, Philotea, que assim o deves fazer. Se se tem achado modo de converter as amendoeiras azedas em doces, sómente com as

su-

furar junto ao pé, para que ſaia por alli o ſuco; porque naõ poderemos nós excluir noſſas inclinações perverſas, para ſer melhores? Naõ ha natural taõ bom, que ſe naõ poſſa perverter pelos habitos vicioſos: nem tambem ha natural taõ aveſſo, que primeiramente com a graça de Deos, e depois com a induſtria e diligencia, naõ poſſa domar-ſe e vencer-ſe. Por agora vou a dar-vos documentos, e propor-vos exercicios, por meio dos quaes purificareis voſſa alma dos affectos perigoſos, das imperfeições, e de todo o affecto aos peccados veniaes: e de mais a mais aſſegurareis voſſa conciencia contra todo o peccado mortal. Deos vos conceda a graça de os praticardes bem.

SE-

SEGUNDA PARTE,

QUE CONTEM VARIOS DOCUMENTOS, para levantar a alma a Deos, por meio da Oração, e dos Sacramentos.

CAPITULO I.

Da Necessidade da Oração.

A Oração alumiando o nosso entendimento com a claridade e luz divina, e expondo a nossa vontade ao calor do amor celestial, não ha coisa que tanto purifique nosso entendimento de suas ignorancias, e a vontade de seus affectos depravados. Esta he a agua de benção, cujo orvalho faz reverdecer e florecer as plantas de nossos bons desejos, lava nossas almas de suas imperfeições, e socega em nossos corações os seus affectos.

Mas sobre tudo vos aconselho a mental, cordial, e particularmente a que se faz sobre a vida e paixão de Nosso Senhor: passando-a frequentemente pela memoria, toda a vossa alma se encherá delle: aqui aprendereis os seus gestos, e formareis vossas acções pelo modélo das suas. Elle he a luz do mundo, e por isso nelle, e por elle, e com elle devemos ser esclarecidos e alumiados. He a arvore do

deſejo, á ſombra da qual nos devemos refreſcar. He a fonte viva de Jacob para o lavatorio de todas noſſas manchas. Em fim os meninos, á força de ouvir ſuas máis, e balbuciar com ellas, aprendem a fallar a ſua lingua; e nós demorando-nos com Noſſo Salvador por meio da meditaçaõ, e obſervando ſuas palavras acções e affectos, aprenderemos, mediante a ſua graça, a fallar obrar e querer como elle. Aqui deveis parar, Philotea: e crede-me, que naõ poderiamos entrar a Deos Padre, ſenaõ por eſta porta: porque aſſim como o plano de hum eſpelho naõ poderia terminar a noſſa viſta, ſe naõ eſtiveſſe pelo revés reveſtido de eſtanho ou chumbo: aſſim neſte mundo inferior, naõ poderiamos contemplar bem a Divindade, ſe naõ eſtiveſſe junta a ſagrada humanidade do Salvador: cuja vida e morte ſaõ o objecto mais proporcionado ſuave doce e proveitoſo, que podemos eſcolher para noſſa meditaçaõ ordinaria. Nem por outra coiſa ſe chama o Senhor, paõ deſcido do Ceo (1), ſenaõ porque aſſim como o paõ ſe deve comer com toda a ſorte de iguarias, aſſim o Salvador deve ſer meditado, conſiderado, e buſcado em todas noſſas orações e acções. Sua vida e morte eſtaõ diſpoſtas e diſtribuidas em diverſos pontos, para ſe acômodarem á noſſa meditaçaõ, por diverſos Authores. Os que vos aconſelho ſaõ S. Boaventura, Belintano, Bruno, Capilia,

(1) Joan. 6. v. 51. *Panis vivus qui de Cœlo deſcendit.*

pilia, Fr. Luiz de Granada, e o P. Luiz de la Puente.

Empregai nella cada dia huma hora antes de jantar, podendo ser, no principio da manhã: porque entaõ estareis com o espirito mais desembaraçado e fresco, depois do descanço da noite. Nem gasteis mais de huma hora, se o vosso Padre espiritual vo-lo naõ ordenar expressamente.

Se poderdes praticar este exercicio na Igreja, e achardes nella bastante socego, vos será coisa mais facil e acõmodada: porque nem pai, nem mãi, nem mulher, nem marido, nem algum outro, vos poderá com razaõ impedir que vos demoreis huma hora na Igreja: e estando sujeita a alguem, talvez naõ podereis ter huma hora taõ desambaraçada em vossa casa.

Começai toda a sorte de Oraçaõ, tanto mental, como vocal, pela presença de Deos: e abraçai esta regra sem exceiçaõ; e vereis em pouco tempo, de quanto proveito vos he.

Se confiais no que vos digo, direis o *Pater Noster*, e *Ave Maria*, e o *Credo*, em Latim: más aprendereis tambem bem o sentido que tem estas palavras, na vossa lingua: para que proferindo-as na lingoagem commua da Igreja, possais saborear-vos no sentido admiravel destas santas orações: as quaes haveis dizer com profunda applicaçaõ do pensamento, excitando-vos a affectos concernentes ao seu significado: e naõ vos afadigando em modo algum, por dizer muitas, más estudando dizer o que dizeis, cordialmente: porque

hum *Pater Noster* dito com affecto, vale mais que muitos ditos á pressa e de corrida.

O Rosario, he hum modo de rezar utilissimo, com tanto que o saibais rezar como convém; e para o fazer, tereis algum dos livrinhos que ensinaõ a reza-lo. Tambem he bom rezar as Ladainhas de Nosso Senhor, Nossa Senhora, e dos Santos, e todas as outras Preces vocaes, que andaõ nos Manuaes e Horas aprovadas; mais isto ha de ser de modo, que se tiverdes o dom de oraçaõ mental, lhe reserveis sempre o melhor lugar: de sorte, que se depois della ou pela multidaõ dos negocios, ou por alguma outra causa naõ poderdes ter oraçaõ vocal, naõ tomeis pena por isso, contentando-vos com dizer antes ou depois da Meditaçaõ a Oraçaõ Dominical, a Saudaçaõ Angelica, e o Symbolo dos Apostolos.

Se fazendo oraçaõ vocal, sentirdes vosso coraçaõ atrahido e convidado á oraçaõ interior e mental, naõ recuseis entrar nella, mas deixai correr suavemente o vosso espirito por essa parte: e naõ se vos dê nada, de naõ terdes acabado as orações vocaes, que vos tinheis proposto, porque a mental que fizerdes em seu lugar, he mais agradavel a Deos, e mais util á vossa alma. Exceptuo o Officio Divino, se estais obrigada a elle, porque neste caso deve-se cumprir a obrigaçaõ.

Se succeder passar-se toda a manhã sem este santo exercicio da oraçaõ mental, ou pela multiplicidade de negocios, ou por outra qualquer causa (o que deveis evitar quanto

vos

vos for possivel) proponde resarcir esta falta em alguma hora distante da comida : porque fazendo-a sobre ella , e antes de feita a digestaõ , vos sobrevirá muita sonolencia , e poderá perigar a vossa saude.

E se em todo o dia a naõ poderdes fazer , deveis resarcir esta perda multiplicando as orações jaculatorias , e com a liçaõ de algum livro de devoçaõ ; com alguma penitencia , que impida o proseguir nesta falta , e com esta fazei huma firme resoluçaõ , de voltardes ao caminho no dia seguinte.

CAPITULO II.

Breve methodo para a Meditaçaõ , e em primeiro lugar da presença de Deos : primeiro ponto da Preparaçaõ.

MAs poderá ser , Philotea , que naõ saibais , como se faz Oraçaõ mental : porque he coisa , que por infelicidade nossa , pouca gente sabe nos nossos tempos. Por cuja causa vos presento hum singélo e breve methodo para ella , atendendo a que pela liçaõ dos muitos e bons livros que se tem composto nesta materia , e muito mais pelo seu exercicio , podereis ser mais amplamente instruida. Primeiramente vos advirto a preparaçaõ , que consiste em dois pontos : dos quaes o primeiro , he pôr na presença de Deos , e o segundo invocar a sua assistencia. Para vos pordes pois na presença de Deos , vos proponho qua-

quatro modos principaes, de que vos podereis ſervir neſte principio.

O primeiro conſiſte em huma viva e atenta aprehenſaõ da total preſença de Deos: quero dizer, que Deos eſtá em tudo e por tudo, e que naõ ha lugar nem coiſa neſte mundo, onde naõ eſteja com huma verdadeiriſſima preſença: de ſorte que aſſim como os paſſaros para onde quer que voem, encontraõ ſempre ar, aſſim nós para onde quer que vamos ou eſtejamos, achamos a Deos preſente. Verdade, a que nem todos daõ atençaõ. Os cegos ſe eſtaõ na preſença de hum Principe, naõ deixaõ de lhe ter reſpeito, quando os advertem de que elle eſtá preſente: bem he verdade, que como o naõ vem, ſe eſquecem facilmente de eſtar alli preſente: e eſquecidos, ainda mais facilmente lhe perdem o reſpeito e reverencia. Philotea, nós naõ vemos a Deos que eſtá preſente, e poſto que a fé nos adverte da ſua preſença, como o naõ vemos com os olhos, nos eſquecemos muitas vezes, e nos portamos como ſe eſtiveſſe bem longe de nós: porque ainda que ſabemos que eſtá preſente a todas as coiſas, ſe naõ o conſiderarmos, vale o meſmo que ſe o naõ ſoubeſſemos. Por iſſo ſempre antes da oraçaõ, devemos excitar a noſſa alma a huma atenta ponderaçaõ e conſideraçaõ deſta preſença de Deos. Eſta foi a aprehenſaõ de David quando rompeo dizendo: *Se ſubir ao Ceo, Deos meu, alli eſtais vós: ſe deſcer ao Inferno, alli eſtais preſente*(1). Tambem devemos uſar

(1) Pſalm. 38. v. 8. *Si aſcendero in Cœlum, tu illic es, ſi deſcendero in Infernum, ades.*

uſar das palavras de Jacob, o qual vendo a ſagrada eſcada, diſſe: *Oh que temeroſo lugar he eſte! Eſtá aqui Deos verdadeiramente, e eu o naõ ſabia* (1). Quer dizer que naõ cuidava niſſo, porque aliàs naõ podia ignorar, que Deos eſtava em toda a parte. Entrando, pois, na oraçaõ, deveis dizer com todas as veras ao voſſo coraçaõ: Coraçaõ meu! meu coraçaõ, Deos eſtá verdadeiramente aqui.

O ſegundo modo de nos pormos neſta ſagrada preſença, he conſiderar que naõ ſómente eſtá Deos no lugar onde vós eſtais, mas que eſtá particulariſſimamente no voſſo coraçaõ e no intimo da voſſa alma, a qual vivifica e anima com ſua divina preſença, ſendo como coraçaõ do voſſo coraçaõ, e alma da voſſa alma. Porque aſſim como a alma por eſtar eſtendida por todo o corpo, ſe acha preſente em todas as partes delle, e naõ obſtante mora no coraçaõ com eſpecial reſidencia: da meſma ſorte Deos ſendo preſentiſſimo a todas as coiſas, com tudo aſſiſte na noſſa alma por hum modo eſpecial. E por eſta cauſa David chamava a Deos: *Deos do ſeu coraçaõ* (2): e S. Paulo dizia: *Que vivemos, nos movemos, e eſtamos em Deos* (3). Na conſideraçaõ pois deſta verdade, excitareis huma grande reve-

---

(1) Gen. 28. v. 16. *Quam terribilis eſt locus iſte! Vere Dominus eſt in loco iſto, & ego neſciebam.*

(2) Pſalm. 72. v. 26. *Deus cordis mei.*

(3) Act. 17. v. 28. *In ipſo vivimus, & movemur, & ſumus.*

reverencia em vosso coraçaõ para com Deos, que intimamente lhe está presente.

O terceiro modo, he considerar a Nosso Salvador, que em sua humanidade vê desde o Ceo todas as pessoas do mundo, e mais particularmente os Christãos, que saõ seus filhos, e em especial os que estaõ em oraçaõ, cujas acções e modos observa. Naõ he isto, Philotea, huma mera imaginaçaõ, mas verdade certa; porque inda que o naõ vemos, elle dos mais altos Ceos nos considera. Assim o vio Santo Estevaõ no tempo do seu martyrio: de sorte que bem podemos dizer com a Esposa: *Vêdes como está por detras da parede, olhando pelas janelas, e espreitando pelas frestas* (1).

A quarta maneira consiste, em nos servirmos da simples imaginaçaõ, representando-nos o Salvador em sua sacrosanta humanidade, como se estivesse junto de nós: assim como costumamos representar a nossos amigos, e dizer: representase-me que estou vendo a fulano fazer isto ou aquillo: parece-me que o estou vendo; ou outra coisa semelhante. Mas se o Santissimo Sacramento do Altar estiver presente, entaõ esta presença será real, e naõ meramente imaginaria: porque as especies e aparencias de paõ seraõ como huma cortina, detras da qual Nosso Senhor realmente presente nos vê e considera, posto que o naõ vemos

(1) Cant. 2. v. 9, *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellas.*

mos em ſua propria forma. Uſareis pois de hum deſtes quatro modos, para pordes voſſa alma em preſença de Deos, antes da oraçaõ: e naõ deveis valer-vos de todos juntamente, ſenaõ de hum ſó de cada vez, e iſto breve e ſimplesmente.

CAPITULO III.

Da invocaçaõ: ſegundo ponto da Preparaçaõ.

A Invocaçaõ ſe faz deſte modo. Sentindo-ſe a voſſa alma já na preſença de Deos, ſe proſtrará com ſumma reverencia, reconhecendo-ſe indigniſſima de eſtar diante de taõ ſoberana Mageſtade: e naõ obſtante, ſabendo que eſta meſma bondade aſſim o quer, lhe pedirá a graça de a ſervir bem e adorar neſta meditaçaõ. E ſe quizerdes, podereis uſar de algumas palavras breves e fervoroſas, como aquellas de David: *Naõ me aparteis, Deos meu, da preſença do voſſo roſto: e naõ me priveis do favor do voſſo ſanto Eſpirito* (1). *Eſclarecei voſſa face, ſobre voſſa ſerva, e conſiderarei voſſas maravilhas. Dai-me entendimento e obſervarei voſſa lei, e a guardarei de todo o meu coraçaõ* (2). Voſſa eſcrava ſou dai-me o Eſpirito, &c., e outras ſemelhantes a eſtas. Tambem vos aproveitará a invocaçaõ do

---

(1) Pſalm. 50. v. 13. *Ne projicias me a facie tua, & Spiritum Sanctum tuum ne auferas a me.*

(2) Pſalm. 118.

do voſſo Anjo da guarda, e dos Santos que ſe achàraõ preſentes ao myſterio que meditais. Como na morte de Noſſo Senhor, podereis invocar a Noſſa Senhora, a Magdalena, o bom Ladraõ; para que vos ſejaõ communicados os ſentimentos e movimentos interiores, que elles tiveraõ. E na meditaçaõ da voſſa morte, podereis invocar o voſſo Anjo da guarda, que ſe achará preſente para vos inſpirar as conſiderações convenientes: e aſſim vos havereis nos outros myſterios.

CAPITULO IV.

Da propoſiçaõ do Myſterio: ponto terceiro da preparaçaõ.

DEpois deſtes dois pontos ordinarios da meditaçaõ, ha hum terceiro, que naõ he commum a toda a ſorte de meditações: he eſte a que muitos chamaõ compoſiçaõ de lugar, e outros liçaõ interior. Mas iſto naõ he mais, que propôr á imaginaçaõ propria a ſuſtancia do Myſterio, que ſe quer meditar, como ſe com effeito realmente ſuccedeſſe na noſſa preſença. Por exemplo, ſe quizerdes meditar a Noſſo Senhor na Cruz, imaginareis que eſtais no monte Calvario, e que vedes tudo o que ſe fez e ſe diſſe no dia da Paixaõ: ou ſe quizerdes (porque tudo vem a ſer o meſmo) imaginareis, que no meſmo lugar onde eſtais, ſe executa a Crucifixaõ de Noſſo Senhor, do meſmo modo que os Evangeliſtas a deſ-

deſcrevem. O meſmo vos digo, quando meditardes na morte, como adverti na meditaçaõ della: e tambem na do Inferno, e em todos os mais ſemelhantes Myſterios, em que ſe trata de coiſas viſiveis e ſenſiveis: porque quanto aos outros Myſterios da grandeza de Deos, da excelencia das virtudes, do fim para que fomos creados, que ſaõ coiſas inviſiveis, naõ ha neceſſidade de ſervir-nos deſta ſorte de imaginaçaõ. Verdade he que nos podemos valer de alguma ſemelhança ou comparaçaõ, para ajudar a conſideraçaõ: mas iſto he algum tanto dificultoſo de encontrar, e naõ quero tratar ſenaõ mui ſingelamente comvoſco, de ſorte, que o voſſo eſpirito naõ trabalhe demaſiado em formar eſtas ſemelhanças. Por meio pois deſtas imaginações, cingimos o noſſo eſpirito ao Myſterio, que queremos meditar, para que naõ ande vagueando de huma para outra parte: nem mais nem menos, que como quando fechamos hum paſſaro na gaiola, ou atamos o falcaõ ás ſuas piozes, para que naõ fuja da maõ. Iſto naõ obſtante, vos diraõ alguns, que he melhor uſar do ſimples penſamento da fé, e de huma aprehenſaõ toda mental e eſpiritual, na repreſentaçaõ deſtes Myſterios: ou tambem conſiderar, que eſtas coiſas ſe executaõ em voſſo meſmo eſpirito. Mas tudo iſto he mui ſutil para o principio, e até Deos vos naõ levantar mais alto, vos aconſelho, Philotea, vos demoreis neſte primeiro degráo que vos moſtro.

CAPITULO V.

Das confiderações : fegunda parte da Meditaçaõ.

DEpois do acto da imaginaçaõ, fegue-fe o acto do entendimento, que chamamos Meditaçaõ : que naõ he outra coifa mais, que huma ou muitas confiderações, feitas a fim de promover noffos affectos para com Deos, e coifas divinas: no que a Meditaçaõ difere do eftudo, e de outros penfamentos e confiderações, as quaes fe naõ fazem para adquirir a virtude ou amor de Deos, mas por alguns outros fins e intentos, como para faber mais, para efcrever ou difputar. Tendo pois encerrado voffo efpirito dentro da materia que quereis meditar : ou pela imaginaçaõ, fe a materia he fenfivel ; ou pela fimples propofiçaõ, fe he infenfivel : entrareis a fazer fobre ella confiderações ; para o que achareis exemplos mui acómodados nas Meditações, que vos tenho dado. E fe o voffo efpirito achar baftante gofto, luz e fruto em huma das Confiderações, detervos-heis nella fem paffar a outra : obrando como as abelhas, que naõ largaõ a flor, em quanto nella achaõ mel que recolher : mas fe naõ achardes o que defejais, em alguma das Confiderações, depois de vos ter detido nella, paffareis a outra : profeguindo fempre a obra com bom ar e fingelamente, fem vos affligir.

CA-

CAPITULO VI.

Dos affectos e resoluções: terceira parte da Meditação.

A Meditaçaõ produz movimentos bons na vontade, ou parte affectiva da nossa alma, como saõ o amor de Deos e do proximo, o desejo do Ceo e da Gloria, o zelo da salvaçaõ das almas, a imitaçaõ da vida de Nosso Senhor, a compaixaõ, a admiraçaõ, a alegria, o temor de cahir em desgraça de Deos, e o do Juizo, e do Inferno, o aborrecimento do peccado, a confiança na bondade e misericordia de Deos, a confusaõ da nossa má vida passada: em cujos affectos se deve demorar e estender o nosso espirito, quanto lhe for possivel. E se quizerdes alguma ajuda para isto, tomai nas mãos o primeiro Tomo das Meditações de D. André Capila, e vêde a sua Prefaçaõ: porque nella mostra o modo com que se haõ de dilatar os affectos: e mais amplamente o P. Arias, no seu Tratado da Oraçaõ mental.

Nem por isso, Philotea, vos deveis deter tanto nos affectos geraes, que os naõ convertais em resoluções especiaes e particulares, para vossa correcçaõ e emenda. Por exemplo. A primeira palavra, que Nosso Senhor disse na Cruz, infundirá sem duvida em vossa alma hum bom affecto de o imitar; isto he, desejo de perdoar a vossos inimigos, e de os amar.

amar. Digo pois, que ainda isto he pouco, se naõ acrecentardes huma resoluçaõ especial deste modo: Eia pois, naõ me sentirei mais de taes palavras afrontosas, que hum certo ou huma certa, vizinho ou vizinha, domestico ou domestica, dizem de mim: nem de tal e tal desprezo, que me fazem este e aqueloutro: e pelo contrario, farei tal e tal coisa, para os reconciliar e atrahir: e assim no demais. Deste modo, Philotea, emendareis vossas faltas em pouco tempo, o que só pelo affecto fareis tarde e dificultosamente.

CAPITULO VII.

Da conclusaõ e ramilhete espiritual.

EM fim haveis de concluir a Meditaçaõ com tres actos, que deveis executar com a maior humildade possivel. O primeiro he a acçaõ de graças, dando-as a Deos, pelos affectos e resoluçóes que nos tem dado, e pela bondade e misericordia que temos descuberto no mysterio da Meditaçaõ. O segundo he o acto de offerecimento, pelo qual offerecemos a Deos sua mesma bondade e misericordia, a morte o sangue as virtudes de seu Filho, e juntamente com ellas nossos affectos e resoluçóes. O terceiro acto he a suplica, em que pedimos a Deos, nos communique as graças e virtudes de seu Filho, e bemdiga nossos affectos e resoluções, para fielmente as podermos executar. Depois disto, rogaremos a

Deos

Deos pela Igreja, por noſſos Prelados parentes amigos e outros, valendo-nos da interceſſaõ de Noſſa Senhora, dos Anjos, e dos Santos. Por fim, advirto, que convem dizer o *Pater Noſter* e *Ave Maria*: que he a geral e neceſſaria oraçaõ de todos os fieis.

A tudo iſto tenho acrecentado, que convinha compôr hum ramilhetinho de devoçaõ. O que niſto quiz dizer, he o ſeguinte. Os que tem paſſeado por hum jardim, naõ ſahem delle de boamente, ſem levar na maõ quatro ou cinco flores, para as cheirar e ter comſigo pelo decurſo do dia: aſſim o noſſo entendimento, tendo diſcorrido por algum myſterio na oraçaõ, devemos eſcolher hum ou dois ou tres pontos, dos que mais tivermos goſtado, e mais acômodados ao noſſo aproveitamento, para os trazermos na memoria no reſto do dia, e os cheirar eſpiritualmente. Iſto ſe pratica no meſmo lugar em que tivemos oraçaõ, entretendo-nos alli, ou paſſeando ſós algum tempo depois.

CAPITULO VIII.

De alguns aviſos utiliſſimos ácerca da Meditaçaõ.

SObre tudo, Philotea, convem que ao ſahir da voſſa Meditaçaõ, conſerveis na memoria as reſoluções e deliberações, que tiverdes tomado, para pratica-las com cuidado naquelle dia. Eſte he o maior fructo da Medita-

ditaçaõ, ſem o qual muitas vezes naõ ſó he inutil, mas danoſa: porque as virtudes meditadas e naõ praticadas, inchaõ ás vezes e deſvanecem o eſpirito e animo, parecendo-nos que ſomos taes como temos reſolvido e aſſentado ſer: o que ſem duvida ſeria verdade, ſe as reſoluções foſſem activas e ſolidas: mas naõ ſaõ taes, antes vás e perigoſas, naõ ſendo praticadas: convem pois em toda a forma, procurar pratica-las, e buſcar para iſto occaſiões pequenas ou grandes. Por exemplo. Se tenho aſſentado, em ganhar com ſuavidade o animo daquelles que me offendem, procurarei neſte dia encontrar-me com elles, para os ſaudar amigavelmente: e ſe os naõ poſſo encontrar, dizer bem delles, e encomenda-los a Deos.

Ao ſahir deſta oraçaõ cordial, tereis cuidado em naõ bambolear com o voſſo coraçaõ; porque entornareis o balſamo que recebeſtes por meio da oraçaõ. Venho a dizer, que deveis guardar, ſe poder ſer, hum pouco de ſilencio: e voltar ſuavemente voſſo coraçaõ da oraçaõ para os negocios, conſervando o mais tempo que puderdes, os ſentimentos e affectos, que tiverdes concebido. Hum homem que tiveſſe recebido em hum vaſo de fermoſa porcelana, algum licor mui precioſo, para o levar para ſua caſa, hiria com muita pauſa, ſem olhar para parte alguma, ſenaõ para diante; com receio de topar nalguma pedra, ou pôr o pé em falſo, para que o ſeu licor ſe naõ derramaſſe: o meſmo deveis obrar ao ſahir da oraçaõ, naõ vos diſtrahindo

hindo logo, mas olhando ſimpleſmente para diante. Iſto ſe deve dizer, ainda quando vos encontrardes com alguma peſſoa, com quem ſeja preciſo demorar-vos e ouvi-la: neſte caſo naõ ha remedio, he neceſſario acommodar a iſſo, mas de tal ſorte, que ao meſmo tempo atendais ao voſſo coraçaõ, para que o licor da ſanta oraçaõ ſe derrame o menos que for poſſivel.

Tambem he preciſo coſtumar-vos a ſaber paſſar da oraçaõ a toda o genero de acções, que juſta e legitimamente de vos requerem a voſſa vocaçaõ e profiſſaõ: ainda que pareçaõ mui diſparadas dos affectos, que recebeſtes na oraçaõ. Venho a dizer. Hum Advogado deve ſaber paſſar da oraçaõ a avogacia, o Mercador ao contrato, a mulher caſada à obrigaçaõ do ſeu Matrimonio, e ao governo da ſua familia; com tanta doçura e tranquilidade, que nada ſe perturbe ſeu animo por eſta cauſa: pois como huma e outra coiſa he conforme á vontade de Deos, deve paſſar de huma para outra com eſpirito de humildade e devoçaõ.

Algumas vezes vos ſuccederá, immediatamente depois da preparaçaõ, achar-ſe o voſſo affecto todo movido a Deos: neſte caſo, Philotea, convem largar as redeas, ſem querer ſeguir o methodo que vos tenho dado. Porque ſe bem de ordinario as conſiderações devem preceder aos affectos e reſoluções: ſe o Eſpirito Santo vos dá os affectos antes das ponderações, naõ deveis buſcar ponderações, porque eſtas naõ ſe fazem, ſenaõ para mover

os affectos. Em huma palavra, sempre que os affectos se vos offerecerem, os deveis receber e dar-lhe lugar, ou venhaõ antes ou depois de todas as consideraçóes: e ainda que tenho posto os affectos depois de todas as consideraçóes, naõ o fiz assim, senaõ para distinguir melhor as partes da oraçaõ: porque no demais tereis sempre como regra geral, que se naõ devem já mais conter os affectos, mas deixa-los sahir todas as vezes que se offerecerem. E isto digo, naõ só dos outros affectos, senaõ tambem da acçaõ de graças, do oferecimento, das supplicas, que se podem fazer entre as ponderaçóes: porque naõ convem reprimi-los, assim como dissemos dos mais affectos: posto que depois para concluir a meditaçaõ, he preciso repeti-las e menciona-las. Mas quanto às resoluçóes, se devem fazer depois dos affectos, e no fim de toda a meditaçaõ, antes da conclusaõ: porque havendo ellas de nos representar objectos particulares e familiares, nos poriaõ em perigo de nos distrahir, se as fizessemos no meio dos affectos.

No meio dos affectos e resoluçóes, he bom usar de coloquios, e falar com Nosso Senhor, com os Anjos, com as pessoas representadas nos Mysterios, com os Santos, e comnosco: com o proprio coraçaõ, com os peccadores, e com as mesmas creaturas insensiveis: como se vê, que falava David em seus Psalmos, e outros Santos em suas meditaçóes e oraçóes.

CA-

CAPITULO IX.

Das securas que acontecem na Oração.

SE vos succeder, Philotea, naõ sentirdes gosto algum, nem consolaçaõ na Oraçaõ, peço-vos que vos naõ perturbeis: mas abri por algum espaço a porta ás orações vocaes, queixando-vos de vós mesma a Nosso Senhor: confessai vossa indignidade, e pedi-lhe, que seja em vossa ajuda: beijai a sua imagem, se a tendes comvosco: proferi as palavras de Jacob: *Naõ vos largarei, Senhor, sem que me deis a vossa bençaõ* (1), ou as da Cananea: *Sim, Senhor, sou huma cadela, mas os cachorrinhos comem das migalhas da mesa de seu dono* (2).

Outras vezes pegai em hum livro, e lêde-o com atençaõ, até que o vosso espirito desperte, e torne em si. Excitai o vosso coraçaõ com alguma postura, ou movimento de devoçaõ exterior; prostrando-vos em terra, cruzando as mãos sobre o peito, abraçando hum Crucifixo: o que se entende se estiverdes em lugar retirado. E se depois de tudo isto naõ estiverdes consolada, por grande que seja a vos-

(1) Gen. 31. v. 26. *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.*

(2) Matth. 15. v. 27. *Etiam Domine, nam & catelli edunt de micis, quæ cadunt de mensa dominorum suorum.*

voſſa ſecura, naõ vos perturbeis, mas contínuai com huma poſtura devota diante de Deos. Quantos cavalheiros ha, que vaõ hum cento de vezes na roda do anno ao quarto do ſeu Principe, ſem eſperança de lhe falar, mas unicamente para que elle os veja, e a cumprir o ſeu dever. Aſſim devemos nós, cariſſima Philotea, ir á ſanta oraçaõ, pura e ſimplesmente para cumprir o noſſo dever, e teſtimunhar a noſſa fidelidade. E ſe for ſervida a Divina Mageſtade falar-nos, e intreter-ſe comnoſco, com ſuas ſantas inſpiraçoẽs e conſolaçoẽs interiores, ſem duvida que ſerá para nós grande honra, e hum prazer deliciosiſſimo; mas ſe naõ for ſervido fazer-nos eſta mercê, deixando-nos eſtar alli ſem nos falar, como ſe naõ nos vira, nem eſtiveſſemos na ſua preſença, nem por iſſo nos havemos retirar; antes pelo contrario, devemos perſeverar diante daquella ſuprema Bondade, com ſemblante devoto e aprazivel: e entaõ certamente lhe agradará a noſſa paciencia, e advertirá na noſſa perſiſtencia e perſeverança: e outra vez que chegarmos á ſua preſença, nos favorecerá, e tratará comnoſco, por meio de ſuas conſolaçoẽs, fazendo que vejamos a amenidade da ſanta oraçaõ. Mas quando nada diſto nos faça, contentemo-nos, Philotea, com que nos he de honra exceſſiva eſtar perto delle, e á ſua viſta.

CA-

CAPITULO X.

Exercicio para o tempo da manhã.

ALém defta Oraçaõ mental perfeita e acabada, e das mais orações vocaes, que deveis rezar huma vez cada dia; ha outras cinco efpecies de orações mais breves, que faõ como ramos ou lançamentos da outra oraçaõ maior: entre as quaes a primeira he, a que fe faz pela manhã, como huma geral preparaçaõ de todos as obras do dia. Praticala heis, defte modo.

Dai graças e adorai a Deos profundamente, pela mercê que vos fez de vos confervar na noite antecedente: e fe nella tiverdes cometido algum peccado, pedi-lhe perdaõ.

Vêde que o dia prefente vos he dado, para nelle poderdes grangear o dia que ha de vir da Eternidade: e fareis hum propofito firme, de emprega-lo bem para efte fim.

Confiderai que negocios, que tratos, que ocafiões podereis encontrar nefte dia para fervir a Deos, e que ocafiões vos poderáõ fobrevir de o ofender, ou por colera, ou por vaidade, ou por qualquer outro defconcerto: e preparai-vos com huma fanta refoluçaõ, para empregar bem os meios, que fe vos oferecerem, de fervirdes a Deos, e adiantardes a voffa devoçaõ: como pelo contrario, difpondevos bem a fugir peleijar e vencer, o que fe vos poffa offerecer contra a voffa falvaçaõ,

e gloria de Deos. E naõ basta assentar nesta resoluçaõ, mas deveis preparar os meios, para bem a executar. Por exemplo: Se prevejo que hei de tratar hum negocio com huma pessoa apaixonada e prompta para a colera, naõ só me resolverei a naõ ofende-la advertidamente, mas me prevenirei com palavras brandas para a mitigar, ou com a assistencia de alguma pessoa, que a possa conter. Se prevejo, que visitarei hum doente, disporei a hora, as consolações e confortos que lhe hei de dar: e assim dos mais.

Feito isto, humilhai-vos diante de Deos, reconhecendo que de vós mesma nada fareis do que tendes deliberado; tanto para fugir o mal, como para executar o bem. E como se tivesseis nas mãos o vosso coraçaõ, oferecei-o com todos vossos bons desejos à divina Magestade, pedindo-lhe o receba na sua protecçaõ, e o fortaleça, para que aproveite no seu serviço: com estas ou outras semelhantes palavras interiores: Oh Senhor! eisaqui este pobre e miseravel coraçaõ, que por bondade vossa tem recebido tantos bons affectos. Mas ai, que fraco e mesquinho está, para executar o bem que deseja, se vós lhe naõ depatardes vossa celestial bençaõ: a qual para este fim vos peço, Pai benignissimo, pelos merecimentos da Paixaõ de vosso Filho, em cuja honra consagro este dia, e todos os de minha vida. Invocai a Nossa Senhora, o Anjo da guarda, e os Santos, para que vos assistaõ nesta empreza.

Mas todas estas acções se haõ de fazer bre-

ve e vivamente, antes de sahir do aposento, se for possivel: para que por meio deste exercicio, tudo o que obrardes entre dia, seja orvalhado com a bençaõ de Deos. Peço-vos, Philotea, que nunca falteis a isto.

CAPITULO XI.

Do exercicio da noite, e exame de conciencia.

ASsim como antes do jantar corporal haveis de ter hum jantar espiritual; assim tambem antes da vossa cea deveis ter outra ceasinha, ou ao menos huma colaçaõ devota e espiritual. Procurai pois algum tempo, hum pouco antes de cear, e prostrando-vos diante de Deos, recolhendo o vosso espirito em Christo crucificado (que representareis por huma simples consideraçaõ e vista interior) tornai a acender o fogo da vossa oraçaõ da manhá em vosso coraçaõ, com huma duzia de vivas aspiraçóes humiliaçóes e jaculatorias amorosas, que fareis a este divino Salvador de vossa alma: ou tambem repetindo os pontos, em que maior gosto achastes na Meditaçaõ da manhá, segundo vos parecer melhor.

O exame de conciencia, que se deve fazer sempre antes de deitar, quem quer sabe como se ha de praticar.

Daremos graças a Deos, por nos ter guardo naquelle dia.

Examinaremos como nos temos portado em todas as horas do dia: e para o fazer mais

fa-

facilmente, confideraremos aonde, com quem, e em que ocupações eftivemos.

Se acharmos ter feito alguma coifa boa, daremos graças a Deos: e fe pelo contrario algum mal, pediremos perdaõ á Divina Mageftade, com refoluçaõ de nos confeffar na primeira ocafiaõ, e de nos emendar cuidadofamente.

Depois difto encomendaremos á Providencia divina o noffo corpo e alma, a Igreja, os parentes, os amigos: rogaremos a Noffa Senhora, ao Anjo da guarda, e aos Santos velem fobre nós, e por nós: e com a bençaõ de Deos hiremos tomar o defcanço, que por vontade fua nos he neceffario.

Efte exercicio naõ menos que o da manhã, nunca fe ha de pôr em efquecimento: porque pelo da manhã abris as janellas da voffa alma ao Sol de juftiça: e pelo da noite as fechais ás trevas do Inferno.

CAPITULO XII.

Do retiro efpiritual.

ESta he a ocafiaõ, cariffima Philotea, em que vos defejo mui afeiçoada a feguir o meu confelho: porque nefte artigo confifte hum dos mais feguros meios do voffo adiantamento efpiritual.

Convidai as mais vezes que puderdes entre dia a voffa alma à prefença de Deos, por hum dos quatro modos que vos tenho dito; aten-

atendei ao que Deos faz, e vós fazeis: e vereis ſeus olhos ſempre volvidos e fitos em vós, com hum amor incomparavel. Deos meu (direis) porque naõ olho eu ſempre para vós, como vos olhais para mim? Porque cuidais taõ frequentemente de mim, e eu taõ poucas vezes cuido em vós? Onde eſtamos, alma minha? A noſſa verdadeira habitaçaõ he Deos: onde he que nos achamos?

Pelo modo que os paſſaros tem os ſeus ninhos ſobre as arvores, para ſe retirarem a elles, quando lhes he neceſſario: e os cervos tem ſuas emboſcadas e lugares fortes, em que ſe recolhem e reſguardaõ, para gozarem da freſcura da ſombra no Veraõ: aſſim tambem, Philotea, o noſſo coraçaõ cada dia deve eleger e tomar algum poſto, ou ſobre o monte Calvario, ou nas Chagas de Noſſo Senhor, ou em algum outro lugar perto delle: para fazer alli a ſua retirada, em qualquer ſorte de ocaſiões, nelle ſe alegrar e recrear entre os negocios exteriores, e para lhe ſervir de fortaleza onde ſe defenda das tentações. Ditoſa a alma, que puder dizer com verdade a Noſſo Senhor: Vós ſois a minha caſa de refugio, vós a minha fortaleza ſegura, o meu tecto contra a chuva, e a minha ſombra contra o calor (1).

Lembrai-vos pois, Philotea, de fazer muitas retiradas deſtas à ſoledade do voſſo coraçaõ: no tempo que corporalmente eſtais, no

(1) Pſalm. 70. v. 3.

no meio dos negocios e converſações. Eſta ſolidaō mental de nenhum modo a póde impedir a multidaō dos que vos cercaō : porque naō eſtaō ao redor do voſſo coraçaō , mas do voſſo corpo : e aſſim póde o voſſo coraçaō eſtar inteiramente ſó na preſença de Deos. He o exercicio , que praticava ElRei David , entre tantas ocupações , quaes eraō as ſuas , ſegundo elle afirma em mil lugares dos ſeus Pſalmos , como quando diz : *Oh Senhor ! ſempre eſtou comvoſco. Sempre eſtou vendo a meu Deos diante de mim A vós levantei meus olhos , Deos meu , que habitais nos Ceos. Meus olhos eſtaō ſempre em Deos.*

E tambem as converſações ordinariamente naō ſaō taō graves , que ſe naō poſſa de quando em quando retirar o coraçaō , introduzindo-o neſta ſagrada ſolidaō.

Tendo os pais de Santa Catharina de Sena, tirado à Santa toda a commodidade e ocaſiaō de rezar e meditar , lhe inſpirou Noſſo Senhor , que fabricaſſe hum oratorioſinho interior no ſeu eſpirito ; ao qual retirando-ſe mentalmente, podeſſe no meio das ocupações exteriores gozar deſta ſanta ſolidaō cordial. E depois , quando o mundo a perſeguia , naō recebia nenhum deſaſſocego , porque dizia ella , eſtar recolhida em ſeu gabinete interior , onde ſe conſolava com ſeu eſpoſo celeſtial. E aſſim deſde entaō aconſelhava a ſeus filhos eſpirituaes , que fizeſſem hum quarto em ſeu coraçaō , e nelle habitaſſem.

Por tanto , retirai algumas vezes o voſſo eſpirito para dentro do voſſo coraçaō , onde ſeparado

rado de todos os homens poſſais de coraçaõ a coraçaõ tratar da voſſa alma com Deos, dizendo com David: *Tenho velado, e ſido ſemelhante ao pelicano da ſolidaõ: fui como o mocho no pardieiro, e como pardal ſolitario no telhado* (1). Cujas palavras, alem do ſentido literal (que ateſta reſervar eſte grande Rei algumas horas, para vagar em ſolidaõ na contemplaçaõ das coiſas eſpirituaes) nos moſtraõ em ſeu ſentido myſtico tres excelentes retiros, e como tres hermidas, em que podemos praticar a noſſa ſolidaõ, à imitaçaõ de Noſſo Salvador; o qual ſobre o monte Calvario foi como o pelicano da ſolidaõ, que com ſeu ſangue deu vida a ſeus filhinhos mortos. Em ſeu Naſcimento em hum eſtabulo deſerto foi como o mocho na caſa cahida, lamentando e chorando os noſſos defeitos e peccados. No dia da ſua Aſcenſaõ foi como o pardal, retirando-ſe e voando ao Ceo, que he como telhado do mundo. E a todos eſtes tres lugares podemos fazer as noſſas retiradas, no meio de todo o trafego dos negocios. O bemaventurado Elzeario Conde de Ariano, na Provença, tendo eſtado muito tempo auſente da ſua devota e caſta Delfina, lhe enviou ella hum correio, a ſaber da ſua ſaude: a que elle reſpondeo: Eu eſtou bom, minha amada eſpoſa; e ſe me quereis ver, buſcaime na chaga do lado de Jeſus; porque ahi he onde habito, e vós me achareis: fóra daqui,

(1) Pſalm. 101. v. 7.

qui de balde me bufcareis. Que Chriftaõ Cavalheiro era efte !

CAPITULO XIII.

Das afpirações, orações jaculatorias, e bons penfamentos.

A Deos fe retira, quem a elle afpira; e afpira, para fe retirar a Deos: de modo que a afpiraçaõ a Deos e retiro efpiritual fe daõ as mãos hum ao outro, e ambos de dois provêm e nafcem dos bons penfamentos.

Afpirai pois frequentemente a Deos, Philotea, com breves mas ardentes jaculatorias do voffo coraçaõ: admirai a fua fermofura, invocai o feu favor, lançai-vos em efpirito ao pé da Cruz, adorai a fua bondade, tratai com elle a miudo da voffa falvaçaõ, entregai-lhe milhares de vezes no dia a voffa alma, fitai a vifta interior na fua doçura, tomai a fua maõ como hum menino a de feu pai, para que vos conduza: ponde-o fobre voffo peito, como hum deliciofo ramalhete, arvorai-o em voffa alma como trofeo: e excitai outros muitos generos de movimentos em voffo coraçaõ, para alcançardes o amor de Deos, e vos acenderdes em huma affectuófa e terna dilecçaõ defte divino Efpofo.

Defte modo fe fazem as orações jaculatorias, que o grande Santo Agoftinho aconfelha com tanto cuidado à devota matrona Proba. Se o noffo efpirito, Philotea, fe entregar

gar à frequencia privança e familiaridade com Deos, se perfumará todo das suas perfeições. Este exercicio naõ he dificultoso, porque se póde intersachar em todos nossos negocios e ocupações, sem servir de incommodo; porque tanto no retiro espiritual, como nestes arremessos interiores, naõ se fazem mais que humas breves digressões, que em modo nenhum impedem, antes ajudaõ a proseguir o que estamos fazendo. O peregrino que toma hum pouco de vinho, por alegrar o coraçaõ e refrescar a boca, inda que nisto se detenha hum pouco, naõ interrompe a jornada, antes cobra forças para mais agil e facilmente a concluir; naõ sendo a sua demora, senaõ para melhor caminhar.

Muitos tem sido os que ajuntaraõ grande quantidade de aspirações vocaes, na verdade mui uteis: o meu parecer porém he, que vos naõ prendais a alguma forma de palavras; mas pronuncieis com o coraçaõ ou com a boca aquellas que o amor vos ministrar promptamente: porque elle vos proverá de quantas quizerdes. Bem he verdade, que ha certas palavras que tem particular eficacia para satisfazer o coraçaõ a este proposito: quaes saõ as frequentes jaculatorias, que estaõ espalhadas pelos Psalmos de David: as diversas invocações do nome de Jesus, e os lances de amor que estaõ impressos no Cantico dos Canticos: as Canções espirituaes tambem conduzem para o mesmo efeito, com tanto que sejaõ cantadas com atençaõ.

Em fim, assim como os que estaõ possui-

dos

dos de hum amor humano e natural, quaſi ſempre tem todos ſeus penſamentos empregados na coiſa amada, ſeu coraçaõ cheio de affecto della, a boca chea dos ſeus louvores: e quando eſtaõ auſentes naõ perdem ocaſiaõ de teſtimunhar os ſeus affectos por cartas: e naõ encontraõ arvore, em cuja caſca naõ eſcrevaõ o nome de quem amaõ: aſſim tambem os que amaõ a Deos, naõ podem deixar de conſiderar nelle, ſuſpirar por elle, aſpirar a elle, e falar delle: e quereriaõ, ſe poſſivel foſſe, gravar no peito de todos os habitadores do mundo, o ſanto e ſagrado nome de Jeſus.

A iſto os convidaõ todas as coiſas, nem ha creatura alguma, que lhe naõ anuncie os louvores do ſeu amado bem: e como diz Santo Agoſtinho depois de Santo Antaõ, tudo quanto ha no mundo lhes fala com huma lingua muda, mas mui inteligivel, em favor do ſeu amor. Todas as coiſas os excitaõ a penſamentos bons, dos quaes naſcem depois vigoroſos lances e aſpiraçoes a Deos. Eiſaqui tendes alguns exemplos. S. Gregorio Biſpo de Nanzianzo, como elle meſmo contava ao ſeu povo, paſſeando á borda do mar, conſiderava como as ondas lançando-ſe ſobre a area, deixavaõ ao retirar-ſe ameijoas, conchinhas, caracolinhos, raizes de ervas, oſtrinhas, e ſemelhantes miudezas que o mar arroja, e por modo de explicar, coſpe na praia, e tornando depois com novas ondas, engole parte diſto: ao meſmo tempo que os rochedos proximos ficaõ firmes e immoveis, ainda que as

on-

ondas venhaõ quebrar nelles ſua braveza. Sobre iſto formou o Santo eſte lindo diſcurſo: que os fracos como conchinhas ameijoas e ervinhas ſe deixaõ levar já da aflicçaõ, já da conſolaçaõ, expoſtos à diſcriçaõ das ondas e vagas da fortuna: mas os corações grandes ficaõ firmes e immoveis a todo o genero de tempeſtade. E deſte conceito deduzio eſtas jaculatorias de David: *Senhor ſalvai-me, porque as aguas tem penetrado até a minha alma. Senhor livrai-me do profundo das aguas. Meti-me pelo mar alto, e a tempeſtade me ſumergio* (1). Porque entaõ ſe achava afligido, por cauſa da infame uſurpaçaõ, que Maximo lhe intentava fazer do ſeu Biſpado. S. Fulgencio Biſpo de Ruſpa, achando-ſe em huma junta geral da nobreza Romana, em que Theodorico Rei dos Godos orou, vendo o eſplendor de tantos Senhores, poſtos em ordem, cada hum ſegundo a ſua qualidade, diſſe: Bom Deos, quaõ fermoſa ſerá a Jeruſalem celeſtial, quando cà na terra aparece taõ pompoſa Roma terreſtre! E ſe tanto eſplendor he concedido neſte mundo aos amadores da vaidade, que gloria eſtarà guardada no outro, para os contempladores da verdade. Conta ſe que Santo Anſelmo Arcebiſpo de Cantuaria (cujo naſcimento honrou ſummamente as noſſas montanhas) era admiravel neſta pratica de ſantos penſamentos. Huma lebre perſeguida dos galgos, foi

(1) Pſalm. 68. v. 1. *Salvum me fac Deus, quoniam intraverunt aquæ uſque ad animam meam, &c.*

foi acoitar-se debaixo do cavalo do Santo Prelado, que hia de jornada, como a hum asylo que o perigo iminente da morte lhe sugeria. Os galgos ladrando ao redor, naõ se atreviaõ a violar a immunidade, a que a sua presa se tinha refugiado: espectaculo por certo estranho, que fez rir a todos os da comitiva, ao mesmo tempo que o grande Anselmo gemendo e chorando dizia: Ah, vós rides-vos, mas o pobre animal naõ se rie: os inimigos da alma, depois de a perseguirem e assaltarem por varios rodeios, com todo o genero de peccados, a esperaõ no estreito da morte, para a arrebatar e tragar: e ella aterrada, busca por toda a parte refugio e socorro, e se o naõ acha, zombaõ seus inimigos e se riem. Dizendo isto, foi gemendo e suspirando. Constantino Magno escreveo a Santo Antaõ com muita reverencia: do que admirando-se muito os Religiosos que estavaõ com elle, lhe disse o Santo: » Porque vos admirais vós de que » hum Rei escreva a hum homem? admirai- » vos antes de que Deos eterno escrevesse a » sua lei aos mortaes, e lhe falasse face a fa- » ce na pessoa de seu Filho. » S. Francisco vendo huma ovelha no meio de hum rebanho de cabras, disse para seu companheiro: Vêdes como esta pobre ovelhinha he levada entre estas cabras: assim hia Nosso Senhor manso e humilde entre os Fariseos. E vendo noutra ocasiaõ, que hum cordeirinho era tragado de hum porco, disse chorando: Ah, e que bem vivamente representas a meu Salvador!

Aquelle grande personagem da nossa ida-
de,

de Francisco de Borja, sendo ainda Duque de Gandia, indo á caça fazia mil devotas considerações. Admirava-me, dizia elle depois, como os falções tornaõ à maõ, se deixaõ cobrir os olhos, e prender à percha, e os homens se fazem taõ rebeldes à voz de Deos. O grande Basilio diz: que a rosa entre os espinhos está dando aos homens este documento: Quanto neste mundo he mais agradavel tudo, ó mortaes, he misturado de tristeza: nada ha puro: o pezar se segue sempre à alegria, a viuvez aos desposorios, os cuidados à fertilidade, a ignominia à gloria, as despesas às honras, o dissabor aos regalos, e a molestia à saude. *Fermosa flor* (diz este Santo Prelado) *he a rosa, mas a mim me mete grande tristeza, advertindo-me do meu peccado, pelo qual a terra foi condenada a dar espinhos.* Huma alma devota olhando para hum regato, e vendo nelle retratado o Ceo, em huma noite mui serena, exclamou: Oh meu Deos! estas mesmas estrelas estaráõ debaixo de meus pés, quando vós me receberdes em vossos santos Tabernaculos: e assim como as estrelas do Ceo estaõ retratadas na terra, assim os homens da terra saõ retratados no Ceo, na fonte viva da claridade divina. Outro vendo os borbulhões de hum rio, exclamou assim: Minha alma nunca terá descanço, em quanto se naõ sumergir no mar da Divindade, que he a sua origem. E S. Francisco olhando para hum ameno ribeiro, em cuja margem estava de joelhos para fazer oraçaõ; foi arrebatado em extasis, repetindo com voz suave estas pala-

vras muitas vezes: A graça de Deos corre taõ doce e ſuavemente como eſte pequeno riacho. Outro ſujeito vendo as arvores floridas, ſuſpirou dizendo: Porque ſó eu eſtou ſem flor no jardim da Igreja? Outro vendo huns pintainhos abrigados debaixo das aſas de ſua mâi, diſſe: Senhor reſguardai-nos debaixo da ſombra das voſſas aſas. Outro vendo o giraſol, exclamou: Quando ſerá, Senhor, que a minha alma ſiga os attractivos da voſſa bondade? e vendo as violetas de hum jardim fermoſas à viſta, mas ſem cheiro, diſſe: Semelhantes ſaõ os meus penſamentos, bons para ditos, mas ſem effeito nem fruto.

Aqui tendes, minha Philotea, como ſe deduzem as ſantas aſpirações, do que ſe repreſenta na variedade deſta mortal vida. Malaventurados aquelles que apartaõ as creaturas do Creador, para as converter ao peccado. Bemaventurados os que as encaminhaõ á gloria de ſeu Creador, empregando a ſua vaidade em honra da verdade. Por certo (diz S. Gregorio Nazianzeno, que me tenho coſtumado a referir todas as coiſas ao meu aproveitamento eſpiritual. Lêde o epitafio que S. Jeronymo compoz a Santa Paula: por ſer coiſa agradavel, o ver como eſtá matizado de aſpirações e conceitos ſantos, que ella fazia em todo o genero de acontecimentos.

Neſte exercicio pois do retiro eſpiritual, e das orações jaculatorias, ſe eſtriba a grande obra da devoçaõ: Ella he quem póde ſuprir a falta das outras orações, mas a ſua falta naõ ſe póde reparar por outro meio. Sem

elle

elle ſe naõ póde fazer vida contemplativa: e ainda meſmo a activa mal ſe poderia praticar. Sem elle o deſcanço naõ he ſenaõ ocioſidade, e o trabalho eſtorvo: por cuja cauſa vos exorto, a que o abraceis de todo o voſſo coraçaõ, ſem nunca o largar.

CAPITULO XIV.

Do ſanto Sacrificio da Miſſa, e de como ſe deve ouvir.

AInda vos naõ tenho falado do Sol dos exercicios eſpirituaes: qual he o Santiſſimo, ſacroſanto, e ſoberano Sacrificio e Sacramento da Miſſa, centro da Religiaõ Chriſtã, coraçaõ da devoçaõ, alma da piedade, myſterio inefavel, que encerra o abiſmo da caridade divina: pelo qual Deos applicando-ſe realmente a nós, nos communica magnificamente ſuas graças e favores.

A oraçaõ feita em uniaõ deſte divino Sacrificio, tem huma eficacia indizivel: de ſorte que, Philotea, por meio dele abunda a alma em favores celeſtiaes: como reclinada ſobre ſeu amado bem, que a enche de fragancias e ſuavidades eſpirituaes de modo que toda ella parece huma columna de fumo de lenhos aromaticos de myrra e incenſo, e de todos os pós odoriferos, como ſe diz nos Canticos.

Procurai pois quanto puderdes, aſſiſtir todos os dias ao ſanto Sacrificio da Miſſa, para

com o Sacerdote oferecerdes o Sacrificio do voſſo Redemptor a Deos Padre, por vós, e por toda a Igreja. Os Anjos ſe achaõ ſempre preſentes em grande numero, como diz S. Joaõ Chryſoſtomo, a honrar eſte ſanto myſterio: e eſtando nós alli com elles, com huma meſma intençaõ, naõ podemos deixar de receber muitas influencias propicias com tal companhia. E os coros da Igreja militante e triunfante ſe vem a juntar e unir a Noſſo Senhor, neſta divina acçaõ: para com elle, nelle, e por elle, arrebatar o coraçaõ de Deos, e fazer toda noſſa a ſua miſericordia. Que dita para huma alma, concorrer devotamente com ſeus affectos para hum bem taõ precioſo e eſtimavel!

Se por alguma ocupaçaõ forçoſa naõ poderdes aſſiſtir á celebraçaõ deſte ſoberano Sacrificio com preſença corporal, conveniente ſerá que ao menos vades com o coraçaõ aſſiſtir a elle com preſença eſpiritual. A qualquer hora pois da manhá, ide em eſpirito, ſe naõ puderdes de outro modo, á Igreja: uni a voſſa intençaõ com a de todos os Chriſtãos, e fazei os meſmos actos interiores, no lugar onde eſtiverdes, que fizereis ſe realmente eſtiveſſeis preſente ao ſacroſanto oficio da Miſſa, em qualquer Igreja.

Para ouvirdes pois ou réal, ou mentalmente a Miſſa, como convém.

1 Deſde o principio até que o Sacerdote chega ao Altar, fazei com elle a preparaçaõ: a qual conſiſte em pôr na preſença de Deos, reconhecer a voſſa indignidade, e pedir perdaõ das voſſas faltas.

De-

2 Depois que o Sacerdote está no Altar até o Evangelho, considerai a vinda e vida de Nosso Senhor a este mundo, com huma simples e geral consideraçaõ.

3 Do Evangelho até o *Credo*, considerai a prégaçaõ de Nosso Salvador: protestai querer viver e morrer na fé e obediencia de sua santa palavra, e na uniaõ da Santa Igreja Catholica.

4 Depois do *Credo* até o *Pater noster*, aplicai o vosso coraçaõ aos Mysterios da Morte e Paixaõ do Nosso Redemptor, que actual e essencialmente se representaõ neste sacrosanto Sacrificio, o qual com o Padre e com o demais povo, offereceis a Deos, em honra sua, e pela vossa salvaçaõ.

5 Depois do *Pater noster* até a Cómunhaõ, esforçai-vos em excitar em vosso coraçaõ muitos desejos ardentes de estar sempre proxima e unida a Nosso Salvador, por amor eterno.

6 Depois da Communhaõ até o fim, dai graças á Magestade Divina, por sua Incarnaçaõ, Vida, Morte e Paixaõ; e pelo amor que nos mostra neste sacrosanto Sacrificio: pedindo-lhe por elle, que vos seja sempre propicio, e a vossos pais e amigos, e a toda a Igreja: e humilhando-vos de todo vosso coraçaõ, recebereis devotamente a bençaõ Divina, que vos dá Nosso Senhor por meio de seu Ministro.

Mas se quizerdes, durante a Missa, fazer vossa meditaçaõ pelos Mysterios, que ides continuando cada dia, naõ será necessario, que

que vos divirtais a fazer estes actos particulares: mas bastará, que no principio encaminheis vossa intençaõ, a querer adorar e offerecer este sacrosanto Sacrificio, por meio do exercicio da vossa meditaçaõ e oraçaõ; porque em toda a meditaçaõ se achaõ os actos sobreditos, ou expressamente, ou tacita e virtualmente.

CAPITULO XV.

De outros exercicios publicos e communs.

ALém do sobredito, Philotea, nas festividades e Domingos, he conveniente que assistais ao Officio das horas e Vesperas, se tiverdes commodidade para isso; porque estes dias saõ dedicados a Deos, e convém fazer nelles mais obras em honra e gloria sua, que nos outros. Sentireis por este meio mil doçuras de devoçaõ, como sucedia a Santo Agostinho, que testifica nas suas Confissões, que ouvindo os Officios Divinos no principio da sua conversaõ, seu coraçaõ inundava em suavidade, e seus olhos em piedosas lagrimas. E tambem (e isto fique dito por huma vez) porque sempre ha mais proveito e consolaçaõ nos Officios publicos da Igreja, que nas acções particulares; porque assim o tem Deos ordenado, que a communidade seja preferida a toda a sorte de particularidade.

Entrai de boamente nas Confrarias do lugar em que viveis, e particularmente naquel-

las,

las, cujos exercicios ſaõ de maior fruto e edificaçaõ: porque niſto praticareis hum genero de obediencia mui agradavel a Deos. E poſto que as Confrarias naõ ſaõ de preceito, ſaõ com tudo recomendadas pela Igreja; a qual para teſtificar que deſeja que muitos ſe aliſtem nellas, concede indulgencias e privilegios aos Confrades. E na verdade ſempre he obra de grande caridade, concorrer com muitos, e cooperar com os mais para os ſeus bons intentos. E ainda que poſſa ſucceder, que alguem pratique tambem exercicios por ſi ſó, como os Confrades em commum, e poſſa goſtar mais de os fazer em particular; Deos he mais glorificado pela uniaõ e concurrencia, que fazemos em noſſas boas obras, com noſſos irmãos e proximos.

O meſmo digo de toda a ſorte de orações e devoções publicas, nas quaes devemos quanto nos for poſſivel, concorrer com o bom exemplo, para edificaçaõ do proximo, e com o noſſo affecto a gloria de Deos, e com a intençaõ commum.

CAPITULO XVI.

Que devemos honrar, e invocar os Santos.

JA que Deos nos envia tantas vezes inſpirações por ſeus Anjos, tambem nós lhe devemos remeter frequentemente as noſſas aſpirações, pela meſma mediaçaõ. As almas ſantas dos defuntos, que eſtaõ no Ceo com

os

os Anjos, e como diz Nosso Senhor, iguaes e semelhantes a elles, tambem fazem o mesmo officio, de nos inspirar, e aspirar por nós, com suas santas orações.

Philotea minha, juntemos nossos corações a estes celestiaes espiritos e almas bemaventuradas; porque assim como os rouxinóes pequeninos aprendem a cantar com os grandes, assim nós pelo comercio que tivermos com os Santos, saberemos melhor rezar e cantar os louvores Divinos: *Salmearei* (dizia David) *na presença dos Anjos.* (1)

Honrai reverenciai e respeitai com especial amor a sagrada e gloriosa Virgem Maria: ella he a Mãi do nosso soberano Pai, e por conseguinte nossa Avó. Por tanto recorramos a ella, e como seus netos nos lancemos no seu regaço a cada instante, com huma inteira confiança: em todas as ocurencias imploremos esta doce Mãi, invoquemos o seu maternal amor, e proponhamos imitar suas virtudes: seja sempre para com ella o nosso coraçaõ filial.

Familiarizai-vos muito com os Anjos, vêde-os muitas vezes presentes invisivelmente ás vossas acções e principalmente amai e reverenciai o do vosso Bispado em que morais, os das pessoas com quem viveis, em especial o vosso. Rogai-os muitas vezes, louvai-os de ordinario, empenhai seu favor e socorro em todos vossos negocios, assim espirituaes como tem-

(1) Psalm. 37. v. 2. *In conspectu Angelorum psalam tibi.*

temporaes, para que cooperem a vossos intentos.

O grande Pedro Fabro, primeiro Sacerdote e primeiro Prégador e Leitor de Theologia da Companhia do nome de Jesus, e primeiro companheiro do B. Ignacio seu fundador; vindo hum dia de Alemanha, onde tinha feito grandes serviços de gloria de Nosso Senhor, e passando por esta Diocese lugar de seu nascimento, recontava: que tendo atravessado muitos lugares hereticos, recebera milhares de consolações, saudando na entrada de cada Parochia os Anjos protectores dellas: os quaes visivelmente conhecêra seremlhe propicios, tanto para se salvar das emboscadas dos Hereges, como para tornar muitas almas brandas e doceis a receber a doutrina saudavel. Isto dizia com tanta asseveraçaõ, que huma donzela de pouca idade, ouvindo-o da sua boca, o referia ha quatro annos: isto he, mais de quarenta depois, com hum extremoso affecto. E eu neste anno passado, recebi a consolaçaõ de consagrar hum Altar, no lugar onde Deos foi servido que nascesse este bemaventurado Varaõ: no lugarejo de Villaret, entre as nossas mais asperas montanhas.

Elegei alguns Santos particulares de cujas vidas possais gostar mais, e imitar; e em cuja intercessaõ tenhais particular confiança. O do vosso nome, vos he designado desde o Bautismo.

CA-

CAPITULO XVII.

Como se deve ouvir e ler a palavra de Deos.

SEde devota da palavra de Deos, ou a oiçais em coloquios familiares com vossos amigos espirituaes, ou no Sermaõ: ouvi-a sempre com atençaõ e reverencia. Aproveitai-vos bem della, e naõ consintais que vos caia no chaõ, mas recebei-a como hum precioso balsamo em vosso coraçaõ: á imitaçaõ da Santissima Virgem, que conservava no seu todas as palavras que se diziaõ de louvor de seu Filho. E lembrai-vos, de que Nosso Senhor recolhe as palavras que nós lhe dizemos em nossas orações, á medida que nós recolhemos as que nos diz por sua prégaçaõ.

Tende sempre comvosco algum bom livro de devoçaõ: como saõ os de S. Boaventura, Gerson, Dionysio Cartusiano, Ludovico Blosio, Granada, Estela, Arias, Pinello, Avila, o Combate espiritual, as Confissões de Santo Agostinho, as Epistolas de S. Jeronymo, e outros semelhantes. E lêde todos os dias hum pouco com muita devoçaõ, como se lesseis cartas missivas, que os Santos vos enviassem do Ceo, para vos mostrar o caminho, e dar animo para lá irdes. Lêde tambem as historias das vidas dos Santos, nas quaes como em espelho, vereis a imagem da vida Christã, e acómodai as suas acções ao vosso aproveitamento, segundo a vossa voca-

çaõ.

çaõ. Porque ainda que muitas das acções dos Santos se naõ possaõ imitar, pelos que vivem no meio do mundo: com tudo, todas se podem seguir, ou de perto ou de longe: a soledade de S. Paulo primeiro Eremita, imitai-a em vossos retiros espirituaes e corporaes, de que ainda falaremos, e já falámos acima: a summa pobreza de S. Francisco, com os exercicios de pobreza, da qualidade que diremos: e assim as mais. Verdade he, que ha certas historias, que daõ mais luz que outras, para a conducta da nossa vida: como a vida da Bemaventurada Madre Santa Teresa, a qual para isto he admiravel: as vidas dos primeiros Jesuitas, a de S. Carlos Borromeo Arcebispo de Milaõ, de S. Luiz, de S. Bernardo, as Chronicas de S. Francisco, e outras semelhantes. Outras ha onde se acha mais materia de admiraçaõ que de imitaçaõ, como a de Santa Maria Egypciaca, S. Simeaõ Estelita, das duas Santas Catharina de Sena, e de Genova, de Santa Angela, e outras taes: as quaes nem por isso deixaõ de dar-nos hum grande gosto geral do santo amor de Deos.

CAPITULO XVIII.

Como se devem receber as inspirações.

CHamamos inspirações todos os atractivos, movimentos, reprehensões e remórsos interiores, luzes e conceitos que Deos obra em nós, prevenindo nossos corações com suas benções,

çáos, com ſeu cuidado e amor paternal; a fim de nos deſpertar, excitar, impelir, e atrahir ás virtudes ſantas e amor celeſtial, às ſantas reſoluções: em huma palavra, a tudo o que nos encaminha á noſſo eterno bem. A iſto he que o Eſpoſo chama bater á porta, falar ao coraçaõ de ſua Eſpoſa, deſperta-la quando dorme, gritar e chamar por ella quando eſtá auſente, convida-la ao ſeu mel, e a colher ſuas maçás e flores em ſeu jardim, e a cantar e fazer ſua voz ſuave em ſeus ouvidos. Neceſſito de huma ſemelhança para me dar bem a entender.

Para inteira reſoluçaõ de huns deſpoſorios, devem intervir tres acções, em quanto á donzela que ſe quer deſpoſar: porque primeiramente ſe lhe propoem o partido, em ſegundo lugar admite a propoſta, e em terceiro lhe dá conſentimento. Aſſim Deos, querendo obrar em nós por nós e comnoſco, alguma acçaõ de grande caridade; primeiramente no-la propoem pela ſua inſpiraçaõ, ſecundariamente a aceitamos, em terceiro lugar a conſentimos. Porque aſſim como para deſcer ao peccado, ha tres degráos, a tentaçaõ, a deleitaçaõ, o conſentimento: tambem ha tres para ſubir á virtude: a inſpiraçaõ que he oppoſta á tentaçaõ: a deleitaçaõ na inſpiraçaõ, que he contraria á deleitaçaõ da tentaçaõ: e o conſentimento da inſpiraçaõ, que ſe oppoem ao conſentimento da tentaçaõ.

Quándo a inſpiraçaõ duraſſe todo o tempo de noſſa vida, nem por iſſo ſeriamos em modo algum agradaveis a Deos, ſenaõ nos de-

lei-

leitaſſemos nella : antes ao contrario, ſeria ofendida a Divina Mageſtade, como o foi dos Iſraelitas, quando eſteve perto delles quarenta annos (como elle diſſe) ſolicitando-os a que ſe converteſſem, ſem que já mais lhe quizeſſem dar atençaõ : por cuja cauſa jurou em ſua ira contra elles, que nunca entrariaõ no ſeu deſcanço. Aſſim o Cavalheiro, que por muito tempo tiveſſe ſervido huma donzela, eſtaria baſtantemente deſobrigado, ſe depois diſto, ella por nenhum modo quizeſſe ouvir falar no caſamento que elle ſolicitava.

O goſto que ſe ſente nas inſpirações, conduz muito para a gloria de Deos, e deſde entaõ por elle entramos a agradar á Divina Mageſtade : porque ſe bem eſta deleitaçaõ ainda naõ he cabal conſentimento, he huma certa diſpoſiçaõ para elle : e ſe he bom ſinal, e coiſa mui util ouvir com goſto a palavra de Deos, que he como huma inſpiraçaõ exterior, tambem ſerá couſa util e do agrado de Deos, comprazer-nos na inſpiraçaõ interior. Eſte he o prazer de que fala a Eſpoſa Santa quando diz : *A minha alma ſe liquidou, quando falou o meu Amado* (1). Aſſim o Cavalheiro que aſſima diſſemos, ſe dá por mui ſatisfeito da donzela a quem obſequeia, e ſe tem por favorecido, quando vê que lhe agrada o ſeu ſerviço.

Mas em fim o conſentimento he quem com-

---

(1) Cant. 5. v. 6. *Anima mea liquefacta eſt, ut locutus eſt.*

completa o acto virtuoso: porque se sendo inspirados, e agradando-nos a inspiraçaõ, naõ obstante repugnarmos a dar o consentimento a Deos, seremos summamente descortezes, e ofenderemos summamente Sua Divina Magestade: porque bem se vê, haver nisto grande desprezo. Isto foi o que succedeo á Esposa: porque ainda que a doce voz do seu Amado a tocou no coraçaõ com huma santa alegria, nem por isso lhe abrio a porta, antes se escusou mui frivolamente: do que justamente indignado o Esposo, passou a outra, e a deixou. Assim tambem aquelle Cavalheiro, que depois de ter muito tempo obsequiado a donzela, e ter della recebido agrado deste serviço, em fim fosse rejeitado e desprezado, muito maior motivo teria para se descontentar, do que se os seus obsequios nunca fossem aceitos nem correspondidos. Resolvei-vos, Philotea, a aceitar de coraçaõ, todas as inspirações, que Deos for servido conceder-vos: e quando vierem, recebei as como embaixadores do Rei do Ceo, que deseja contrahir matrimonio comvosco. Ouvi com socego suas propostas, considerai o amor com que sois inspirada, e a caricia da santa inspiraçaõ.

Consenti-as, porém com hum consentimento pleno amoroso e constante á santa inspiraçaõ: porque desta sorte Deos, a quem naõ podeis obrigar, se dará por mui obrigado ao vosso affecto. Porém antes de consentirdes nas inspirações de coisas de importancia ou extraordinarias, para naõ serdes enganada, aconselhai-vos sempre com o vosso Director, para

que

que elle examine se a inspiraçaõ he verdadeira ou falsa; porque o inimigo vendo huma alma prompta a consentir ás inspirações, lhe propoem mui ordinariamente as falsas, para engana-la: o que nunca poderá conseguir, em quanto ella com humildade perfeita obedecer a seu Conductor.

Tendo dado o consentimento, he necessario com todo o cuidado procurar o effeito, e vir á execuçaõ da inspiraçaõ, que he o remate da verdadeira virtude; porque ter o consentimento no coraçaõ, sem vir ao effeito delle, seria plantar huma vinha, e naõ querer que désse fruto.

A tudo isto serve admiravelmente, praticar bem o exercicio da manhá, e os retiros espirituaes de que acima fiz mençaõ; porque por este meio nos disporemos a obrar bem, com huma preparaçaõ naõ só geral, mas particular.

CAPITULO XIX.

Do Sacramento da Confissaõ.

NOsso Salvador deixou á sua Igreja o Sacramento da Penitencia e Confissaõ, para que nelle nos lavemos de todas nossas culpas, todas as vezes que nos acharmos manchados dellas. Naõ consintais pois, Philotea, que o vosso coraçaõ ande muito tempo infecto do peccado, já que tendes hum remedio taõ prompto e facil. A leôa que se deixou cobrir

do

do leopardo, corre depressa a lavar-se, para lançar de si o fedor que lhe deixou este ajuntamento; para que quando o leaõ vier, naõ se veja ofendido e se irrite. A alma que consentio no peccado, deve ter horror de si mesma, e lavar-se o mais depressa que puder, pelo respeito que deve ter aos olhos da Divina Magestade que a está vendo. E para que he morrermos de morte espiritual, tendo nós hum remedio taõ soberano?

Confessai-vos humilde e devotamente todos os oito dias, e sempre que puderdes quando haveis de commungar, ainda que naõ sintais em vossa conciencia remórso algum de peccado mortal; porque pela Confissaõ naõ só recebereis absolviçaõ dos peccados veniaes que confessardes, senaõ tambem huma grande fortaleza para os evitar para o diante, huma grande luz para bem os discernir, e huma graça abundante para resarcir todo o dano que vos tiverem causado. Praticareis a virtude da humildade, da obediencia, da singeleza, e da caridade: e nesta só acçaõ de confessar-vos, exercitareis mais virtudes que em nenhuma outra.

Tende sempre hum desagrado verdadeiro dos peccados que confessardes, por pequenos que sejaõ, com huma firme resoluçaõ de vos emendar para o diante. Muitos se confessaõ por costume de peccados veniaes, e por modo de compostura, sem porem cuidado algum em se emendar: ficando toda a sua vida carregados, e perdendo por este caminho muitos bens e aumentos espirituaes. Se vos confessardes

des pois, de ter mentido, posto que sem detrimento de ninguèm, ou de ter dito alguma palavra desordenada, ou de ter jogado muito, arrependei-vos e tende firme proposito de emendar-vos; porque he abuso, confessar de qualquer genero de peccado, mortal ou venial, sem querer purificar delle, porque a Confissaõ só para este fim se instituio.

Naõ façais sómente estas acusações superfluas, que muitos fazem por costume, dizendo: Naõ tenho amado a Deos como devo: naõ rezei com tanta devoçaõ, como devia: naõ tenho amado ao proximo como devo: naõ recebi os Sacramentos com a reverencia devida, e outras semelhantes. A razaõ he; porque dizendo isto, naõ dizeis coisa em particular, que dê a conhecer ao Confessor o estado da vossa conciencia; porque todos os Santos do Ceo, e todos os homens da terra, poderiaõ dizer isto mesmo, se se confessassem. Considerai pois, que motivo particular tendes para fazer estas acusações: e em o descobrindo, acusai-vos da falta que cometestes, singela e ingenuamente. Por exemplo: acusais-vos de naõ ter amado o proximo como devieis, o que póde ser, porque tendo visto algum pobre mui necessitado, que podieis facilmente socorrer e consolar, naõ fizestes caso disso. Acusai-vos pois desta particularidade, e dizei: vendo hum pobre necessitado naõ o socorri como podia, por negligencia, ou por dureza de coraçaõ, ou por desprezo, segundo conhecerdes a causa desta falta. De semelhante modo: naõ vos acuseis, de naõ

ter rezado com tanta devoçaõ como deveis: mas ſe tiveſtes diſtracções voluntarias, ou foſtes negligente em tomar lugar tempo e poſtura neceſſaria para terdes atençaõ na reza; acuſai-vos de tudo ſincéramente, ſegundo o que achaſtes ter faltado, ſem alegar aquella generalidade, que naõ he fria nem quente na Confiſſaõ.

Naõ vos contenteis com dizer voſſos peccados veniaes, quanto ao facto, mas acuſai-vos do motivo que vos induzio a cometê-los. Por exemplo: naõ vos ſatisfaçais com dizer, que mentiſtes ſem detrimento de ninguem: ſenaõ dizei tambem, ſe por motivo de vãgloria, a fim de vos louvar e eſcuſar, ou de alegria vá, ou de pertinacia. Se pecaſtes em jogar, explicai ſe foi por deſejo de ganhar, ou pelo goſto da converſaçaõ, e aſſim do mais. Dizei ſe perſeveraſtes muito tempo no voſſo mal, ſendo certo que a extenſaõ de tempo ordinariamente acrecenta muito o peccado: porque ha notavel diferença entre huma vaidade paſſageira, que ſe demoraria em a noſſa alma hum quarto de hora, e aquella em que o noſſo coraçaõ ſe demorou dois ou tres dias: convem por tanto, dizer o facto, o motivo, e a duraçaõ dos noſſos peccados. Porque ainda que cõmummente naõ ha obrigaçaõ de ſer taõ miudos na declaraçaõ dos pecados veniaes, e pelo meſmo caſo, naõ ha obrigaçaõ de os confeſſar; com tudo, os que querem apurar bem ſuas almas, para melhor ſe darem á devoçaõ, devem ſer cuidadoſos em dar bem a conhecer ao Medico eſpiritual a

mo-

molestia, por pequena que seja, de que querem sarar.

Nem deixeis de dizer o que he preciso, para se conhecer bem a qualidade da culpa, como a causa que tivestes para vos irar, ou tolerar o vicio de alguem. Por exemplo: hum sugeito que me desagrada, me dirá alguma palavra ligeira por zombaria, e eu a lançarei á má parte, e me encolerizarei: e se outro que he da minha aceitaçaõ me dissesse outra mais aspera, a lançaria a boa parte. Explicarmehei pois deste modo: desmandei-me em dizer palavras de enfado contra huma pessoa, deitando a má parte certa coisa que me disse, naõ pela qualidade das palavras, mas por me ser odiosa a pessoa: e se tambem he preciso individuar as palavras, para vos declarardes bem, julgo que bom seria dizê-las: porque acusando-vos assim sincéramente, naõ só descobris os peccados cometidos, mas juntamente as más inclinações, costumes, habitos, e outras raizes do peccado: por cujo meio, vem o Confessor a adquirir hum conhecimento mais cabal do coraçaõ que trata, e dos remedios que lhe saõ proprios. Deveis porém sempre encobrir o terceiro que concorreo para o vosso peccado, quanto vos for possivel.

Ponde cuidado em huma multidaõ de peccados, que bem de ordinario reinaõ na conciencia insensivelmente; para que conhecendo-os os confesseis, e vos purifiqueis delles. Para isto lêde com atençaõ o Capitulo 6, 27, 28, 35, e 36, da terceira Parte; e o 8 da quarta Parte. Naõ mudeis facilmente de Con-

fessor; mas achando hum, continuai em lhe dar conta da vossa conciencia, nos dias destinados para isso; referindo-lhe singela e francamente os peccados que cometestes: e de tempos em tempos, como de mes em mes, ou de dois em dois meses, dizei-lhe o estado das vossas inclinações, ainda que por causa dellas naõ tenhais peccado: como se fostes atormentada de tristeza e afflicçaõ, ou se vos deixastes levar de alegria vá aos desejos de adquirir bens; e semelhantes inclinações.

CAPITULO XX.

Da frequente Communhaõ.

DIz-se que Mitridates Rei do Ponto, tendo inventado o antidoto delle chamado Mitridatico, de tal modo reforçou com elle seu corpo, que procurando depois envenenarse, por evitar ser escravo dos Romanos, jámais lhe foi possivel conseguí-lo. Instituio o Salvador o Augustissimo Sacramento da Eucharistia, que contém realmente sua carne e seu sangue, para que quem o comer viva eternamente. Por esta causa, todo aquelle que o frequenta a miudo com devoçaõ, fortalece a saude e vida de sua alma de modo, que he quasi impossivel, que seja envenenado de genero algum de má inclinaçaõ. Naõ podemos alimentar-nos com esta carne de vida, e viver com affectos de morte. Assim como os homens se permanecessem no Paraiso terrestre,

po-

podiaõ naõ morrer quanto ao corpo, pela força daquelle fruto vital, que Deos alli tinha posto, assim podem naõ morrer espiritualmente pela virtude deste Sacramento de vida. E se os frutos mais tenros e sujeitos á corrupçaõ, como saõ as cerejas os damascos os morangáos, se conservaõ facilmente todo o anno, estando de conserva em assucar ou em mel; naõ he de admirar, que os nossos coraçóes, ainda que frageis e debeis, sejaõ preservados da corrupçaõ do peccado, sendo assucarados e melados com a carne e sangue incorruptivel do Filho de Deos. Philotea, os Christáos que se condenarem, naõ teraõ escusa, quando o justo Juiz lhes fizer ver, quaõ sem rezaõ morreraõ espiritualmente, quando lhes era taõ facil conservar-se com vida e saude, pela comida de seu corpo, que lhes deixára com este fim. Miseraveis, lhes dirá, porque vos deixastes morrer, tendo á vossa ordem o fruto e manjar de vida?

O receber a Communhaõ da Eucharistia todos os dias, nem o louvo nem o vitupero: mas cómungar todos os Domingos, o aconselho e exhorto a todos, com tanto que tenhaõ seu espirito sem algum affecto de pecar. Estas saõ as proprias palavras de Santo Agostinho, com o qual naõ vitupero nem louvo absolutamente que se cómungue todos os dias; mas deixo isto á discriçaõ do Padre espiritual daquelle, que se quizer resolver neste ponto: porque a disposiçaõ que se requer para taõ frequente Cómunhaõ, deve ser mui especial, e naõ he conveniente aconselha-la geralmente.

te. E como eſta diſpoſiçaõ, poſto que exquiſita, ſe póde achar em muitas almas boas, tambem naõ he conveniente divertir e diſſuadir della geralmente a qualquer; mas iſto ſe deve regular pela conſideraçaõ do eſtado interior de cada hum em particular. Seria imprudencia aconſelhar indiſtinctamente a todos taõ frequente uſo; mas tambem ſeria imprudencia injuriar a alguem por cauſa delle, principalmente quando eſte ſeguiſſe a ordem de algum Director prudente. Engraçada foi a repoſta de Santa Catharina de Sena, quando á frequencia da ſua Communhaõ lhe oppuſeraõ; que Santo Agoſtinho naõ louvava nem vituperava o commungar todos os dias. Bem eſtá (reſpondeo ella) já que Santo Agoſtinho o naõ vitupera, peço-vos, que tambem vós o naõ vitupereis, e com iſto me darei por contente.

Porém, Philotea, já que vêdes que Santo Agoſtinho exhorta e aconſelha com eficacia, que ſe cómungue todos os Domingos, fazei-o aſſim quanto vos for poſſivel. Porque ſe, como ſuppunho, vós naõ tendes nenhum genero de affecto ao peccado mortal, nem ao venial, eſtais com a verdadeira diſpoſiçaõ que o Santo requer, e ainda mais excelente; porque naõ ſó naõ tendes affecto a pecar, mas nem affecto ao peccado. Aſſim quando o voſſo Padre eſpiritual o achar conveniente, podereis utilmente cómungar com mais frequencia, que todos os Domingos.

Com tudo póde ſucceder, terdes legitimos impedimentos, que naõ eſtejaõ da voſſa

par-

parte, mas daquelles com quem viveis, que daraõ motivo ao ſabio Conductor, de vos dizer, que naõ cõmungueis com tanta frequencia. Por exemplo: ſe eſtais com alguma ſorte de ſujeiçaõ, e aquelles a quem deveis obediencia ou reverencia, forem taõ mal enſinados ou acondicionados, que ſe inquietem e perturbem, de vos ver cõmungar taõ frequentemente; talvez conſideradas todas as coiſas, ſerá bem condeſcender hum pouco com a ſua fraqueza, e naõ cõmungar ſenaõ de quinze em quinze dias; mas iſto ſerá no caſo, que de nenhum modo ſe poſſa vencer a dificuldade. Naõ ſe póde decidir iſto bem em geral, he preciſo que o Padre eſpiritual o diga: poſto que ſeguramente poſſo dizer, que a maior diſtancia das Cõmunhões he de mes a mes, entre os que querem ſervir a Deos devotamente.

Se fordes mui prudente, naõ haverá mãi, nem mulher, nem marido, nem pai, que vos impida cõmungar com frequencia. Porque no dia da voſſa Cõmunhaõ, naõ deixareis de cuidar no que toca ao voſſo eſtado: porque ſendo vós mais ſuave e aprazivel para com elles, e naõ lhes faltando em genero algum de obrigações, naõ he veroſimil, que queiraõ apartar-vos deſte exercicio, que nenhuma incõmodidade lhes cauſa: ſó ſe forem de genio ſummamente contencioſo e deſarrezoado: neſte caſo, talvez como diſſe, que o voſſo Director queira, que uſeis de condeſcendencia.

Convem dizer huma palavra aos caſados. Deos

Deos na Lei antiga, levava a mal, que os acredores executassem seus devedores em dias de festa: mas nunca lhe pareceo mal, que os devedores pagassem e exhibissem suas dividas aos que os requeriaõ. He cousa indecente (ainda que naõ grande peccado) solicitar a paga do debito nupcial, no dia que se tem commungado: mas naõ he indecente, antes meritorio pagalo: por cuja causa ninguem deve ser privado da Cõmunhaõ por pagar este debito, se por outra parte a sua devoçaõ o excita a desejala. Verdade he, que na primitiva Igreja os Christãos cõmungavaõ todos os dias, posto que fossem casados e abençoados com a geraçaõ dos filhos. Por cuja causa disse, que a frequente Cõmunhaõ naõ causa nenhum genero de incõmodidade, nem aos pais, nem ás esposas, nem aos maridos, com tanto que a alma que cõmunga seja prudente e discreta. Quanto ás molestias corporaes, nenhuma ha que possa servir de impedimento a esta santa participaçaõ: excepto aquella que provocar frequentemente a vomito.

Para cõmungar todos os oito dias se requer naõ ter nem peccado mortal, nem affecto algum ao peccado venial, e ter hum grande desejo de cõmungar: mas para cõmungar todos os dias, de mais disto he necessario ter vencido a maior parte das más inclinaçóes, e que seja com conselho do Padre espiritual.

CA-

CAPITULO XXI.

Como ſe deve commungar.

COmeçai deſde a noite antecedente a preparar-vos para a ſanta Communhaõ, com frequentes aſpirações e jaculatorias amoroſas: recolhendo-vos hum pouco mais cedo, para vos poderdes levantar mais de madrugada: e ſe acordardes de noite, enchei logo voſſo coraçaõ e boca de algumas palavras odorificas, com que voſſa alma fique perfumada para receber o Eſpoſo: o qual velando em quanto vós dormis, ſe prepara a trazer-vos mil graças e favores, ſe da voſſa parte eſtiverdes diſpoſta a recebê-los: De manhã levantai-vos com muita alegria, pela felicidade que eſperais: e tendo-vos confeſſado, ide com grande confiança, mas tambem com grande humildade, a receber eſta iguaria celeſtial, que vos ſuſtenta para a immortalidade. E depois de ditas as ſagradas palavras: *Senhor naõ ſou digna*: naõ deis com a cabeça, nem movais os labios, ainda que ſeja para rezar ou reſpirar, ſenaõ abrindo ſuave e medianamente a boca, e levantando a cabeça o que for preciſo, para que o Sacerdote veja o que faz: recebei, cheia de fé, eſperança, e caridade aquelle, o qual, pelo qual, e para o qual, crêdes eſperais e amais. Conſiderai, Philotea, que aſſim como a abelha tendo colhido das flores o orvalho do Ceo, e o ſuco

mais

mais exquiſito da terra, e tendo-o reduzido a mel, o leva á ſua colmea: aſſim o Sacerdote tendo tomado do Altar o Salvador do mundo, verdadeiro Filho de Deos, que como orvalho baixou do Ceo, e verdadeiro Filho da Virgem, que como flor brotou da terra da noſſa humanidade, como ſuave iguaria o mete em voſſa boca e em voſſo corpo. Depois de o receberdes, excitai voſſo coraçaõ, para que venha render vaſſalagem a eſte Rei da ſalvaçaõ, tratai com elle voſſos negocios interiores, conſiderai-o dentro em vós, onde entrou para vos fazer ditoſa. Em fim fazeilhe todo o acolhimento que vos for poſſivel, e portai-vos de modo, que ſe conheça em todas voſſas acçoẽs, que Deos eſtá comvoſco.

Mas quando naõ puderdes conſeguir eſte bem de commungar realmente na Miſſa, cõmungai ao menos com o coraçaõ e eſpirito, unindo-vos com hum deſejo ardente áquella carne vivificante do Salvador.

A voſſa principal intençaõ na Cõmunhaõ deve ſer adiantar-vos fortalecer-vos e conſolar-vos no amor de Deos: porque deveis receber por amor, o que ſó por amor ſe vos dá. Por certo, que ſe naõ póde conſiderar acçaõ nem mais terna, nem mais amoroſa, que aquella, em que o Salvador, digamo-lo aſſim, ſe aniquila, e ſe torna em comida, para penetrar noſſas almas, e ſe unir intimamente ao coraçaõ e corpo de ſeus fieis.

Se os mundanos vos perguntarem, porque cõmungais taõ frequentemente? Dizeilhe, que he para aprenderdes a amar a Deos,

para vos purificardes de vossas imperfeições, para vos livrardes de vossas miserias, para vos consolardes em vossas aflicçoes, para vos fortalecerdes em vossas fraquezas. Dizei-lhe, que duas sortes de pessoas devem cômungar a miudo: os perfeitos, porque estaõ bem dispostos, e fariaõ mal se naõ chegassem á origem e fonte da perfeiçaõ: e os imperfeitos, para poder justamente pretender a perfeiçaõ: os fortes, para que se naõ tornem fracos, e os fracos para que sejaõ fortes: os enfermos para conseguirem saude, e os sãos, para que naõ caiam em enfermidade: e que quanto a vós como imperfeita debil e enferma, tendes necessidade de cômunicar a miudo com a vossa Perfeiçaõ, com a vossa Fortaleza, e com o vosso Medico. Dizei-lhe, que os que naõ tem muitos negocios mundanos, devem commungar a miudo, porque tem commodidade: e os que tem muitos negocios do mundo, porque tem necessidade: e os que trabalhaõ muito, e estaõ carregados de penalidades, devem comer mantimentos solidos e amiudadamente. Dizei-lhe, que recebeis o Santissimo Sacramento para aprender a recebelo bem; porque se naõ faz bem feita huma acçaõ, sem se praticar muitas vezes.

Commungai a miudo, Philotea, e as mais vezes que poderdes com consentimento do vosso Padre espiritual: e crede-me, que assim como as lebres se tornaõ brancas entre as nossas montanhas no Inverno; porque naõ vem nem comem senaõ neve: assim á força

de

de adorar e comer a Fermosura , a Bondade , a Pureza mesma , neste Divino Sacramento , vos tornareis toda fermosa , toda boa , toda pura.

TER-

TERCEIRA PARTE,

QUE CONTÉM MUITOS DOCUMENTOS, pertencentes ao exercicio das virtudes.

CAPITULO I.

Da escolha que se deve fazer, no tocante ao exercicio das virtudes.

A Abelha mestra nunca sahe a campo, que naõ vá rodeada de todo o seu povosinho : e a caridade naõ entra já mais em coraçaõ algum, que naõ aloje comsigo todo o trèm das outras virtudes : exercitando-as e pondo-as em seus postos, como hum Capitaõ faz a seus Soldados : ainda que as naõ pratica todas de huma vez, nem de hum jacto, nem igualmente em todo o tempo e lugar. O Justo he como a arvore que está plantada junto á corrente das aguas, que dá o seu fruto a seu tempo; porque a caridade regando huma alma, produz nella as obras virtuosas, cada huma em sua sezaõ (1). *A musica, sendo de si taõ agradavel, he importuna*

(1) Ecclis. 22. v. 6. *Musica in luctu importuna narratio.*

tuna no pranto, diz o Proverbio. Eſte he hum grande defeito de muitos, que emprendendo o exercicio de alguma virtude particular, porfiaõ em a querer praticar em todo o genero de ocurrencias : e querem como aquelles dois antigos Filoſofos, ou ſempre chorar, ou ſempre rir : e ainda fazem peior, quando vituperaõ e cenſuraõ os que como elles naõ exercitaõ ſempre eſtas meſmas virtudes. Convem alegrar com os alegres, e chorar com os que choraõ, como diz o Apoſtolo : e a caridade he ſofredora benigna liberal prudente condeſcendente.

Com tudo, ha virtudes, cujo uſo he quaſi univerſal, e que naõ ſó naõ devem executar ſeus actos ſeparadamente, mas devem difundir ſuas qualidades e operações em todas as outras virtudes. Nem ſempre ſe offerecem ocaſiões de praticar a fortaleza, a magnanimidade, a magnificencia ; mas a manſidaõ, a temperança, a honeſtidade, a humildade, ſaõ certas virtudes, de que todas as acções da noſſa vida ſe devem tingir. Virtudes ha mais excelentes que ellas, mas o uſo deſtas he mais neceſſario. O aſſucar he mais excelente que o ſal, mas o ſal tem ſerventia mais geral e mais frequente. Eſta he a razaõ, porque ſempre deve haver boa e prompta proviſaõ deſtas virtudes geraes, pois dellas nos devemos ſervir quaſi ordinariamente.

No exercicio das virtudes devemos preferir a que he mais conforme a noſſa obrigaçaõ, e naõ a que ſe conforma melhor com o noſſo goſto. O goſto de Santa Paula era exer-
citar

citar a aſpereza das mortificações corporaes, para gozar mais facilmente das ſuavidades eſpirituaes; mas maior era a obrigaçaõ que tinha á obediencia de ſeus ſuperiores. Por cuja cauſa confeſſa S. Jeronymo, ter ſido reprehenſivel, no que contra o parecer do ſeu Biſpo praticava de abſtinencias immodicas. Os Apoſtolos pelo contrario, encarregados de prégar o Evangelho, e diſtribuir ás almas o paõ celeſtial, julgaraõ ſummamente acertado, que naõ convinha divertirem-ſe deſte ſanto exercicio, por praticar a virtude do cuidado dos pobres, poſto que taõ excelente. Cada vocaçaõ neceſſita de praticar alguma eſpecial virtude: humas ſaõ as virtudes do Prelado, outras as do Principe: humas as do ſoldado, outras as da mulher caſada, e outras as da viuva: e poſto que todos devem ter todas as virtudes, nem todos as devem igualmente praticar, mas cada hum ſe deve dar com particularidade áquellas, que ſaõ proprias do genero de vida a que he chamado.

Entre as virtudes, que naõ pertencem á noſſa particular obrigaçaõ, devemos preferir as mais excellentes, e naõ as que mais aparecem. Os Cometas de ordinario parecem maiores que as eſtrelas, e ocupaõ mais lugar nos noſſos olhos, e com tudo naõ ſaõ comparaveis com as eſtrelas, nem em grandeza nem em qualidades, e naõ parecem grandes, ſenaõ por eſtarem mais perto de nós, e em hum meio mais groſſeiro que o das eſtrelas. Por ſemelhante modo, ha certas virtudes, que por eſtarem perto de nós, ſenſi-

veis

veis e (ſe aſſim ſe póde dizer) materiaes , ſempre ſaõ eſtimadas e preferidas pelo vulgo : aſſim ſe prefere a eſmola temporal , á eſpiritual : o cilicio , o jejum , a deſnudeza , diſciplina , as mortificaçóes do corpo , á ſuavidade , benignidade , modeſtia , e outras mortificaçóes do coraçaõ , que ſem duvida ſaõ mais excelentes. Eſcolhei pois , Philotea , as virtudes melhores , e naõ as mais eſtimadas : as mais excelentes , e naõ as mais apparentes : as melhores , e naõ as mais aparatoſas.

He de utilidade , que cada hum eſcolha o exercicio particular de alguma virtude , naõ por abandonar as outras , mas para ter melhor ocupado e ordenado o ſeu eſpirito.

Huma fermoſa donzela , veſtida e ornada como Rainha , e coroada com huma grinalda de oliveira , apareceo a S. Joaõ Biſpo de Alexandria , dizendo-lhe : Eu ſou a filha primogenita do Rei , ſe queres grangear o meu amor , te conduzirei á ſua preſença. Conheceo elle , ſer eſta a Miſericordia com os pobres , que Deos lhe recomendava : pelo que ſe entregou depois de tal ſorte ao exercicio deſta virtude , que por ella foi chamado S. Joaõ eſmoler.

Eulogio Alexandrino deſejando fazer algum ſerviço particular a Deos , e naõ ſe achando com forças baſtantes , nem para abraçar a vida ſolitaria , nem para ſe ſujeitar á obediencia de outrem , recolheo em ſua caſa hum miſeravel eſtropeado e conſumido de lepra , para exercitar com elle a caridade e mortificaçaõ : e para o fazer com mais mereci-

cimento, fez voto de o honrar, tratar, e servir, como hum criado a seu amo e senhor. Sobre certa tentaçaõ, que sobreveio assim ao leproso como a Eulogio, de se apartarem hum do outro, buscáraõ ao grande Santo Antonio, o qual lhes disse: Guardai-vos filhos meus de vos separar hum do outro, porque estando ambos chegados ao vosso fim, se o Anjo vos naõ achar juntos, correis grande perigo de perderdes as vossas coroas.

ElRei S. Luiz visitava, como se fosse assalariado para isso, os Hospitaes, e servia os doentes com suas proprias mãos. S. Francisco amou principalmente a pobreza, a que chamava a sua Senhora. S. Domingos a prégaçaõ, de que a sua Ordem tomou o nome. S. Gregorio Magno folgava de acariciar os peregrinos, a exemplo do grande Abraham, e como elle recebeo o Rei da gloria em forma de peregrino. Tobias exercitava-se na caridade de sepultar os defuntos. S. Isabel, com ser taõ grande Princeza, estimava sobre tudo o abatimento de si mesma. Santa Catharina de Genova, logo que enviuvou, se entregou ao serviço de hum Hospital. Conta Cassiano, que huma devota donzela, desejando exercitar-se na virtude da paciencia, recorreo a S. Athanasio, o qual a rogo seu, lhe deu por companheira huma pobre viuva, melancolica colerica enfadonha e insofrivel, a qual renhindo continuamente com a devota donzela, lhe dava assas ocasiaõ de praticar dignamente a suavidade e condescendencia.

Assim entre os servos de Deos, huns se en-

tregaõ a ſervir os enfermos, outros a ſocorrer os pobres, outros a procurar o adiantamento da doutrina Chriſtá entre os meninos, outros a encaminhar as almas perdidas e extraviadas, outros a adornar as Igrejas e compor os Altares, e outros a introduzir a paz e concordia entre os homens: no que imitaõ os bordadores, que ſobre diverſos cháos aſſentaõ com fermoſa variedade as ſedas, o oiro, a prata, para formar toda a caſta de flores; porque de ſemelhante modo eſtas almas piedoſas, que emprendem algum particular exercicio de devoçaõ, ſe ſervem delle como de hum fundo, para a ſua bordadura eſpiritual; ſobre o qual exercitaõ a variedade de todas as outras virtudes, tendo deſta ſorte todas ſuas acções e affectos melhor unidos e ordenados, pela relaçaõ que fazem ao ſeu exercicio principal: fazendo deſte modo que ſeu eſpirito pareça que,

Em ſeu veſtido de oiro recamado,
A agulha varias flores tem plantado (1).

Quando formos combatidos de algum vicio, devemos, quanto nos for poſſivel, emprender a pratica do exercicio contrario, encaminhando as demais a ella; porque deſte modo venceremos o noſſo inimigo, e naõ deixaremos de nos adiantar em todas as virtudes. Se me ſinto combatido de ſoberba ou de colera, devo em tudo inclinar-me, e por-me da parte

---

(1) Pſalm. 44. v. 10. *In veſtitu deaurato circumdata varietate.*

te da humildade e manſidaõ, e fazer que ſirvaõ para iſto os exercicios da oraçaõ, dos Sacramentos, da prudencia, da conſtancia e da ſobriedade; porque aſſim como os javalís para aguçarem as prezas as roçaõ e apertaõ com os demais dentes, os quaes reciprocamente ficaõ todos mui afilados e rompentes: aſſim o homem virtuoſo, tendo emprendido aperfeiçoar-ſe na virtude, de que tem mais neceſſidade para ſua defeſa, a deve limar e afiar pelo exercicio das outras virtudes; as quaes afiando aquella, ſe tornaõ todas mais excelentes e polidas. Aſſim ſuccedeo a Job, que exercitando-ſe particularmente na paciencia contra tantas tentações, com que foi combatido, ficou perfeitamente ſanto e virtuoſo em todo o genero de virtudes. E ainda ſuccede, como diz S. Gregorio Nazianzeno, que por huma ſó acçaõ de alguma virtude bem e perfeitamente exercitada, chega huma peſſoa ao apice das mais virtudes: alegando a Rahab, a qual praticando exactamente a hoſpitalidade, chegou a huma gloria ſuprema; mas iſto ſe entende, quando a tal acçaõ ſe exercita excelentemente, com grande fervor e caridade.

CAPITULO II.

Prosegue-se o mesmo discurso da eleiçaõ das virtudes.

SAnto Agostinho diz excelentemente, que os que começaõ a devoçaõ, cometem certas faitas, que saõ reprehensiveis, atendendo ás leis da perfeiçaõ; e naõ obstante saõ louvaveis, pelo bom presagio que daõ de huma excelente piedade futura, para a qual ellas mesmas servem de disposiçaõ. Aquelle baixo e grosseiro temor, que gera escrupulos excessivos nas almas dos que novamente se apartaõ do caminho do pecado, he huma virtude recomendavel neste principio, e presagio certo de huma futura pureza de conciencia; mas este mesmo temor seria reprovavel nos que estaõ mui adiantados, em cujo coraçaõ deve reinar o amor, que pouco a pouco lança fóra esta sorte de temor servil

S. Bernardo nos principios era mui rigoroso e aspero, para com os que queriaõ seguir a sua conducta: aos quaes logo ao principio intimava, que para ir a elle, deviaõ deixar o corpo, e ir só com o espirito. Quando ouvia as suas confissões, abominava com extraordinaria severidade toda a sorte de faltas, por pequenas que fossem: e de tal modo procurava conduzir os pobres discipulos á perfeiçaõ, que pela força que lhes fazia, muitos se retiravaõ: perdendo o animo e folego, por

se

ſe verem obrigados a ſubir a huma montanha taó alcantilada e alta. Aqui vêdes, Philotea, que eſte ardentiſſimo zelo de huma perfeita pureza, excitava aquelle Santo a eſte methodo de governo: e eſte zelo era huma grande virtude, mas com tudo virtude que naó deixava de ſer reprehenſivel. Mas o meſmo Deos com huma ſagrada appariçaó o reprehendeo, infundindo em ſua alma hum eſpirito doce ſuave benevolo e terno, por meio do qual trocado em outro, ſe acuſava exceſſivamente de ter ſido taó exacto e ſevero; e veio a ſer de tal modo apraſivel e maneiro para cada hum, que ſe fez tudo para todos, para os ganhar a todos.

S. Jeronymo tendo contado, que ſua amada filha Santa Paula era naó ſó exceſſiva mas teimoſa no exercicio das mortificaçóes corporaes, chegando a naó querer ceder ao parecer contrario que S. Epifanio ſeu Biſpo lhe tinha dado neſta materia; e que por outra parte, ſe deixava levar tanto do ſentimento da morte dos ſeus, que ſempre eſtava em perigo de morrer: em fim conclue deſte modo: Dirſe-ha, que em vez de eſcrever louvores deſta Santa, eſcrevo reprehensóes e vituperios: a Jeſus tómo por teſtemunha, a quem ella ſervio, e a quem deſejo ſervir, que naó minto por huma nem por outra parte, mas refiro ſincéramente, como Chriſtaó, de huma Chriſtá, o que della conſta: iſto he, que eſcrevo huma hiſtoria, e naó panegyrico, e que os ſeus vicios ſaó as virtudes de outros. Vem a dizer, que os defeitos e faltas de Santa

ta Paula, teriaõ lugar em huma alma menos perfeita: como na verdade ſuccede, haver acçóes que ſe reputaõ por imperfeições, nos que ſaõ perſeitos, as quaes naõ obſtante, ſeriaõ tidas por grandes perfeições, nos que ſaõ imperfeitos. Bom ſinal he no doente, quando ao levantar-ſe da moleſtia lhe inchaõ as pernas; porque denota iſto, que reforçada já a natureza deſpede os humores ſuperfluos: mas iſto meſmo ſeria muito máo ſinal, no que naõ eſtiveſſe enfermo; porque daria a entender, que a natureza naõ tinha vigor baſtante para diſſipar e reſolver os humores. Devemos porem, Philotea, fazer bom conceito daquelles, que vemos praticar as virtudes, poſto que com imperfeiçaõ, porque até os meſmos Santos as praticáraõ muitas vezes deſte modo. Quanto a vós, he conveniente exercitar-vos, naõ ſó com fidelidade mas tambem com prudencia: e a eſte fim obſervai eſtreitamente o conſelho do Sabio: de vos naõ eſtribar na voſſa prudencia; mas na dos que Deos nos tem dado por guias.

Ha certas coiſas, que muitos tem por virtudes, e o naõ ſaõ em modo algum; das quaes convem dizer-vos alguma coiſa. Saõ eſtas os extaſis ou raptos, as inſenſibilidades, impaſſibilidades, uniões deificas, elevações, transformações, e outras taes perfeições, de que trataõ certos livros, que prometem elevar a alma á contemplaçaõ meramente intelectual, a aplicaçaõ eſſencial do eſpirito, e vida ſupereminente. Atendei, Philotea, que eſtas perfeições naõ ſaõ virtudes, mas ſim re-

com-

compensas que Deos dá pelas virtudes; ou para melhor dizer, humas amostras das felicidades da vida futura, que ás vezes se concedem aos homens, para os fazer desejar as peças todas inteiras, que estaõ no alto do Ceo. Com tudo isto porem, naõ se devem pretender estes favores, porque de nenhum modo saõ necessarios para bem servir e amar a Deos, que deve ser a nossa unica pretençaõ: Tambem porque naõ saõ graças estas, que se possaõ adquirir com trabalho e industria; porque mais saõ paixões, do que acções, as quaes podemos receber, mas naõ obrar em nós. Acrecento, que o nosso intento he sómente sermos pessoas de virtude, sujeitos devotos, homens piedosos e mulheres piedosas: nisto he que nos devemos empregar: e se Deos for servido levantar-nos áquellas perfeições Angelicas, tambem seremos bons Anjos: mas entre tanto exercitemo-nos simplez humilde e devotamente, nas virtudes pequenas, cuja conquista cometeo Nosso Senhor ao nosso cuidado e trabalho: como a paciencia, a mansidaõ, a mortificaçaõ de coraçaõ, a humildade, a obediencia, a pobreza, a castidade, a ternura com o proximo, o sofrimento das imperfeições, a diligencia e santo fervor. Deixemos de boa vontade as eminencias para as almas remontadas, naõ merecemos grão taõ alto no serviço de Deos: mui ditosos seremos em servi-lo na cosinha e na dispensa, e em sermos seus lacaios, carreteiros, e moços de camera: depois a elle toca, se bem lhe parecer, chamar-nos ao seu

ga-

gabinete e confelho privado. Sim, Philotea, porque o Rei da gloria naõ premeia os feus fervos, fegundo a graduaçaõ dos officios que exercitaõ, mas fegundo o amor e humildade com que os exercitaõ. Saul bufcando as jumentas de feu pai, achou o Reino de Ifrael: Rebeca dando de beber aos camelos de Abraham, confeguio fer efpofa de feu filho: Ruth apanhando as efpigas, apos os fegadores de Booz, e deitando-fe a feus pés, foi levantada ao feu lado e feita fua efpofa. Verdadeiramente as pretenções taõ altas e elevadas de coifas extraordinarias, faõ fummamente fujeitas a ilusões enganos e falfidades: e fuccede ás vezes, que os que cuidaõ fer Anjos, nem ainda bons homens faõ: e que nas fuas obras ha mais grandeza de palavras e termos de que ufaõ, que no fentimento e obra: mas nem por iffo fe ha de defprezar a ninguem temerariamente, fenaõ dar graças a Deos, pelo eminente eftado dos outros, ficando nós humildemente em noffo caminho mais baixo, mas mais feguro: menos excelente, mas mais acõmodado á noffa infuficiencia e pequenhez; na qual fe nos portarmos humilde e fielmente, nos levantará Deos a maiores grandezas.

CA-

CAPITULO III.

Da Paciencia.

A *Paciencia vos he necessaria, para que fazendo a vontade de Deos alcanceis o prometido* : diz o Apostolo (1). Sim, porque como tinha dito Nosso Salvador : *Na vossa paciencia possuireis as vossas almas* (2). Grande felicidade he do homem, Philotea, possuir a sua alma : e á medida que a paciencia for mais perfeita, possuiremos mais perfeitamente nossas almas. Lembrai-vos a miudo, que Nosso Senhor nos salvou padecendo e sofrendo : e que de semelhante modo devemos nós obrar nossa salvaçaõ, por meio de penalidades e aflicçóes, levando as injurias contradiçóes e desgostos, com a maior mansidaõ, que nos for possivel.

Naõ limiteis a vossa paciencia a tal ou tal genero de injurias e aflicçóes, mas estendei-a universalmente a todas as que Deos vos enviar, e permitir que vos venhaõ. Alguns ha que naõ querem sofrer senaõ as tribulaçóes honrosas, como por exemplo, ser ferido na batalha, ser prisioneiro de guerra, ser maltra-

(1) Ad Hebr. 10. v. 36. *Patientia vobis necessaria est, ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem.*

(2) Luc. 21. v. 19. *In patientia vestra possidebitis animas vestras.*

tratado pela religiaō, empobrecer por causa de alguma contenda em que ficaraō vencedores: estes naō amaō a tribulaçaō, mas a honra que lhes grangea. O verdadeiro paciente e servo de Deos, sofre igualmente as tribulaçóes annexas á ignominia, e as que saō honrosas: o ser desprezado reprehendido e acusado dos máos, naō he dificultoso de sofrer a hum homem animoso; mas ser desprezado reprehendido acusado e maltratado por sujeitos virtuosos, pelos amigos, pelos parentes, aqui he que se conhece quem tem bondade. Mais estimo eu a mansidaō, com que o grande S. Carlos Borromeo sofreo por muito tempo as reprehensóes publicas, que hum grande prégador de huma Ordem summamente reformada, contra elle lhe dava na cara, que todos os insultos que recebeo dos outros. Porque assim como as picaduras das abelhas, saō mais penetrantes que as das moscas, assim o mal que se recebe das pessoas de virtude, e as contradiçóes que ellas fazem, saō mais insuportaveis que as dos outros. Coisa he que succede muitas vezes, que tendo dois sujeitos de boa vida ambos de dois boa intençaō, por causa de serem diversas as suas opinióes, se perseguem e contradizem summamente hum ao outro.

Sêde sofrida, naō só no grave e principal das afliçóes que vos sobrevierem, mas tambem no accessorio, e accidentes que dellas dependerem. Muitos quizeraō ter trabalhos, com tanto que lhes naō causassem incommodo. Naō sinto, diz hum destes, ter empobrecido,

se

ſe iſto me naõ embaraçara ſervir a meus amigos, adiantar meus filhos, e viver honradamente como deſejo. Outro dirá, nada ſe me dera, ſe o mundo naõ julgára ter ſucedido iſto por minha culpa. Outro levaria com reſignaçaõ e paciencia a detracçaõ do maldizente, com tanto que ninguem lhe déſſe credito. Outros ha, que querem padecer alguma incommodidade do mal, ſegundo o ſeu parecer, mas naõ toda: naõ ſe impacientaõ, dizem elles, de eſtar doentes, mas por naõ terem dinheiro para curar-ſe, ou pela importunidade dos que os ſervem. Digo pois, Philotea, que convem ter paciencia naõ ſómente em eſtar enfermo, mas em ter a moleſtia que Deos quizer, no lugar que quizer, entre as peſſoas que quizer, com as incõmodidades que quizer, e aſſim das outras tribulações. Quando vos vier a moleſtia, oppondo-lhe os remedios que forem poſſiveis, ſegundo Deos; porque obrar o contrario ſeria tentar ſua Divina Mageſtade: mas feito iſto, eſperai com inteira reſignaçaõ o efeito que for do agrado de Deos: ſe for ſervido, que os remedios vençaõ o mal, dai-lhe as graças com humildade: mas ſe for do ſeu beneplacito, que o mal prevaleça aos remedios, bemdizei-o com paciencia.

Sou do parecer de S. Gregorio. Quando juſtamente fordes acuſada por alguma falta, que tiverdes cometido, humilhai-vos quanto puderdes, confeſſando que mereceis mais que a acuſaçaõ que ſe faz contra vós: e ſe eſta for falſa, eſcuſai-vos brandamente, negando

eſ-

eftar culpada : porque efta reverencia deveis á verdade , e á edificaçaõ do proximo : mas tambem fe depois da voffa verdadeira e legitima efcufa continuarem em vos acufar , de nenhum modo vos perturbeis , nem vos canceis em procurar que feja aceita a voffa efcufa : porque depois de pagardes o voffo dever á verdade , o deveis tambem pagar á humildade : e defte modo naõ ofendereis , nem o cuidado que deveis ter do voffo credito , nem o affecto que deveis á tranquilidade , á brandura de coraçaõ , e á humildade.

Queixai-vos o menos que puderdes dos aggravos que vos fizerem : pois he coifa certa , que de ordinario quem fe queixa peca , porque o amor proprio nos faz fempre parecer as injurias maiores do que faõ : e principalmente naõ façais voffas queixas a peffoas faceis em fe indignar e cuidar mal. E fe for conveniente queixar-vos a alguem , ou por remediar a ofenfa , ou por focegar o animo , deve fer ifto a almas tranquilas e mui amantes de Deos : porque de outra forte , em lugar de aliviardes voffo coraçaõ , o provocaráõ ellas a maiores defaffocegos : e em vez de vos tirarem o efpinho , vo-lo cravaraõ mais no pé.

Muitos quando eftaõ doentes afligidos e offendidos de alguem , naõ fe cançaõ em lamentar-fe , e moftrar delicadeza : porque , como entendem (e he certo) moftrariaõ evidentemente grande fraqueza e falta de generofidade : mas defejaõ fummamente , e com mil artificios procuraõ , que todos fe doaõ delles e lhes tenhaõ compaixaõ , e os julguem naõ fó

afli-

aflictos, mas sofredores e animosos. Na verdade que isto he paciencia, mas huma paciencia, que com effeito naõ he outra coisa mais, que huma delicadissima e finissima ambiçaõ e vaidade: *Tem estes gloria* (diz o Apostolo) *mas naõ para com Deos* (1). O verdadeiro sofrido, naõ chora o seu mal, nem deseja que outrem o chore: fala delle clara verdadeira e sincéramente, sem se lamentar, nem prantear, nem o encarecer: e se outros por elle se lamentaõ, sofre com paciencia que chorem: salvo se he por algum mal, que elle naõ tem: porque neste caso modestamente declara, que o naõ padece: ficando por este modo socegado, entre a verdade e a paciencia, confessando o seu mal, e naõ se queixando delle.

Nas contradições que vos ocorrerem no caminho da devoçaõ (que destas vos naõ faltáraõ) lembrai-vos das palavras de Nosso Salvador: *A mulher em quanto está de parto, padece grandes ancias, mas vendo seu filho nascido se esquece dellas, porque nasceo hum homem no mundo* (2). Porque vós concebestes em vossa alma o filho mais digno do mundo, que he Jesu Christo; antes que esteja inteiramente formado e gerado, naõ podeis deixar de sentir o trabalho: mas tende bom animo,

---

(1) Ad Rom. 4. v. 2. *Habent gloriam, sed non apud Deum.*

(2) Joan. 16. v. 21. *Mulier cum parit, tristitiam habet: cum autem pepererit puerum, jam non meminit pressuræ, quia natus est homo in mundum.*

mo, porque paſſadas as dores, vos ficará a perpetua alegria de ter parido hum tal homem ao mundo. Naſcerá elle pois inteiramente para vós, aſſim que o tiverdes formado de todo em voſſo coraçaō, e em voſſas obras por imitaçaō de ſua vida.

Quando eſtiverdes enferma oferecei todas voſſas dores penas e moleſtias ao ſerviço de Noſſo Senhor, e pedi-lhe os ajunte aos tormentos que padeceo por vós. Obedecei ao Medico, tomai os medicamentos, manjares, e mais remedios por amor de Deos, lembrando-vos do fel que tomou por amor de nós. Deſejai ſarar para o ſervir, naō recuſeis enfermar por lhe obedecer: e diſponde-vos a morrer, ſe for do ſeu agrado, para o louvar e gozar delle. Lembrai-vos de que as abelhas, quando fazem o mel, comem e vivem de hum mantimento mui amargoſo: e que tambem nós naō podemos já mais fazer actos de maior manſidaō e paciencia, nem fabricar melhor o mel de excelentes virtudes, do que quando comemos o paō da amargura, e vivemos no meio das anguſtias. E aſſim como o mel que ſe faz da flor do tomilho, herva pequena e amargoſa, he o melhor de todos; aſſim a virtude que ſe pratica na amargura das mais vis abatidas, e deſpreſiveis tribulaçóes, he a mais excelente de todas.

Olhai a miudo com os olhos interiores para Jeſu Chriſto crucificado, nu, blasfemado, calumniado, deſamparado, e em fim oprimido de toda a ſorte de injurias triſteza e trabalhos: e ponderai, que todas as voſſas penali-

nalidades, nem em qualidade nem em quantidade se podem em modo algum comparar com as suas: e que já mais podereis padecer por elle coisa alguma, que valha o que elle padeceo por vós.

Considerai as penas que os Martyres sofrerão, e as que muitas pessoas padecem, mais graves que as vossas sem comparação, e direis: Oh quanto são consolações os meus trabalhos, e as minhas penas rosas; em comparação dos que sem socorro, sem assistencia, sem alivio, vivem huma morte continua, oprimidos de aflições infinitamente maiores!

CAPITULO IV.

Da humildade no exterior.

PEdi *emprestados* (disse Eliseo a huma pobre viuva) *e tomai muitos vasos sem nada, e lançai nelles o azeite* (1). Para receber a graça de Deos em nossos corações, he necessario tê-los vazios da nossa propria gloria. O tataranho gritando e vigiando as aves de rapina as espanta, por huma propriedade e virtude secreta: e esta he a causa, porque as pombas os amaõ mais que todas as outras aves, e vivem seguras em sua companhia. Deste modo, a humildade rebate a Satanás, e conserva em nós as graças e dons do Espirito San-

(1) Reg. 4. v. 3.

Santo : e por iſſo os Santos , e mais particularmente o Rei dos Santos e ſua Mái Santiſſima , honráraõ ſempre e amáraõ eſta virtude , mais que nenhuma outra , entre todas as moraes.

Chamamos vá a gloria que nos atribuimos ou pelo que naõ eſtá em nós , ou pelo que eſtá em nós e naõ he noſſo : ou pelo que eſtá em nós , e he noſſo , mas naõ merece que diſſo nos gloriemos. A nobreza de geraçaõ , o favor dos grandes , a honra popular , ſaõ coiſas que naõ eſtaõ em nós , mas em noſſos antepaſſados , ou na eſtimaçaõ de outrem. Alguns ha que ſe moſtraõ altivos e arrogantes, por ſe verem ſobre hum bom cavalo, por terem hum penacho no chapeo , por eſtarem veſtidos ricamente : mas quem deixa de ver eſta loucura ? porque ſe niſto ha alguma gloria , he para o cavalo , para o paſſaro , e para o alfaiate : e que maior baixeza de animo , que fundar a propria eſtimaçaõ em hum cavalo , em humas plumas , ou em hum veſtido ! Outros ſe prezaõ e remiraõ por trazerem os bigodes mui levantados , a barba bem penteada , o cabelo encreſpado ; por trazerem as máos macias , por ſaberem dançar , jogar , e cantar : e naõ he iſto leveza de animo , querer inculcar valor , e ganhar reputaçaõ em coiſas taõ frivolas e ridiculas ? Outros por huma pouca de ciencia , querem ſer reſpeitados do mundo ; como ſe todos houveſſem de ir á ſua eſcola , e têlos por meſtres : merecendo com iſto , que lhes chamem pedantes. Outros ſe pavoneaõ na conſideraçaõ da ſua

fer-

fermosura, crendo que levaõ os olhos a todo o mundo: Tudo isto he vanissimo, stolido, e impertinente: e a gloria que se toma de taõ fracos fundamentos, chama-se vá louca e frivola.

O bem verdadeiro se conhece como o verdadeiro balsamo: faz-se prova do balsamo distilando-o em agoa: porque se vai ao fundo e assenta em baixo, se avalia pelo mais fino e precioso: assim para conhecer se hum sujeito he verdadeiramente sabio, entendido, generoso, e nobre, se ha de ver, se os seus bens se encaminhaõ á humildade modestia e submissaõ; porque entaõ seraõ verdadeiros bens: mas se nadaõ ao de cima, e querem ser vistos, seraõ bens tanto menos verdadeiros, quanto forem mais apparentes. As perolas que se formaõ e criaõ ao vento, e ao rumor dos trovões, ainda naõ tem de perolas mais que a casca, e estaõ vazias de substancia: assim as virtudes e boas qualidades dos homens, que se geraõ e nutrem em soberba ostentaçaõ e vaidade, naõ tem mais que huma simples apparencia de bem, sem suco, sem miolo, e sem solidez.

As honras as graduações as dignidades saõ como o açafraõ, que se torna melhor e mais abundante, quando o pisaõ aos pés. Naõ he honra ser gentil, quando ha jactancia de o ser: a fermosura para ter graça, deve-se desprezar: a ciencia deshonra-nos, quando nos incha, e degenera em pedantaria.

Se formos caprichosos pelos lugares assentos e titulos, além de expormos os nossos pre-

dicados ao exame indagaçaõ e contradiçaõ, nos fazemos vis e desprefiveis; porque a honra que he fermosa sendo recebida como dadiva, he vileza quando he buscada, requerida, e demandada. Quando o pavaõ para se ver, faz a sua roda, em levantando suas fermosas plumas, se arripia em todo o restante do corpo, mostrando por toda a parte o que tem de disforme. As flores que saõ fermosas plantadas na terra, murchaõ-se sendo manuseadas. E assim como os que cheiraõ a mandragora de longe e de passagem, recebem muita suavidade, mas os que a sentem de perto e de espaço, lhes causa modorra e enfermidade: assim as honras causaõ huma suave consolaçaõ aos que as cheiraõ de longe e levemente, sem se encantarem, nem embeberem nellas: mas aos que se lhe affeiçoaõ e apascentaõ nellas, saõ por extremo reprehensiveis e vituperaveis.

O seguimento, e amor da virtude principia a fazer-nos virtuosos; mas o seguimento e amor das honras começa a fazer-nos desprefiveis e vituperaveis. Os animos nobres naõ se embaraçaõ com estas ninherias de postos honras e saudações: ocupaõ-se em outras cousas: isso lá he proprio de animos afeminados. Quem póde haver perolas naõ se carrega de conchinhas: e quem aspira á virtude, naõ se disvela por honras. Na verdade póde qualquer ocupar o seu posto, e conservar-se nelle, sem ofender a humildade, com tanto que isto se faça modestamente, e sem contenda: porque assim como os que vem do Perú, além

do

do ouro e prata que tiraõ, trazem tambem bugios e papagaios; porque lhe custaõ pouco, e tambem carregaõ pouco os navios: assim os que buscaõ a virtude naõ deixaõ de tomar os seus postos e honras, que lhes saõ devidas, com tanto que isto lhes naõ custe demasiado cuidado e atençaõ, e se naõ carreguem de turbaçaõ desassocego disputas e contendas. Naõ falo porém daquelles, cuja dignidade dis respeito ao publico, nem de certas ocasióes particulares, que trazem grandes consequencias; porque nisto deve cada hum conservar o que lhe pertence, com tal prudencia e discriçaõ, que vá acompanhada de caridade e cortezia.

CAPITULO V.

Da Humildade mais interior.

DEsejareis porém, Philotea, que vos conduza mais adiante na humildade; porque praticando-a como tenho dito até agora, mais parece prudencia que humildade: passo pois adiante. Muitos ha que naõ querem nem se atrevem a pensar e considerar as mercês que Deos lhes tem feito em particular, temerosos de cahir em vágloria e complacencia: no que certamente se enganaõ. Porque como diz o Doutor Angelico, o verdadeiro meio de chegar ao amor de Deos, he a consideraçaõ dos seus beneficios; porque quanto mais os conhecermos, mais o amaremos: e como

os beneficios particulares movem mais poderoſamente que os cõmuns, por iſſo meſmo devem ſer conſiderados mais atentamente. Por certo que nada nos póde humilhar tanto diante da miſericordia de Deos, como a multidaõ de ſeus beneficios: e nada humilhar tanto diante da ſua juſtiça, como a multidaõ de noſſas maldades. Conſideremos o que obrou por nós, e o que temos obrado contra elle: e aſſim como conſideramos por miudo os noſſos pecados, conſideremos tambem por miudo os ſeus favores. Naõ ha que temer, que o conhecimento do que pos em nós nos inche, com tanto que atendamos a eſta verdade, que quanto em nós ha de bom naõ he noſſo. Por ventura as mulas deixaõ de ſer brutos groſſeiros e hediondos, por eſtarem carregadas de traſtes precioſos e aromas do Principe? *Que temos nós de bom, que naõ tenhamos recebido? e ſe o temos recebido, porque nos queremos enſoberbecer* (1)? Ao contrario, a viva conſideraçaõ das graças recebidas, nos fas humildes: porque o conhecimento gera reconhecimento. Mas ſe vendo os beneficios que Deos nos tem feito, algum genero de vaidade nos vier inquietar, ſerá remedio infalivel recorrer á conſideraçaõ das noſſas ingratidões, e das noſſas imperfeições e miſerias: ſe conſiderarmos o que obravamos quando Deos naõ eſtava comnoſco, conheceremos bem, que o

que

(1) Corinth. 4. v. 7. *Quid habes, quod non accepiſti.*

que obramos quando nos assiste, naõ provem da nossa industria e diligencia: alegrarnoshemos verdadeiramente e nos regozijaremos pelo que temos; mas glorificaremos unicamena Deos, pois elle he o author.

Assim confessou a Virgem Santissima que Deos obrou nella cousas grandes: mas naõ foi senaõ para se humilhar e magnificar a Deos: *Minha alma*, dizia) *magnifica ao Senhor, porque me tem feito grandes coisas* (1).

Muitas vezes dizemos, que somos a mesma miseria e lixo do mundo: más naõ sentiriamos pouco, se nos executassem pela palavra, e nos publicassem por taes, quaes dizemos ser. Pelo contrario outras vezes, fingimos que fugimos e nos escondemos, para que vaõ em nosso seguimento e nos busquem: damos mostras de querer ser os ultimos e sentarnos no fim da mesa, mas com o intento de passar mais ventajosamente á cabeceira. A verdadeira humildade naõ mostra que o he, e gasta poucas palavras de humildade: porque naõ só deseja encobrir as outras virtudes, mas tambem e principalmente a si mesma: e se lhe fora licito mentir fingir ou escandalizar o proximo, romperia em acçóes de arrogancia e ferocidade, para com isto se encobrir, e viver totalmente desconhecida e encoberta. O meu parecer, Philotea, he, que ou naõ digamos palavras de humildade, ou as digamos

(1) Luc. 1. v. 46. *Magnificat anima mea Dominum, &c.* v. 46. *Quia fecit mihi magna qui potens est, &c.*

mos com verdadeiro affecto interior, conforme ao que pronunciamos exteriormente: naõ abaixemos nunca os olhos ſenaõ humilhando noſſos corações, nem façamos ſemblante de querer ſer ultimos, ſenaõ querendo-o ſer de boa vontade. Tenho eſta regra por taõ geral, que lhe naõ admito exceiçaõ alguma. Unicamente acrecento, que a civilidade requer, que algumas vezes ofereçamos o melhor lugar aos que certamente o naõ haõ de aceitar: iſto naõ he dobrez, nem humildade falſa; porque neſte caſo, o oferecimento per ſi ſó, he hum principio de honra; e já que ſe naõ póde dar toda inteira, naõ ſerá deſacertado dar-lhe o principio. O meſmo digo de algumas palavras de honra e reſpeito, que em rigor naõ parecem verdadeiras: ainda que baſtantemente o ſaõ, com tanto que o coraçaõ de quem as pronuncia, tenha verdadeira intençaõ de honrar e reſpeitar aquelle por quem as diz: porque ainda que as palavras ſignifiquem com algum exceſſo o que dizemos, naõ fazemos mal em uſar dellas, quando o eſtilo comum o requer. Verdade he, que tambem quizera, que as noſſas expreſsões ſe conformaſſem com os noſſos affectos quanto foſſe poſſivel, para ſeguirmos em tudo e por tudo a ſingeleza e candidez cordial.

O homem verdadeiramente humilde mais eſtimará, que outro diga delle que he miſeravel, que he hum ninguem, que nada val, do que dizelo elle meſmo: ao menos ſe ſabe que o dizem, naõ o contradiz, antes de boamente ſe acomoda; porque entendendo-o

aſſim

aſſim firmemente, folga de que ſigaõ a ſua opiniaõ. Dizem muitos, que deixaõ a Oraçaõ mental para os perfeitos, e que elles naõ ſaõ dignos de a ter: outros proteſtaõ, que ſe naõ atrevem a cõmungar a miudo, por ſe naõ acharem baſtantemente puros: outros, que temem afrontar a devoçaõ dando-ſe a ella, por cauſa de ſua grande miſeria e fragilidade: e outros recuſaõ empregar o ſeu talento no ſerviço de Deos e do proximo, porque (dizem elles) conhecem a ſua fraqueza, e tem medo de ſe enſoberbecer, e de que alumiando a outros venhaõ elles a perder-ſe. Tudo iſto naõ he ſenaõ fingimento, e hum genero de humildade naõ ſó falſa, mas maligna, com a qual querem tacita e ſutilmente infamar as coiſas de Deos, ou ao menos cubrir com o pretexto de humildade, o amor proprio da ſua opiniaõ, do ſeu genio, e da ſua preguiça.

Pedi a Deos hum ſinal lá do alto do Ceo, ou em baixo do profundo do mar (1), (diſſe o Profeta ao infeliz Achab) a que elle reſpondeo: *Naõ por certo, naõ pedirei tal, nem tentarei ao Senhor* (2): Oh protervia! finge grande reverencia para com Deos, e ſob capa de humildade ſe eſcuſa de aſpirar á graça, a que a Divina bondade o chama: ſem attender, que quando Deos nos quer fazer mercês, he ſoberba engeitalas: que os dons de Deos nos

(1) Iſaiæ 7. v. 11. *Pete tibi ſignum a Domino Deo tuo, in profundum inferni.*

(2) v. 12. *Non petam, & non tentabo Dominum.*

nos obrigaõ a que os recebamos, e que he humildade obedecer com a maior presteza possivel os seus desejos. O desejo de Deos he, que sejamos perfeitos, unindo-nos a elle, e que o imitemos o melhor que pudermos. O soberbo que se fia em si proprio, muita razaõ tem para se naõ atrever a intentar coisa alguma; mas o humilde he tanto mais animoso, quanto se conhece mais inhabil: e á medida que se tem por cobarde, se fas mais resoluto: porque tem toda a sua confiança em Deos, que se serve de magnificar sua omnipotencia na nossa fraqueza, e elevar a sua misericordia sobre a nossa miseria. Devemos pois humilde e santamente acometer tudo aquillo, que julgarem conducente ao nosso adiantamento, aquelles que guiaõ nossas almas.

Julgar que sabemos o que naõ sabemos, he loucura manifesta: querernos mostrar sabios no que bem conhecemos, que ignoramos, he vaidade intoleravel: eu pelo menos tanto naõ quizera ostentar-me ciente daquilo que sei, como pelo contrario affectarme ignorante. Quando a caridade o pede, devemos cõmunicar com o proximo rendida e suavemente, naõ só o que he necessario para a sua instrucçaõ, mas tambem o que he util para sua consolaçaõ: porque a humildade que esconde e encobre todas as virtudes para as conservar, naõ obstante as faz apparecer, quando o ordena a caridade, para aumenta-las engrandece-las e aperfeiçoa-las. No que se assemelha áquella arvore das Ilhas de Tylos, a qual de noite aperta e tem fechadas suas be-

las flores encarnadas, e ſó as abre ao naſcer do Sol: de ſorte que os moradores do paiz, dizem que eſtas flores dormem de noite; porque aſſim encobre a humildade e eſconde todas noſſas virtudes e perfeições humanas, que nunca já mais as deixa aparecer ſenaó pela caridade; que por ſer virtude naó humana mas celeſtial, naó moral mas divina, he o verdadeiro Sol das virtudes, ſobre as quaes deve ſempre dominar: de ſorte que as humildades que prejudicaó á caridade, ſaó indubitavelmente falſas.

Quanto a mim, naó quizera fingir-me louco nem ſabio: porque ſe a humildade me impede moſtrarme ſabio, a ſinceridade e lhaneza me impede o moſtrarme louco: e ſe a vaidade he contraria á humildade, os eſtratagemas o fingimento e affectaçaó ſaó contrarios á lhaneza e ſinceridade. E ſe alguns grandes ſervos de Deos fizeraó papel de loucos, para ſe fazerem mais deſpreſiveis para com o mundo, devemo-los admirar e naó imitar; porque tiveraó motivos para romper neſtes excéſſos taó particulares e extraordinarios, de que ninguem deve tirar conſequencia para ſi. E ſe David dançou e bailou hum pouco mais que a ordinaria decencia pedia, diante da Arca do Teſtamento, naó foi por ſe fingir louco, mas ſincéramente e ſem fingemento fez aquelles movimentos exteriores, conforme a extraordinaria e deſmedida alegria, que ſentia em ſeu coraçaó. Verdade he que quando Micol ſua mulher, o reprehendeo diſto, como de loucura, naó moſtrou ſentimento de ſe ver

deſ-

desprezado, mas perseverando na substancia e representaçaő da sua alegria, testemunhou que se alegrava de padecer hum pouco de oprobrio por amor de Deos. Por conclusaő vos venho a dizer; que se pelas acçőes de huma verdadeira e natural devoçaő, vos tiverem por vil, despresivel ou louca, a humildade vos fará alegrar deste feliz oprobrio, a causa do qual naő está em vós, mas nos que o fazem.

CAPITULO VI.

Que a Humildade nos faz amar o nosso proprio despreso.

PAssando pois mais adiante, digo-vos Philotea, que em tudo e por tudo ameis a vossa propria abjecçaő: dirme-heis porém, que quer dizer amai a vossa propria abjecçaő? No Latim abjecçaő quer dizer humildade, e humildade quer dizer abjecçaő: de sorte que quando Nossa Senhora em seu sagrado Cantico diz: que por que Nosso Senhor vio a humildade de sua serva todas as geraçőes a chamariaő bemaventurada, quer dizer, que N. Senhor olhou com agrado para a sua abjecçaő abatimento e vileza, para a encher de graças e favores.

Ha com tudo diferença entre a virtude da humildade, e a abjecçaő: porque a abjecçaő he a pequenhez, abatimento, e vileza, que está em nós, sem que nós o cuidemos: mas quan-

quanto á humildade, he o verdadeiro conhecimento e voluntario reconhecimento da nossa abjecçaõ. O apice pois desta humildade naõ consiste sómente em reconhecer de boamente a propria abjecçaõ, mas em amala e comprazer-nos nella: e isto naõ por falta de animo e generosidade, mas para mais exaltar a Divina Magestade, e estimar mais o proximo em comparaçaõ de nós mesmos. A isto he que vos exhorto, e para melhor o entenderdes, sabei: que entre os males que sofremos, huns saõ abatidos e outros honrosos: muitos se acõmodaõ com os honrosos, mas quasi ninguem se quer acõmodar com os abatidos. Olhai para hum devoto Ermitaõ todo roto e friorento, todos honraõ seu habito consumido com compaixaõ do seu incomodo: mas se hum pobre official huma pobre donzela padecerem o mesmo, os desprezaõ e remoqueaõ: e eisaqui como a sua pobreza he abatida. Hum Religioso recebe devotamente huma aspera correcçaõ de seu Superior, ou hum filho de seu pai: ninguem deixará de chamar a esta mortificaçaõ, obediencia e sabedoria: hum Cavalheiro ou huma Senhora sofrerá que qualquer lhe faça o mesmo, e posto que seja pelo amor de Deos, todos lhe chamaráõ cobardia e pusilanimidade. Eisaqui outro mal abatido. Huma pessoa tem hum cancro em hum braço, outra no rosto: aquella naõ tem mais que o mal, mas esta com o mal tem o desprezo a ignominia a abjecçaõ. Por tanto digo, que convém naõ só amar o mal; o que se pratica pela virtude da paciencia; mas tambem have-

vemos de eſtimar o abatimento , o que ſe executa pela virtude da humildade.

Além de que , ha virtudes abatidas e virtudes honroſas : a paciencia a manſidaõ a ſingeleza a meſma humildade , ſaõ virtudes que os mundanos tem por vís e abjectas : pelo contrario prezaõ muito a prudencia a valentia e a liberalidade. Acçóes ha ainda de huma meſma virtude , das quaes humas ſaõ deſpreſiveis , outras honroſas : dar eſmola e perdoar ofenſas , ſaõ dois actos de caridade , o primeiro todos o honraõ , o ſegundo he deſpreſivel aos olhos do mundo. Hum moço nobre ou huma donzela principal , que naõ ſe meterem na aſſemblea diſtrahida , em falar jogar danſar beber veſtir , ſeraõ murmurados e cenſurados dos outros , e chamaráõ á ſua modeſtia hypocriſia ou affectaçaõ : amar iſto he amar a ſua abjecçaõ. Eiſaqui outro genero. Vamos viſitar os doentes , ſe me enviarem ao mais miſeravel , ſerá para mim de abatimento , ſegundo o mundo , e por iſſo o eſtimarei : ſe me mandaõ aos de maior qualidade , ſerme-ha de abatimento ſegundo o eſpirito , porque aqui naõ ha tanta virtude e merecimento : amarei por tanto eſta abjecçaõ. Se cahir no meio da rua , além do prejuizo , padeço a vergonha : devo amar eſte abatimento. Tambem ha faltas , nas quaes naõ ha outro damno ſenaõ o abatimento : a humildade naõ pede , que ſe cometaõ determinadamente , pede ſim que nos naõ perturbemos , quando as tivermos cometido : taes ſaõ certos gracejos incivilidades e inadvertencias , as quaes

aſſim

aſſim como ſe devem evitar antes de cometidas, por ſatisfazer á cortezia e prudencia; aſſim tambem cahindo nellas, nos devemos acommodar com o abatimento que nos rendem, e aceitalas de boamente para ſeguir a ſanta humildade. Ainda digo mais: ſe me deſmandei, por cauſa de cólera ou diſſoluçaõ, em proferir palavras indecentes, com que ofendi a Deos e o proximo; me arrependerei vivamente, e ſentirei ſummamente a ofenſa, a qual procurarei remediar o melhor que me for poſſivel: mas nem por iſſo deixarei de abraçar a abjecçaõ e deſprezo que me reſultar: e ſe huma coiſa ſe pudeſſe ſeparar da outra, lançaria de mim o peccado vigoroſamente, e aceitaria de boamente o abatimento.

Mas ainda que naõ amemos o abatimento que ſe ſegue do mal, nem por iſſo ſe ha de deixar de remediar o mal que ſe tiver cauſado, pelos meios proprios e legitimos, principalmente quando o mal he de conſequencia. Se tiver no roſto alguma moleſtia, que me ſirva de deſprezo, procurarei curala, mas naõ me eſquecerei do abatimento que tiver recebido. Se obrei alguma coiſa que naõ ofendeo a ninguem, naõ me eſcuſarei, porque ainda que ſeja falta, naõ ſendo permanente, ſeria eſcuſar-me unicamente do abatimento que me reſultou: iſto he o que a humildade naõ permite. Mas ſe por negligencia ou loucura ofendi ou eſcandalizei a alguem, remediarei a ofenſa com alguma eſcuſa verdadeira, porque o damno permanece, e a caridade me obriga a desfazê-lo. Algumas vezes ſuccede,

pe-

pedir a caridade, que remediemos a abjecçaõ por causa do bem do proximo, a quem a nossa reputaçaõ he necessaria: mas neste caso tanto que tirarmos o nosso abatimento dos olhos do proximo, para evitar o seu escandalo, devemos cerralo, e encubri-lo em nosso coraçaõ, para que se edifique.

Mas querereis talvez saber, Philotea, quaes saõ as melhores abjecções. Digo-vos abertamente, que as mais proveitosas á alma e agradaveis a Deos, saõ as que nos vem por acaso, ou pela condiçaõ da nossa vida: porque as naõ elegemos, mas as recebemos taes, quaes Deos no-las quer mandar, cuja eleiçaõ he sempre melhor que a nossa. Se houvessemos de escolher, as maiores saõ as melhores: e aquellas se julgaõ maiores, que saõ mais contrarias ás nossas inclinações, com tanto que sejaõ conformes á nossa vocaçaõ, porque (por dizer tudo de huma vez) a nossa escolha e eleiçaõ desfalca e diminue quasi todas as virtudes. Oh quem nos dera, poder dizer com aquelloutro grande Rei: *Escolhi ser desprezado na casa de Deos, antes que habitar nos tabernaculos dos peccadores* (1). Ninguem o póde, carissima Philotea, senaõ aquelle que por nos exaltar, viveo e morreo de sorte, que foi o oprobrio dos homens, e a abjecçaõ do povo. Muitas coisas vos tenho dito, que vos pareceráõ duras quando as considerardes

(1) Psalm. 83. ℣. 11. *Elegi abjectus esse in domo Dei mei magis quam habitare in tabernaculis peccatorum.*

ſiderardes, mas crede-me, que vos ſeraõ mais doces que o aſſucar e o mel, quando as praticardes.

CAPITULO VII.

Como ſe ha de conſervar o bom nome, praticando a humildade.

O Louvor a honra e a gloria, naõ ſe daõ aos homens por huma ſimples virtude, mas por huma virtude excelente. Porque com o louvor, queremos perſuadir aos outros, a que eſtimem a excelencia de alguns: com a honra, proteſtamos, que nós meſmos os eſtimamos: e a gloria (a meu ver) naõ he outra coiſa, mais que hum certo reſplandor da reputaçaõ, procedido do cumulo de muitos louvores e honras. De ſorte que os louvores e honras ſaõ como pedras precioſas, de cuja uniaõ procede a gloria, como hum eſmalte. Naõ podendo pois a humildade ſofrer, que tenhamos alguma opiniaõ de exceder e ſer preferidos aos outros, tambem naõ póde conſentir que buſquemos a honra o louvor e a gloria, que ſó á excelencia ſaõ devidos: naõ obſtante, conſente com a advertencia do Sabio, (1) que nos admoeſta; que tenhamos cuidado do noſſo bom nome; porque o bom nome he huma eſtimaçaõ, naõ de alguma excelencia, mas de huma ſimples e geral bondade e inteireza

(1) Eccliſ. 41. v. 15. *Curam habe de bono nomine.*

reza de vida, que a humildade naõ embaraça reconheçamos em nós mesmos, nem por conseguinte que desejemos a reputaçaõ. Verdade he que a humildade desprezaria a fama, se a caridade a naõ houvesse mister: mas porque ella he hum dos fundamentos da sociedade humana, e sem ella somos naõ só inuteis, mas prejudiciaes ao publico, por causa do escandalo, que recebe; pede a caridade e aprova a humildade, que a desejemos e conservemos preciosamente. Além de que, assim como as folhas das arvores, que em si naõ saõ de muita estima, servem com tudo de muito, naõ só para as adornar, mas tambem para conservar os frutos em quanto estaõ verdes: assim a boa fama que de si mesma naõ he coisa para muito desejar, naõ deixa de ser util, naõ sómente para adorno da nossa vida, senaõ tambem para conservaçaõ das nossas virtudes, principalmente das virtudes tenras e fracas. A obrigaçaõ de conservar a nossa reputaçaõ, e de sermos taes quaes nos julgaõ, obriga hum coraçaõ generoso com poderosa e suave violencia. Conservemos as nossas virtudes, minha carissima Philotea, porque saõ agradaveis a Deos, grande e soberano objecto de todas nossas acções. Mas assim como os que querem guardar a fruta, naõ se contentaõ só com a confeitar, mas a poem em vasos proprios á sua conservaçaõ; na mesma fórma, posto que o amor Divino seja o principal conservador de nossas virtudes, podemos tambem valer-nos da boa fama, como mui propria e util para isto.

Naõ devemos porém ser muito ardentes exactos e caprichosos por esta conservaçaõ; porque os que saõ taõ delicados e sentidos pela reputaçaõ propria, parecem-se com aquelles que por qualquer achaque, por pequeno que seja, tomaõ remedios, e cuidando que conservaõ a saude a estragaõ de todo: assim estes querendo manter taõ delicadamente a sua reputaçaõ, a perdem inteiramente; porque por esta delicadeza, se fazem odiosos aborreciveis, e insuportaveis, e provocaõ a malicia dos maldizentes.

A dissimulaçaõ e desprezo da injuria e calumnia, he de ordinario hum remedio mais saudavel, que o resentimento a porfia e vingança: o desprezo as faz desvanecer, agastarnos por causa delas he publica-las. Os crocodilhos naõ prejudicaõ senaõ a quem os teme, nem taõ pouco a murmuraçaõ, senaõ a quem faz caso della.

O temor excessivo de perder a honra, he sinal de grande desconfiança do fundamento della, que he a verdade de huma boa vida. As cidades que tem pontes de madeira sobre grandes rios, temem que qualquer cheia lhas derrube; mas as que as tem de pedraria, só lhes daõ cuidado as inundações extraordinarias. Assim os que tem huma alma solidamente Christá, de ordinario desprezaõ as enchentes das linguas injuriosas; mas os que se sentem fracos, se desassocegaõ por qualquer coisa. Na verdade, Philotea, quem quer ter reputaçaõ para com todos, para com todos a perde: e aquelle merece perder a honra, que

a quer receber daquelles, a quem os vicios fazem verdadeiramente infames e deshonrados.

A reputaçaõ he como hum ſinal, que dá a conhecer onde mora a virtude: por tanto eſta deve ſer em tudo e por tudo preferida. Donde he, que ſe alguem diſſer, que ſois hum hypocrita, porque vos dais á devoçaõ: ſe vos tiverem por homem de baixos eſpiritos, porque perdoaſtes a injuria, zombai de tudo iſto; porque além de que ſemelhantes juizos, ſaõ de gente neſcia e louca; quando ſe houveſſe de perder a honra, nunca ſe devia deixar a virtude, nem deſviar do caminho della; porque o fruto ſempre ſe deve antepôr ás folhas: iſto he, o bem interior e eſpiritual, a todos os bens externos. Bem he que ſejamos zeloſos, mas naõ idolatras da noſſa honra: e aſſim como ſe naõ devem ofender os olhos dos bons, tambem ſe naõ deve querer agradar aos dos perverſos. A barba he ornato do roſto do homem, e o cabelo da cabeça da mulher: ſe ſe arrancar totalmente o cabelo da barba e da cabeça, dificultoſamente tornará a naſcer; mas ſe ſómente o cortarem, virá depois mais rijo e baſto: Por ſemelhante modo, ainda que a fama ſeja cortada, ou totalmente raſpada pela lingua dos maldizentes, que he, como diz David (1), como huma navalha afiada: naõ nós devemos deſaſſocegar; porque brevemente renaſcerá, naõ ſó

(1) Pſalm. 51. v. 4. *Sicut novacula acuta, &c.*

só taõ fermosa como era dantes, mas ainda mais solida. Porém se os nossos vicios, a nossa frouxidaõ, e a nossa má vida nos tira a reputaçaõ, dificultoso será que a tornemos a recobrar, porque a raiz ficou arrancada. A raiz da honra he a bondade e probidade, a qual em quanto estiver em nós, sempre póde produzir a honra que lhe he devida.

Devemos deixar a conversaçaõ vã, a pratica inutil, a amizade frívola, o costume fatuo, se isto prejudicar á boa fama; porque o credito val mais, que todo o genero de vaõ contentamento: mas se por causa dos exercicios de piedade, do adiantamento na devoçaõ, e do caminhar para os bens eternos, murmuraõ, rosnaõ e calumniaõ, deixemos ladrar os cães contra a Lua; porque se poderem excitar alguma má opiniaõ contra a nossa honra, e por este meio cortar e raspar os cabelos á barba da nossa reputaçaõ, brevemente renascerá esta, e a navalha da murmuraçaõ servirá á nossa honra, como o podaõ á vinha, que a faz abundar e multiplicar em frutos.

Tenhamos sempre os olhos em Jesu Christo crucificado, caminhemos em seu serviço com confiança e singeleza, mas sábia e discretamente: elle será o protector do nosso bom nome: e se permitir que nos seja tirado, será para nos dar outro melhor, ou para que aproveitemos na santa humildade, da qual huma só onça val mais que mil libras de honras. Se nos infamarem injustamente, opponhamos com socego a verdade á calumnia: se

esta perseverar, perseveremos nós em nos humilhar: pondo assim a nossa reputaçaõ com a nossa alma nas mãos de Deos, naõ poderemos segurala melhor. Sirvamos a Deos pela boa e má fama, a exemplo de S. Paulo (1), para que possamos dizer com David: *Deos meu, por vós he que eu sofri o oprobrio, e meu rosto se cobrio de confusaõ* (2).

Isto naõ obstante, exceptuo certos crimes taõ atrozes e infames, que ninguem deve sofrer a calumnia, quando justamente a póde rechaçar: e certas pessoas, de cuja reputaçaõ depende a edificaçaõ de muitos; porque neste caso, convém tranquilamente procurar a satisfaçaõ do agravo, segundo o parecer dos Theologos.

CAPITULO VIII.

Da Mansidaõ para com o proximo, e remedios contra a Ira.

O Santo Chrisma, do qual por tradiçaõ Apostolica se usa na Igreja de Deos, nas Confirmaçóes e Bençáos, he composto de azeite de oliveira misturado com balsamo: que representa entre outras coisas, as duas amadas e bem queridas virtudes, que reluzem na

---

(1) Corinth. 2. 6. v. 8. *Per infamiam, & bonam famam.*

(2) Psalm. 68. v. 8. *Propter te sustinui obrobrium, operuit confusio faciem meam.*

na ſacroſanta peſſoa de Noſſo Senhor : que elle nomeadamente nos recomendou , como ſe por ellas houveſſe de ſer o noſſo coraçaõ eſpecialmente dedicado ao ſeu ſerviço , e applicado á ſua imitaçaõ. *Aprendei de mim*, (diz elle) *que ſou manſo e humilde de coraçaõ* (1). A humildade nos faz perfeitos para com Deos , e a manſidaõ para com o proximo. O balſamo que (ſegundo já diſſe) toma ſempre o lugar infimo em todos os licores , repreſenta a humildade : o oleo de oliveira , que ſempre buſca o ſuperior , repreſenta a manſidaõ e ſuavidade , a qual ſobrepuja a todas as coiſas , e excede a todas as virtudes , como flor que he da caridade ; a qual ſegundo S. Bernardo eſtá na ſua perfeiçaõ , quando naõ ſómente he ſofrida , mas além diſto he ſuave e benigna. Adverti porém , Philotea , que eſte Chriſma myſtico compoſto de manſidaõ e humildade , eſteja dentro do voſſo coraçaõ ; porque eſte he hum dos eſtratagemas do inimigo , fazer que muitos ſe enganem com as palavras e geſtos exteriores deſtas duas virtudes , e ſem examinarem bem ſeus affectos interiores , cuidaõ que ſaõ humildes e manſos , e o naõ ſaõ na realidade : o que ſe conhece , porque naõ obſtante a ſua ceremonial brandura e humildade , á menor palavra que ſe diz contra elles , e á menor injuria que ſe lhes faz , ſaltaõ com arrogancia incompa-

(1) Math. 11. v.29. *Diſcite a me , quia mitis ſum , & humilis corde.*

paravel. Dizem, que os que tem tomado o preſervativo, chamado vulgarmente a Graça de S. Paulo, naõ inchaõ ſendo mordidos da vibora; com tanto que a graça ſeja da fina. De ſemelhante modo, quando a humildade e manſidaõ ſaõ boas, e verdadeiras nos ſaraõ da inchaçaõ e ardor, que as injurias coſtumaõ cauſar em noſſos corações. E ſe ſendo picados pelos maldizentes e inimigos, nos embravecemos inchamos e enfadamos, final he que a noſſa humildade e manſidaõ naõ ſaõ verdadeiras e ſincéras, mas contrafeitas e apparentes.

O Santo e illuſtre Patriarca Joſeph, quando remeteo a ſeus irmãos do Egypto para caſa de ſeu pai, lhe deo eſte unico documento: *Naõ vos enfadeis no caminho* (1). O meſmo vos digo eu, Philotea; eſta miſeravel vida naõ he ſenaõ hum caminho para a bemaventnrança: naõ nos agaſtemos pois huns com outros, caminhemos em companhia de noſſos irmãos e companheiros ſuave apraſivel e ſocegadamente. Ainda vos digo mais claramente e ſem exceiçaõ: quanto vos for poſſivel nunca jámais vos ireis, nem admitais pretexto algum para abrir a porta á ira: pois Santiago diz abſolutamente e ſem exceiçaõ: *Que a ira do homem naõ obra a juſtiça de Deos* (2). Verdadeiramente devemos reſiſtir aó mal, e reprimir os vicios dos que eſtaõ a noſſo cargo, conſ-

(1) Geneſ. 45. v. 19. *Ne iraſcamini in via.*

(2) Jacob. 2. v. 20. *Ira viri juſtitiam Dei non operatur.*

conſtante e valeroſamente, mas com brandura e ſocego. Nada aplaca tanto o elefante irado como a viſta de hum cordeirinho, e nada quebra taõ facilmente a força da artelharia, como a lã. Naõ ſe eſtima tanto a correcçaõ que procede de paixaõ, poſto que acompanhada de razaõ, como a que naõ tem outra origem mais do que a razaõ unicamente. Porque a alma racional eſtando naturalmente ſujeita á razaõ, naõ eſtá ſujeita á paixaõ ſenaõ por tyrania: e por iſſo quando a razaõ eſtá acompanhada da paixaõ, ſe faz odioſa, envelicendo o ſeu juſto dominio pelo conſorcio da tyrania. Os Principes honraõ e conſolaõ infinito os povos, quando os viſitaõ com aparato de paz; mas quando conduzem exercitos, ainda que ſeja pelo bem publico, ſempre a ſua vinda he deſagradavel e damnoſa; porque ainda que façaõ obſervar exactamente a diſciplina militar entre os Soldados, naõ pódem fazer que naõ ſucceda alguma deſordem, com que as peſſoas de bem ſejaõ oprimidas. Aſſim tambem em quanto reina a razaõ, e ſocegadamente executa os caſtigos correcções e reprehensões, ainda que ſeja com rigor e exaçaõ, todos a amaõ e aprovaõ: mas quando traz comſigo a ira a raiva e enfado, que ſaõ (diz Santo Agoſtinho) os ſeus ſoldados, ſe faz mais terrivel que amavel, e ſeu proprio coraçaõ fica ſempre oprimido e maltratado. Melhor he, diz o meſmo Santo Agoſtinho eſcrevendo a Profuturo, eſcuſar a entrada á ira ainda que juſta e racionavel, que admitila por pequena que ſeja; porque admitida ella,

he

he dificultoſo deſpedila; pois entrando como huma tenue vergontea, em hum inſtante engroſſa, e ſe faz hum tronco. E ſe huma vez póde ganhar a noite, e o Sol ſe poem ſobre a noſſa ira (coiſa que o Apoſtolo prohibe) ſe converterá em odio, nem haverá remedio para deſpedila; porque ſe nutre de mil perſuasões fallſas; pois nenhum ſujeito agaſtado já mais entende que o ſeu enfado he injuſto.

Melhor he pois procurar ſaber viver ſem cólera, do que querer uſar della moderada e prudentemente: e quando por imperfeiçaõ e fraqueza nos acharmos ſurprendidos della, melhor he ſacudila com preſteza, que querer capitular com ella; porque por pouco lugar que lhe demos, ſe faz ſenhora de toda a praça: havendo-ſe como a cobra que introduz facilmente todo o corpo, por onde póde meter a cabeça. Mas de que modo a rebaterei eu? me direis vós. Deveis, minha Philotea, logo que a ſentirdes, convocar promptamente voſſas forças; naõ aſpera nem impetuoſamente, mas ſuave e ainda aſſim ſériamente; porque vemos nas audiencias de muitos Senados e Parlamentos, que os Porteiros gritando por ſilencio, fazem mais rumor, do que aquelles que querem fazer calar: aſſim ſuccede muitas vezes, que querendo com impeto reprimir a noſſa cólera, levantamos maior motim em noſſo coraçaõ, do que ella podéra ter feito: e o coraçaõ eſtando aſſim perturbado, naõ póde ſer ſenhor de ſi meſmo.

Depois deſte ſuave esforço, praticai o dictame que Santo Agoſtinho ſendo já velho dava

va ao moço Bispo Auxilio : *Fazei* (lhe dizia) *o que hum homem deve fazer : e se vos succeder o que o varaõ de Deos diz no Psalmo* (1) : Meus olhos estaõ perturbados com grande cólera : recorrei a Deos clamando : *Tende misericordia de mim , Senhor* : para que elle estenda sua dextra , e reprima o vosso enfado. Eu vos direi , que devemos invocar o auxilio de Deos , quando nos vemos agitados da cólera , á imitaçaõ dos Apostolos , combatidos do vento e tempestade no meio do mar ; porque elle mandará ás nossas paixões , que soceguem , e sobrevirá grande tranquilidade. Mas sempre vos advirto , que a oraçaõ que se faz contra a cólera presente e violenta , se deve praticar suave e tranquilamente , e naõ com violencia : o que se deve observar em todos os remedios , que se praticaõ contra este mal.

Supposto isto , tanto que advertirdes ter feito algum acto de cólera , remediai a falta com hum acto de suavidade promptamente exercitado com a mesma pessoa com quem vos irritastes ; porque assim como he hum grande remedio contra a mentira , desdizernos para logo , tanto que reconhecemos têla dito ; assim he bom remedio contra a cólera , reparala quanto antes com hum acto contrario de brandura ; porque (como dizem lá) as feridas frescas saõ mais faceis de curar.

Além disto , quando vos achais em tranquilidade , e sem ocasiaõ alguma de enfado ,

fa-

(1) Psalm. 30. v. 10.

fazei grande provimento de brandura e benignidade, proferindo todas vossas palavras, e fazendo todas vossas acções, pequenas ou grandes, pelo modo mais socegado que vos for possivel; lembrando-vos que a Esposa no Cantico dos Canticos, naõ tem sómente o mel nos labios e na ponta da lingua, mas debaixo da lingua: a saber dentro do peito: e naõ só tem mel, mas tambem leite; porque naõ só deve haver a palavra branda para com o proximo, mas todo o peito, isto he, todo o interior da nossa alma: e naõ ha de haver só a doçura do mel, que he aromatico e cheiroso: isto he a suavidade da conversaçaõ civil com os estranhos; mas tambem a suavidade do leite entre os domesticos e visinhos: no que erraõ enormemente os que na rua parecem Anjos, e em sua casa diabos.

CAPITULO IX.

Da Mansidaõ para comnosco.

HUm dos bons exercicios, que podemos fazer da mansidaõ, he aquelle que tem por objecto a nós mesmos; naõ nos agastando já mais contra nós, nem contra nossas imperfeições; porque ainda que a razaõ pede, que quando cometemos faltas nos mostremos pezarosos e tristes; naõ devemos com tudo admitir hum desagrado aspero triste agastado e cólerico. No que cometem huma grande falta muitos, que depois de se agastarem, se en-

enfadaõ de ſe ter enfadado, ſe amofinaõ de ſe ter amofinado, e ſe encolerizaõ de ſe ter encolerizado; porque por eſte modo vem a ter ſeu coraçaõ embebido e enfraſcado em cólera: e ainda que a ſegunda cólera parece ſer ruina da primeira, com tudo he certo, que ſerve de porta e paſſo para outra nova cólera, na primeira ocaſiaõ que ſe offerecer. Além de que eſtes enfados amofinações e amarguras, que temos comnoſco, encaminhaõ á ſoberba, e naõ tem outra origem ſenaõ o amor proprio, que ſe perturba e inquieta de nos ver imperfeitos. Devemos pois ter hum deſprazer de noſſas faltas, que ſeja ſocegado repouſado e firme; porque aſſim como o Juiz caſtiga melhor os delinquentes, dando ſuas ſentenças levado da razaõ e eſpirito de tranquilidade, do que quando as dá com impeto e paixaõ; porque quando caſtiga com ella, naõ caſtiga as faltas ſegundo ellas ſaõ em ſi, ſenaõ ſegundo elle he: aſſim tambem nós, melhor nos caſtigamos a nós meſmos com arrependimentos tranquilos e conſtantes, do que com arrependimentos aſperos impetuoſos e cólericos; porque taes arrependimentos executados com impeto, naõ ſe executaõ ſegundo a graveza das noſſas faltas, mas conforme as noſſas inclinações. Por exemplo: o que ſe affeiçoa á caſtidade, ſentirá ſummamente qualquer falta que cometer contra ella, e rirſe-ha ſómente de huma murmuraçaõ em que tiver cahido: pelo contrario, aquelle que tem odio á murmuraçaõ, ſe afligirá de ter cometido huma leve murmuraçaõ, e naõ fará caſo de huma

ma falta avultada contra a caſtidade : e aſſim dos mais. O que naõ procede de outra cauſa, ſenaõ de que os taes naõ formaõ juizo da ſua conſciencia por motivo de razaõ, ſenaõ levados da paixaõ.

Crêde-me, Philotea, que aſſim como as admoeſtações de hum pai feitas branda e cordialmente, tem muito maior efficacia ſobre hum filho para o emendar, do que os enfados e agaſtamentos: aſſim tambem, quando o noſſo coraçaõ houver cometido alguma falta, ſe o reprehendermos com admoeſtações brandas e tranquilas, tendo mais compaixaõ delle do que paixaõ contra elle, animando-o á emenda : o arrependimento que conceber paſſará muito avante, e o penetrará muito mais, do que o arrependimento agaſtado irado e tempeſtuoſo.

Quanto a mim, ſe por exemplo tiveſſe grande affecto a naõ cahir no vicio da vaidade, e naõ obſtante déſſe nelle huma grande quéda, naõ quizera reprehender o meu coraçaõ deſte modo: Naõ es tu, miſeravel e abominavel, o que depois de tantas reſoluções te deixaſte arraſtar da vaidade? Morre já de vergonha, naõ levantes mais os olhos ao Ceo, cego impudente traidor e desleal a teu Deos: e outras coiſas ſemelhantes. Mas antes o quereria reprehender arrezoadamente por via de compaixaõ. Eia pobre coraçaõ meu, vês como cahimos no foſſo, de que tinhamos aſſentado eſcapar? levantemo-nos e deixemo-lo daqui em diante: clamemos á miſericordia de Deos, e eſperemos nella, que nos aſſiſtirá

pa-

para ſermos ſempre firmes, e tomemos pelo caminho da humildade. Animo, velemos deſde hoje mais ſobre nós. Deos nos ajudará, e aſſim aproveitaremos. Sobre eſta reprehenſaõ, quizera fundar huma ſólida e firme reſoluçaõ de nunca mais cahir na falta, buſcando os meios convenientes para iſſo, e do meſmo modo o conſelho de meu Director.

E ſe com tudo iſto, alguem achar que o ſeu coraçaõ ſe naõ move com eſta ſuave correcçaõ, poderá valer-ſe da injuria, e de huma reprehenſaõ dura e forte, para o excitar a huma confuſaõ profunda: com tanto que depois de o ter aſperamente maltratado e reprehendido, remate com hum alivio, finalizando todo o ſeu pezar e enfado com huma ſuave e ſanta confiança em Deos: á imitaçaõ daquelle grande penitente, que vendo a ſua alma afflicta, a conſolava deſta ſorte: *Porque eſtas triſte alma minha, e porque me perturbas tu? Eſpera em Deos, porque ainda o bemdirei, como ſaude de meu roſto, e meu verdadeiro Deos* (1).

Levantai pois ſuavemente o voſſo coraçaõ quando cahir, humilhando-vos muito diante de Deos, pelo conhecimento da voſſa miſeria, ſem vos eſpantardes nada da voſſa quéda; porque naõ he de admirar, que a enfermidade ſeja enferma, e a fraqueza fraca, e a miſeria

(1) Pſalm. 42. v. 5. *Quare triſtis es anima mea, & quare conturbas me? Spera in Deo quoniam adhuc confitebor illi ſalutare vultus mei, & Deus meus.*

ſeria meſquinha. Deteſtai ainda aſſim com todas voſſas forças a ofenſa, que Deos recebeo de vós; e com hum grande valor e confiança na ſua miſericordia voltai para o caminho da virtude, que tinheis deſamparado.

CAPITULO X.

Que ſe haõ de tratar os negocios com cuidado, e ſem anxiedade nem deſaſſocego.

O Cuidado e diligencia que devemos pôr em noſſos negocios, ſaõ coiſas mui diverſas da anxiedade deſaſſocego e fadiga. Os Anjos cuidaõ na noſſa ſalvaçaõ, e a procuraõ com diligencia, mas nem por iſſo ſe anceaõ deſaſſocegaõ e afadigaõ; porque o cuidado e diligencia pertencem á caridade, mas a anxiedade fadiga e deſaſſocego, ſeriaõ contrarios á ſua felicidade; porque o cuidado e diligencia podem acompanhar-ſe de tranquilidade e paz de animo, mas naõ a anxiedade e fadiga, e menos o deſaſſocego.

Sêde pois, minha Philotea, cuidadoſa e diligente em todos os negocios que tiverdes a voſſo cargo; porque tendovo-los Deos confiado, quer que tenhais delles grande cuidado: mas ſe he poſſivel, naõ vos éntregueis á anxiedade e fadiga: quero dizer, naõ os emprendais com deſaſſocego anxiedade e ardor, nem vos afflijais em lhe dar expediente; porque todo o genero de preſſa perturba a razaõ

zaõ e o juizo, e nos impede fazer bem aquillo mesmo, porque nos afadigamos.

Quando Nosso Senhor reprehendeo a Santa Martha, lhe disse; Martha *Martha tu te desassocegas, e perturbas com muita coisa* (1). Vêde vós como se ella estivesse simplesmente cuidadosa, se naõ perturbaria; mas porque estava com ancia e desassocego, se affligia e perturbava. E disto he que Nosso Senhor a reprehendeo. Os rios, que correm socegadamente pelas planicies, levaõ grandes baixeis e ricas mercadorias: e a chuva que cahe brandamente no campo, o fecunda de ervas e de graõ; mas os torrentes e ribeiras que com borbolhões correm precipitadas, arruinaõ as suas visinhanças, e saõ inuteis ao commercio, assim como as chuvas vehementes e tempestuosas assolaõ os campos e os prados. Obra que se faz impetuosa e arrebatadamente nunca foi bem feita. Convem despachar tudo belamente (como diz o antigo Proverbio). *Aquelle que se apressa* (diz Salamaõ) *corre risco de tropeçar, e de lhe resvalarem os pés* (2): sempre fazemos muito, quando o fazemos bem feito. Os zangãos fazem muito estrondo, e saõ muito mais apressados que as abelhas, mas elles só fazem a cera, e naõ o mel: assim os que se affligem com demasiado cuidado, e anxie-

(1) Luc. 10. v. 41. *Martha Marthd solicita es, & turbaris erga plurima.*

(2) Proverb. 19. v. 2. *Qui festinus est pedibus, offendet.*

xiedade ruidoſa, nem trabalhaõ muito nem bem.

As moſcas naõ nos inquietaõ com a ſua violencia, ſenaõ com a ſua multidaõ: aſſim os grandes negocios naõ nos perturbaõ tanto como os pequenos, quando eſtes ſaõ em grande numero. Recebei pois os negocios que ſe vos offerecerem com ſocego, e aſſentai expedilos por ſua ordem a hum e hum; porque ſe quizerdes fazer tudo de hum jacto, ou com deſordem, atropelarvos-heis com eſſe impeto, desfalecereis de animo, e de ordinario ficareis opprimida pela preſſa, e ſem conſeguir o effeito.

Em qualquer negocio vos eſtribai unicamente na providencia de Deos, pela qual ſó todos voſſos deſignios ſe devem effeituar: trabalhai com tudo por cooperar com ella, e depois crede, que ſe eſtiverdes bem confiada em Deos, o ſucceſſo que vos acontecer, ſerá o mais proveitoſo para vós, ou vos pareça bom ou máo, ſegundo o voſſo juizo particular.

Fazei como os meninos pequenos, que com huma maõ tomaõ a de ſeus pais, e com a outra colhem morangáos ou amoras pelos valados; porque de ſemelhante modo, ajuntando e manejando os bens deſte mundo, com huma de voſſas mãos vos apegareis á outra do Pai celeſtial, voltando-vos de quando em quando para elle, para ver ſe lhe he agradavel o voſſo cabedal, ou as voſſas ocupações. E ſobre tudo, guardai-vos muito de largar a ſua maõ e a ſua protecçaõ, cuidando ajun-

tar e colher mais; porque se elle vos desemparar, naó dareis passo em que naó venhais de naris a terra. Venho a dizer, minha Philotea, que quando estiverdes no meio dos negocios e ocupaçóes commuas, que naó requerem atençaó taó forte e vehemente, olheis mais para Deos que para os negocios. E quando os negocios forem de taó grande importancia, que peçaó toda a vossa attençaó para serem bem feitos; de tempos em tempos olhai para Deos: como fazem os que navegaó pelo mar, que para chegar á terra que desejaó, olhaó mais para o Ceo, do que para o mar onde navegaó: deste modo trabalhará Deos comvosco, em vós e por vós, e será o vosso trabalho acompanhado de consolaçaó.

CAPITULO XI.

Da Obediencia.

SOmente a caridade nos faz perfeitos, mas a obediencia a castidade a pobreza saó tres grandes meios de a adquirir: a obediencia dedica o nosso coraçaó, a castidade o nosso corpo, e a pobreza os nossos meios, ao amor e serviço de Deos. Estes saó os tres ramos da Cruz espiritual, fundados todos tres sobre a humildade, que he o quarto. Naó direi nada destas tres virtudes, em quanto votadas solemnemente, porque isto só pertence aos Religiosos: nem taó pouco quando simplesmente votadas, porque ainda que o voto

ſempre da muita graça e merecimento a todas as virtudes, para nos fazerem perfeitos, naõ he neceſſario que ſejaõ votadas, com tanto que ſejaõ obſervadas. Porque ſe bem que ſendo votadas, principalmente com ſolemnidade, poem o homem em eſtado de perfeiçaõ, tambem he certo que para o chegar á perfeiçaõ, baſta que ſejaõ obſervadas: ſendo aſſim que ha grande diferença entre o eſtado de perfeiçaõ, e a perfeiçaõ; porque todos os Biſpos e Religioſos eſtaõ em eſtado de perfeiçaõ, e com tudo iſſo nem todos eſtaõ na perfeiçaõ, como aſſas ſe vê. Reſolvamo-nos pois, Philotea, a praticar bem eſtas tres virtudes, cada hum ſegundo a ſua vocaçaõ; porque ainda que nos naõ poem em eſtado de perfeiçaõ, nos daraõ com tudo a meſma perfeiçaõ. Por iſſo eſtamos todos obrigados a praticar eſtas tres virtudes, ainda que nem todos do meſmo modo.

Duas eſpecies ha de obediencia, huma neceſſaria outra voluntaria. Pela neceſſaria deveis obedecer humildemente a voſſos Superiores Ecleſiaſticos, como ao Papa ao Biſpo ao Cura, e aos que tiverem ſuas vezes. Deveis obedecer a voſſos Superiores politicos, iſto he, ao voſſo Principe, e aos Magiſtrados, que elle eſtabeleceo no voſſo paiz: deveis obedecer a voſſos Superiores, domeſticos, a ſaber a voſſo pai, mái, ſenhor, e ſenhora. Eſta obediencia pois ſe chama neceſſaria, porque ninguem ſe póde eximir da obrigaçaõ de obedecer a eſtes Superiores, tendo-lhe Deos dado authoridade de mandar e governar, a cada

hum

hum no que lhe toca, ſobre nós. Cumprireis pois os ſeus preceitos, que iſto he de neceſſidade: mas para ſerdes perfeita, ſegui tambem ſeus conſelhos, e ainda os ſeus deſejos e inclinações, quanto a caridade e prudencia vo-lo permitir. Obedecei quando vos mandarem coiſa agradavel, como comer ou tomar alguma recreaçaõ; porque ainda que parece que naõ he grande virtude obedecer neſte caſo, ſeria com tudo grande vicio deſobedecer. Obedecei nas coiſas indiferentes, como trazer tal ou tal veſtido, ir por hum caminho ou por outro, cantar ou calar, e praticareis huma mui louvavel obediencia. Obedecei em coiſas dificultoſas aſperas e duras, e praticareis huma obediencia perfeita. Obedecei em fim ſuavemente ſem replica, promptamente ſem demora, alegremente ſem enfado: e ſobretudo obedecei amoroſamente, por amor daquelle, que por amor de nós ſe fez obediente até á morte de Cruz: o qual, como diz S. Bernardo, quiz antes perder a vida que a obediencia.

Para aprender facilmente a obedecer a voſſos Superiores, condeſcendei facilmente com a vontade de voſſos ſemelhantes, cedendo ás ſuas opiniões, no que naõ for máo, naõ ſendo contencioſa nem aporfiada. Acõmodai-vos de boamente aos deſejos de voſſos inferiores, quanto a razaõ o permitir, ſem exercer authoridade alguma imperioſa ſobre elles, em quanto forem bons.

He hum engano crer, que ſe foſſemos Religioſos ou Religioſas obedeceríamos facil-

mente, achando agora dificuldade e renitencia em obedecer aos que Deos constituio sobre nós.

Chamamos obediencia voluntaria aquella, a que nos obrigamos por nossa propria eleiçaõ, sem que nos seja imposta por outrem. Naõ se escolhe de ordinario o Principe o Bispo o pai a mãi, nem ainda commummente o marido: mas escolhe-se o Confessor e Director. Demos caso, que tendo o escolhido, fazemos voto de lhe obedecer (como se diz que a Madre Santa Tereza, além da obediencia solemne votada ao Superior da sua Ordem, se obrigou por hum voto simples a obedecer ao P. Graciano) ou que sem voto nos obrigamos á obediencia de alguem: sempre esta obediencia se chama voluntaria, em razaõ do seu fundamento, que depende da nossa vontade e eleiçaõ.

Devemos obedecer a todos os Superiores, a cada hum porém no que tem a seu cargo sobre nós: como no que respeita á policia e coisas publicas, deve-se obedecer aos Principes: aos Prelados, no que respeita á policia Eclesiastica: nas coisas domesticas ao pai, ao senhor, ao marido: quanto á conducta particular da alma, ao Director e Confessor particular.

As acções de piedade que haveis de observar, procurai que vo-las designe o vosso Padre espiritual; porque seraõ melhores, e teraõ dobrada graça e bondade. Huma de si mesmas, pois saõ piedosas: a outra da obediencia que as tiver ordenado, e em virtude da

qual

qual ſeraõ feitas. Ditoſos os obedientes, porque nunca já mais permitira Deos que errem o caminho.

CAPITULO XII.

Da neceſſidade da Caſtidade.

A Caſtidade he a açucena das virtudes: ella he a que faz os homens quaſi iguaes aos Anjos: nada he fermoſo ſem a pureza, e a pureza dos homens he a caſtidade. Chamaſe a caſtidade, honeſtidade: e a ſua profiſſaõ, honra. Apelidaõ-na tambem inteireza; e o ſeu contrario, corrupçaõ. Em ſumma, ella tem ſua gloria á parte, em ſer a fermoſa e candida virtude da alma e corpo.

Nunca he permitido tomar prazer algum deshoneſto do noſſo corpo, em qualquer modo que ſeja, ſenaõ em hum legitimo Matrimonio, cuja ſantidade poſſa com huma juſta compenſaçaõ reparar o dano que cauſa o deleite. E ainda no Matrimonio ſe ha de guardar a honeſtidade da intençaõ, porque ſe ha alguma indecencia no deleite que ſe exercita, naõ ha ſenaõ honeſtidade na vontade que o pratica.

O coraçaõ caſto he como a madre perola, que naõ póde receber gota de agua, que naõ venha do Ceo; porque naõ póde receber prazer algum, ſenaõ o do Matrimonio que he ordenado pelo Ceo: fóra diſto lhe naõ he licito,

cito, confidera-lo com hum fó penfamento deleitofo voluntario e morofo.

Quanto ao primeiro gráo defta virtude, guardai-vos, Philotea, de admitir genero algum de gofto, que feja prohibido e vedado: como faõ todos os que fe tomaõ fóra do Matrimonio, ou ainda no Matrimonio, quando fe admitem contra a regra do mefmo Matrimonio.

Quanto ao fegundo, apartai-vos todo o poffivel de deleitações inuteis e fuperfluas, pofto que licitas e permitidas.

Quanto ao terceiro, naõ apegueis o voffo affecto aos goftos e prazeres, que faõ ordenados e mandados; porque ainda que fe hajaõ de praticar as delicias neceffarias, a faber as que dizem refpeito ao fim e inftituiçaõ do fanto Matrimonio, nem por iffo fe lhes ha de afferrar o coraçaõ e animo.

Quanto aos demais, todos tem neceffidade defta virtude: os que eftaõ em viuvez, devem ter huma caftidade animofa, que naõ fó defpreze os objectos prefentes e futuros, fenaõ que refifta ás imaginações que os prazeres licitamente havidos no Matrimonio podem produzir em feu animo, que por ifto faõ mais fogeitos aos incentivos menos honeftos. Por efta caufa admirava Santo Agoftinho a pureza do feu amado Alipio, o qual totalmente fe tinha efquecido e defprezado os deleites carnaes, tendo-os experimentado alguma vez em fua mocidade E he certo, que em quanto os frutos eftaõ inteiros, podem fer confervados, huns fobre palha, outros na

area,

area, e outros em ſuas proprias folhas: mas huma vez incetados, he quaſi impoſſivel guarda-los, ſenaõ por meio do mel e do aſſucar, confeitando-os. Aſſim a caſtidade que ainda naõ eſtá tocada nem violada, póde ſer guardada de muitos modos, mas huma vez encetada, nada a póde conſervar, ſenaõ huma excelente devoçaõ, a qual como tenho dito muitas vezes, he o verdadeiro mel e aſſucar das almas.

As virgens haõ miſter huma caſtidade ſummamente ſingela e delicada, para deſterrar de ſi todo o genero de curioſos penſamentos: e deſprezar com total deſprezo toda a ſorte de prazeres immundos, os quaes verdadeiramente naõ merecem ſer deſejados dos homens, pois mais convem aos brutos do que a elles. Guardem-ſe pois eſtas almas puras de duvidar, que a caſtidade he incomparavelmente melhor que tudo o que he incompativel com ella; porque como diz o grande S. Jeronymo, o inimigo incita fortemente as virgens ao deſejo de experimentarem os deleites, repreſentando-lhos infinitamente mais goſtoſos e diliciosos do que ſaõ: o que as deſaſſocega muito (diz eſte Santo Padre) por julgarem mais ſuave o que ignoraõ. Porque aſſim como a borboleta, vendo a chama, dá muitas voltas á roda della curioſamente, por provar ſe he taõ doce como fermoſa: e apertada deſta fanteſia, naõ deſcanſa até ſe perder na primeira experiencia: aſſim a gente moça ſe deixa de tal modo poſſuir da falſa e louca eſtimaçaõ, que tem do prazer das chamas laſcivas, que de-

depois de muitos penſamentos curioſos ; ſe deitaõ em fim a perder nellas: mais loucos niſto que a borboleta, pois eſta alguma cauſa tem para cuidar que o fogo he dilicioſo, pois he taõ bello: mas eſtes ſabendo que aquilo que buſcaõ he ſummamente torpe, nem por iſſo deixaõ de eſtimar em muito a louca e brutal deleitaçaõ.

Mas quanto aos caſados he coiſa verdadeira (ainda que o vulgo o naõ entende aſſim) que a caſtidade lhes he muito neceſſaria; porque nelles naõ conſiſte em ſe abſterem abſolutamente dos prazeres carnaes, mas em ſe conter entre os prazeres. Aſſim como eſte mandamento: *Irai-vos, e naõ queirais pecar*: (1) he a meu ver mais dificultoſo que eſte: *Naõ vos ireis*; porque he mais facil evitar a colera, que regrala. Aſſim he tambem mais facil livrar totalmente dos goſtos ſenſuaes, do que guardar nelles moderaçaõ. Verdade he que a ſanta licença do Matrimonio tem huma força particular, para extinguir o fogo da concupiſcencia: mas a fraqueza dos que a gozaõ, paſſa facilmente da permiſſaõ á diſſoluçaõ, e do uſo ao abuſo: e aſſim como vemos que muitos ricos furtaõ, naõ por neceſſidade mas por avareza; aſſim tambem ſe vê muita gente caſada deſmandar-ſe ſó por intemperança e fragilidade, naõ obſtante o legitimo objecto com que ſe deveriaõ e poderiaõ contentar: ſendo a ſua concupiſcencia, como hum

(1) Pſalm. 4. v. 5. *Iraicimini, & nolite peccare.*

hum fogo volante, que vai queimando aqui e acolá, ſem parar em parte alguma. Sempre he coiſa perigoſa tomar medicamentos violentos; porque ſe ſe tomaõ mais do neceſſario, ou naõ eſtaõ bem preparados, fazem grande damno. O Matrimonio foi abençoado, e em parte ordenado para remedio da concupiſcencia, e ſem duvida que he boniſſimo remedio: mas naõ obſtante iſſo violento, e por conſeguinte perigoſo, ſe ſenaõ uſa delle com diſcriçaõ.

Acrecento, que a varidade dos negocios humanos, além das longas moleſtias, aparta muitas vezes os maridos de ſuas mulheres: por cuja cauſa neceſſitaõ os caſados de duas ſortes de caſtidade: huma para a abſtinencia abſoluta, quando eſtaõ apartados das ocaſiões que acabo de dizer: a outra, para a moderaçaõ, quando eſtaõ juntos em ſeu trato ordinario. He certo que Santa Catharina de Sena vio entre os condemnados muitas almas grandemente atormentadas, por ter violado a ſantidade do Matrimonio: o que lhe aconteceo (dizia a Santa) naõ pela graveza do pecado, porque os homicidios e blasfemias ſaõ mais enormes, mas porque os que o cometem naõ fazem caſo delle, e por conſeguinte o continuaõ por muito tempo.

Bem vêdes pois, que a caſtidade he neceſſaria a toda a ſorte de peſſoas. *Procurai ter paz com todos* (diz o Apoſtolo) *e a ſantidade, ſem a qual ninguem verá a Deos* (1). Onde pe-

(1) Ad Hebr. 12. v. 14. *Pacem ſequi mini cum omnibus.*

pela ſantidade entende a caſtidade, como notáraõ S. Jeronymo e S. Chryſoſtomo. Naõ, Philotea, ninguem verá a Deos ſem caſtidade: ninguem habitará em ſeu ſanto Tabernaculo, que naõ ſeja de coraçaõ limpo. E ſegundo diz o meſmo Salvador; os cães e deshoneſtos ſeraõ dali deſterrados: *E bemaventurados o limpos de coraçaõ, porque elles veraõ a Deos* (1).

CAPITULO XIII.

Conſelho para conſervar a Caſtidade.

SEde promptiſſima em apartar-vos de todos os caminhos, e de tudo em que ſe ceva a ſenſualidade; porque eſte mal lavra inſenſivelmente, e de pequenos principios faz progreſſos de grande monta. Sempre he mais facil fugir-lhe, que curalo.

Os corpos humanos parecem-ſe com os vidros, que naõ podem trazer-ſe huns com outros de modo que ſe toquem, ſem perigo de quebrar-ſe: e com os frutos, os quaes poſto que eſtejaõ inteiros e bem ſazonados, ſe damnificaõ, ſe ſe tocaõ huns a outros. A meſma agoa por freſca que eſteja em hum vaſo, ſendo tocada de algum animal da terra, naõ póde por muito tempo conſervár a ſua freſcura.

Naõ

(1) Matth. 5. v. 8. *Beati mundo corde, quoniam ipſi Deum videbunt.*

Naõ confintais nunca, Philotea, que ninguem vos toque incivilmente, nem por zombaria nem por modo de favor; porque ainda que talvez fe poffa confervar a caftidade entre eftas acções, de mais liviandade que malicia: com tudo a frefcura e flor da caftidade, fempre recebe detrimento e perda: mas deixar-fe tocar deshoneftamente, he a ruina total da caftidade.

A caftidade depende do coraçaõ como fua origem, mas refpeita o corpo como fua materia: e por iffo fe perde por todos os fentidos exteriores do corpo, e pelos penfamentos e defejos do coraçaõ. Deshoneftidade he ver ouvir falar cheirar tocar coifas deshoneftas, quando o coraçaõ fe detem, e recebe niffo gofto. S. Paulo breviffimamente diz: *A fornicaçaõ nem fe quer fe nomee entre vós.* As abelhas naõ fó naõ querem tocar os cadaveres, mas fogem e aborrecem por extremo toda a forte de máo cheiro, que delles procede. A efpofa Santa no Cantico dos Canticos, tem as fuas máos diftilando mirra, licor prefervativo da corrupçaõ: feus labios faõ fitas de rubim purpureo, final do pejo das palavras: feus olhos faõ de pomba, em razaõ da fua brancura: fuas orelhas tem brincos de oiro, fimbolo da pureza: feu nariz eftá entre os cedros do Libano, madeira incorruptivel. Tal deve fer a alma devota, cafta limpa e honefta, de máos labios ouvidos olhos, e de todo o feu corpo.

Quero-vos referir a efte propofito, o que o antigo Padre Joaõ Caffiano refere, como

pro-

proferido pela boca do grande S. Basilio, que falando de si mesmo disse certo dia: *Naõ sei que coisa sejaõ mulheres, e com tudo naõ sou virgem.* Verdadeiramente a castidade se póde perder de tantos modos, quantos ha de deshonestidade e lascivia: os quaes segundo saõ grandes ou pequenos, huns a debilitaõ outros a ferem, e outros a mataõ de todo. Ha certas familiaridades e paixões indiscretas loucas e sensuaes, que propriamente falando naõ ofendem a castidade, e com tudo a debilitaõ, a tornaõ enferma, e ofuscaõ sua fermosa candidez. Ha outras familiaridades e paixões, naõ só indiscretas mas viciosas, naõ só loucas, mas deshonestas, naõ só sensuaes mas carnaes: e por estas he a castidade pelo menos muito ofendida e damnificada. Digo pelo menos, porque ella morre e perece de todo, quando as loucuras e lascivias, daõ á carne o ultimo effeito do prazer voluptuoso: e ainda entaõ perece a castidade mais indigna depravada e infelizmente, que quando se perde pela fornicaçaõ adulterio e incesto; porque estas ultimas especies de torpeza, saõ só pecados: mas as outras, como diz Tertuliano, no livro da Pudicicia, saõ monstros de iniquidade e de pecado. Cassiano pois naõ crè, nem eu taõ pouco, que S. Basilio falasse desta desordem, quando se acusou de naõ ser virgem; porque entendo que naõ dizia isto, senaõ pelos máos e sensuaes pensamentos, os quaes posto que naõ tivessem manchado seu corpo, tinhaõ com tudo contaminado seu coraçaõ, cuja castidade zelaõ summamente as almas generosas.

De

De nenhum modo trateis com pessoas impudicas, principalmente se forem imprudentes, como quasi sempre o saõ; porque assim como os bodes tocando com a lingua as amendoeiras doces, as convertem em amargosas assim estas almas hediondas e corações infectos, naõ dizem coisa alguma a pessoa do mesmo ou diferente sexo, que a naõ façaõ descahir algum tanto da honestidade. Tem estas o veneno nos olhos e no halito como os basiliscos.

Pelo contrario, tratai com pessoas castas e virtuosas: meditai e lêde a miudo coisas sagradas; porque a palavra de Deos he casta, e faz castos os que nella se deleitaõ: donde vem que David (1) a compara ao topazio, pedra preciosa, a qual tem propriedade de mitigar o ardor da concupiscencia.

Chegai-vos sempre a Jesu Christo crucificado, espiritualmente pela meditaçaõ, e realmente pela sagrada Cōmunhaõ; porque assim como os que dormem sobre a erva chamada *agnus castus*, se fazem castos e honestos; do mesmo modo, repoisando o vosso coraçaõ em Nosso Senhor, que he o verdadeiro Cordeiro casto e immaculado, vereis quaõ brevemente a vossa alma e o vosso coraçaõ se acha purificado de toda a mancha e liviandade.

CA-

(1) Psalm. 118. v.

CAPITULO XIV.

Da pobreza de Espirito observada entre as riquezas.

BEmaventurados os pobres de espirito, porque delles he o Reino dos Ceos (1). Malditos pois, saõ os ricos de espirito, porque delles he a miseria do Inferno. Aquelle he rico de espirito, que tem as riquezas no espirito, ou o espirito nas riquezas: aquelle he pobre de espirito, que naõ tem riquezas algumas em seu espirito, ou o seu espirito nas riquezas. Os maçaricos fazem os seus ninhos como huma palma, e naõ deixando nelles mais que huma abertura da parte de sima, os poem á borda do mar: e ficaõ taõ fortes e impenetraveis, que combatidos das ondas, já mais lhes póde entrar agua, mas nadando sobre ella, permanecem no meio do mar, sobre o mar, e senhores do mar. O vosso coraçaõ, carissima Philotea, deve ser do mesmo modo, sempre aberto só para o Ceo, e impenetravel ás riquezas e coisas caducas: Se destas tiverdes abundancia, tende sempre o coraçaõ isento do affecto dellas: de sorte que ande sempre ao decima, e no meio das riquezas esteja sem riquezas, e senhor das riquezas. Naõ ponhais o espirito celestial nos bens

(1) Matth. 5. v. 3. *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est Regnum Cœlorum.*

bens terrenos, fazei que ſeja ſempre ſuperior a elles, e naõ pelo contrario elles lhe eſtejaõ ſuperiores.

Ha diferença entre ter veneno e eſtar invenenado: quaſi todos os boticarios tem veneno para ſe ſervirem delle em certas ocurrencias, mas nem por iſſo eſtaõ invenenados; porque naõ tem o veneno no corpo, mas nas ſuas boticas. Aſſim podeis vós tambem ter riquezas, ſem eſtar invenenada dellas: o que ſuccederá, ſe as tiverdes em voſſa caſa ou na voſſa bolſa, mas naõ em o voſſo coraçaõ. Ser rico em efeito e pobre no affecto, he a maior dita do Chriſtáõ, porque deſte modo tem a commodidade das riquezas para eſte mundo, e o merito da pobreza para o outro.

Ninguem ha, Philotea, que já mais confeſſe que he avarento: todos aborrecem eſta baixeza e vileza de coraçaõ: eſcuſaõ-ſe com a obrigaçaõ do encargo dos filhos: com que a prudencia pede fundar-ſe em meios: que nunca poſſuem demaſiado; e que ſempre he neceſſario ter alguma coiſa de mais, para certas preciſões: ainda os mais avarentos, naõ ſó naõ confeſſaõ ſèlo, mas nem ainda em ſua conciencia cuidaõ que o ſaõ: e naõ cuidaõ, porque a avareza he huma febre prodigioſa, que ſe faz tanto mais inſenſivel, quanto he mais forte e ardente. Moyſés vio o fogo ſagrado que abraſando huma carça naõ a conſummia: mas pelo contrario o fogo profano da avareza conſome e devora os avarentos, e de nenhum modo os queima: pelo menos, no meio de ſeus ardores e chamas mais exceſſi-

ceſſivas, ſe prezaõ da mais ſuave freſcura do mundo, e lhes parece que a ſua alteraçaõ inſaciavel he huma ſêde inteiramente natural e ſuave.

Se deſejardes muito tempo, ardentemente, e com deſaſſocego os bens que naõ tendes, ainda que digais que os naõ quereis haver injuſtamente, naõ deixais de ſer verdadeiramente avarenta. Aquelle que deſeja ardentemente, por muito tempo, e com deſaſſocego beber, ainda que naõ ſeja ſenaõ agua, teſtemunha eſtar com febre.

Naõ ſei, Philotea, ſe he deſejo juſto deſejar ter juſtamente o que outro juſtamente poſſue; porque parece, que por eſte deſejo queremos ter cómodidade com incómodidade de outrem. Aquelle que poſſue hum bem juſtamente naõ tem mais razaõ de o guardar juſtamente, que nos dê juſtamente o querer ter? E para que eſtendemos nós o noſſo deſejo ſobre a ſua commodidade, para o privar della? Pelo menos ſe eſte deſejo he juſto, naõ he caritativo; porque de nenhum modo quereriamos nós, que alguem deſejaſſe, poſto que juſtamente, o que nós juſtamente queremos conſervar. Eſte foi o pecado de Achab, que quiz ter juſtamente a vinha de Nabot, que a queria guardar ainda mais juſtamente: deſejou-a ardentemente, por muito tempo, e com deſaſſocego, e por iſſo ofendeo a Deos.

Procurai, cariſſima Philotea, deſejar os bens do proximo, quando elle começar a desfazer-ſe delles; porque entaõ o ſeu deſejo

fa-

fará o voſſo naõ ſó juſto mas caritativo : ſim ; porque tambem eu quero, que vós cuideis em aumentar voſſos bens e poſſes , com tanto que iſto ſeja naõ ſó juſtamente , mas com ſuavidade e caridade.

Se vos affeiçoais demaſiado aos bens que poſſuis , e nelles andais muito embebida , aferrando-lhes o coraçaõ e cuidados , e temendo perdelos com hum temor vehemente e afflictivo , crede-me que ainda tendes alguma ſorte de febre ; porque os que a padecem , bebem a agua que lhe daõ , com huma certa ancia , com tal atençaõ e contentamento , qual naõ coſtumaõ ter os sáos. Naõ he poſſivel agradarmo-nos muito de huma coiſa , e naõ lhe ter muito affecto. Se quando vos ſucede perder os cabedaes , ſentis o voſſo coraçaõ mui aflicto e deſconſolado , crede Philotea , que lhes tinheis muito affecto ; porque nada teſtifica tanto o affecto á coiſa perdida , como a afliçaõ da ſua perda.

Naõ deſejeis pois com deſejo inteiro e completo os bens que naõ tendes : nem afferreis demaſiado o coraçaõ aos que tendes : nem vos deſconſoleis pelas perdas que vos ſucederem , e tereis algum fundamento para crer , que ſendo rica em effeito naõ o ſois no affecto , mas antes pobre de eſpirito , e por conſeguinte bemaventurada ; porque vos pertence o Reino do Ceo.

CAPITULO XV.

Como ſe deve praticar a pobreza real, ficando naõ obſtante realmente ricos.

O Pintor Parraſio pintou o povo Athenienſe por huma invençaõ muito engenhoſa, repreſentando-o de hum genio vario inconſtante colerico injuſto cortez clemente miſericordioſo altivo vãglorioſo humilde arrogante e fero, e tudo iſto juntamente: e eu, cariſſima Philotea, quizera meter no voſſo coraçaõ a riqueza e a pobreza ambas juntas: hum grande cuidado, e hum grande deſprezo das coiſas temporaes.

Tende muito mais cuidado, de fazer voſſos bens uteis e frutuoſos, do que os mundanos tem. Dizei-me, os jardineiros dos grandes Principes naõ ſaõ mais curioſos e diligentes em cultivar e afermoſear os jardins que tem a ſeu cargo, do que ſe foſſem ſeus proprios? E qual he a razaõ de o fazerem aſſim? Sem duvida naõ he outra, que conſiderarem os jardins, como jardins de Principes e Reis, a quem deſejaõ agradar com eſtes ſerviços. Minha Philotea, os cabedaes que poſſuimos naõ ſaõ noſſos, Deos no-los deo para os cultivar, e quer que os façamos frutuoſos e uteis: por cuja cauſa lhe fazemos agradavel ſerviço em ter delles cuidado.

Mas he preciſo, que eſte cuidado ſeja maior e mais ſolido, que o que os mundanos

tem

tem dos ſeus; porque elles naõ ſe empenhaõ ſenaõ por amor de ſi meſmos, e nós devemos trabalhar por amor de Deos: e como o amor de nós meſmos he hum amor violento turbulento e deſaſſocegado; tambem o cuidado que delle procede, he cheio de turbaçaõ triſteza e deſaſſocego: e aſſim como o amor de Deos he doce ſocegado e tranquilo, tambem o cuidado que delle procede, ainda que ſeja acerca dos bens do mundo, he benevolo doce e engraçado. Tenhamos pois eſte cuidado apraſivel da conſervaçaõ, iſto he do aumento dos noſſos bens temporaes, quando ſe offerecer alguma juſta ocaſiaõ, e quanto o noſſo eſtado o pedir; porque Deos aſſim quer que o façamos por ſeu amor.

Mas atendei a que o amor proprio vos naõ engane; porque algumas vezes imita de modo ao amor de Deos, que diraõ que he o meſmo. Para impedir pois que vos naõ engane, e eſte cuidado ſe naõ converta em avareza, além do que diſſe no Capitulo precedente, devemos praticar com frequencia a pobreza real e affectiva no meio de todos os cabedaes e riquezas, que Deos nos tem dado.

Reſervai ſempre alguma parte do voſſo cabedal para o dar de boa vontade aos pobres; porque dar o que poſſuimos he empobrecer outro tanto: e quanto mais derdes, tanto mais empobrecereis. Verdade he que Deos vo-lo tornará, naõ ſó no outro mundo, mas neſte ainda; porque naõ ha coiſa que tanta proſperidade cauſe como a eſmola: mas em quanto eſperais que Deos vo-lo dê, ſereis

ſempre pobre diſſo. Oh ſanta e rica pobreza aquella que ſe grangea com a eſmola!

Amai os pobres e a pobreza, porque por eſte amor vos tornareis verdadeiramente pobre; porque como diz a Eſcritura: Taes ſomos, quaes as coiſas que amamos. O amor iguala os amantes: *Quem adoece, com quem eu naõ enferme* (1)? diz S. Paulo. Podia dizer, quem he pobre com quem eu naõ ſeja pobre? porque o amor o fazia tal, quaes eraõ os que amava: portanto, ſe amardes os pobres ſereis verdadeiramente participante da ſua pobreza, e pobre como elles.

Se amais pois os pobres, metei-vos a miudo entre elles, alegrai-vos de os ver comvoſco e os viſitar, converſai-os de boamente, goſtai que nas Igrejas nas ruas e em outros lugares ſe cheguem a vós. Sede pobre de lingua com elles, tratando-os como voſſos companheiros, mas rico de mãos, repartindo com elles de voſſos bens, como mais abundante delles.

Quereis, minha Philotea, dar hum paſſo mais adiante? naõ vos contenteis com ſer pobre com os pobres, mas ſede mais pobre que os pobres: e como ſerá iſto? O criado he menos que ſeu amo: fazei-vos pois criada dos pobres, ide-os ſervir em ſuas camas quando eſtaõ doentes: venho a dizer com voſſas proprias mãos: ſede ſua coſinheira á voſſa propria cuſta: ſede ſua coſtureira e lavandeira.

Eſte

(1) Corinth. 2. 29. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Eſte ſervir, minha Philotea, he mais honroſo que o reinar. Naõ poſſo baſtantemente admirar o fervor, com que praticou eſte documento o grande S Luiz, hum dos maiores Reis que vio o Sol: e digo grande Rei em todo o genero de grandeza. Servia mui de ordinario á meſa os pobres, que ſuſtentava: e quaſi todos os dias mandava vir tres á ſua: e muitas vezes tomava o caldo que lhes ſobejava, com incomparavel amor. Quando viſitava os hoſpitaes dos enfermos (o que praticava frequentemente) de ordinario ſe punha a ſervir aos que tinhaõ achaques mais horriveis, como leproſos encancerados e outros taes: ſervia-os deſcuberto e de joelhos, reſpeitando em ſuas peſſoas a do Salvador do mundo, e acariciando-os com hum amor taõ terno, como podéra huma carinhoſa mái com ſeu filho. Santa Iſabel filha delRei de Hungria tratava ordinariamente com os pobres, e por recrêo ſe veſtia algumas vezes de pobre entre ſuas damas, dizendo-lhes: *Se eu foſſe pobre me veſtiria deſte modo.* Meu Deos! cariſſima Philotea, que pobres em ſuas riquezas, e ricos em ſuas pobrezas, eraõ eſte Principe e eſta Princeza!

Bemaventurados aquelles que aſſim ſaõ pobres, porque a eſtes pertence o Reino dos Ceos (1). Tive fome e me alimentaſtes: tive frio e me veſtiſtes: tomai poſſe do Reino que vos eſtá aparelhado deſde a conſtituiçaõ do mun-

(1) Matth. 25. v. 35.

mundo : dirá o Rei dos pobres e dos Reis no dia do Juizo univerſal.

Ninguem ha que em alguma ocaſiaõ naõ tenha alguma neceſſidade e falta de commodidade. Succede ás vezes vir-nos hum hoſpede que deveriamos e quereriamos regalar, e naõ ha por entaõ meios para iſſo : ou temos as galas em hum lugar, e neceſſitamos dellas em outro, onde era preciſo luzir com ellas.

Succede danar-ſe e tranſtornar-ſe todo o vinho da adega, e naõ ficar mais que o máo e verde. Achamo-nos no campo em alguma eſtalagem onde tudo falta : naõ ha cama, nem apozento, nem meſa, nem preparos para ella. Em fim he facil ter muitas vezes neceſſidade de alguma coiſa, ainda que huma peſſoa ſeja rica : iſto pois he ſer na realidade pobre, do que nos falta. Naõ vos peze, Philotea, deſtes acontecimentos, aceitai-os com bom animo, ſofrei-os com alegria.

Quando vos ſobrevierem infortunios que vos empobreçaõ pouco ou muito, como tempeſtades incendios inundações eſterilidades latrocinios pleitos, entaõ he o tempo proprio de praticar a pobreza, recebendo com doçura eſtas diminuições da fazenda, e acommodando ſofrida e conſtantemente a eſta pobreza. Eſaú ſe apreſentou a ſeu pai com ſuas mãos cubertas de pêlo, e o meſmo fez Jacob : (1) mas como o pêlo das mãos de Jacob, naõ eſtava pegado a ellas mas ás luvas, facilmente ſe

(1) Gen. 27. v. 11.

ſe lhe podia tirar, ſem o ofender nem esfolar: ao contrario como o pêlo das mãos de Eſaú eſtava aferrado á pele, que naturalmente tinha toda cabeluda, quem lho quizeſſe arrancar lhe cauſaria naõ pequena dôr, gritaria fortemente, e ſe eſquentaria naõ pouco em ſe defender. Quando os noſſos cabedaes eſtaõ apegados ao coraçaõ, ſe a tempeſtade o ladraõ o demandiſta nos arranca alguma parte delles, que prantos que afliçóes que impaciencias naõ temos? Mas quando naõ eſtaõ pegados ſenaõ unicamente ao cuidado que Deos quer que delles tenhamos, e naõ ao noſſo coraçaõ, ſe no-los arrancarem nem por iſſo perdemos o juizo, nem a tranquilidade. Eſta he a diferença de veſtido que ha entre os brutos e os homens; porque os dos brutos eſtaõ afferrados á carne, e os dos homens ſómente juntos, de ſorte que os podem veſtir e deſpir quando quizerem.

CAPITULO XVI.

Como ſe ha de praticar a riqueza de eſpirito no meio da pobreza real.

MAs ſe ſois realmente pobre, cariſſima Philotea, bom Deos! ſede-o tambem de eſpirito: fazei da neceſſidade virtude: uſai deſta pedra precioſa da pobreza, porque val muito. O ſeu luſtre naõ he conhecido neſte mundo, e nem por iſſo deixa de ſer ſummamente fermoſa e rica. Tende paciencia, bons com-

companheiros tendes : Noſſo Senhor , Noſſa Senhora , os Apoſtolos , tantos Santos e Santas foraõ pobres , e podendo ſer ricos deſprezaraõ ſe-lo. Quantos homens grandes do mundo tem havido , que com ſummas contradiçóes foraõ buſcar com incomparavel diligencia a ſanta pobreza dentro dos Clauſtros e Hoſpitaes , trabalhando com todas as veras pela achar ? Diga-o Santo Aleixo , S. Paulo , S. Paulino , Santa Angela e outros muitos. Eiſaqui , Philotea , quanto mais afavel para comvoſco , ella meſma vos vem buſcar : encontraſte-la ſem a procurardes , e ſem trabalho , abraçai-a pois como amante mui querida de Jeſu Chriſto , que naſceo viveo e morreo com a pobreza , e foi a ama que o alimentou por toda à ſua vida.

A voſſa pobreza , Philotea , tem dois grandes privilegios , por cujo meio póde ſervos de grande merecimento. O primeiro he , que naõ vos ſobreveio por voſſa eleiçaõ , mas unicamente pela vontade de Deos , que vos fez pobre , ſem que houveſſe concurſo da voſſa propria vontade : aquillo pois que recebemos puramente por vontade de Deos , ſempre lhe he ſummamente agradavel : com tanto que o recebamos de boamente , e por amor do ſeu ſanto beneplacito : onde ha menos da noſſa vontade , ha mais da de Deos : a ſimples e pura aceitaçaõ da vontade de Deos , faz ſummamente puro o ſofrimento.

O ſegundo privilegio deſta pobreza he , ſer huma pobreza verdadeiramente pobre. Huma pobreza louvada acariciada eſtimada ſocorri-

corrida e aſſiſtida, he rica; ou pelo menos, naõ he de todo pobre: mas huma pobreza deſprezada rechaçada reprehendida e abandonada, eſta he verdadeiramente pobre. Tal he pois ordinariamente a pobreza dos ſeculares; porque como elles naõ ſaõ pobres por eleiçaõ, mas por neceſſidade, naõ ſe faz muito caſo diſſo: e por iſſo meſmo que ſe naõ faz caſo, he mais pobre a ſua pobreza do que a dos Religioſos: ainda que eſta aliás tenha huma excelencia mui grande, e muito mais plauſivel, em razaõ do voto e da intençaõ com que foi por elles eſculhida.

Naõ vos pranteeis pois, cariſſima Philotea, da voſſa pobreza: porque ninguem ſe queixa ſenaõ do que lhe deſagrada; e ſe vos deſagrada a pobreza, naõ ſois pobre de eſpirito, mas rica no affecto.

Naõ vos deſconſoleis de naõ ſer tambem ſocorrida, como neceſitais, porque niſto conſiſte a excelencia da pobreza. Querer ſer pobre e naõ ſofrer incommodidade alguma, he huma grande ambiçaõ; porque he querer a honra da pobreza e a commodidade das riquezas.

Naõ vos envergonheis de ſer pobre, nem de pedir eſmola por caridade: recebei a que vos derem com humildade, e a eſcuſa com brandura. Lembrai-vos com frequencia da jornada que Noſſa Senhora fez ao Egypto, levando para lá o ſeu amado filho: e quanto deſprezo pobreza e miſeria lhe foi preciſo ſuportar. Se aſſim viverdes como ella, ſereis riquiſſima na voſſa pobreza.

CAPITULO XVII.

Da amizade: e primeiramente da má e frivola.

O Amor tem o primeiro lugar entre as paixões da alma: este he o Rei de todos os movimentos do coraçaõ: elle he quem converte tudo o mais a si, e nos faz taes qual he o que elle ama. Tende grande cuidado, minha Philotea, em naõ admitir algum que seja máo; porque brevemente sereis toda má. A amizade pois he o mais perigoso amor de todos, porque os outros amores podem ser sem communicaçaõ, mas como a amizade he totalmente fundada nella, naõ se póde ter com huma pessoa sem participar das suas qualidades.

Nem todo o amor he amizade, porque se póde amar sem ser amado, e neste caso ha amor mas naõ amizade; porque esta he hum amor mutuo, e se naõ he mutuo naõ he amizade. E naõ basta que seja mutuo, mas he preciso que as pessoas que se amaõ, saibam o seu reciproco affecto; porque ignorando-o, haveria amor, e naõ amizade. Além disto deve haver entre ellas alguma sorte de communicaçaõ, que seja o fundamento da amizade.

Segundo a diversidade das communicações, a amizade he tambem diversa: e as communicações saõ diferentes, segundo a diferença

dos

dos bens que ſe cõmunicaõ: ſe eſtes ſaõ bens falſos e vãos, a amizade he falſa e vã: ſe ſaõ bens verdadeiros, a amizade he verdadeira: e quanto mais excelentes forem os bens, mais excelente ſerá a amizade: porque aſſim como o mel he mais excelente, quando ſe colhe das flores mais exquiſitas, aſſim o amor fundado ſobre huma mais exquiſita communicaçaõ, he o mais excelente: e aſſim como em Heraclea do Ponto ha mel que he venenoſo, e torna inſenſatos os que o comem, porque ſe colhe do aconito, de que abunda aquella regiaõ, aſſim a amizade fundada na communicaçaõ dos falſos e vicioſos bens, he inteiramente falſa e má.

A communicaçaõ dos deleites carnaes he huma mutua propenſaõ e iſca brutal, o qual naõ merece entre os homens mais que ſe lhe dê o nome de amizade, do que a dos jumentos e cavalos, por ſerem os efeitos ſemelhantes: e ſe no Matrimonio naõ houveſſe nenhuma outra communicaçaõ além deſta, tambem nelle naõ haveria amizade alguma: mas porque além deſta, ha nelle a communicaçaõ da vida, da induſtria, dos bens, dos affectos, e de huma indiſſoluvel fidelidade, eſta he a cauſa por que a amizade do Matrimonio he huma amizade ſanta e verdadeira.

A amizade fundada ſobre a communicaçaõ dos prazeres ſenſuaes, he inteiramente groſſeira e indigna do nome de amizade: como tambem a que ſe funda em virtudes frivolas e vás; porque eſtas virtudes dependem tambem dos ſentidos. Chamo prazeres ſen-

ſuaes,

ſuaes, os que ſe apegaõ immediata e principalmente aos ſentidos exteriores, como o prazer de ver huma fermoſura, de ouvir huma ſuave voz, de tocar, e outros ſemelhantes. Chamo virtudes frivolas, certas habilidades e qualidades vãs, que os animos apoucados intitulaõ virtudes e perfeições. Se ouvirdes falar a maior parte das mulheres e gente moça, naõ ſe pejaõ de dizer, fulano he mui virtuoſo, tem muitas perfeições; porque dança bem, joga bem toda a ſorte de jogos, veſte-ſe bem, canta bem, he divertido, tem boa preſença: e os charlatões, tem por melhores entre elles aos que ſaõ maiores bobos. Como tudo iſto pois reſpeita os ſentidos, por iſſo as amizades que daqui procedem, ſe chamaõ ſenſuaes vãs e frivo-las, e mais merecem o nome de chocarrices, que o de amizades. Taes ſaõ de ordinario as amizades da gente moça, que ſe fundaõ nos bigodes, e no cabello em huma viſta de olhos, nos trages, na preſumçaõ, na bacharelice: amizades dignas da idade de amigos, que naõ tem virtude alguma ſenaõ no pêlo, nem juizo ſenaõ nos botões: e aſſim como ſemelhantes amizades ſaõ de paſſagem, aſſim ſe desfazem como neve ao Sol.

CA-

CAPITULO XVIII.

Dos galanteios.

QUando eſtas amizades loucas ſe praticaõ entre peſſoas de diverſo ſexo, e ſem pretençaõ de Matrimonio, chamaõ-ſe galanteios; porque naõ ſendo mais que certos abortos, ou por melhor dizer fantaſmas de amizade, naõ podem ter o nome, nem de amizade nem de amor, pela ſua incrivel vaidade e imperfeiçaõ. Por eſtas pois, os corações dos homens e mulheres ficaõ preſos e enlaçados huns com outros, em vás e frivolas affeições, fundadas ſobre as frivolas communicações e miſeraveis agrados, de que acabo de falar. E poſto que ordinariamente eſtes amores vem a parar em carnalidades e laſcivias viliſſimas, com tudo naõ he eſte o primeiro deſignio dos que as praticaõ, de outro modo naõ ſeriaõ namoramentos, mas deshoneſtidades e amancebamentos manifeſtos. Succede ás vezes aos que eſtaõ iſcados deſta loucura, paſſarem muitos annos, ſem que lhe ſucceda coiſa alguma contra a caſtidade dos corpos, eſtendendo-ſe unicamente a enganar ſeus corações com ancias deſejos ſuſpiros ternuras, e outras ſemelhantes bobices e vaidades, e iſto por diverſas pretenções.

Huns naõ tem outro intento, que ſaciar ſeus corações em dar e receber amor, ſeguindo niſto a ſua inclinaçaõ amoroſa: e eſtes naõ

aten-

atendem outra coisa na eleiçaõ de seus amores, senaõ o seu gosto e instincto; porque logo que se lhe offerece algum objecto agradavel, sem lhe examinar o interior nem qualidades, entraõ nesta communicaçaõ amorosa, metendo-se nesta infeliz rede, da qual com trabalho se poderaõ depois livrar.

Outros se deixaõ levar disto, por vaidade; parecendo-lhe, que naõ he pequena gloria prender e atar os coraçóes por amor: e estes como fazem sua eleiçaõ por gloria, lançaõ seus anzoes e estendem suas redes, em lugares especiosos elevados raros e illustres. Outros se deixaõ levar tanto da sua inclinaçaõ amorosa, como da sua vaidade tudo junto; porque ainda que estes tenhaõ o coraçaõ inclinado ao amor, naõ o querem emprender, sem alguma ventagem de gloria. Todas estas amizades saõ más loucas e vãs: más, porque vem a dar e terminar-se no peccado da carne, e roubaõ o amor, e por conseguinte o coraçaõ a Deos, á mulher, e ao marido, a quem era devido: loucas, porque naõ tem fundamento nem razaõ: vãs, porque naõ rendem proveito algum, nem honra, nem contentamento. Pelo contrario perdem o tempo, embaraçaõ a honra, sem darem outro prazer, que hum empenho de pretender e esperar, sem saberem o que querem nem pretendem; porque sempre lhes parece a estes animos cobardes e apoucados, que ha hum naõ sei que digno de desejar-se, nas mostras que se lhe daõ de amor reciproco: e como o naõ sabem, daqui nasce, que nunca tem ter-

mo

mo o ſeu deſejo , mas ſempre vai apertando-lhe o coraçaõ com perpetuas deſconfianças ciumes e deſaſſocegos.

S. Gregorio Nazianzeno eſcrevendo contra as mulheres vãs, diz maravilhas ácerca deſta materia. Eiſaqui huma pequena parte, que elle verdadeiramente dirigio ás mulheres, ainda que tambem he boa para homens.
» A tua natural fermoſura baſta para teu ma-
» rido, que ſe eſta for para muitos homens,
» como rede eſtendida para hum bando de
» paſſaros, que virá a ſucceder? algum te
» agradará a quem tambem agrade tua fer-
» moſura: pagarás hum dar de olhos com ou-
» tro, huma viſta com outra viſta: logo ſe
» ſeguiráõ os riſos e palavrinhas de amor,
» deixando-as cahir ao principio: mas fami-
» liariſando-ſe logo ſe paſſará a manifeſta de-
» ſenvoltura. Guarda-te ò lingua minha pal-
» reira, de dizer o que ſuccederá depois:
» com tudo naõ deixarei de dizer eſta verda-
» de. Nada de quanto os moços e mulheres
» dizem ou fazem neſtas loucas complacen-
» cias, eſtá livre de grandes eſtimulos. » To-
» das as expreſsões amoroſas ſe prendem hu-
» mas a outras e atrahem naõ menos que o
» ferro he atrahido pelo iman, puxando por
» conſeguinte por outras muitas. »

Oh e que bem diz eſte grande Biſpo! Que he o que cuidais fazer? Quereis amar e nada mais? Ninguem dá voluntariamente, que neceſſariamente naõ receba. Quem prende, he o preſo neſte jogo. A herva Aproxis recebe e concebe fogo tanto que o vê: os noſſos cora-

çóes

ções tem ſemelhante condiçaõ : aſſim que vem huma alma inflamada de amor por elles, em continente ſe abrazaõ por ella. Eu ſim quero prender, dirá alguem, mas naõ tanto. Oh quanto vos enganais! eſte fogo de amor he mais activo e penetrante do que vos parece: entendereis vós que naõ recebeis ſenaõ huma faiſca, e ficareis eſpantada quando virdes que em hum momento ſe apodéra de todo o voſſo coraçaõ, reduzindo a cinza todas as voſſas reſoluções, e em fumo a voſſa reputaçaõ. O Sábio exclama: *Quem terá compaixaõ de hum encantador mordido da ſerpente* (1)? E eu tambem exclamo depois delle: Oh loucos e inſenſatos! cuidais de encantar o amor, para o manejar á voſſa vontade? Quereis zombar com elle? pois elle vos picará e morderá cruelmente. E ſabeis o que ſe dirá? todos zombaráõ de vós, e ſe riráõ de que quizeſtes encantar o amor, e que fundada em huma falſa ſegurança, meteſtes em voſſo peito huma ſerpente, que vos tem eſtragado a alma e a honra.

Bom Deos! que cegueira eſta! fiar ſobre taõ frivolas utilidades, a prenda principal da noſſa alma! Sim Philotea: porque Deos naõ quer o homem ſenaõ pela alma, nem a alma ſenaõ pela vontade, nem a vontade ſenaõ pelo amor. Ah que naõ temos todo o amor que nos era neceſſario: quero dizer, que nos falta infinito amor daquelle, que deviamos ter

(1) Eccleſ. 12. v. 13. *Quis miſerebitur incantatori a ſerpente percuſſo?*

ter para amar a Deos: e em cima ſendo taõ miſeraveis, o deſperdiçamos e eſtragamos em coiſas loucas vás e frivolas, como ſe nos ſobejára. Ah, que aquelle grande Deos, que reſervou para ſi unicamente o amor da noſſa alma, em reconhecimento da ſua creaçaõ conſervaçaõ e redemçaõ, nos pedirá conta eſtreita deſtes loucos roubos que lhe fazemos. E ſe elle ha de fazer exame taõ exacto das palavras ocioſas, qual naõ fará das amizades ocioſas impertinentes loucas e pernicioſas.

A nogueira he mui nociva ás vinhas e aos campos, em que eſtá plantada; porque como he taõ grande, atrahe a ſi todo o ſuco da terra, naõ deixando o neceſſario para a nutriçaõ das demais plantas: as ſuas folhas ſaõ taõ eſpeſſas, que fazem huma ſombra grande e fechada: em fim ella convida os paſſageiros, os quaes para colherem o ſeu fruto, deſtroem e pizaõ o ſeu redor. Eſtes galanteios fazem os meſmos prejuizos á alma; porque elles a ocupaõ de tal ſorte, e atrahem taõ poderoſamente os ſeus movimentos, que fica depois impoſſibilitada para toda a obra boa: as folhas, iſto he os entretenimentos divertimentos e gracejos ſaõ taõ frequentes, que lhe conſomem todo o tempo. Em huma palavra, eſtes galanteios deſterraõ naõ ſó o amor celeſtial, mas tambem o temor de Deos, debilitaõ o eſpirito, enfraquecem a reputaçaõ; e para o dizer em huma palavra, ſaõ o brinco das Cortes, mas a peſte dos coraçóes.

CAPITULO XIX.

Das verdadeiras amizades.

PHilotea, amai a todos com amor grande e caritativo, mas naõ tenhais amizade senaõ com aquelles, que poderem communicar comvosco coisas virtuosas: e quanto mais exquisitas forem as virtudes que communicardes, tanto mais perfeita será a vossa amizade. Se communicardes as sciencias, será mui louvavel a vossa amizade: e ainda mais louvavel, se communicardes as virtudes, a prudencia discriçaõ fortaleza e justiça; mas se a vossa mutua e reciproca communicaçaõ for de caridade, de devoçaõ, e perfeiçaõ Christã: oh Deos, quaõ preciosa será a vossa amizade! Será esta excelente, porque vem de Deos, excelente por que se encaminha a Deos, excelente por que o seu viculo he Deos, excelente por que durará eternamente em Deos. Oh e quaõ bom he amar na terra, como se ama no Ceo: e aprender a querer neste mundo, como o praticaremos eternamente no outro. Naõ falo agora do simples amor de caridade, porque este se deve estender a todos os homens: falo sim da amizade espiritual, por meio da qual duas ou tres ou muitas almas communicaõ a sua devoçaõ, e os seus affectos espirituaes, e se fazem hum só espirito entre si. Com quanta razaõ poderáõ cantar estas ditosas almas: *Oh quaõ bom e agradavel he,*

habi-

habitarem juntos os irmãos (1). Sim, porque o balſamo delicioſo da devoçaõ, diſtila de hum dos corações no outro, por huma continua participaçaõ, e ſe póde dizer, que Deos tem derramado ſobre eſta amizade a ſua bençaõ, e a vida até os ſeculos dos ſeculos.

Todas as outras amizades comparadas com eſta, naõ me parecem mais que ſombras, e os ſeus laços, cadeas de vidro e azeviche; em comparaçaõ deſte grande vinculo da ſanta devoçaõ, que todo he de oiro.

Naõ tomeis pois amizades de outro genero: quero dizer, das amizades que contrahirdes; porque nem por iſſo ſe devem deixar nem deſprezar as amizades, que a natureza, e as obrigações precedentes vos obrigaõ a manter: dos parentes, dos aliados, dos bemfeitores, dos viſinhos, e outros: falo daquellas, que por eleiçaõ voſſa eſcolheis.

Poderá ſucceder, que muitos vos digaõ: que naõ convem ter genero algum de affecto particular e amizade; porque eſta ocupa o coraçaõ, diſtrahe o eſpirito, gera invejas; mas enganaõ-ſe em ſeus conſelhos; porque tendo viſto nos eſcritos de muitos Santos e devotos Authores, que as amizades particulares e affectos extraordinarios, ſaõ ſummamente nocivos aos Religioſos, cuidaõ elles que o meſmo ſe ha de entender do reſtante do mundo; mas ha grande diferença; porque ſe aten-

(1) Pſalm. 132. v. 1. *Ecce quam bonum & quam jucundum habitare fratres in unum.*

dermos a hum Convento bem regulado , o intento commum de todos ſe encaminha á devoçaõ , e aſſim naõ he nelle neceſſario ter eſtas particulares communicações : para que naõ ſucceda , que buſcando em particular o que he commum , ſe paſſe das particularidades ás parcialidades ; mas quanto aos que eſtaõ entre os mundanos , e abraçaõ a verdadeira virtude , lhes he neceſſario fazerem aliança huns com outros com huma ſanta e ſagrada amizade; porque por meio della, ſe animaõ ajudaõ e conduzem ao bem ; e aſſim como os que caminhaõ por planicie , naõ neceſſitaõ de que lhes dem a maõ , e os que vaõ por caminhos eſcabroſos ſe prendem huns a outros , para caminharem mais ſeguros aſſim os que eſtaõ nas Religiões , naõ neceſſitaõ de amizades particulares , mas os que eſtaõ no mundo as haõ miſter , para ſe ſegurarem e ſocorrerem huns a outros , entre tantos máos paſſos que he forçoſo deſembaraçar. No mundo nem todos aſpiraõ ao meſmo fim , nem todos tem o meſmo eſpirito. Devemos pois ſem duvida por-nos á parte , e fomentar amizades conforme a noſſa pretençaõ : e eſta particularidade faz verdadeiramente huma parcialidade , mas huma parcialidade ſanta , que naõ cauſa outra diviſaõ que a do bem e do mal , das ovelhas e das cabras , das abelhas e dos zangãos : ſeparaçaõ neceſſaria.

Na verdade naõ ſe póde negar , que Noſſo Senhor amou com mais ſuave e eſpecial amizade a S. Joaõ , a Lazaro , a Martha , e a Magdalena ; porque a Eſcritura o teſtifica. Sabe-

ſe ,

se, que S. Pedro amou ternamente a S. Marcos e a Santa Petronilha, assim como S. Paulo ao seu Timotheo e a Santa Tecla, S. Gregorio Nazianzeno se preza hum cento de vezes da incomparavel amizade, que teve com o grande S. Basilio, e a descreve deste modo. » Naõ parece senaõ que em nós ambos » naõ havia mais que huma alma em dois cor» pos: e se naõ se deve dar credito aos que » dizem, que todas as coisas estaõ em todas » as coisas, nem por isso se deve negar, que » ambos de dois estavamos em cada hum de » nós, e hum no outro: Huma só pretençaõ » tinhamos ambos, que era cultivar a virtu» de, e acommodar os designios da nossa vi» da ás esperanças futuras; sahindo assim da » terra mortal antes de morrer. » Santo Agostinho testemunha, que Santo Ambrosio amou unicamente a Santa Monica, pelas raras virtudes que nella via, e que ella reciprocamente o amava como a hum Anjo de Deos.

Mas para que he mortificar-vos com coisa taõ clara? S. Jeronymo Santo Agostinho S. Gregorio S. Bernardo, e todos os maiores servos de Deos, tiveraõ particularissimas amizades, sem detrimento da sua perfeiçaõ. S. Paulo reprehendendo o engano dos Gentios, os acusa de terem sido gente sem affeiçaõ, isto he que naõ tinhaõ amizade alguma. E Santo Thomás com todos os bons Filosofos, confessa ser a amizade huma virtude. Fala da amizade particular, porque como elle diz, a perfeita amizade naõ se póde estender a muitas pessoas. A perfeiçaõ pois naõ con-

consiste em naõ ter amizade, mas em a naõ ter senaõ boa, santa, e santificada.

CAPITULO XX.

Da diferença das verdadeiras e vãs amizades.

AQui vos dou, minha Philotea, hum grande documento. O mel de Heraclea que he venenoso, se parece a outro que he saudavel: e assim ha grande perigo de tomar hum pelo outro, ou de toma-los misturados, porque a bondade de hum naõ impede a malignidade do outro. Devemos estar sobre aviso, para naõ ser enganados nestas falsas amizades, principalmente quando se contrataõ entre pessoas de diverso sexo, debaixo de qualquer pretexto que seja; porque muitas vezes Satanás torce o amor aos que amaõ. Começa-se pelo amor virtuoso, mas se naõ ha muita prudencia, se intrometerá o amor frivolo, logo o amor sensual, e depois o amor carnal. De semelhante modo ha perigo no amor espiritual, se naõ se está com muito cuidado, posto que neste naõ he taõ facil a mudança; porque sua pureza e candidez, faz mais conhecidas as manchas, que Satanás lhe quer lançar: e esta he a causa, porque quando o emprende, o executa com mais delicadeza, procurando que as impurezas escorreguem insensivelmente.

Conhecereis a amizade mundana e a santa e virtuosa, como se conhece o mel de Hera-

clea

clea a reſpeito do outro: o mel de Heraclea he mais doce á lingua, que o ordinario, por cauſa do aconito que lhe dá mais doçura: e a amizade mundana produz ordinariamente huma multidaõ de palavras aſſucaradas, huns requebros de ditinhos affectuoſos, e de louvores tomados da fermoſura, da graça, e das qualidades ſenſuaes: mas a amizade ſanta tem huma linguagem ſingela e franca, e naõ ſabe louvar ſenaõ a virtude e graça de Deos, unico fundamento em que ella ſubſiſte.

O mel de Heraclea tanto que he engolido, cauſa hum eſvaecimento de cabeça: e a falſa amizade excita ao deſvanecimento de animo, que faz vacilar huma peſſoa na caſtidade e devoçaõ, conduzindo-a a viſtas affectuoſas ternas e immoderadas, a caricias ſenſuaes, a ſuſpiros deſordenados, queixumes de naõ ſer amado; a pequenos mais exquiſitos e atractivos geſtos ceremonias galantarias, e a outras conſequencias de favores deſcortezes, certos e indubitaveis preſagios de huma proxima ruina da honeſtidade: mas a amizade ſanta naõ tem olhos ſenaõ ſinceros e honeſtos: nem caricias ſenaõ puras e francas: nem ſuſpiros ſenaõ pelo Ceo: nem particularidades, ſenaõ do eſpirito: nem queixas ſenaõ quando Deos naõ he amado: ſinaes infaliveis da honeſtidade. O mel de Heraclea perturba a viſta: e eſta amizade mundana perturba o juizo, de tal ſorte, que os que eſtaõ poſſuidos della, cuidaõ que obraõ bem obrando mal, e entendem que as ſuas eſcuſas pretextos e palavras, ſaõ verdadeiras razões: temem

mem a luz, e amaõ as trévas. Mas a amizade ſanta tem os olhos claros, e naõ ſe eſconde, antes aparece de boamente diante das peſſoas de bem. Em fim o mel de Heraclea cauſa na boca grande amargôr; e as falſas amizades ſe convertem e terminaõ em palavras e em pertenções carnaes e hediondas: e no caſo de naõ ſerem admitidas, em injurias, calumnias, impoſturas, triſtezas, confusões, e zelos, que ordinariamente vem a dar em brutalidades e deſvarios: mas a amizade caſta ſempre he igualmente honeſta civil benevola, e já mais ſe converte ſenaõ em huma mais perfeita e pura uniaõ de eſpiritos, imagem viva da amizade bemaventurada que ſe pratica no Ceo.

S. Gregorio Nazianzeno diz, que o pavaõ quando dá o ſeu grito, e fórma a ſua roda e pavonada, excita grandemente as pavôas que o ouvem á ſenſualidade. Quando ſe vê a hum homem ataviar-ſe, enfeitar-ſe, e vir aſſim requebrar, falar baixo, e ſuſurrar aos ouvidos de huma matrona ou donzela, ſem pretençaõ de hum juſto matrimonio, ah que iſto ſem duvida naõ he ſenaõ para a provocar a alguma impudicicia: e a mulher de honra tapará os ouvidos, por naõ ouvir o grito deſte pavaõ, e a voz do encantador, que com finezas a quer encantar: e ſe ella o eſcutar, oh bom Deos! que máo agoiro da futura perda do ſeu coraçaõ!

A gente moça que faz geſtos viſagens e caricias, ou dizem palavras que naõ querem que lhes oiçaõ ſeus pais mãis maridos mulhe-

res

res ou Confeſſores, teſtemunhaõ niſto tratarem de outra coiſa, que naõ da honra e conciencia. Noſſa Senhora ſe turbou vendo hum Anjo em fórma humana, porque eſtava ſó, e lhe dava extremoſos poſto que celeſtiaes louvores. Oh Salvador do mundo! a pureza teme a hum Anjo em fórma humana; e porque naõ temerá a impureza a hum homem, ainda que foſſe em figura de Anjo, quando elle a louva com louvores ſenſuaes e humanos?

CAPITULO XXI.

Aviſos e remedios contra as más amizades.

MAs que remedio, contra eſta ninhada e formigueiro de loucos amores eſtulticias e impurezas? Tanto que ſentirdes os primeiros movimentos voltai-lhe as coſtas, e com huma deteſtaçaõ abſoluta deſta vaidade, correi á Cruz de Noſſo Salvador, e tomai a ſua Coroa de eſpinhos, para cercardes voſſo coraçaõ com elles, a fim de que eſtas rapoſinhas naõ ſe chegem a elle. Guardai-vos muito de vir a algum genero de compoſiçaõ com eſte inimigo; e naõ digais ouvilo-hei, mas naõ farei nada do que me diſſer: darlhe-hei ouvidos, mas negarlhe-hei o coraçaõ. Philotea minha, por Deos vos peço, que ſejais rigoroſa em ſemelhantes ocaſiões. O coraçaõ e os ouvidos eſtaõ entre ſi connexos, e aſſim como he impoſſivel deter huma corrente, que ſe vai deſpenhando pela ladeira de hum monte,

te, aſſim he dificil impedir, que o amor que cahe no ouvido, ſe naõ precipite logo no coraçaõ. As cabras, ſegundo Alcmeon, reſpiraõ pelos ouvidos, e naõ pelos narizes: verdade he que Ariſtoteles o nega: e eu naõ direi o que he realmente, mas muito bem ſei, que o noſſo coraçaõ reſpira pelo ouvido; e que aſſim como reſpira e exhala ſeus penſamentos pela lingua, aſpira pelos ouvidos, pelos quaes recebe os penſamentos dos outros. Livremos pois com cuidado os noſſos ouvidos do ar das palavras loucas; porque de outro modo ſe empeſtará o noſſo coraçaõ. Naõ eſcuteis ſorte alguma de propoſta, qualquer que ſeja o pretexto: ſó neſte caſo naõ ha perigo em vos moſtrardes ruſtica e deſcortez.

Lembrai-vos de que ofereceſtes o voſſo coraçaõ a Deos, e o voſſo amor lhe eſtá ſacrificado: ſacrilegio pois ſeria, tirar-lhe hum ſó atomo: antes lho ſacrificai de novo outravez, com mil reſoluçóes e mil proteſtos: e ſegurando-vos entre elles, como hum cervo na ſua toca, clamai a Deos, que elle vos ſoccorrerá, e o ſeu amor tomará o voſſo debaixo da ſua protecçaõ, para que viva por elle unicamente.

E ſe eſtais já preſa na rede deſtes loucos amores, oh Deos, que dificultoſo ſerá o ſoltar-vos! Lançai-vos diante da Divina Mageſtade, reconhecei na ſua preſença a grandeza da voſſa miſeria, a voſſa fraqueza e vaidade: depois com o maior esforço de coraçaõ que vos for poſſivel, deteſtai eſſes amores começados, abjurai a vá profiſſaõ que delles ten-
des

des feito, renunciai todas as promeſſas recebidas, e com huma grande e abſolutiſſima vontade prendei o voſſo coraçaõ, e aſſentai de nunca mais entrar neſtes jogos e entretenimentos amoroſos.

Se vos poderdes apartar do objecto, aprovalo-hei ſummamente; porque aſſim como os que tem ſido mordidos das ſerpentes, naõ podem facilmente ſarar, em preſença dos que outra vez foraõ feridos da meſma mordedura; aſſim a peſſoa que eſtá picada do amor, dificultoſamente ſarará deſta paixaõ, em quanto eſtiver perto de outra, que tiver ſido tocada da meſma picadura. A mudança de lugar ſerve por extremo, para apaſiguar os ardores e deſaſſocegos, tanto de ſentimento como de amor. O moço de que fala Santo Ambroſio no Livro 2. da Penitencia, tendo ſeito huma larga jornada, voltou inteiramente livre dos loucos amores que tinha praticado; e mudado de tal ſorte, que encontrando-o ſua louca namorada e dizendo-lhe: naõ me conheces? eu ſou ainda a meſma: aſſim he, reſpondeo elle, mas eu já naõ ſou o meſmo: a auſencia lhe havia cauſado eſta feliz mudança. Santo Agoſtinho teſtifica, que por aliviar a dor que teve na morte de ſeu amigo, ſe ſahira de Tagaſte onde morreo, e fora para Cartago.

Mas quem ſe naõ póde apartar, que deve fazer? Deve abſolutamente cortar toda a converſaçaõ particular, todo o entretenimento ſecreto, todo o requebro de olhos, todo o ſurizo, e geralmente todo o genero de cõmunicaçaõ e fomento, que poſſa manter eſte fogo hedion-

diondo e que fumega ; ou pelo menos ſe he forçoſo falar ao complice , que ſeja por huma atrevida breve e ſevera proteſtaçaõ , do perpetuo divorcio que tem jurado. Clamo em alta voz a todos os que tiverem cahido neſtes laços de galanteios , que os cortem deſpedacem e rompaõ : naõ devemos deternos a deſcozer eſtas loucas amizades , devemſe raſgar ; naõ convem deſatar os nós , devem-ſe romper ou cortar : pois ſuas ligaduras e laços nada valem. Naõ ha para que fazer caſo de hum amor, que taõ contrario he ao de Deos.

Mas depois que eu aſſim tiver quebrado as cadeias deſta infame eſcravidaõ , ainda me reſtará algum reſentimento , e as marcas e veſtigios dos ferros ficaráõ ainda impreſſos em meus pés , iſto he em meus affectos. Naõ ficaráõ , Philotea , ſe vós conceberdes tanta deteſtaçaõ do voſſo mal , como elle merece ; porque ſe aſſim for , naõ ſereis agitada de outro movimento , ſenaõ de hum ſummo horror daquelle amor infame , e de tudo a que delle depende : e ficareis livre de toda a mais affeiçaõ ao objecto que deixaſtes , e ſó com huma puriſſima caridade para com Deos. Mas ſe por imperfeiçaõ do voſſo arrependimento , vos ficarem ainda algumas mas inclinaçóes , procurai pôr a voſſa alma em huma ſolidaõ mental , ſegundo vos enſinei acima , e retirai-vos o mais que puderdes : e com milhares de ſolitarias jaculatorias eſpirituaes , renunciai todas as voſſas inclinaçóes , reſiſti com todas voſſas forças , lêde com mais frequencia por li-

livros devotos, confessai-vos e comungai mais a miudo do que costumais, conferi com humildade e clareza todas as sugestões e tentações, que vos sobrevierem por este respeito, com o vosso Director se poderdes, ou ao menos com alguma alma fiel e prudente. E naõ duvideis, que Deos vos livrará de todas as paixões, com tanto que continueis fielmente nestes exercicios.

E naõ será huma ingratidaõ, me direis vós, quebrar taõ violentamente huma amizade? Oh que bemaventurada a ingratidaõ, que nos faz agradaveis a Deos! Naõ, Philotea, em Deos vos digo, que naõ será isto ingratidaõ, mas hum grande beneficio, que fareis ao amante; porque quebrando os vossos laços, quebrais tambem os seus, pois eraõ communs a ambos: e ainda que por entaõ naõ conheça a sua ventura, brevemente a conhecerá de pois, e comvosco cantará em acçaõ de graças: *O' Senhor! vos quebrastes os meus laços: eu vos sacrificarei a hostia de louvores, e invocarei vosso santo Nome.* (1)

CA-

(1) Psalm. 115. v. 7. *Dirupisti vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis, & nomen Domini invocabo.*

CAPITULO XXII.

Alguns outros documentos sobre a materia das amizades.

A Amizade requer huma grande communicaçaõ entre os que se amaõ, de outra sorte naõ póde nascer nem subsistir. Por isso succede commummente, que com a communicaçaõ da amizade, muitas outras communicações passaõ e se introduzem insensivelmente de coraçaõ em coraçaõ, por huma mutua passagem e reciproca transfusaõ de affectos, inclinações, e impressões. Mas isto principalmente acontece, quando estimamos com excesso o que amamos; porque entaõ abrimos de tal modo o coraçaõ á sua amizade, que com ella nos entraõ facilmente todas as suas inclinações, boas ou más. Na verdade que as abelhas que formaõ o mel de Heraclea, naõ procuraõ mais que o mel, mas com o mel chupaõ insensivelmente as qualidades venenosas do aconito, do qual fazem a sua colheita. Convem pois, Philotea, praticar nesta materia o que o Salvador de nossas almas costumava dizer (segundo nos ensináraõ os antigos) sede bons cambiadores e moedeiros. Quer dizer: naõ recebais a moeda falsa com a boa, nem o oiro baixo com o fino, separai o precioso do vil: sim, porque quasi naõ ha nenhum, que naõ tenha alguma imperfeiçaõ. E que razaõ ha para receber de mistura as maculas e imperfei-

feições do amigo com a sua amizade? He certo que o devemos amar, naõ obstante a sua imperfeiçaõ: mas naõ devemos nem amar nem receber essa imperfeiçaõ; porque a amizade requer a communicaçaõ do bem, e naõ a do mal. Assim como os que tiraõ area do rio Tejo, em separando o oiro que nella achaõ, a deixaõ ficar nas margens: por semelhante modo os que tem a communicaçaõ de alguma boa amizade, devem separar a area das imperfeições, e naõ a deixar entrar na sua alma.

S. Gregorio Nazianzeno afirma, que muitos amigos e admiradores de S. Basilio, chegaraõ a imita-lo, até nas imperfeições exteriores: no seu falar vagaroso, e com espirito abstrahido e pensativo, no feitio da barba, e no andar. E nós vemos maridos e mulheres mancebos amigos, que por estimarem muito a seus amigos pais maridos e mulheres, contrahem ou por condescendencia ou por imitaçaõ, milhares de imperfeiçóesinhas, no cómercio da amizade que frequentaõ Isto pois naõ deve ser assim; porque cada hum asśás de más inclinações tem, sem tomar sobre si as dos outros. A amizade naõ só naõ pede isto, mas pelo contrario nos obriga a ajudar-nos huns a outros, para mutuamente nos despirmos de todo o genero de imperfeições. Sem duvida que devemos sofrer suavemente o amigo em suas imperfeições, mas naõ induzilo a ellas, e muito menos traspassalas para nós.

Falo só das imperfeições; porque quanto

aos

aos peccados, nem ſe haõ de transferir, nem tolerar no amigo. Eſta amizade ou he fraca ou perverſa: ver perecer o amigo e naõ o ſocorrer: velo morrer de huma poſtema, e naõ nos atrever a por-lhe a navalha da correcçaõ para o ſalvar. A amizade viva e verdadeira naõ pode durar entre os peccados. Dizem que a ſalamandra extingue o fogo em que ſe deita, e o peccado arruina a amizade em que habita. Se o peccado for paſſageiro, o afugentará a amizade por meio da correcçaõ: mas ſe he diuturno e moroſo, logo ſe acaba a amizade; porque eſta naõ pode ſubſiſtir ſenaõ ſobre a verdadeira virtude: e muito menos ſe deve pecar por amizade. O amigo he inimigo quando nos quer induzir ao peccado, e merece perder a amizade, quando quer perder e condenar o amigo: eſte he hum dos mais certos ſinaes de huma falſa amizade, tê-la com peſſoa vicioſa, em qualquer genero de peccado que ſeja. Se aquelle a quem amamos he vicioſo, ſem duvida he vicioſa a noſſa amizade; porque como elle naõ pode atender á virtude verdadeira, forçoſo he que conſidere alguma virtude vã, e prenda ſenſual.

A ſociedade que ſe pratica entre os mercadores, pelo lucro temporal, naõ he mais que imagem da verdadeira amizade; porque ſe pratica, naõ por amor das peſſoas, mas por amor do ganho. Em fim eſtas duas divinas ſentenças, ſaõ duas grandes columnas, para bem ſegurar a vida Chriſtã: Huma he do Sabio: *O que teme a Deos terá huma*

boa

boa amizade (1) : a outra de Santiago : *A amizade deste mundo he inimiga de Deos.* (2)

CAPITULO XXIII.

Dos exercicios de mortificaçaõ exterior.

OS que trataõ de coisas rusticas e campestres, afirmaõ que se em huma amendo-a inteira se escrever alguma palavra, e a meterem na sua casca, dobrando-a e fechando-a bem, e assim a plantarem, em todo o fructo que a arvore der se achará gravada a mesma palavra. Quanto a mim, Philotea, nunca já mais pude aprovar o methodo dos que para reformar o homem, começaõ pelo exterior; pelo semblante, vestidos e cabelos.

Parece-me o contrario, que se deve principiar pelo interior. *Convertei-vos a mim* diz Deos, *de todo o vosso coraçaõ* (3). *Filho meu da-me o teu coraçaõ* (4); porque sendo o coraçaõ a origem das acções, taes saõ estas, qual elle he. O Divino Esposo convidando a alma diz (5) : *Ponde-me como hum sinete sobre*

---

(1) Eccles. 16. v. 17. *Qui timet Deum habebit amicitiam bonam.*

(2) Jacob. 4. v. 4. *Amicitia hujus mundi inimica est Dei.*

(3) Joel. 2. v. 12. *Convertimini ad me in toto corde vestro.*

(4) Proverb. 23. v. 26. *Prebe fili mi cor tuum mihi.*

(5) Cant. 8. v. 6. *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.*

o voſſo coraçaõ, como hum ſelo ſobre o voſſo braço. Sim na verdade; porque quem tem a Jeſu Chriſto em ſeu coraçaõ brevemente o terá em todas ſuas acções exteriores. Por iſſo eu, cariſſima Philotea, quiz primeiro que tudo gravar e eſcrever em voſſo coraçaõ eſte ſanto e divino mote: Viva Jeſus: tendo por certo, que a voſſa vida, que do voſſo coraçaõ procede, como a amendoeira da ſua pevide, produzirá todas ſuas acções que ſaõ os frutos, eſcritos e gravados com o meſmo ſalutifero mote. E que aſſim como eſte doce Jeſus viverá dentro em voſſo coraçaõ, aſſim tambem viverá em todas voſſas acções, e apparecerá em voſſos olhos, em voſſa boca, em voſſas mãos, e até em voſſos cabelos: e podereis ſantamente dizer á imitaçaõ de S. Paulo: *Vivo eu, mas já naõ eu, antes Jeſu Chriſto vive em mim* (1). Em huma palavra: quem ganhar o coraçaõ do homem, tem ganhado todo o homem. Mas eſte meſmo coraçaõ por onde queremos começar, requer ſer inſtruido, como ſe ha de portar no exterior, para que naõ ſó nelle ſe veja a ſanta devoçaõ, mas tambem huma grande prudencia e diſcriçaõ. Para iſto vos quero dar brevemente varios aviſos.

Se poderdes aturar o jejum, fareis bem em jejuar alguns dias, além dos jejuns que a Igreja nos manda; porque além do efeito ordina-

(1) Ad Galat. 2. v. 20. *Vivo autem jam non ego, vivit vero in me Chriſtus.*

dinario do jejum, de levantar o eſpirito, reprimir a carne, praticar a virtude, e adquirir maior paga no Ceo; he huma grande utilidade conſervar-ſe na poſſe de reprehender a meſma golodice, e ter o apetite ſenſual e o corpo ſujeito ás leis do eſpirito: e ainda que naõ jejuemos muito, o inimigo com tudo nos teme muito mais, quando conhece que ſabemos jejuar. As Quartas Sextas e Sabados, ſaõ os dias em que os antigos Chriſtãos ſe exercitavaõ mais na abſtinencia. Aprendei pois delles a jejuar, quanto a voſſa devoçaõ, e a diſcriçaõ do voſſo Director vos aconſelharem.

De boamente diria como S. Jeronymo diſſe á virtuoſa matrona Leta: *Os longos e immoderados jejuns me deſagradaõ muito, principalmente nos que ſaõ de tenra idade.* Pela experiencia ſei, que o jumentinho indo de jornada procura lançar de ſi a carga: quero dizer, a gente moça cahindo em enfermidades, por jejuns exceſſivos, ſe tornaõ facilmente para o regalo. Os cervos correm mal em dois tempos; quando eſtaõ gordos com a caça, e quando eſtaõ magros. Eſtamos grandemente expoſtos ás tentaçóes quando temos o corpo mui nutrido, e quando eſtá mui atenuado; porque huma deſtas coiſas o faz inſolente no ſeu prazer, e a outra o torna deſeſperado na ſua pena: e aſſim como naõ podemos com elle quando eſtá mui cheio, aſſim naõ póde elle comnoſco quando eſtá mui magro. A falta deſta moderaçaõ nos jejuns diſciplinas cilicios e aſperezas, faz inuteis no ſerviço da caridade os melhores annos de muitos: como

aconteceo a S. Bernardo, que ſe arrependia de ter-ſe havido com demaſiada auſteridade: e quanto eſtes ſe maltrataõ no principio, tanto ſe vem obrigados a regalar-ſe no fim. Naõ lhe eſtivera melhor hum tratamento igual, e proporcionado aos officios e trabalhos, a que o ſeu eſtado os obrigava?

O jejum e o trabalho abatem e enfraquecem a carne. Se o trabalho em que vos ocupais, vos he neceſſario, ou mui util á gloria de Deos, antes quero que ſuporteis o pezo do trabalho, que o do jejum. Eſte he o parecer da Igreja, a qual pelos trabalhos uteis ao ſerviço de Deos e do proximo, deſcarrega aos que os executaõ dos jejuns ainda de preceito. Huns jejuaõ com dificuldade, outros lhes he moleſto viſitar os enfermos, ir ver os encarcerados, confeſſar, pregar, aſſiſtir aos afflictos, ter oraçaõ, e outros ſemelhantes exercicios: eſtas penalidades valem mais que aquella; porque além de fatigar igualmente, tem frutos mais dignos de deſejar. E por iſſo geralmente melhor he guardar mais forças corporaes das que havemos miſter, do que arruinalas mais do que devemos; porque toda a vez que quizermos as podemos abater, e nem ſempre que quizermos as podemos reparar.

Parece-me que devemos ter grande reverencia ás palavras que Noſſo Redemptor e Salvador Jeſu Chriſto diſſe a ſeus Diſcipulos: *Comei o que vos pozerem diante* (1). Maior vir-

(1) Luc. 10. v. 9. *Manducate quæ apponuntur vobis.*

virtude he (ſegundo eu entendo) comer ſem eſcolha o que ſe vos oferece na meſma ordem que ſe vos oferece, ou elle ſeja do voſſo goſto ou naõ, do que eſcolher ſempre o peior; porque ainda que eſte ultimo modo de viver pareça mais auſtero, o outro com tudo tem mais de reſignaçaõ: pois com ella renunciamos naõ ſó o noſſo goſto, mas a propria eſcolha: e naõ he pequena auſteridade voltar o goſto a qualquer parte, e tê-lo obediente aos acaſos. Além de que, eſte genero de mortificaçaõ naõ aparece, nem incommoda ninguem, e he unicamente proprio da vida civil. Apartar huma iguaria por tomar outra, raſpar e beliſcar em todas as coiſas, naõ achar nada bem guizado nem aſſeado, fazer myſterios a cada bocado, iſſo denota hum coraçaõ mole e entregue a pratos e eſcudelas. Mais eſtimo eu, que S. Bernardo bebeſſe azeite em lugar de agoa ou de vinho, do que ſe bebeſſe de propoſito agoa de abſyntio; porque foi ſinal de que naõ cuidava no que bebia. Neſte deſcuido do que ſe ha de comer ou beber, conſiſte a perfeita pratica deſta divina ſentença: Comei o que vos pozerem diante. Exceptuo porém as viandas nocivas á ſaude, ou que deſaſſocegaõ o animo, como ſucede a muitos com os manjares quentes, e eſpecies fumoſas e flatulentas: e certas ocaſiões em que a natureza neceſſita de ſer recreada e ajudada para poder ſuportar algum trabalho da gloria de Deos. Huma continua e moderada ſobriedade he melhor que as abſtinencias violentas feitas em varios tempos, e entreſachadas com grandes relaxações.

A

A disciplina tem admiravel virtude, para despertar o apetite da devoçaõ, tomando-se moderadamente. O cilicio debilita muito o corpo, mas o seu uso naõ he proprio para ordinario, nem a pessoas casadas, nem a compleições delicadas, nem aos que tem de suportar outros grandes trabalhos: verdade he que nos dias mais notaveis de penitencia, se poderá usar delle, com conselho de hum prudente Confessor.

Cada hum deve tomar da noite para dormir, segundo a sua compleiçaõ, quanto lhe for preciso, para bem e utilmente velar de dia. E porque a Escritura santa em muitos lugares, o exemplo dos Santos, e a razaõ natural nos recomendaõ grandemente as manhás, como as melhores e mais fructuosas partes de nossos dias: e Nosso Senhor mesmo he intitulado Sol que nasce, e Nossa Senhora Aurora do dia: entendo que he hum virtuoso cuidado, tomar o sono á noite a boa hora, para poder despertar e levantar bem de manhá: este he o tempo mais engraçado, e mais suave, e menos embaraçado: as mesmas aves nos excitaõ nelle a que despertemos e louvemos a Deos: por onde o levantar de manhá he util á saude e á santidade.

Balaam montado na sua jumenta hia buscar a Balac, mas como naõ levava recta intençaõ, o esperou o Anjo no caminho para o matar (1): a jumenta que vio o Anjo, por tres

---

(1) Numer. 22. v. 28.

tres vezes diversas parou como voltando para trás : Balaam entretanto a feria cruelmente com o seu bordaõ para que andasse por diante ; até que a terceira vez deixando-se cahir debaixo de Balaam , lhe falou miraculosamente dizendo : Que te tenho feito , para me teres ferido já tres *vezes* ? e logo se lhe abriraõ os olhos a Balaam , e vio o Anjo que lhe disse : Porque tens ferido a tua jumenta ? Se ella se naõ apartasse de diante de mim , te teria morto a ti , e a ella resguardado. Entaõ disse Balaam ao Anjo : Senhor pequei ; porque naõ sabia que estaveis contra mim no caminho. Aqui vedes , Philotea , como Balaam sendo a causa do mal , fere e maltrata a sua pobre jumenta , que naõ tem culpa. Assim succede bem frequentemente em nossos negocios ; porque a outra mulher vê a seu marido ou a seu filho enfermo , recorre logo ao jejum ao cilicio á disciplina , como fez David em semelhante materia. Ah minha carissima ! vós maltratais a pobre jumentinha , afligis o vosso corpo , naõ tendo elle culpa do vosso mal , nem de que Deos desembainhasse a sua espada sobre vós. Corregi o vosso coraçaõ que he idolatra deste marido , e consentio milhares de vicios ao filho , e o encaminhou á soberba vaidade e ambiçaõ. O outro vê que cahe mui amiudo torpemente em peccados de luxuria ; e que o remorso interior vem contra elle para o ferir com a espada feita , para o ferir com o santo temor : e logo o seu coraçaõ tornando em si diz : Ah traidora carne ! ah corpo desleal ! tu me has vendido : e eis so-

ſobre eſta carne deſmedidos caſtigos , jejuns immoderados , fortes diſciplinas , e inſuportaveis cilicios. Oh pobre alma , ſe a tua carne podeſſe falar , como a jumenta de Balaam, ella te diria : Porque me feres tu miſeravel ? Contra ti alma minha arma Deos a ſua vingança : Tu es a criminoſa ; porque me conduzias ás mas converſações ? porque applicavas meus olhos máos e labios em laſcivias ? para que me inquetavas com más imaginações ? Tem bons penſamentos e eu naõ terei maos movimentos : trata com gente honeſta , e eu naõ ſerei combatida da minha concupiſcencia. He poſſivel que me lanças no fogo , e naõ queres que me queime ? encheſme os olhos de fumo , e naõ queres que ſe inflamem ? Neſtes caſos ſem duvida vos diz Deos : maltratai quebrai fendei e deſpedaçai principalmente voſſos corações ; porque contra elles ſe tem irritado o meu furor. Na verdade para ſarar da comichaõ , naõ he taõ preciſo lavar e banhar , como purificar o ſangue e refreſcar o figado : aſſim para ſarar-mos de noſſos vicios , na verdade que he bom mortificar a carne , mas principalmente he neceſſario purificar os noſſos affectos , refreſcar os noſſos corações. Em tudo pois e por tudo de nenhum modo convem emprender auſteridades corporaes , ſenaõ com conſelho do noſſo Director.

CA-

CAPITULO XXIV.

Das converſações e da ſolidaõ.

BUſcar as converſações e fugir dellas, ſaõ dois extremos de eſtranhar na devoçaõ civil, que he a de que vos falo: fugi-las denota deſdem e deſprezo do proximo, e buſca-las cheira a ocioſidade inutil. Devemos amar o proximo como a nós meſmos. Para moſtrar que o amamos naõ devemos fugir de eſtar com elle: e para moſtrar que nos amamos, naõ devemos eſtar quando eſtamos com nós meſmos: iſto ſuccede quando eſtamos ſós: *Cuidai em vós*, diz S. Bernardo, *e depois nos outros.* Se nada vos obriga a buſcar a converſaçaõ, ou recebela, deixai-vos eſtar comvoſco meſma, e entretende-vos com o voſſo coraçaõ: mas ſe a converſaçaõ ſe vos offerecer, ou alguma juſta cauſa vos convidar, ide com Deos, Philotea, e vêde o voſſo proximo com boa vontade e com bons olhos.

Chamaõ-ſe más converſações aquellas, que ſe tem com alguma tençaõ má: ou tambem quando os que intervem nellas ſaõ vicioſos indiſcretos e diſſolutos: e a eſtas ſe deve furtar o corpo, como as abelhas fogem dos zangões e moſcões. Porque como os que ſaõ mordidos de cães danados, tem o ſuor, o halito, e a ſaliva perigoſa, principalmente para os meninos, e gente de delicada compreiçaõ: aſſim eſtes vicioſos naõ ſe podem

con-

conversar, sem risco e perigo: em especial, pelos que saõ de devoçaõ ainda tenra e delicada.

Ha conversações inuteis para tudo o mais, excepto a recreaçaõ, as quaes se tem por hum simples divertimento das ocupações serias: quanto a estas, assim como naõ devemos entregar-nos a ellas, assim se podem tomar em lugar de recreaçaõ.

As outras conversações tem por fim a honestidade, como saõ as mutuas visitas, e certas assembleas que se fazem para honrar o proximo: e quanto a estas, assim como naõ devemos ser supersticiosos em as praticar, assim tambem naõ devemos ser incivís em as desprezar; mas satisfazer com modestia á obrigaçaõ devida, para evitar igualmente a rusticidade e a leviandade.

Restaõ as conversações uteis, quaes saõ as das pessoas devotas e virtuosas: grande ventura, Philotea, será sempre para vós encontrar com estas muitas vezes. A vinha plantada entre as oliveiras dá cachos oleosos, e que sabem a azeitona: huma alma que se acha com frequencia entre gente de virtude, naõ pode deixar de participar as suas qualidades. Os zangãos sós naõ podem fazer o mel, mas com as abelhas ajudaõ a fabrica-lo. Grande vantagem he para bem exercitar a devoçaõ, conversar com almas devotas.

Em todas as conversações, a sinceridade singeleza suavidade e modestia, saõ sempre preferidas: pessoas ha que em qualquer sorte de acçaõ e gesto, usaõ de tanto artificio que en-

enfadaõ a todos: e aſſim como aquelle que nunca quizeſſe paſſear ſenaõ contando os paſſos, nem falar ſe naõ cantando, ſeria moleſto a todos os mais homens; aſſim os que tem hum modo artificioſo, e tudo fazem com cadencia, importunaõ ſummamente a converſaçaõ: e neſte genero de gente, ha ſempre alguma eſpecie de preſunçaõ. Convem que ordinariamente predomine alguma alegria moderada na noſſa converſaçaõ. S. Romualdo e Santo Antonio ſaõ ſummamente louvados, de que naõ obſtantes todas as ſuas auſteridades, traziaõ os ſemblantes ſempre adornados de alegria regozijo e cortezia (1). Alegrai-vos com os alegres. E outra vez vos digo com o Apoſto (2): *Eſtai ſempre alegre em Noſſo Senhor, e a voſſa modeſtia ſeja notoria a todos os homens.* Para vos alegrar em Noſſo Senhor, convem que o motivo da voſſa alegria ſeja naõ ſó licito mas honeſto: digo iſto, porque ha coiſas licitas que nem por iſſo ſaõ honeſtas. E para que a voſſa modeſtia apareça, guardai-vos de inſolencias, que ſem duvida ſempre ſaõ reprehenſiveis. Fazer cahir a hum, infamar a outro, picar aquel-outro, fazer mal a hum louco, ſaõ coiſas de riſo e alegrias loucas e inſolentes.

Além da ſoledade mental, á qual, como diſſe acima, vos podeis retirar no meio das maio-

---

(1) Rom. 12. v. 15. *Gaudere cum gaudentibus.*

(2) Philip. 4. v. 4. *Gaudete in Domino, ſemper modeſtia veſtra nota ſit omnibus hominibus.*

maiores converſações: deveis amar a ſoleda-de local e real; naõ para irdes para os deſertos, como Santa Maria Egypciaca, S. Paulo Santo Antonio, Arſenio, e os outros Padres ſolitarios: mas para eſtardes algum tempo no voſſo apoſento, no voſſo jardim, ou em outro lugar, onde poſſais retirar o voſſo eſpirito ao voſſo coraçaõ: e recrear a voſſa alma com boas conſiderações e ſantos penſamentos, ou com huma pouca de liçaõ, a exemplo do grande Biſpo Nazianzeno, que falando de ſi meſmo diz: *Eu paſſeava comigo meſmo ao pôr do Sol*, paſſando o tempo á borda do mar; porque coſtumava uſar deſta recreaçaõ, para me divertir e deſviar hum pouco dos cuidados ordinarios. E logo fala do bom diſcurſo que aqui fez, como vos referi em outra parte: E a exemplo tambem de Santo Ambroſio, do qual falando Santo Agoſtinho, diz que muitas vezes quando entrava no ſeu quarto (porque a ninguem negava a entrada) elle o vira lendo: e depois de ter eſperado algum tempo, pelo naõ incommodar, voltava ſem lhe ter dito nada: entendendo, que aquelle pouco tempo que ficava aquelle grande Paſtor para refazer e recrear o ſeu eſpirito, depois da tarefa de tantos negocios, naõ lho devia tirar. Aſſim depois dos Apoſtolos terem certo dia contado a Noſſo Senhor, como tinhaõ prégado e trabalhado muito, lhes diſſe: *Vinde para a ſolidaõ, e deſcançai hum pouco.*

CA-

CAPITULO XXV.

Da decencia dos vestidos.

SAõ Paulo (1) quer que as mulheres devotas (o mesmo se deve entender dos homens) se vistaõ de trages decentes, adornando-se com pudicicia e sobriedade. A decencia pois dos vestidos e mais adornos, depende da materia e forma e asseio. Quanto á limpeza deve sempre ser igual em nossos vestidos, nos quaes quanto for possivel devemos evitar toda a mancha e falta de limpeza. O asseio exterior representa de algum modo a honestidade interior. O mesmo Deos requer a honestidade corporal nos que chegaõ a seus Altares, e tem o encargo principal da devoçaõ.

Quanto á materia e forma dos vestidos, a decencia se considera por muitas circunstancias, do tempo, da idade, das qualidades, das companhias, e das ocasiões. Nos dias festivos, ordinariamente se usa de mais adorno, segundo a grandeza do dia, que se celebra. Em tempo de penitencia, como na Quaresma, se escusa muita coisa. Nas vodas trazem-se vestidos nupciaes, e nas assembleas funebres roupas de luto. Junto aos Principes se aumenta o fausto, que se deve diminuir entre

(1) I. Thimoth. 2. v. 8. *In habitu ornato cum verecundia & sobrietate ornantes se.*

tre os domeſticos. A mulher caſada ſe póde e deve adornar, quando eſtá na preſença de ſeu marido; quando elle aſſim o quer; e ſe fizer o meſmo eſtando longe delle, perguntarſe-ha a que olhos quer agradar, com taõ eſpecial adorno. A's donzelas ſe concedem mais dixes, porque podem licitamente deſejar agradar a muitos, poſto que ſeja, com o fim de ganhar hum ſó, para o ſanto Matrimonio. Naõ ſe tem por máo que as viuvas, que pretendem caſar, ſe enfeitem algum tanto; com tanto que o façaõ ſem nota de leviandade; porque como já tem ſido mãis de familias, e paſſado pelos deſgoſtos da viuvez, tem o animo maduro e moderado. Mas quanto ás verdadeiras viuvas, que o ſaõ naõ ſómente do corpo mas de coraçaõ, nenhum adorno lhes he conveniente, ſenaõ a humildade a modeſtia e a devoçaõ; porque ſe querem moſtrar amor a homens, naõ ſaõ verdadeiras viuvas: e ſe o naõ querem moſtrar, para que trazem os inſtrumentos delle? Quem naõ quer receber hoſpedes, deve tirar as inſignias da ſua hoſpedaria. Naõ ha quem deixe de rir-ſe de gente velha, quando ſe quer enfeitar demaſiado: loucura he eſta, que ſó em gente moça ſe póde ſuportar.

Sede aſſeada, Phelotea, de modo que nada haja em vós deſcompaſſado e mal poſto. He deſprezo daquelles com quem tratamos, andar entre elles com habito deſagradavel: mas livrai-vos ſummamente de affectações vaidades curioſidades e loucuras. Propendei ſempre quanto vos for poſſivel, para a parte

da

da ſingeleza e modeſtia, que ſem duvida he o maior adorno da fermoſura, e a melhor deſculpa da fealdade. S. Pedro adverte principalmente ás mulheres moças, de naõ trazerem os cabelos taõ creſpos eſtofados anelados e retorcidos. Os homens taõ cobardes, que ſe daõ a eſtas invenções affeminadas, todos os cenſuraõ de hermafroditas. E as mulheres vás ſaõ tidas por fracas na caſtidade: pelo menos ſe a tem, naõ aparece entre tantas ſuperfluidades e bacatelas. Dizem que naõ tem má tençaõ; mas eu replico, como o fiz noutra parte: que o diabo ſempre a tem. O meu deſejo era, que o meu devoto e a minha devota foſſem ſempre os mais bem veſtidos do rancho, mas os menos pompoſos e affectados; e como ſe diz nos Proverbios, ſe adornaſſem de graça decencia e decoro. S. Luiz diz em huma palavra, que nos devemos veſtir ſegundo o noſſo eſtado; de ſorte que os ſabios e bons naõ poſſaõ dizer, tratais-vos com demazia: nem os moços, tratai-vos com com meſquinheria. Mas no caſo que os moços ſe naõ queiraõ contentar com a decencia, devemos arrimar-nos ao conſelho dos velhos.

CAPITULO XXVI.

Do falar, e primeiramente como se ha de falar de Deos.

OS Medicos tomaõ grande conhecimento da saude ou molestia do homem, pela inspecçaõ da lingua: e as nossas palavras saõ os verdadeiros indicios das qualidades das nossas almas (1): *Por tuas palavras* (diz o Salvador) *serás justificado, e por tuas palavras serás condenado.* Ordinariamente pomos a maõ sobre o lugar em que sentimos a dôr, e a lingua sobre o amor que temos.

Se fordes pois muito amante de Deos, Philotea, falareis frequentemente de Deos, nos coloquios familiares que tiverdes com os vossos domesticos amigos e visinhos. Sim, porque (2) *a boca do justo meditará a sabedoria, e a sua lingua falará o juizo.* E assim como as abelhas com suas boquinhas naõ fazem outra coisa senaõ mel; assim a vossa lingua estará sempre melada de seu Deos: e naõ terá maior suavidade, que sentir escorregar por entre os labios os louvores e bençãos de seu nome. Como se diz de S. Francisco, que pronunci-

(1) Matth. 12. v. 37. *Ex verbis tuis justificaberis: & ex verbis tuis condemnaberis.*

(2) Psalm. 36. v. 70. *Os justi meditabitur sapientiam, & lingua ejus loquetur judicium.*

nunciando o ſanto nome do Senhor, chupava e lambia os beiços, como ſe delles recebeſſe a maior doçura do mundo.

Mas falai ſempre de Deos como de Deos: iſto he, reverente e devotamente: naõ vos affectando erudita nem pregadora, mas com eſpirito de manſidaõ, de caridade e humildade, diſtilando quando puderdes (como ſe diz da Eſpoſa no Cantico dos Canticos) o mel dilicioſo da devoçaõ e das coiſas divinas, gota e gota, ora nos ouvidos de hum, ora nos de outro: rogando a Deos no interior da voſſa alma, ſeja ſervido fazer, que paſſe eſte ſanto orvalho até dentro do coraçaõ dos que vos ouvem.

Sobre tudo ſe deve fazer eſte officio Angelico, doce e ſuavemente: naõ por modo de correcçaõ, mas á ſemelhança de inſpiraçaõ: pois he para admirar, quanto a ſuavidade e benevóla propoſta de qualquer coiſa boa, he poderoſo engodo para attrahir os corações.

Nunca faleis de Deos nem da devoçaõ, e por modo de comprimento, e entretenimento, mas ſempre com atençaõ e devoçaõ. Iſto digo por vos deſviar de huma notavel vaidade, que ſe acha em muitos, que fazem profiſſaõ de devoçaõ: os quaes a qualquer propoſito dizem palavras ſantas e fervoroſas, por modo de comedimento, ſem cuidar no que dizem: e depois lhes parece, que ſaõ taes quaes as palavras dizem, ſendo na realidade o contrario.

CAPITULO XXVII.

Da honeſtidade das palavras, e do reſpeito que ſe deve ás peſſoas.

SE *alguem naõ peca de palavra* (diz Santiago) *eſſe he homem perfeito* (1). Guardai-vos com cuidado de deixar cahir algumas palavras deshoneſtas; porque ainda que as naõ digais com má intençaõ, poderáõ os que as ouvem recebelas de outra ſorte. A palavra deshoneſta cahindo em hum coraçaõ fraco, ſe eſtende e dilata como huma gota de azeite ſobre o pano: e ás vezes toma poſſe do coraçaõ de modo, que o enche de milhares de penſamentos e tentações lubricas; porque aſſim como o veneno do corpo entra pela boca, aſſim o da alma entra pelo ouvido, e a lingua que o produz he homicida; porque ainda que por acaſo o veneno que arrojou naõ tiveſſe o ſeu effeito, por achar os corações dos ouvintes prevenidos de algum antidoto, nem por iſſo eſtá da parte da ſua malicia o deixar de matar. E ninguem me diga que naõ cuidava; porque Noſſo Senhor que conhece os penſamentos diſſe: *Que a boca fala da abundancia do coraçaõ.* E ſe nós naõ cuidamos mal, o inimigo porém cuida muito, e

(1) Jacob. 3. v. 2. *Si quis in verbo non offendit, hic perfectus eſt vir.*

e ſe ſerve ſecretamente deſtas más palavras, para treſpaſſar o coraçaõ de alguem. Dizem, que os que tem comido a erva chamada Angelica, tem ſempre o halito ſuave e agradavel; e os que tem no coraçaõ a honeſtidade e caſtidade, que he a virtude Angelica, tem ſempre ſuas palavras limpas cortezes e honeſtas. Quanto ás coiſas indecentes e loucas, naõ quer o Apoſtolo, nem ſequer que ſe nomeem, aſſegurando-nos: *Que nada corrompe tanto os bons coſtumes, como as más converſações.* (1)

Se eſtas palavras deshoneſtas ſe dizem diſſimuladamente com artificio e ſubtileza, ainda ſaõ incrivelmente mais venenoſas; porque aſſim como quanto o dardo he mais agudo, tanto mais facilmente entra em noſſos corpos, aſſim quanto huma palavra he mais aguda, tanto mais penetra noſſos corações. E os que cuidaõ ſer mui engraçados, com dizer ſemelhantes palavras na converſaçaõ, naõ ſabem para que ſe fizeraõ as converſações: pois eſtas devem ſer como enxames de abelhas juntas, para fazer o mel de algum ſuave e virtuoſo entretenimento; e naõ como montaõ de veſpas que ſe juntaõ para chupar alguma podridaõ. Se algum louco vos diſſer palavras indecentes, moſtrai-lhe que os voſſos ouvidos ſe ofendem, ou voltando o roſto a outra parte, ou de algum outro modo, ſegundo vos dictar a voſſa prudencia.

(1) I. Corinth. 15. v. 33. *Corrumpunt mores bonos colloquia mala.*

Huma das peiores condições que pode ter hum espirito, he ser mofador. Deos aborrece este vicio summamente, e por causa delle executou nos tempos passados estranhos castigos. Naõ ha coisa taõ contraria a caridade, e muito mais á devoçaõ, como o desprezo do proximo. A irrisaõ e mófa nunca se praticaõ sem este desprezo: por isso he grande peccado, de modo que os Doutores tem razaõ em dizer: que o escarneo he a peior casta de ofensa, que se pode fazer ao proximo com palavra; porque as outras ofensas se fazem com alguma estimaçaõ do ofendido, e esta com desprezo e desestimaçaõ.

Mas quanto aos jogos de palavras que se praticaõ entre huns e outros com huma modesta alegria e regozijo, pertencem á virtude chamada Eutrapelia pelos Gregos, que nos podemos chamar boa conversaçaõ: Com estes se toma huma honesta e amigavel recreaçaõ, sobre ocasiões frivolas, que as imperfeições humanas oferecem. Unicamente convem guardar-nos, de passar desta honesta alegria á zombaria: esta provoca o riso, por meio do desprezo e desestimaçaõ do proximo: mas a alegria e galantaria provoca o riso por huma simples liberdade confiança e familiaridade sincera, junta com a galantaria de algum dito. S. Luiz quando os Religiosos lhe queriaõ falar depois de comer em coisas elevadas, dizia: *Naõ he tempo agora de dictar, mas de recrear, com algum conto e galantaria, que cada hum dirá como quizer com honestidade.* O que dizia por comprazer a nobre-

breza, que assistia presente, a receber os agrados de Sua Magestade. Mas, Philotea, passemos de tal modo o tempo por recreação, que conservemos a santa eternidade por devoção.

CAPITULO XXVIII.

Dos juizos temerarios.

N*Aõ julgueis, e naõ sereis julgados* (1): (diz o Salvador de nossas almas): Naõ condeneis, e naõ sereis condenado. *Naõ* (diz o Apostolo): *Naõ julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, que revelará o segredo das trevas, e manifestará os conselhos dos corações* (2). Oh quam desagradaveis a Deos saõ os juizos temerarios! Saõ temerarios os juizos dos filhos dos homens, porque naõ saõ juizes huns dos outros, e julgando usurpaõ o officio de Nosso Senhor. Saõ temerarios, porque a principal malicia do peccado, depende da intençaõ e conselho do coraçaõ, que he o segredo das trévas para nós. Saõ temerarios, porque cada hum tem assás que fazer, em se julgar a si mesmo, sem se meter a julgar o seu proximo: he coisa igual-

(1) Luc. 6. v. 37. *Nolite judicare & non judicabimini.*

(1) I. Corinth. 4. v. 5. *Nolite ante tempus judicare, quoadusque veniat Dominus.*

igualmente neceſſaria para naõ ſer julgado; naõ julgar os outros, e julgar-ſe a ſi proprio. Porque aſſim como Noſſo Senhor nos prohibe huma deſtas coiſas, o Apoſtolo nos manda a outra dizendo (1): *Se nós nos julgarmos a nós meſmos, naõ ſeremos julgados.* Mas oh bom Deos! fazemos tudo pelo contrario: pois naõ ceſſamos de obrar o que ſe nos prohibe, julgando a cada paſſo o noſſo proximo: e o que ſe nos manda, de nos julgar a nós meſmos, nunca o cumprimos.

Conforme forem as cauſas dos juizos temerarios, aſſim ſe lhe ha de applicar o remedio. Ha corações agros amargos e aſperos de ſua natureza, que igualmente tornaõ agro e amargoſo tudo o que recebem, e *convertem* (como diz o Profeta (2)) *o juizo em loſna, naõ julgando nunca do proximo, ſe naõ com rigor e aſpereza.* Eſtes tem grande neceſſidade de cahir nas mãos de hum bom Medico eſpiritual; porque ſendo natural eſta amargura de coraçaõ, he dificultoſa de vencer: e ainda que em ſi naõ ſeja peccado, mas ſó huma imperfeiçaõ, he com tudo perigoſa, porque introduz e faz reinar na alma o juizo temerario e a murmuraçaõ. Alguns julgaõ temerariamente, naõ por rancor de coraçaõ, mas por ſoberba, parecendo-lhes, que á medida que aba-

(1) I. Corinth. 11. v. 31. *Si noſmetipſos dijudicaremus, non utique judicaremur.*

(2) Amos. 5. v. 7. *Qui convertant in abſinthium judicium.*

abatem a honra alheia levantaõ a propria. Eſpiritos arrogantes e preſumptuoſos, que ſe admiraõ a ſi meſmos, e ſe colocaõ taõ altos em ſua propria eſtimaçaõ, que olhaõ para os mais como coiſa pequena e baixa. *Eu naõ ſou como o reſtante dos homens* (1), dizia o louco Fariſeo. Alguns naõ tem eſta ſoberba manifeſta, mas ſómente huma certa e pequena complacencia em conſiderar o mal do proximo, para tomarem melhor o goſto, e ſe ſaborearem com o bem contrario, de que ſe julgaõ dotados: cuja complacencia he taõ ſecreta e imperceptivel, que ſem boa viſta ſe naõ póde deſcobrir: e os meſmos que a tem, naõ a conhecem ſe lha naõ moſtraõ.

Outros para ſe liſongear e eſcuſar para comſigo meſmos, e por adoçar os remorſos de ſuas conciencias, julgaõ de muito boa vontade, que os outros ſaõ vicioſos no vicio a que ſaõ dados, ou em outro taõ grande como elle, parecendo-lhes que o haver muitos criminoſos, faz o ſeu peccado menos repreheníivel. Muitos ſe daõ ao juizo temerario, ſó por tomarem o goſto de filoſofar, e adivinhar os coſtumes e genios das peſſoas, por modo de exercicio de entendimento: e ſe por infelicidade acertaõ alguma vez com a verdade em ſeus juizos, creſce nelles a audacia e apetite de continuar, de modo, que naõ ha quem os aparte delle. Outros julgaõ por paixaõ, e ſempre cuidaõ bem dos que amaõ, e mal

(1) Luc. 18. v. 11. *Non ſum ſicut cæteri homines.*

mal dos que aborrecem ; excepto em hum caſo admiravel e verdadeiro, no qual o exceſſo do amor provoca a formar máo juizo do que ſe ama : effeito monſtruoſo, más como procedido de hum amor impuro imperfeito perturbado e enfermo, qual he o ciume ; o qual, como todos ſabem, por hum mero olhar e pelo menor ſurriſo, condena as peſſoas de deslealdade e adulterio. Em fim, o temor a ambiçaõ, e outras ſemelhantes fraquezas de eſpirito, de ordinario concorrem muito para produzir a ſuſpeita e o juizo temerario.

Mas que remedio haverá para iſto ? Os que bebem o ſumo da herva Ofiuſa da Ethiopia, repreſentaſe-lhe por toda a parte que vêm ſerpentes, e coiſas eſpantoſas : e os que tem engolido a ſoberba a enveja a ambiçaõ o odio, nada vem que naõ ſeja máo e vituperavel. Aquelles para ſararem, devem beber vinho de palmeira : e o meſmo digo dos ſegundos : bebei o mais que poderdes, do vinho ſagrado da caridade, que elle vos purgará dos máos humores, que vos provocaõ a formar juizos errados. A caridade eſtá taõ longe de buſcar o mal, que teme encontrar-ſe com elle ; e quando o encontra volta o roſto, e o diſſimula : e ainda fecha os olhos antes de o ver, ao primeiro rumor que delle perſente : e depois crê com huma ſanta ſingeleza, que naõ era o mal, mas alguma ſombra ou fantaſma delle : e ſe á força reconhece ſer o mal, para logo ſe volta, e procura eſquecer-ſe da ſua figura. A caridade he remedio grande para todos os males, e eſpecialmente para eſte.

To-

Todas as coisas parecem amarelas, aos olhos dos que tem tericia, e estaõ mui amarelos: dizem, que para sarar deste mal, devem trazer debaixo da planta do pé a herva chelidonia. Verdadeiramente este peccado do juizo temerario, he huma tericia espiritual, que faz parecer todas as coisas más, aos olhos dos que della estaõ tocados: mas quem quizer sarar, deve pôr os remedios, naõ nos olhos nem no entendimento, mas nos affectos, que saõ os pés da alma. Se os vossos affectos forem doces, a vossa alma será suave, se forem caritativos, tambem o será o vosso juizo. Tres exemplos vos darei admiraveis. Isac tinha dito, que Rebeca era sua irmã: Abimelec vio que galanteava com ella, isto he que a acariciava ternamente, e logo julgou que era sua mulher. Huns máos olhos julgariaõ antes, que era sua amiga, ou que se era sua irmã, era incestuoso com ella: mas Abimelec seguio a opiniaõ mais caritativa, que podia ter neste caso. Deveis sempre fazer o mesmo, Philotea, julgando em favor do proximo quanto vos for possivel: e se huma acçaõ podesse ter cem faces, a deviamos olhar segundo a mais fermosa. Estava (1) Nossa Senhora pejada: S. Joseph o via claramente: mas como por outra parte a via toda santa toda pura toda angelica, naõ se póde persuadir que a sua prenhez fosse contra a obrigaçaõ conjugal: e assim se resolveo a deixa-la, deixan-

(1) Matth. 1. v. 19.

xando o juizo á Deos: e ainda que o argumento foi violento, para lhe fazer conceber má opiniaõ desta Virgem, já mais a quiz julgar. Mas porque? porque (diz o Espirito de Deos) elle era justo. O varaõ justo quando naõ póde escusar nem o facto nem a intençaõ daquelle que aliàs conhece por homem de bem, naõ só o naõ quer julgar; mas lança de si tal pensamento, e deixa o juizo para Deos. Mais, Nosso Salvador (1) crucificado, naõ podendo escusar de todo o peccado dos que o crucificavaõ, pelo menos diminuio a malicia, alegando sua ignorancia. Quando naõ podermos escusar o peccado, façamo-lo ao menos digno de compaixaõ, attribuindo-o á causa mais sofrivel que possa ter, como á ignorancia ou a fraqueza.

Pois nunca jámais podemos julgar o proximo? Certamente nunca: Deos he, Philotea, quem julga os reos com justiça. Verdade he que se serve da voz dos Magistrados, para se fazer perceptivel aos nossos ouvidos: elles saõ os seus ministros e interpretes, e só devem pronunciar o que delle tiverem aprendido, como seus oraculos que saõ: e se se portarem de outro modo, seguindo suas proprias paixões, entaõ seraõ elles verdadeiramente os que julgaõ, e por conseguinte seraõ julgados; porque he prohibido aos homens em quanto homens, julgar aos outros.

O ver e conhecer huma coisa naõ he julga-la;

(1) Luc. 23. v. 24.

ga-la ; porque o juizo (ao menos segundo a frase da Escritura) presupoem alguma pequena ou grande, verdadeira ou aparente dificuldade de julgar : e por isso he que ella diz, que os (1) que naõ crem estaõ já julgados, porque nenhuma duvida ha em sua condenaçaõ. Naõ será pois mal feito duvidar do proximo? Naõ; porque naõ está prohibido o duvidar, mas o julgar : mas tambem naõ he permitido duvidar nem suspeitar, senaõ for muito de passagem, só quanto as razões e argumentos nos obrigarem a duvidar : de outro modo seraõ temerarias as duvidas e suspeitas. Se alguns olhos perversos vissem a Jacob (2), quando deu osculo a Raquel junto ao poço : ou a Rebeca quando aceitou os braceletes e arrecadas de Eliezer, homem desconhecido naquella terra ; sem duvida cuidára mal destes dois exemplares de castidade : mas sem razaõ nem fundamento ; porque quando huma acçaõ he de si mesma indiferente, he suspeita temeraria tirar della huma má consequencia, se naõ houver muitas circunstancias que dem força ao argumento. Assim he juizo temerario, tirar de huma acçaõ consequencia, para injuriar a pessoa : mas disto falarei depois mais claramente.

Em fim, os que saõ mui cuidadosos de suas conciencias, nada tem de sujeitos a juizos

---

(1) Joan. 3. v. 18. *Qui non credit, jam judicatus est.*

(2) Gen. 29. v. 12.

(3) Gen. 14. v. 22.

zos temerarios; porque assim como as abelhas vendo as cerrações e o tempo nublado, se retiraõ ás suas colmeas a trastejar no mel; assim os pensamentos das almas boas naõ sahem sobre objectos embaraçados, nem entre as acções nubladas do proximo, antes por evitar o encontro se encerraõ em seus corações, para ahi cuidarem nas boas resoluções da sua propria emenda.

Emprego he de huma alma inutil entreter-se em examinar a vida dos outros: excepto aquelles que tem outros a seu cargo, tanto na familia como na Republica; porque huma boa parte da sua conciencia consiste, em atender e vigiar sobre a dos outros. Façaõ pois estes o seu dever com amor, e depois disto voltem a cuidar em si proprios.

CAPITULO XXIX.

Da murmuraçaõ.

O Juizo temerario produz o desassocego, o desprezo do proximo, a soberba e complacencia de si mesmo, e muitos outros effeitos perniciosissimos, entre os quaes a mentira tem o primeiro lugar, como verdadeira peste das conversações. Oh quem tivera huma das (1) brazas do santo Altar, para tocar os labios dos homens, para que sua iniquidade fos-

(1) Isai. 6. v. 6.

fosse extincta, e limpa-los de seu peccado, á imitaçaõ do Serafim que purificou os de Isaias. Quem tirasse a murmuraçaõ do mundo, tirava grande parte dos peccados da maldade.

Todo aquelle que tira injustamente a boa fama ao seu proximo, além do peccado que comete, está obrigado á restituiçaõ, ainda que com variedade, segundo a diversidade das murmuraçóes; porque ninguem póde entrar no Ceo com os bens de outrem, e entre todos os bens exteriores, a boa fama he o melhor. A murmuraçaõ he huma especie de homicidio; porque tres vidas temos nós, a espiritual que consiste na graça de Deos, a corporal que consiste na alma, e a civil que consiste na fama. O peccado tira-nos a primeira, a morte a segunda, e a murmuraçaõ a terceira: mas o murmurador com hum só golpe de lingua faz ordinariamente tres mortes: mata a sua alma, e a do que lhe dá ouvidos com hum homicidio espiritual; e tira a vida civil, aquelle de quem murmura. Porque como dizia S. Bernardo, o que murmuré e o que o ouve, ambos tem o diabo sobre si, mas hum na lingua outro no ouvido. David falando dos murmuradores, diz (1): *Afiaraõ suas linguas como a serpente.* A serpente como diz Aristoteles, tem a lingua fendida, e com duas pontas: tal he a do maldizente, que com hum só golpe fere e envenena

(1) Psalm. 139. v. 4. *Acuerunt linguas suas sicut serpentis.*

na os ouvidos de quem ouve, e a reputaçaõ daquelle de quem fala.

Rogovos pois, cariſſima Philotea, que nunca murmureis de ninguem, directa nem indirectamente: guardai-vos de impor falſos crimes e peccados ao proximo, nem de deſcobrir os que ſaõ occultos, nem de engrandecer os manifeſtos, nem de lançar á má parte as obras boas, nem de negar o bem que conheceis haver em alguem, nem de o diſſimular com malicia, nem de o diminuir com palavras; porque em todas eſtas acções ofenderieis gravemente a Deos: mas ſobre tudo acuſando falſamente, e negando a verdade em prejuizo do proximo; pois he dobrado peccado mentir e damnificar juntamente ao proximo.

Os que para murmurar fazem prefacios honroſos, ou entreſachaõ ſeus ditinhos e galantarias entre ſi, ſaõ os mais refinados e venenoſos murmuradores de todos. Eu proteſto (dizem elles) que o amo, e que quanto ao de mais he hum bello ſujeito; mas a dizer a verdade, naõ teve razaõ em fazer tal perfida: Fulana he donzela mui virtuoſa, mas deixouſe enganar: e outros ſemelhantes enfeites. Naõ vedes o artificio? Aquelle que quer diſparar o arco, puxa para ſi quanto póde a frecha, mas iſto he para a arrojar mais fortemente; aſſim parece que eſtes retiraõ a ſi a maledicencia, mas naõ he ſenaõ para que arrojando-a mais violentamente penetre mais os corações dos que ouvem. A murmuraçaõ dita por modo de galantaria, he a mais cruel

de

de todas; porque assim como a cegude naõ he de si veneno mui forte, mas taõ lento que facilmente se póde remediar: assim a murmuraçaõ que por si entraria levemente por hum ouvido e sahiria por outro, (como se costuma dizer,) se arraiga firmemente no cerebro dos ouvintes, quando se apresenta em algum dito subtil e jocoso: *Tem estes* (diz David) *o veneno do aspide em seus labios.* O aspide faz a sua mordedura quasi imperceptivel, e seu veneno ao principio causa huma comichaõ saborosa, mediante a qual o coraçaõ e as entranhas se dilataõ e recebem a peçonha, contra a qual depois naõ ha remedio.

Nunca digais, fulano he hum bebado, ainda que o visseis embriagado: nem he adultero, porque o vistes neste peccado: nem he incestuoso, porque o encontrastes em semelhante desgraça; porque hum só acto naõ dá nome as coisas. O (1) Sol parou huma vez em favor da victoria de Josué, e se escureceo (2) outra vez em atençaõ da do Salvador; e nem por isso dirá ninguem, que o Sol he immovel e escuro (3). Noé se embriagou huma vez, e (4) Lot outra; e este a de mais cometeo hum grande incesto: e com tudo nenhum delles foi bebado, nem o ultimo inces-

tuo-

(1) Jos. 10. v. 13.
(2) Luc. 23. v. 45.
(3) Gen. 9. v. 21.
(4) Gen. 19. v. 32.

tuoſo : nem (1) S. Pedro ſanguinolento , por derramar ſangue huma vez ; nem blasfemo , por haver huma vez (2) blasfemado. Para tomar o nome de algum vicio ou virtude , he neceſſario ter feito nella algum progreſſo e habito. Teſtimunho falſo he pois dizer : que hum homem he colerico ou ladraõ , pelo termos viſto huma vez agaſtar-ſe ou furtar.

Ainda quando hum ſujeito tenha ſido vicioſo por muito tempo , corremos perigo de mentir , ſe o chámarmos vicioſo. Simaõ leproſo chamou á Magdalena peccadora , porque o tinha ſido antes , e com tudo mentio ; porque já o naõ era , mas huma ſantiſſima penitente : e por iſſo defendeo Noſſo Senhor a ſua cauſa (3) : O louco Fariſeo tinha o Publicano por grande peccador ; e poderá ſer , que tambem por injuſto , adultero e ladraõ ; mas enganou-ſe enormemente ; porque no meſmo inſtante foi juſtificado. Ah ! que ſe a bondade de Deos he taõ grande , que hum ſó momento baſta para impetrar e receber a ſua graça , que ſegurança podemos nós ter , de que hum homem hontem peccador , o ſeja ainda hoje ? O dia paſſado naõ deve julgar o preſente , nem o preſente julgar o paſſado : ſó o ultimo he que ha de julgar a todos. Por tanto , nunca podemos dizer que hum homem he máo , ſem perigo de mentir : o que poderemos

(1) Matth. 26. v. 5.
(2) Matth. 27.
(3) Luc. 18. v. 11.

remos dizer em caſo que ſeja neceſſario falar, he, que fez huma acçaõ má: que viveo mal em tal tempo, ou obra mal ao preſente; mas naõ ſe póde tirar nenhuma conſequencia de hontem para hoje, nem de hoje para hontem, e menos para a manhá.

Ainda que devemos ſer ſummamente reportados, em naõ dizer mal do proximo, tambem nos devemos guardar de outro extremo em que alguns cahem, que por evitar a murmuraçaõ louvaõ e dizem bem do vicio. Quando ſe encontrar huma peſſoa verdadeiramente maldizente, naõ digais pela excuſar, que he livre e ſincera: de huma peſſoa manifeſtamente vá naõ digais, que he generoſa e aſſeada: as familiaridades perigoſas, naõ as chameis ſingeleza ou ſinceridade: naõ enfeiteis a deſobediencia com o nome de zelo, nem a arrogancia com o de liberdade, nem a laſcivia com o de amizade. Naõ convem, cariſſima Philotea, procurando fugir o vicio da murmuraçaõ, favorecer liſongear e manter os outros: antes ſe ha de dizer redonda e livremente mal do mal, e deteſtar as coiſas abominaveis; porque fazendo iſto, damos gloria a Deos; com tanto que ſeja com as condições ſeguintes.

Para reprehender os vicios de outrem louvavelmente, he preciſo que o requeira a utilidade daquelle de quem ſe fala, ou daquelles com quem ſe fala. Contaõ-ſe diante de donzelas familiaridades indiſcretas de taes e taes peſſoas, que ſaõ manifeſtamente perigoſas: a diſſoluçaõ de hum certo ou huma cer-

ta, em palavras e geſtos, que ſaō notoriamente lubricos. Se eu naō reprehender eſte mal, e o quizer eſcuſar, aquellas almas tenras que o ouvem, tomaráō ocaſiaō daqui de ſe relaxar em alguma coiſa ſemelhante: por onde a ſua utilidade pede, que logo abertamente reprehenda ſemelhantes coiſas; ſe naō for que poſſa guardar o fazer eſte bom officio mais a propoſito em outra ocaſiaō, com menos detrimento daquelles de quem ſe fala.

Além diſto, tambem me pertence falar na materia, quando ſou dos primeiros da aſſemblea, e ſe naō falar, parecerá que aprovo o vicio: e ſe ſou dos menores, naō eſtou obrigado a meter-me neſta cenſura. Mas ſobre tudo devo ſer nimiamente exacto em minhas palavras, para naō dizer huma ſó de mais. Por exemplo; quando reprehender a familiaridade deſte mancebo, ou daquella donzela, por ſer mui indiſcreta e perigoſa: Bom Deos! Philotea, he preciſo ter a balança bem juſta para naō aumentar a coiſa, nem hum atómo: ſe naō houver mais que huma debil aparencia, naō direi ſenaō iſto: ſe ſó ha huma ſimples imprudencia, nada mais direi: ſe naō ha nem imprudencia nem verdadeira aparencia do mal, mas ſó algum eſpirito maliciofo, poderá tomar pretexto de murmuraçaō, ou naō direi coiſa alguma, ou ſó direi iſto meſmo. A minha língua quando julgo ao proximo he como huma navalha (1) na maō do Cirurgiaō, que quer cortar por en-

(1) Pſalm. 51. v. 4. *Sicut novacula acuta.*

entre os nervos e tendões: he preciso que o golpe que hei de dar, seja taõ justo, que naõ diga mais nem menos do que he: e em fim sobre tudo, se deve observar, que reprehendendo o vicio, escuseis o mais que puderdes a pessoa que o tem.

Verdade he, que dos peccadores infames publicos e manifestos, se póde falar livremente, com tanto que isto seja com espirito de caridade e compaixaõ, e naõ com arrogancia e presumçaõ: nem por nos comprazer no mal alheio; porque isto ultimo he acçaõ de hum animo vil e abatido. Exceptuo os inimigos declarados de Deos e da sua Igreja; porque a estes os devemos infamar quanto pudermos, quaes saõ as Seitas dos Hereges e Cismaticos, e seus cabeças. He caridade gritar ao lobo, quando está entre as ovelhas, ou onde quer que esteja. Qualquer toma a liberdade de censurar os Principes, e dizer mal das Nações, segundo os varios affectos particulares que lhes tem. Naõ incorrais, Philotea, neste defeito; porque além da ofensa de Deos, se vos podem delle originar mil generos de desgostos.

Quando ouvirdes murmurar, ponde em duvida a acusaçaõ, se o puderdes fazer justamente: e se naõ puderdes, escusai a intençaõ do acusado: e se tambem isto naõ poder ser, mostrai compadecer-vos delle, desviai a conversaçaõ, lembrando-vos e fazendo que os mais se lembrem, que os que naõ cahem em culpas, tudo devem agradecer a Deos. Procurai que o murmurador caia em si, por al-

gum modo ſuave : dizei algum bem da peſſoa ofendida, ſe o ſabeis.

CAPITULO XXX.

Alguns outros aviſos pertencentes ao falar.

SEja a noſſa linguagem ſuave livre ſincera lhana ingenua e fiel. Guardai-vos de dobrezes artificios e fingimentos : e ainda que naõ ſeja bom dizer ſempre toda a caſta de verdades, nunca he permitido contradizer a verdade. Coſtumai-vos a nunca mentir, nem de propoſito nem por eſcuſa, nem de outro modo, lembrando-vos que Deos he o Deos da verdade. Se por deſcuido mentiſtes, e poderdes promptamente emendar a falta com alguma explicaçaõ ou reparo, emendai-a : huma eſcuſa verdadeira tem mais graça e efficacia para excuſar, do que a mentira.

Ainda que algumas vezes ſe poſſa diſcreta e prudentemente disfarçar e encobrir a verdade, com algum artificio de palavras ; naõ ſe deve praticar iſto, ſenaõ em coiſas de importancia, quando a gloria e o ſerviço de Deos o requerem claramente : fóra diſto, ſaõ perigoſos os artificios ; porque como diz a ſagrada Eſcritura : (1) o *Eſpirito Santo naõ habita em hum eſpirito fingido e dobrado.* Naõ ha ſutileza taõ boa e eſtimavel, como a ſinceri-

(1) Sap. 5.

ceridade. As prudencias mundanas e artificios carnaes, pertencem aos filhos deste seculo: mas os filhos de Deos caminhaõ sem rodeio, e tem o coraçaõ sem dobrez. Quem caminha sinceramente, caminha com confiança: a mentira a dobrez a dissimulaçaõ, sempre denotáraõ hum animo cobarde e vil.

Santo Agostinho tinha dito no livro quarto das suas Confissões, que a sua alma e a de seu amigo naõ eraõ mais que huma só alma: e que esta vida lhe era horrorosa, depois do falecimento de seu amigo; porque naõ queria viver só com meia vida: e que por esta mesma causa temia o morrer, porque seu amigo naõ morresse de todo. Estas palavras lhe pareceraõ depois mui artificiosas e affectadas, de sorte que elle mesmo as revoga no livro das suas Retractações, e lhes chama necedades. Vêde, carissima Philotea, quanto esta santa e fermosa Alma, se mostra terna no sentimento da affectaçaõ das palavras. Na verdade he hum grande adorno da vida christá, a fidelidade lisura e sinceridade de lingua: *Tenho* (1) *dito* (dizia David) *que terei conta com meus caminhos, para naõ pecar com minha lingua* (2). *Oh Senhor! ponde guardas em minha boca, e huma porta que cerre meus labios.*

Era dictame do Rei S. Luiz, naõ desmentir

(1) Psalm. 38. v. 2. *Dixi custodiam vias meas, ut non delinquam in lingua mea.*

(2) Psalm. 140. v. 3. *Pone Domine custodiam ori meo, & ostium circunstantiæ labiis meis.*

tir a pessoa nenhuma, senaõ quando houvesse peccado, ou grande dano em concordar: isto era para evitar toda a sorte de teimas e alteraçóes. Quando porém for conveniente contradizer a alguem, e oppor a opiniaõ propria á de outrem, he necessario usar de grande brandura e destreza, naõ querendo violentar o entendimento alheio; porque nada se ganha, em querer levar as coisas por aspereza.

O falar pouco taõ encomendado dos antigos Sabios, naõ se entende sómente, de dizer poucas palavras, mas de naõ dizer muitas inuteis; porque em materia de falar, naõ se olha á quantidade mas á qualidade: entendo que ambos os dois extremos se devem fugir; porque mostrar-se mui entendido e severo, recusando concorrer nas conversaçóes familiares que se fazem nas conversaçóes, parece haver nisto desconfiança, ou algum genero de desdem: palrar e aplaudir sempre, sem dar lazer nem oportunidade aos outros de falar a seu gosto, tambem he final de presumçaõ e liviandade.

S. Luiz naõ tinha por bom, que estando em sociedade se falasse em segredo e particular, especialmente á meza, para naõ causar suspeita, de que se diz mal dos outros: Aquelle (dizia) que está na meza em boa companhia, e tem que dizer algúma coisa alegre e de prazer, deve dizê-la de modo que todos a entendaõ: e se he coisa de importancia, deve-se calar e naõ a dizer.

CA-

CAPITULO XXXI.

Dos passatempos e recreações: e primeiramente dos licitos e louvaveis.

HE forçoso afrouxar algumas vezes o nosso espirito, e tambem o corpo com algum genero de recreação. S. João Evangelista, como diz Cassiano, foi hum dia encontrado por hum caçador tendo huma perdiz na mão, á qual estava acariciando por recreação: perguntou-lhe o caçador, porque sendo hum homem de tal qualidade, gastava o tempo em coisa tão baixa e vil? Disse-lhe S. João: e tu porque não trazes o arco sempre armado? Respondeo o caçador; porque estando sempre encurvado perderá a força, e não poderá atirar, quando for preciso. Não te admires pois lhe tornou o Apostolo, se por algum espaço me aparto do rigor e atenção do espirito, para tomar huma pouca de recreação, pois só o faço para depois me empregar mais vigorosamente na contemplação. Vicio he sem duvida, sermos tão rigurosos agrestes e toscos, que não queiramos tomar para nós, nem consentir aos outros, genero nenhum de recreação.

Tomar o ar, passear, entreter-nos com discursos alegres e amigaveis, tocar viola, e outros instrumentos, cantar por solfa, ir a caça, tudo são recreações tão honestas que para as praticar bem, basta huma prudencia

ordi-

ordinaria, que dá a todas as coiſas a ſua ordem tempo lugar e medida.

Os jogos em que o ganho ſerve de paga e recompenſa, da habilidade do corpo e do animo; quaes ſaõ os da péla, raqueta, argolinha, xadrez, e das tabolas: todas eſtas recreações ſaõ boas e licitas. Só ſe deve evitar o exceſſo, tanto no tempo que ſe emprega como no preço que ſe poem; porque ſe ſe gaſtar muito tempo, naõ ſerá recreaçaõ, ſenaõ ocupaçaõ: e aſſim naõ ſe aliviará o eſpirito nem o corpo, antes pelo contrario ſe aturdirá e oprimirá. Depois de jogar cinco ou ſeis horas o xadrès, ao levantar ſe acha frouxo o eſpirito por muito recreado: jogar muito tempo a péla naõ he recrear o corpo, mas moe-lo. Tambem ſe o preço, iſto he a quantidade que ſe joga he mui grande, os affectos dos que jogaõ ſe deſordenaõ: além de que, naõ he juſto procurar taõ grandes intereſſes, de habilidades e induſtrias de taõ pouca importancia, e taõ inuteis como ſaõ as deſtrezas dos jogos. Mas ſobre tudo, Philotea, tende cuidado, em naõ empregar o voſſo affecto em nada diſto; porque por honeſto que ſeja hum divertimento, he vicio pôr nelle o coraçaõ e affecto: naõ digo, que ſe naõ ha de goſtar do jogo quando ſe joga (porque de outra ſorte naõ recrearia) mas digo que ſe naõ ha de pôr nelle o affecto, para o deſejarmos embebermos e empenharmos nelle.

CA-

CAPITULO XXXII.

Dos jogos prohibidos.

OS jogos de dados de cartas e outros ſemelhantes , cujo ganho depende principalmente da ſorte , naõ ſó ſaõ divertimentos perigoſos como as danças , mas ſimplesmente e de ſua natureza máos e vituperaveis ; por cuja cauſa eſtaõ prohibidos pelas Leis civis e Ecleſiaſticas. Mas taõ grande he o mal (direis) que niſto ha ? O ganho neſtes jogos naõ procede da razaõ , ſenaõ da ſorte , a qual de ordinario cahe áquelle , que nem por ſua induſtria nem por habilidade merece coiſa alguma , e niſto he ofendida a razaõ. Mas dirmeheis , aſſim meſmo nós temos ajuſtado. Iſſo eſtá bem para moſtrar , que o que ganha naõ faz agravo aos outros ; mas dahi naõ ſe ſegue , que a convençaõ naõ ſeja deſarazoada , e tambem o jogo ; porque o ganho que deve ſer paga da induſtria , o vem a ſer da ſorte , que naõ merece preco algum , porque naõ depende de nós.

Além diſto , eſtes jogos tem nome de recreaçaõ , e ſe inventaraõ para iſſo , mas de nenhum modo o ſaõ , ſenaõ ocupaçóes violentas : porque como póde deixar de ſer ocupaçaõ , ter o animo atado e oprimido com continuos deſaſſocegos temores e fadigas? Ha atençaõ mais triſte ſombria e melancolica que a dos jogadores ? por iſſo naõ ſe ha de falar

quan-

quando ſe joga, nem rir, nem toſſir, porque ſerá dar-lhes cauſa de ſe irritarem.

Em fim naõ ha goſto no jogo ſe naõ ſe ganha, e eſta alegria naõ póde deixar de ſer injuſta: pois naõ ſe póde ter, ſenaõ com perda do contentamento do companheiro. Infame divertimento he eſte na verdade! Por eſtas tres razões ſaõ prohibidos os jogos. Sabendo o grande S. Luiz, que ſeu irmaõ o Conde de Anjou e o Senhor Gautier de Nemurs jogavaõ, ſe levantou, poſto que eſtava enfermo, e todo tremulo entrou em ſeu apoſento, e pegando nas tabolas e dados e parte do dinheiro, os arremeſſou por huma janela ao mar; enfadando-ſe muito com elles. A ſanta e caſta donzela Sara, falando com Deos dizia: Vós ſabeis, Senhor, que nunca já mais converſei com os jogadores. (1)

CAPITULO XXXIII.

Dos bailes e paſſatempos licitos, mas perigoſos.

AS danças e bailes ſaõ coiſas indiferentes de ſua natureza: mas ſegundo o modo ordinario com que eſte exercicio ſe pratica, he mui propenſo e inclinado para o mal, e por conſeguinte cheio de riſco e perigo. Fazſe

(1) Tob. 3. v. 24. *Nunquam cum ludentibus miſcui me.*

ſe de noite e no meio das trévas e eſcuridades, onde he facil introduzirem-ſe muitos accidentes tenebroſos e vicioſos, em huma materia que de ſi he mui ſuſceptivel de mal. Ha grandes vigilias, depois das quaes ſe perdem as manhás e dias ſeguintes, e por conſeguinte o meio de ſervir a Deos nellas. Em huma palavra: ſempre he loucura trocar o dia com a noite, a luz com as trévas, as obras boas com as loucuras. Todos ao baile levaõ a vaidade a porfia: e a vaidade he huma grande diſpoſiçaõ para os affectos máos, e amores perigoſos e deteſtaveis; que tudo iſto facilmente ſe gera nas danças.

O meſmo, Philotea, vos digo das danças, que os Medicos dizem dos cucumélos, que os melhores nada valem: e eu vos digo, que os melhores bailes naõ ſaõ muito bons: ſe naõ obſtante houverdes de comer cucumélos, tende cuidado em que ſejaõ bem guizados. Se em alguma ocaſiaõ, em que vos naõ poſſais eſcuſar, houverdes de ir ao baile, tende ſentido, em que a voſſa dança ſeja bem guizada. Mas como deve ſer iſto? perguntareis. Reſpondo, que com modeſtia, com decoro, e recta intençaõ. Comei poucos e poucas vezes (dizem os Medicos falando dos cucumélos); porque por bem guizados que eſtejaõ, a quantidade lhes ſerve de veneno. Dançai pouco, Philotea, e raras vezes; porque havendo-vos de outra ſorte, correreis perigo de vos affeiçoar a iſto.

Os cucumélos, ſegundo Plinio, como ſaõ eſponjoſos e poroſos, attrahem facilmente toda

da a infecçaō que tem junto a ſi: de modo que eſtando perto de ſerpentes, recebem o ſeu veneno. Os bailes danças e ſemelhantes aſſembleas tenebroſas, atrahem ordinariamente os vicios e peccados, que reinaō em hum lugar: as pendencias as invejas, as zombarias, e os amores loucos: e aſſim como eſtes exercicios abrem os poros do corpo dos que os praticaō, aſſim abrem os poros do coraçaō: e ſe no meio diſto, alguma ſerpente vier bafejar aos ouvidos com alguma palavra laſciva, alguma ternura, ou requebro: ou algum baſiliſco vier arremeſſar viſtas deshoneſtas, e acenos amoroſos, eſtaō os corações mui aptos a deixar-ſe prender e envenenar.

Eſtas impertinentes recreações, Philotea, ſaō ordinariamente perigoſas; diſſipaō o eſpirito de devoçaō, enfraquecem as forças, eſfriaō a caridade, e excitaō na alma mil ſortes de máos affectos: pelo que naō convem pratica-las, ſenaō com grande prudencia.

Mas ſobre tudo ſe diz: que depois de ter comido cucumélos, ſe ha de beber vinho generoſo: e eu digo, que depois das danças ſe ha de uſar de algumas ſantas e boas conſiderações, que impidaō as impreſsões perigoſas, que o vaō prazer que ſe tem recebido poderá cauſar em noſſa alma. Mas quaes ſeraō as conſiderações?

1 Ao meſmo tempo que eſtais no baile, muitas almas ardem no fogo do inferno, por peccados cometidos na dança, ou por cauſa da dança.

2 Muitos Religioſos e peſſoas de devoçaō eſ-

eſtaõ na meſma hora na preſença de Deos, cantando ſeus louvores, e contemplando a ſua fermoſura. Oh quanto melhor e mais felizmente empregado foi o ſeu tempo, que o voſſo!

3 Quando vós eſtaveis dançando, muitas almas paſſaraõ deſte mundo com grande agonia: milhares de homens e mulheres padeceraõ grandes trabalhos e enfermidades em ſeus leitos, nos Hoſpitaes, e nas ruas: gota, pedra, e ardente febre. Ah, que naõ tem o minimo deſcanço! Tende compaixaõ delles, e conſiderai que algum dia gemereis como elles, ao meſmo tempo que outros eſtaraõ dançando, como vós fizeſtes.

Noſſo Senhor Noſſa Senhora os Anjos e Santos, vos viraõ no baile. Oh que laſtima tiveraõ de vós, vendo voſſo coraçaõ embebido em grande deſatino, e atento a ſemelhante necedade!

Ah! que em quanto eſtiveſtes no baile ſe paſſou o tempo e chegou a morte: vêde como ella zomba de vós,e vos chama para a ſua dança; em que os gemidos dos voſſos mais viſinhos ſerviraõ de viola: onde naõ fareis mais que huma mudança, da vida para a morte: Eſte baile he o verdadeiro paſſatempo dos mortaes; porque nelle paſſaõ em hum momento do tempo á eternidade, ou de bens ou de males. Aponto-vos eſtas conſideraçóesſinhas, mas Deos vos inſpirará outras muitas ao meſmo propoſito, ſe tiverdes o ſeu temor.

CAPITULO XXXIV.

Quando ſe póde jogar e dançar.

PAra jogar e dançar louvavelmente, he neceſſario, que iſto ſe faça por recreaçaõ, e naõ por affecto: por pouco tempo, e naõ até cançar ou entontecer, e que ſeja raras vezes; porque ſendo de ordinario, a recreaçaõ ſe converterá em ocupaçaõ. Mas em que ocaſiaõ ſe poderá jogar e dançar? As ocaſiões juſtas da dança e do jogo indiferente ſaõ mais frequentes; as dos jogos prohibidos ſaõ mais raras, aſſim como tambem ſemelhantes jogos ſaõ muito mais reprehenſiveis e perigoſos. Mas em huma palavra, dançai e jogai conforme ás condiçoes, que vos tenho apontado; quando por condeſcender e comprazer á honeſta recreaçaõ em que vos achardes, a prudencia e diſcriçaõ vo-lo aconſelharem; porque a condeſcendencia como lançamento da caridade, faz boas as coiſas indiferentes, e licitas as perigoſas E ainda tira a malicia ás que de algum modo ſaõ más: por eſta cauſa os jogos de ſorte, que aliàs ſaõ reprehenſiveis, o naõ ſeraõ, ſe nos induzir a elles a juſta condeſcendencia. Conſolou-me o ter lido na vida de S. Carlos Borromeu, que condeſcendeo com os Suiſſos em certas coiſas, nas quaes por outra parte era mui ſevero. E que Santo Ignacio de Loiola ſendo convidado a jogar, o aceitou. Quanto a Santa Iſabel de Hungria,

por

por vezes jogou e dançou, achando-ſe em aſſembleas de paſſatempo, ſem detrimento da devoçaõ; a qual eſtava taõ radicada em ſua alma, que aſſim como os rochedos que cercaõ o lago de Rieta, creſcem ſendo combatidos das ondas; aſſim a ſua devoçaõ creſcia, no meio das pompas e vaidades, a que a expunha a ſua graduaçaõ. Iſto ſaõ incendios grandes, que ſe accendem com o vento, mas os pequenos fogos apagaõ-ſe naõ os levando cubertos.

CAPITULO XXXV.

Que havemos ſer fieis nas coiſas grandes e pequenas.

O Eſpoſo ſagrado no Cantico dos Canticos, diz, (1) que ſua Eſpoſa lhe tem roubado o coraçaõ, com hum dos ſeus olhos, e hum de ſeus cabelos. Entre todas as partes exteriores do corpo humano nenhuma ha mais nobre, tanto pelo artificio como pela actividade, como os olhos: nem mais vil que os cabelos. Quiz o divino Eſpoſo com iſto dar a entender, que naõ ſómente lhe ſaõ agradaveis as obras grandes das peſſoas devotas, mas tambem as menores e mais abatidas: e que para o ſervir a ſeu goſto, deve haver grande cui-

(1) Cant. 4. v. 9. *Vulneraſti cor meum in uno oculorum tuorum, in uno crine coli tui.*

cuidado, de o servir bem nas coisas grandes e elevadas, e nas coisas pequenas e desprefiveis; porque igualmente podemos com humas e com outras, roubar-lhe por amor o coraçaõ.

Disponde-vos pois, Philotea, a sofrer muitas e grandes afflições por amor de Nosso Senhor, e ainda o martyrio: resolvei-vos a dar-lhe tudo o que para vós he mais precioso, se for do seu agrado tomarvo-lo, o pai a mái o irmaõ o marido a mulher o filho os vossos mesmos olhos e a vossa vida; porque a tudo isto deveis dispôr o vosso coraçaõ. Mas em quanto a divina Providencia vos naõ envia afflições taõ sensiveis e taõ grandes, e vos naõ pede os olhos, dai-lhe pelo menos vossos cabelos: as pequenas injurias levai-as suavemente, sofrei as pequenas incõmodidades, as perdas de pouca importancia que vos acontecem quotidianamente; porque por meio destas incommodidadessinhas, levadas com amor e dilecçaõ, ganhareis inteiramente o seu coraçaõ, e o fareis todo vosso. As fadigas quotidianas, a dôr de cabeça, a dôr de dentes, a defluxaõ, os enfados do marido ou da mulher, o quebrar-se hum vidro, o desprezo, a carranca, a perda das luvas, de hum anel, do lenço; a pequena incommodidade de nos deitarmos a horas convenientes para nos levantarmos cedo á oraçaõ, e para cõmungar; o pejosinho de fazer certas acções de devoçaõ publicamente: em fim, todas estas tribulaçõessinhas, tomadas e abraçadas com amor, agradaõ summamente á Bondade divina; a

qual

qual por hum unico pucaro de agoa, tem prometido o mar de toda a felicidade a ſeus fieis. E como eſtas ocaſiões ſe offerecem a cada paſſo, he eſte hum grande meio de ajuntar muitas riquezas eſpirituaes, aproveita-las bem.

Quando na vida de Santa Catharina de Sena vi tantos raptos e elevações de eſpirito, tantas palavras de ſabedoria, e ainda prégações feitas por ella; nenhuma duvida tive, em que com eſte olho da contemplaçaõ, arrebatou o coraçaõ de ſeu celeſtial Eſpoſo: mas igualmente fiquei conſolado, quando a vi na coſinha de ſeu pai, voltar humildemente o aſſador, atiçar o lume, preparar o comer, amaſſar o paõ, e fazer todos os mais abatidos officios da caſa, com hum animo cheio de carinho e amor de Deos. E naõ eſtimei menos a pequena e abatida meditaçaõ, que ella fazia no meio dos empregos vís e abjectos, que os extaſis e raptos que teve taõ frequentes; que talvéz lhe naõ foſſem concedidos, ſenaõ em premio deſta humildade e abatimento. A ſua meditaçaõ pois era eſta: imaginava, que preparando a comida para ſeu pai, a preparava para Noſſo Senhor, como huma Santa Martha: que ſua mái tinha o lugar de Noſſa Senhora, e ſeus irmãos o dos Apoſtolos: exercitando-ſe deſta ſorte a ſervir em eſpirito toda a Corte celeſtial: empregando-ſe neſtes baixos miniſterios, porque ſabia ſer eſta a vontade de Deos. Referi-vos eſte exemplo, minha Philotea, para que conheçais quanto importa dirigir bem todas noſ-

ſas acçóes, por abatidas que ſejaõ, ao ſerviço da divina Mageſtade.

Por cuja cauſa vos aconſelho com toda a efficacia, que imiteis aquella mulher forte, que o grande Salomaõ tanto louvou; a qual, como elle diz, punha maõ em coiſas fortes generoſas e remontadas; e com tudo, naõ deixava de fiar, e dar volta ao fuſo: *Lançou maõ de coiſas fortes, e ſeus dedos tomáraõ o fuſo.* Lançai maõ a coiſas fortes, exercitando-vos na oraçaõ e meditaçaõ, no uſo dos Sacramentos, communicando amor de Deos ás almas, derramando boas inſpiraçóes nos coraçóes; e em fim fazendo obras grandes e de importancia, ſegundo a voſſa vocaçaõ: mas tambem vos naõ eſqueçais do voſſo fuſo e roca: venho a dizer, praticai as virtudes humildes e pequenas, as quaes como flores creſcem ao pé da Cruz: o ſerviço dos pobres, a viſita dos enfermos, o cuidado da familia, com as obras que diſto dependem, e a util diligencia que vos naõ deixará eſtar ocioſa: e no meio de todas eſtas coiſas entreſachareis conſideraçóes ſemelhantes ás que acabei de dizer de Santa Catharina.

As ocaſióes grandes de ſervir a Deos raras vezes ſe offerecem, mas as pequenas ſaõ ordinarias: *Aquelle pois que for fiel no pouco* (diz o meſmo Salvador) *ſerá eſtabelecido no muito.* Fazei todas as acçóes em nome de Deos, e todas ſeraõ bem feitas: ou comais, ou bebais, ou durmais, ou vos divertais, ou volteis o aſſador; com tanto que ſaibais manejar bem os voſſos negocios, aproveitareis

mui-

muito para com Deos; fazendo todos estas coisas, porque Deos quer que as façais.

CAPITULO XXXVI.

Que devemos ter espirito justo e racionavel.

NAõ somos homens senaõ pela razaõ, e naõ obstante he coisa rara achar homens verdadeiramente arrezoados; porque o amor proprio nos aparta de ordinario da razaõ, induzindo-nos insensivelmente a mil sortes de pequenas mas perigosas injustiças e iniquidades; que como as raposinhas, de que se fala nos Canticos, destroem as vinhas; porque como saõ pequenas, naõ se faz caso dellas: e como saõ muitas naõ deixaõ de causar grande damno. Naõ saõ por ventura iniquidades e semrazões, estas que vos vou a dizer.

Por pouco acusamos o proximo, e nós nos escusamos em muito. Queremos vender mui caro, e comprar mui barato. Queremos que se faça justiça na casa alheia, e na nossa, misericordia e condescendencia: queremos que lancem á boa parte as nossas palavras, e somos maliciosos e retrincados com as dos outros: quizera-mos que o proximo nos désse a sua fazenda pagando-lha: e naõ he mais justo, que elle a guarde, deixando-nos o nosso dinheiro? Queixamos-nos delle, porque nos naõ quer acommodar: e naõ tem elle mais razaõ de se enfadar, porque o queremos desacommodar?

Se nos affeiçoamos a hum exercicio, desprezamos tudo o mais, e contradizemos tudo o que naõ he a nosso gosto. Se algum de nossos inferiores naõ tem bom modo, ou algum dia lhe tivemos tedio, qualquer acçaõ que faça nos parece mal, e nunca cessamos de o constristar e renhir: pelo contrario, se alguem nos agrada, com alguma graça sensual, naõ obra coisa alguma, que a naõ escusemos. Ha filhos virtuosos, a quem seus pais e máis quasi que naõ podem ver, por causa de alguma imperfeiçaõ corporal: e outros ha viciosos, que saõ os favorecidos, por alguma graça corporal. Em tudo preferimos os ricos aos pobres, ainda que naõ sejaõ de melhor qualidade, nem de tanta virtude: e semelhantemente preferimos os mais bem vestidos. Queremos cobrar com exacçaõ os nossos direitos, e que os mais sejaõ remissos na exacçaõ dos seus: mantemos os nossos postos com capricho, e queremos que os outros sejaõ humildes e condescendentes: queixamonos facilmente do proximo, e naõ queremos que ninguem se queixe de nós. O que fazemos por outro sempre nos parece muito, e o que elle obra por nós, he nada na nossa estimaçaõ. Em huma palavra, somos como as perdizes de Paflagonia, que tem dois coraçóes; tendo hum coraçaõ, brando engraçado e cortez para comnosco, e outro aspero severo e rigoroso para com o proximo. Temos dois pezos, hum para pezar nossas cómodidades, com o maior excesso que podemos; e outro para pezar as do proximo, com

a maior diminuiçaõ que he possivel. E como diz a Escritura: *Os labios enganadores falaõ no coraçaõ, e com o coraçaõ* (1). Isto he, tem dois corações: e ter dois pezos, hum avultado para receber, e outro diminuto para retribuir, he coisa abominavel diante de Deos.

Sêde igual, Philotea, e justa em vossas acções: ponde-vos sempre no lugar do proximo, e a elle ponde-o no vosso, e deste modo julgareis com rectidaõ. Fazei-vos vendedora quando comprardes, e compradora quando venderdes e assim vendereis e comprareis com equidade. Todas estas injustiças saõ pequenas, porque naõ obrigaõ a restituiçaõ, ficando nós só nos termos do rigor, no que nos he favoravel: mas nem por isso deixaõ de nos obrigar á emenda, por serem faltas grandes de razaõ e caridade: assim naõ saõ senaõ trapaçarias; porque nada se perde em viver generosa nobre e cortezmente, com hum coraçaõ leal igual e racionavel. Lembrai-vos, pois, minha Philotea, de examinar frequentemente o vosso coraçaõ, se he tal para com o proximo, qual quererieis que o seu fosse para comvosco, se estivesseis em seu lugar; pois este he o alvo da verdadeira razaõ. Trajano sendo censurado de seus confidentes, de que a seu parecer, fazia mui tratavel a Magestade Imperial, respondeo: Assim he; mas naõ devo eu ser tal Emperador para os parti-

cula-

(1) Psalm. 11. v. 3. *Labia dolosa in corde & corde locuti sunt.*

culares, qual Emperador defejaria eu encontrar fe eu mefmo foffe particular?

CAPITULO XXXVII.

Dos defejos.

NInguem deixa de faber, que fe deve guardar dos defejos de coifas viciofas, porque o defejo do mal nos faz máos: mas eu ainda vos digo mais, Philotea, naõ defejeis coifas que fejaõ perigofas á alma, como faõ os bailes, os jogos, e outros paffatempos; nem honras e cargos, nem visões e extafis, porque ha grande perigo de vaidade e illufaõ em femelhantes coifas. Nem defejeis coifas mui remotas, ifto he, que naõ podem fuceder fenaõ paffado muito tempo, como fazem muitos, que defte modo fatigaõ e diftrahem o feu coraçaõ inutilmente, e fe poem em perigo de grande defaffocego. Se hum mancebo defejar com ancia fer provido em algum officio antes de tempo, dizei-me, de que lhe ferve efte defejo? Se huma mulher cafada defejar fer Religiofa, a que propofito? Se eu defejar comprar a fazenda do meu vifinho, antes que elle a queira vender, por ventura naõ perco o meu tempo nefte defejo? Se eftando doente defejar prégar, ou dizer Miffa, vifitar os outros doentes, e fazer os exercicios dos que tem faude, naõ faõ váos eftes defejos, naõ eftando na minha maõ effeitua-los em femelhante tempo? E com tu-

do eftes defejos inuteis ocupaõ o lugar de outros, que eu devera ter, de ter muita paciencia e muita refignaçaõ, muita mortificaçaõ, muita obediencia, e muita manfidaõ em meus achaques: que ifto he o que Deos quer que eu pratique por entaõ. Mas nós ordinariamente temos defejos de mulheres pejadas, que querem cerejas frefcas no Outono, e uvas novas na Primavera.

De nenhum modo aprovo, que huma peffoa conftituida em hum eftado ou vocaçaõ, fe entretenha em defejar outra forte de vida, fen aõ aquella que he conveniente ao feu minifterio: nem exercicios incompativeis com o feu eftado prefente; porque tudo ifto afrouxa o coraçaõ, e o entibia nos exercicios neceffarios. Se defejar a folidaõ dos Cartuxos, perderei o meu tempo, e femelhante defejo ocupará o lugar daquelle, que devo ter, de me empregar bem no meu officio prefente. Taõ pouco quizera que ninguem defejaffe ter melhor engenho, nem melhor juizo; porque eftes defejos faõ frivo-los, e ocupaõ o lugar daquelles, que cada hum deve ter, de cultivar o feu, tal qual he: nem que fe defejem os meios de fervir a Deos, que naõ ha, mas que fe empreguem com fidelidade os que ha. Ifto porém fe entende dos defejos, que ocupaõ o coraçaõ, porque quanto ás fimples veleidades, eftas naõ faõ de prejuizo, com tanto que naõ fejaõ frequentes.

Naõ defejeis as cruzes, fenaõ á medida, que tiverdes levado bem as que fe vos tiverem offerecido; porque he hum abfurdo de-

fe-

ſejar o martirio, e naõ ter animo para ſofrer huma injuria. O inimigo procura-nos muitas vezes grandes deſejos de objectos auſentes, e que nunca já mais ſe offereceraõ, a fim de nos divertir o animo dos objectos preſentes, os quaes ainda ſendo pequenos nos poderiaõ ſer de grande proveito. Na imaginaçaõ batalhamos com os monſtros de Africa, e na realidade nos deixamos matar das menores cobrinhas, que eſtaõ pelo noſſo caminho, por falta de atençaõ.

Naõ deſejeis tentações, porque iſto ſeria temeridade: mas empregai o voſſo coraçaõ em eſpera-las animoſamente, e reſiſtir-lhe quando vos vierem.

A variedade de iguarias (principalmente ſendo grande a quantidade) ſempre carrega o eſtomago, e ſe elle he fraco o arruina. Naõ enchais a voſſa alma de multidaõ de deſejos, nem mundanos (porque eſtes vos eſtragaráõ de todo) nem ainda eſpirituaes, porque vos cauſaráõ embaraço.

Quando a noſſa alma eſtá purgada, ſentindo-ſe deſcarregada de máos humores, tem hum apetite mui grande das coiſas eſpirituaes, e toda como esfaimada entra a deſejar mil ſortes de exercicios de piedade, de mortificaçaõ, de penitencia, de humildade, de caridade, de oraçaõ. Bom ſinal he, minha Philotea, ter taõ bom apetite; mas adverti, ſe podereis digerir tudo o que quereis comer. Eſcolhei pois, por conſelho do voſſo Padre eſpiritual entre tantos deſejos, os que preſentemente ſe puderem executar e praticar, aprovei-

veitando-vos bem delles : feito iſto , Deos vos enviará outros , que tambem praticareis a ſeu tempo , e aſſim naõ perdereis o tempo em deſejos inuteis. Naõ venho a dizer , que ſe devem perder alguma ſorte de bons deſejos , mas digo , que ſe haõ de produzir por ordem : e os que agora naõ podem effeituar-ſe , ſe guardem em algum recanto do coraçaõ , até lhes chegar o ſeu tempo ; e entretanto ſe effeituem os que eſtaõ maduros e ſazonados : o que naõ digo ſó dos eſpirituaes , mas dos mundanos : naõ o fazendo aſſim , viveremos ſem ſocego nem deſcanço.

CAPITULO XXXVIII.

Documento para os caſados.

O Matrimonio (1) he hum grande Sacramento , eu digo em Jeſu Chriſto , e na ſua Igreja. He honroſo a todos , em todos , e em tudo , iſto he em todas ſuas partes. A todos porque as meſmas virgens o devem honrar com humildade : em todos , porque igualmente he ſanto , entre os pobres , e entre os ricos : em tudo , porque a ſua origem , o ſeu fim , as ſuas utilidades , e a ſua fórma e materia , ſaõ ſantas. Eſte he o viveiro do Chriſtianiſmo , que enche a terra de fieis , para com-

(1) Eph. 5. v. 32. *Sacramentum hoc magnum eſt , ego autem dico in Chriſto & Eccleſia.*

completar no Ceo o numero dos escolhidos : e assim a conservaçaõ do bem do Matrimonio he summamente importante á Republica, por ser a raiz e a fonte de todas as suas correntes.

Prouvera a Deos, que seu Filho fosse chamado a todas as bodas, como foi ás de Caná, e naõ lhes faltaria já mais o vinho das consolações e bençáos : e naõ haver nestas de ordinario mais que hum pouco no principio, he, porque em lugar de Nosso Senhor he introduzido Adonis, em vez de Nossa Senhora, Venus.

Quem quizer ter cordeiros fermosos e malhados, como (1) Jacob, deve pôr diante das ovelhas quando se ajuntaõ de proposito, varas fermosas de diversas cores : e o que quizer ter feliz successo no Matrimonio, deve em suas bodas pôr diante dos olhos a santidade e dignidade deste Sacramento : mas em vez disto, sucedem mil desordens em passatempos festins e palavras : pelo que naõ he de admirar, que os effeitos sejaõ desordenados.

Sobre tudo exhorto os casados ao amor mutuo, que o Espirito Santo tanto lhes recomenda na Escritura : isto naõ he dizer, ò casados, amai-vos com hum amor natural ; porque os casaes das rolas fazem isto mesmo : nem com amor humano, porque os Pagáos praticaraõ muito bem este amor : mas o que vos digo com o grande Apostolo, he : (2) *Ma-*

(1) Gen. 30. v. 40.

(2) Ephes. 5. v. 2. *Viri diligite uxores vestras, sicut & Christus dilexit Ecclesiam.*

Maridos amai vossas mulheres, como Jesu Christo ama a sua Igreja: Mulheres amai vossos maridos, como a Igreja ama a seu Salvador. Deos foi quem levou Eva a nosso primeiro pai Adaõ, e lha deu por mulher. Deos tambem he (amigos meus) quem com sua maõ invisivel deu o nó do sagrado laço do vosso Matrimonio, e vos entregou huns aos outros; porque vos naõ amais com hum amor todo santo, todo sagrado, e todo divino?

O primeiro effeito deste amor he, a uniaõ indissoluvel dos vossos coraçóes. Se dois pedaços de pinho se juntarem com cola, sendo a cola fina, será taõ forte a uniaõ, que mais facilmente os faraõ em pedaços por outros lugares, do que pelo lugar da uniaõ. Mas Deos junta o marido á mulher em seu proprio sangue, e por isso he a uniaõ taõ forte, que primeiro a alma se deve separar do corpo de hum e de outro, do que o marido da mulher. Esta uniaõ porém naõ se entende principalmente do corpo, mas sim do coraçaõ, do affecto, e do amor.

O segundo effeito deste amor deve ser a fidelidade inviolavel de hum para com o outro. Antigamente os sinetes andavaõ gravados nos aneis, que se traziaõ nos dedos, segundo a mesma Escritura testifica. Este he pois o segredo da ceremonia que se faz nos desposorios: A Igreja por maõ do Sacerdote benze hum anel, e dando-o primeiro ao homem, dá a entender, que elle sigila e cerra o seu coraçaõ com este Sacramento; para que nunca mais, nem o nome nem o amor de alguma

ma outra mulher , poſſa entrar nelle, em quanto viver a que lhe foi dada. Depois o eſpoſo mete o anel na maõ da meſma eſpoſa, para que ella reciprocamente ſaiba, que nunca o ſeu coraçaõ ſe deve affeiçoar a outro homem, em quanto viver na terra, aquelle que Noſſo Senhor acaba de lhe dar.

O terceiro fruto do Matrimonio he a geraçaõ e legitima criaçaõ dos filhos. Grande honra he para vós, caſados, que Deos querendo multiplicar as almas que o poſſaõ bemdizer e louvar eternamente, vos faz cooperadores de huma taõ digna obra, pela producçaõ dos corpos: nos quaes infunde, como orvalho celeſtial, as almas, criando as como as cria.

Conſervai pois, Maridos, hum terno conſtante e cordial amor para com voſſas mulheres: para iſſo foi tirada a mulher da coſtela mais chegada ao coraçaõ do primeiro homem, para que delle foſſe amada cordial e ternamente. As fraquezas e enfermidades ou ſejaõ do corpo ou do animo, de voſſas mulheres, naõ vos devem provocar a nenhuma ſorte de deſdem, mas antes a huma ſuave e amoroſa compaixaõ; porque Deos as creou taes, para que dependendo de vós, recebeſſeis mais honra e reſpeito; e de tal modo as tiveſſeis por companheiras, que vós foſſeis cabeças e ſuperiores. E vós, ò mulheres, amai terna e cordialmente, mas com hum amor atencioſo e cheio de reverencia, a voſſos maridos que Deos vos deu; porque Deos para iſſo os creou de hum ſexo mais vigoroſo

e

é predominante, e quiz que a mulher fosse huma dependencia do homem, hum osso dos seus ossos, huma carne da sua carne: e que fosse produzida de huma costa sua, tirada debaixo do braço; para mostrar, que ella deve estar debaixo da maõ e conducta do marido: e toda a Escritura santa vos recomenda estreitamente esta sujeiçaõ, a qual com tudo a mesma Escritura vos suaviza, naõ só querendo que a leveis com amor, mas ordenando a vossos maridos, que a pratiquem com grande carinho ternura e suavidade (1): *Maridos* (diz S. Pedro) *portai-vos discretamente com vossas mulheres, como com hum vaso mais fragil, dando-lhe honra.*

Mas ao mesmo tempo, que vos exhorto, a que aumenteis mais e mais este reciproco amor que vos deveis, tende cuidado em que se naõ converta em algum genero de zelos; porque succede muitas vezes, que assim como os bichos se geraõ na fruta mais delicada e madura, assim os ciumes nascem no amor mais ardente e activo dos casados, cuja substancia com tudo elle consome e corrompe; porque pouco a pouco gera nauseas, dissensões, e divorcios. Verdadeiramente os ciumes nunca se encontraõ, onde a amizade se funda reciprocamente sobre a verdadeira virtude: por cuja causa he hum sinal indubitavel,

(1) I. Petr. 3. v. 7. *Viri cohabitantes secundum scientiam, quasi infirmiori vasculo muliebri impertientes honorem.*

vel, de amor de algum modo ſenſual e groſſeiro; e buſca ſitio onde ache huma virtude manca inconſtante e ſujeita a deſconfianças. He pois louca preſunçaõ de amizade, querela aumentar por meio de zelos; porque os ciumes verdadeiramente ſó ſaõ ſinaes da ſua corpulencia e groſſaria, mas naõ da ſua bondade e perfeiçaõ; porque a perfeiçaõ da amizade preſupoem a ſegurança da virtude da coiſa amada, e os ciumes a incerteza.

Se quereis, maridos, que voſſas mulheres vos ſejaõ fieis, procurai que vejaõ eſta liçaõ no voſſo exemplo: „ Com que cara (diz » S. Gregorio Nazianzeno) quereis vós pe» dir honeſtidade a voſſas mulheres, ſe vós » meſmos viveis com deshoneſtidade? Como » requereis dellas o que lhes naõ dais? Quereis » que ſejaõ caſtas, portai-vos caſtamente com » ellas: e, como diz S. Paulo: (1) *Cada hum ſaiba poſſuir o ſeu vaſo em ſantificaçaõ.* » E ſe pelo contrario vós meſmos lhes enſinais » malicias, naõ he de admirar, que recebais » deshonra na ſua perda. Mas vós, ò mulhe» res, cuja honra eſtá inſeparavelmente uni» da com a pudicicia e honeſtidade, conſer» vai zeloſamente a voſſa gloria, e naõ con» ſintais, que genero algum de diſſoluçaõ, » ofusque o candor da voſſa reputaçaõ. »

Temei toda a ſorte de encontros, por pequenos que ſejaõ: nem conſintais genero nenhum

(1) I. Theſal. 4. v. 4. *Ut ſciat unuſquiſque vas ſuum poſſidere in ſanctificatione.*

nhum de galantarias para comvoſco. Qualquer que chegue a louvar a voſſa fermoſura e graça, rende-o por ſuſpeito; porque todo o que louva huma mercadoria, que naõ póde comprar, ordinariamente eſtá mui tentado a furta-la. E ſe ao voſſo louvor ajuntar alguem o deſprezo de voſſo marido, vos ofenderá infinito; porque claro eſtá, que naõ ſó vos quer perder, mas vos tem já por meio perdida: pois ametade do contrato eſtá feito com o ſegundo vendedor, quando nos deſgoſtamos do primeiro.

As mulheres tanto as idoſas como as moças, coſtumaõ trazer muitas perolas pendentes das orelhas, pelo prazer, diz Plinio, que ellas tem de as ouvir dar humas nas outras: mas eu que ſei, que o grande amigo de Deos Iſaac mandou arrecadas á caſta Rebeca, por primeiras arras do ſeu amor; creio, que eſte ornato miſtico ſignifica, que a primeira coiſa que hum marido deve conſeguir de ſua mulher, e que eſta lhe deve fielmente guardar, he a orelha; para que nenhuma lingoagem nem ruido nella poſſa entrar, ſenaõ o ſuave e amavel ſuſurro das palavras caſtas e honeſtas, que ſaõ as perolas Orientaes do Evangelho; porque ſempre nos devemos lembrar, que as almas ſe envenenaõ pelos ouvidos, aſſim como os corpos pela boca.

O amor e a fidelidade juntos ſempre geraõ a familiaridade e confiança: por iſſo os Santos e Santas uſaraõ de muitas caricias em ſeu Matrimonio: caricias verdadeiramente amoroſas, mas caſtas; ternas, mas ſinceras.

Deſ-

Defte modo Ifaac e Rebeca , o mais cafto par de cafados do tempo antigo , foraõ viftos pela janela acariciar-fe de forte , que ainda que alli naõ houve nada deshonefto , Abimelec conheceo muito bem que elles naõ podiaõ fer , fenaõ marido e mulher. O grande S. Luiz igualmente rigorofo com a fua carne , e terno no amor de fua efpofa , quafi que foi cenfurado de fer demafiado em femelhantes caricias : pofto que na verdade , antes merecia louvor , por faber acommodar o feu efpirito marcial e valerofo , a eftes pequenos officios , neceffarios á confervaçaõ do amor conjugal ; porque fuppofto que eftas pequenas demonftrações de pura e livre amizade , naõ ligaõ os corações , com tudo os chegaõ , e fervem de hum agradavel adorno da mutua converfaçaõ.

Santa Monica andando pejada de Santo Agoftinho , o dedicou por muitas vezes á Religiaõ chriftá , e aos minifterios de gloria de Deos : como elle mefmo teftifica , dizendo : *Que já tinha goftado do fal de Deos , dentro no ventre de fua mãi.* Eifaqui hum grande documento para as mulheres Chriftás , oferecer á Divina Mageftade os frutos de feus ventres , ainda antes de fahirem á luz ; porque Deos que aceita as oblações de hum coraçaõ humilde e voluntario , profpéra de ordinario os bons affectos das máis nefte tempo : fejaõ teftemunhas Santo Thomás de Aquino , Santo André Fezulano , e muitos outros. A mãi de S. Bernardo , digna mãi de hum tal filho , tomava feus filhos nos braços , logo que nafciaõ,

e os offerecia a Jesu Christo : e desde entaõ os amava com respeito, como a coisa sagrada, e que Deos lhe tinha confiado : e foi taõ ditosamente succedida, que todos sete foraõ santissimos.

Logo que os filhos tendo entrado no mundo, se começaõ a servir da razaõ, devem os pais e mãis ter hum grande cuidado, de lhes imprimir o temor de Deos no coraçaõ. A boa Rainha Branca praticou fervorosamente este officio para com o Rei S. Luiz seu filho, porque lhe dizia muitas vezes : *Antes quereria, meu amado filho, ver-vos morrer diante de meus olhos, do que ver-vos cometer hum só peccado mortal.* O que ficou de tal sorte impresso na alma deste Santo filho, que como elle proprio contava, naõ havia dia em sua vida, que lhe naõ lembrasse, trabalhando quanto podia, por guardar esta divina doutrina. Verdadeiramente as raças e gerações se chamaõ Casas na nossa lingua, e os Hebreos chamavaõ á geraçaõ dos filhos, Edificaçaõ de casa : pois neste sentido se diz, que Deos edificára casas ás comadres do Egypto. Isto he, para que se veja, que naõ consiste o fazer huma boa casa, em bastecela de muitos bens mundanos, mas em doutrinar bem os filhos no temor de Deos e na virtude.

Nesta materia naõ se deve perdoar a nenhum genero de molestia ou trabalho; porque os filhos saõ a coroa de seus pais. Pelo que Santa Monica combateo com tanto fervor e constancia, as más inclinações de Santo Agostinho, que tendo-o seguido por mar e

por terra, o fez mais ditosamente filho de suas lagrimas, pela conversaõ de sua alma, do que tinha sido filho de seu sangue, pela geraçaõ do corpo.

S. Paulo deixa á repartiçaõ das mulheres o cuidado da casa: por isso muitos assentaõ nesta opiniaõ verdadeira, que a sua devoçaõ he mais fructuosa á familia, que a de seus maridos, os quaes naõ fazem assistencia taõ ordinaria entre seus domesticos, nem os podem por conseguinte encaminhar taõ facilmente á virtude. Nesta consideraçaõ Salomaõ nos seus Proverbios, faz dependente a prosperidade de toda a casa, do cuidado e industria daquella mulher forte, que elle descreve.

No Genesis se diz, que Isaac vendo sua mulher Rebeca esteril, orava ao Senhor por ella, ou segundo os Hebreos, orava ao Senhor defronte della; porque hum orava de hum lado do Oratorio, e outro do outro: a oraçaõ do marido feita nesta forma, foi ouvida. A maior e mais fructuosa uniaõ do marido e mulher, he a que se faz em santa devoçaõ, á qual se devem exhortar hum ao outro mutuamente. Ha frutos como o marmelo, que pela aspereza do sumo, nada tem de agradaveis, senaõ de conserva: outros ha, que por serem tenros e delicados, naõ se podem guardar, senaõ tambem confeitando os, como as cerejas e damascos: assim as mulheres devem desejar, que seus maridos sejaõ confeitados com o assucar da devoçaõ; porque o homem sem devoçaõ, he hum animal aspero severo e intratavel: e os maridos devem pro-

cu-

curar que ſuas mulheres ſejaõ devotas, porque ſem devoçaõ a mulher he ſummamente fragil, e ſujeita a cahir, ou offuſcar-ſe na virtude. S. Paulo diſſe (1): *Que o homem infiel he ſantificado pela mulher fiel, e a mulher infiel pelo homem fiel*; porque neſta eſtreita aliança do Matrimonio, hum pode facilmente attrahir o outro á virtude. Mas que bençaõ, a de quando o homem e mulher fieis, ſe ſantificaõ hum a outro em verdadeiro temor de Deos!

Em fim, o ſofrimento mutuo de hum para com outro, deve ſer taõ grande, que nunca cheguem a enfadar-ſe ambos ao meſmo tempo; para que aſſim ſe naõ veja entre elles diſſenſaõ nem debate. As abelhas naõ podem eſtar em lugares onde ſe formaõ ecos tinidos e repetições de vozes: nem taõ pouco o Eſpirito Santo em huma caſa, em que ha debates replicas, e repetidas gritarias e altercações.

S. Gregorio Nazianzeno teſtifica, que no ſeu tempo, os caſados faziaõ feſtas no dia aniverſario das ſuas bodas: eu na verdade aprovaria, que eſte coſtume ſe introduziſſe, com tanto que iſto naõ foſſe com aparelhos de recreações mundanas e ſenſuaes; mas que os maridos e mulheres ſe confeſſaſſem e comungaſſem neſte dia, e encomendaſſem a Deos

(1) I. Corinth. 7. v. 14. *Sanctificatus eſt vir infidelis per mulierem fidelem, & mulier infidelis per virum fidelem.*

mais fervorosamente do ordinario, os progressos do seu matrimonio, renovando os bons propositos de o santificar mais e mais, por meio de huma reciproca amizade e fidelidade: e cobrando alento no Senhor, para levar os encargos da sua vocaçaõ.

CAPITULO XXXIX.

Da honestidade do thoro Nupcial.

O Leito nupcial deve ser immaculado (1), como lhe chama o Apostolo, isto he, isento de impudicicia e outras sordidezas profanas. Assim foi o santo Matrimonio primeiramente instituido no Paraiso terreal (2), onde nunca tinha havido, nem havia entaõ desordem alguma da concupiscencia, nem coisas deshonestas.

Ha sua semelhança entre os deleites vergonhosos e os de comer; porque huns e outros dizem respeito á carne: posto que os primeiros em razaõ da sua vehemencia brutal, se chamaõ simplesmente carnaes. Explicarei pois o que naõ posso dizer de huns, pelo que direi dos outros.

O comer he ordenado para conservar as pessoas: assim pois como o comer, meramente para nutrir e conservar a pessoa, he coisa san-

(1) Hebr. 13. v. 4.
(2) Gen. 2. v. 22.

ſanta e mandada: aſſim o que ſe requer no Matrimonio, para a geraçaõ dos filhos, e multiplicaçaõ das peſſoas, he coiſa boa e ſantiſſima; porque he o fim principal dos deſpoſorios.

Comer, naõ por conſervar a vida, mas para conſervar a mutua converſaçaõ e condeſcendencia, que nós devemos huns aos outros, he coiſa ſummamente juſta e honeſta: e aſſim tambem a reciproca e legitima ſatisfaçaõ dos Conſortes, no ſanto Matrimonio, he chamada por S. Paulo (1), debito: mas divida taõ grande, que naõ quer que alguma das partes ſe poſſa eximir della, ſem o livre e voluntario conſentimento da outra: nem ainda para os exercicios de devoçaõ; ſobre o que já diſſe alguma coiſa no Capitulo da ſagrada Communhaõ. Quanto menos pois, ſe poderáõ eximir por caprichoſas pretençóes de virtude, e por enfados e deſdens?

Aſſim como os que comem por cumprir com a mutua converſaçaõ, devem comer livremente, e naõ como por força, mas antes procurando moſtrar apetencia: aſſim o debito nupcial, deve ſempre pagar-ſe fiel e eſponteneamente; e da meſma ſorte, que ſe foſſe com eſperança da geraçaõ dos filhos, ainda que por algum acaſo naõ haja tal eſperança.

Comer, ſem ſer pelas duas primeiras razões, mas ſimpleſmente por ſatisfazer o apetite, he coiſa toleravel, mas naõ louvavel;

por-

(1) I. Corinth. 7. v. 3.

porque o ſimples prazer do apetite ſenſual naõ póde ſer objecto ſufficiente, para fazer huma acçaõ louvavel: bem lhe baſta o ſer toleravel.

Comer, naõ por ſimples apetite, mas por exceſſo e deſordem, he coiſa mais ou menos vituperavel, ſegundo o exceſſo for maior ou menor.

O exceſſo pois de comer naõ conſiſte ſó na grande quantidade, mas tambem no modo e maneira de comer. He muito para notar, amada Philotea, que o mel ſendo taõ proprio e ſaudavel ás abelhas, lhes pode naõ obſtante ſer nocivo, e fazê-las enfermar, como quando comem demaſiado na Primavéra: cauſando-lhes iſto deſinteria: e algumas vezes faz que morraõ inevitavelmente, como quando tem melado o bico e as azas. Na verdade o comercio nupcial, ſendo taõ ſanto taõ juſto taõ recomendavel e util a Republica, he naõ obſtante em certos caſos perigoſo aos que o praticaõ; porque muitas vezes torna as almas mui enfermas de peccado venial, e as vezes as mata com peccado mortal: como ſuccede, quando a ordem eſtabelecida para a geraçaõ dos filhos he violada e pervertida: em cujo caſo, ſegundo ſe apartaõ mais ou menos deſta ordem, ſeraõ os peccados mais ou menos execraveis, mas ſempre mortaes. Porque como a geraçaõ dos filhos he o primeiro e principal fim do Matrimonio, nunca he licito apartar da ordem que ella requer, poſto que por algum outro accidente ſe naõ poſſa por entaõ effeituar; como ſuccede quando a eſteri-

lida-

lidade ou a prenhez impedem a geraçaõ e producçaõ; porque neſtas ocaſiões, o comercio corporal naõ deixa de poder ſer juſto e ſanto, com tanto que as regras da geraçaõ ſejaõ ſeguidas. Nenhum accidente póde já mais prejudicar á lei, que o fim principal do Matrimonio tem impoſto. Verdadeiramente a infame e execranda acçaõ, que (1) Onan executava em ſeu Matrimonio, era deteſtavel diante de Deos, ſegundo diz o ſagrado Texto no Capitulo trinta e oito do Geneſis: e poſto que alguns Hereges da noſſa idade, cem vezes mais deteſtaveis que os Cynicos (de que fala S. Jeronymo ſobre a Epiſtola aos Efeſios) tenhaõ querido dizer, que a perverſa intençaõ deſte malvado era a que deſagradava a Deos, a Eſcritura com tudo fala de outra ſorte, e aſſevera em particular, que a meſma coiſa que elle obrava, era deteſtavel e abominavel diante de Deos.

Verdadeiro ſinal he de eſpirito chocarreiro vilaõ abjecto e infame, cuidar em manjares antes do tempo de comer; e ainda mais quando eſſe depois ſe ſaborea no goſto que experimentou em comer, entretendo-ſe em palavras e penſamentos, e revolvendo no ſeu animo a lembrança do deleite, que tinha quando engolia os bocados: como fazem os que antes de comer tem o ſentido no aſſador, e depois nos pratos: gente digna de ſerem cáes de cozinha, que (2) *fazem* (como diz S. Pau-

---

(1) Gen. 38. v. 9.

(2) Philip. 3. v. 19. *Quorum Deus venter eſt.*

Paulo) *hum Deos do ſeu ventre*: as peſſoas de honra naő cuidaő na meza, ſenaő quando ſe aſſentaő a ella; e depois da comida lavaő as máos e a boca, para que lhes naő fique nem o goſto, nem o cheiro do que comeraő. O elefante he hum bruto groſſeiro, mas o mais digno de eſtar ſobre a terra, e o que tem mais juizo; venho a dizer, huma pouca de honeſtidade. Naő muda já mais de femea, e ama ternamente aquella que huma vez eſcolhe, com a qual naő obſtante ſe naő junta ſenaő de tres em tres annos, e iſto por ſinco dias ſómente; e taő ſecretamente, que já mais he viſto neſte acto: mas ao ſexto dia he bem notorio, quando primeiro que tudo vai direito a algum rio, onde lava inteiramente o corpo todo; ſem querer voltar em modo algum ao ſeu rancho, antes de eſtar purificado. Naő ſaő bellas e honeſtas as propriedades deſte animal, com que convida os caſados, a naő ficarem prezos do affecto á ſenſualidade e deleites, que ſegundo a ſua vocaçaő tiverem exercitado: mas que paſſados elles, lavem o coraçaő e o affecto e ſe purifiquem logo, para depois com mais liberdade de eſpirito praticarem outras acções mais puras e remontadas. Neſte documento conſiſte a pratica perfeita da excelente doutrina que S. Paulo dá aos Corinthios (1). *O tempo he breve*
(diz

---

(1) I. Corinth. 7. v. 29. *Tempus breve eſt, reliquum eſt, ut qui habent uxores tanquam non habentes ſint.*

(diz elle) *resta, que os que tem mulher, sejaõ como se a naõ tivessem.* Porque segundo S. Gregorio, aquelle tem mulher como se a naõ tivesse, que de tal sorte goza as consolaçóes corporeas com ella, que nem por isso se aparta das pretençóes espirituaes. Isto que digo do marido, se entende reciprocamente da mulher (1): *Que os que usaõ do mundo* (diz o mesmo Apostolo) *sejaõ como se naõ usaraõ delle.* Todos pois usem do mundo, cada hum segundo a sua vocaçaõ: mas de tal modo, que naõ lhes prendendo o affecto, estejaõ livres e promptos a servir a Deos, como se naõ usassem delle. Este he o maior mal do homem, diz Santo Agostinho, querer gozar das coisas de que sómente deve usar, e querer usar das que deve sómente gozar. Devemos gozar das coisas espirituaes, e sómente usar das corporaes, cujo uso quando se converte em gozo, tambem a nossa alma racional se converte em alma brutal e bestial. Pareceme que tenho dito tudo o que queria dizervos, e dado a entender sem o dizer, o que naõ quiz pronunciar.

CA-

(1) *Qui utuntur hoc mundo tanquam non utantur.*

CAPITULO XL.

Documentos para as Viuvas.

SAõ Paulo inſtrue a todos os Prelados na peſſoa do ſeu Timotheo (1): *Honra as viuvas, que forem verdadeiramente viuvas.* Para ſerem pois verdadeiramente viuvas, ſe requerem as ſeguintes coiſas.

Que a viuva naõ ſeja ſómente viuva no corpo, mas no coraçaõ: iſto he, que eſteja reſolvida com huma reſoluçaõ inviolavel a conſervar-ſe no eſtado de huma caſta viuvez; porque as viuvas que naõ o ſaõ mais, que em quanto eſperaõ ocaſiaõ de ſe caſar, naõ eſtaõ apartadas dos homens, ſenaõ quanto ao deleite corporal, mas eſtaõ já juntas com elles quanto a vontade do coraçaõ. E ſe a verdadeira viuva para ſe confirmar no eſtado de viuvez, quizer offerecer a Deos por voto o ſeu corpo e a ſua caſtidade, juntará hum grande adorno a ſua viuvez, e dará grande ſegurança a ſua reſoluçaõ; porque vendo que depois do voto naõ eſtá na ſua maõ deixar a caſtidade, ſem deixar o Ceo, viverá taõ zeloſa do ſeu projecto, que naõ conſentirá que ſe detenha em ſeu coraçaõ, nem hum ſó ſimples penſamento de ſe caſar: em fórma que eſte

(1) Tim. 5. v. 3. *Honora viduas quæ vere viduæ ſunt.*

efte fagrado voto meterá de permeio hum forte muro, entre a fua alma e todo o genero de projectos contrarios á fua refoluçaõ. Na verdade que Santo Agoftinho aconfelha efte voto fummamente á viuva Chriftã: e o antigo e douto Origenes paffa muito adiante; porque aconfelha ás mulheres cafadas, que façaõ voto e fe dediquem á caftidade vidual, em cafo que feus maridos venhaõ a falecer antes dellas; para que entre os prazes fenfuaes, que poderaõ ter em feu Matrimonio, poffaõ com tudo gozar do merecimento de huma cafta viuvez, por meio defta anticipada promeffa. O voto faz as obras, que em confequencia delle fe executaõ, mais agradaveis a Deos; conforta o coraçaõ para os fazer, e naõ fómente dá a Deos as obras, que faõ como fructos da noffa boa vontade, mas lhe dedica tambem a mefma vontade, que he como a arvore das noffas acções: pela fimples caftidade preftamos o noffo corpo a Deos, retendo porém a liberdade de o fujeitar outra vez aos prazeres fenfuaes; mas pelo voto de caftidade lhe fazemos huma doaçaõ abfoluta e irrevogavel, fem refervarmos poder algum de nos defdizer, fazendo-nos affim felizmente efcravos daquelle, cujo ferviço he melhor que todo o reinar. Affim como aprovo os documentos deftes dois grandes perfonagens, affim defejára, que as almas, que forem taõ ditofas, que os queiraõ feguir, o façaõ prudente fanta e folidamente, tendo bem examinado as fuas forças, invocado a infpiraçaõ celeftial, e tomado o confelho de al-

gum

gum ſábio e devoto Director, porque aſſim tudo ſe fará mais fructuoſamente.

Além diſto, deve eſta renuncia de ſegundas bodas fazer-ſe pura e ſimplesmente, para com mais pureza voltar todos os ſeus affectos para Deos, e ajuntar por toda a parte o coraçaõ com o da Divina Mageſtade; porque ſe o deſejo de deixar os filhos ricos, ou outro qualquer genero de pretençaõ mundana, detem a viuva em viuvez, póde ſer que conſiga louvor, mas naõ por certo diante de Deos; porque para com Deos, nada póde conſeguir verdadeiro louvor, ſenaõ o que ſe faz por Deos.

De mais he preciſo, que a viuva para ſer verdadeiramente viuva, eſteja ſeparada e voluntariamente deſtituida de contentamentos profanos (1): *A viuva que vive em dilicias* (diz S. Paulo) *eſtá morta em vida.* Querer ſer viuva, e goſtar naõ obſtante que a galanteem acariciem e liſonjeem: querer-ſe achar nos bailes danças e feſtins, querer andar enfeitada perfumada e melindroſa: iſto he ſer huma viuva viva quanto ao corpo, mas morta quanto a alma. Que importa (vos peço me digais), que a inſignia da caſa de Adonis e do amor profano, ſeja feita de ramalhetes brancos levantados como penachos, ou de hum creſpo eſtendido como venda ao redor do roſto? Antes ordinariamente, o preto ſe aſſen-

(1) I. Tim. 5. v. 6. *Quæ in deliciis eſt, vivens mortua eſt.*

ſenta com mais vaidade no branco, para realçar a côr. A viuva como tem feito experiencia do modo com que as mulheres podem melhor agradar aos homens, arremeſſa a ſeus animos mais poderoſos attractivos. A viuva pois, que vive neſtas loucas delicias, eſtá morta em vida: e propriamente falando, naõ he ſenaõ hum idolo de viuvez.

O tempo de podar he chegado, a voz da rola foi ouvida na noſſa terra (1): ſe diz nos Cantares. O cortar pelas ſuperfluidades mundanas, he preciſo a qualquer que quizer viver piedoſamente: mas eſpecialmente he neceſſario á verdadeira viuva, que como huma caſta rola, acaba proximamente de chorar gemer e prantear a morte de ſeu marido. Quando Noemi voltou de Moab a Belem, as mulheres da cidade que a haviaõ conhecido no principio do ſeu Matrimonio, diziaõ humas para outras (2): Naõ he eſta Noemi? Mas ella reſpondia: Peço-vos, que me naõ chameis Noemi (porque Noemi quer dizer engraçada e bella) chamai-me antes Mara; porque o Senhor encheo minha alma de amargura: o que dizia por lhe ter morrido ſeu marido. Aſſim a viuva devota naõ quer já mais ſer chamada nem eſtimada por fermoſa e engraçada, contentando-ſe com ſer o que Deos quer que ſeja, a ſaber, humilde e abatida a ſeus olhos.

As

(1) Cant. 2. v. 12. *Tempus putationis advenit: vox turturis audita eſt in terra noſtra.*

(2) Ruth. 1. v. 20. *Hæc eſt illa Noemi.*

As alampadas, que tem oleo aromatico; lançaõ cheiro mais suave quando se apagaõ: assim as viuvas, cujo amor foi mais puro em seu Matrimonio, exhalaõ maior fragrancia de virtude e castidade, quando a sua luz, isto he seu marido, se extingue pela morte. Amar ao marido em quanto elle vive, coisa he trivial entre as mulheres; mas amalo tanto, que depois da sua morte naõ queiraõ outro, he gráo de amor, que só compete ás verdadeiras viuvas. Esperar em Deos em quanto o marido serve de sustento, naõ he coisa mui rara; mas esperar em Deos quando estaõ destituidas deste arrimo, he coisa digna de grande louvor. Esta he a razaõ, porque no tempo da viuvez se conhece mais facilmente a perfeiçaõ das virtudes, que havia no tempo do Matrimonio.

A viuva que tem filhos, que necessitaõ da sua direcçaõ e conducta, principalmente no que pertence á alma e estabelecimento de sua vida, naõ póde nem deve em modo algum desampara-los; porque o Apostolo S. Paulo diz claramente, que ellas estaõ obrigadas a este cuidado, para pagarem o que deveraõ a seus pais. E tambem, porque se algum naõ tem cuidado dos seus, e principalmente dos de sua familia, he peior que o infiel. Mas se os filhos se achaõ em estado, que naõ precisaõ instrucçaõ, entaõ deve a viuva unir todos seus affectos e cuidados, para os applicar mais puramente ao seu adiantamento no amor de Deos.

Se alguma força violenta naõ obrigar a ver-

verdadeira viuva a embaraços exteriores taes, quaes saõ os litigios, eu lhe aconselharia, que se apartasse deles inteiramente, e seguisse o methodo de conduzir os negocios que fosse mais socegado e tranquilo, ainda que naõ parecesse ser o mais fructuoso; porque he necessario que os fructos de semelhantes incommodos sejaõ muito grandes, para se poderem comparar com o bem de huma santa tranquilidade: sem falar, em que as demandas e semelhantes turbulencias dissipaõ o coraçaõ, e abrem muitas vezes porta aos inimigos da castidade; quando por agradar áquelles de cujo favor se necessita, se fazem acções indevotas e desagradaveis a Deos.

A oraçaõ seja o exercicio continuo da viuva; porque naõ devendo ter mais amor senaõ para Deos, assim tambem naõ deve ter palavras senaõ para com Deos: e assim como o ferro que estando impedido de seguir o iman por causa da atracçaõ do diamante, se arroja ao mesmo iman, tanto que o diamante se aparta; assim o coraçaõ da viuva, naõ podendo commodamente arremessar-se todo a Deos, nem seguir o atractivo de seu divino amor, durante a vida de seu marido, deve logo depois do seu falecimento, correr fervorosamente atraz do cheiro das fragrancias celestiaes, dizendo á imitaçaõ da Esposa santa: Oh Senhor! agora que sou toda minha, recebei-me por toda vossa (1): Attrahi-me a vós,

---

(1) Cant. 1. v. 3. *Trahe me post te: curremus in odorem unguentorum tuorum.*

vós, correremos á fragrancia dos vossos unguentos.

As virtudes proprias do exercicio da santa viuva saõ a perfeita modestia, a renuncia das honras, postos, assembleas, titulos, e semelhantes generos de vaidades: o serviço dos pobres e dos enfermos, a consolaçaõ dos afflictos, a instrucçaõ das donzelas na vida devota, o mostrar-se hum perfeito exemplar de todas as virtudes ás mulheres moças. A necessidade e a singeleza saõ os dois enfeites dos seus vestidos: a humildade e caridade, os dois ornatos das suas acções: a honestidade e mansidaõ, dois adornos da sua lingua: a modestia e pudicicia, o enfeite de seus olhos: e Jesu Christo crucificado, o unico amor de seu coraçaõ.

Em huma palavra, a verdadeira viuva he na Igreja huma violeta de Março, que difunde huma suavidade incomparavel, pelo cheiro da sua devoçaõ: permanece quasi sempre escondida debaixo das folhas do seu abatimento, e mostra na côr pouco resplandecente, a mortificaçaõ: busca os lugares frescos e incultos, livrando-se dos apertos da conversaçaõ mundana, para melhor conservar a frescura de seu coraçaõ, contra todos os calores, que o desejo dos bens das honras, e tambem do amor, lhe poderiaõ acarrear: (1) *Ditosa ella* (diz o Apostolo) *se perseverar desta sorte.*

Ou-

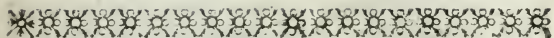
(1) I. Corinth. 7. v. 8. *Bonum est illis si sic permaneant.*

Outras muitas coisas tinha que dizer a este proposito, mas tudo cifrarei dizendo: que a viuva zelosa da honra do seu estado, lea atentamente as belas Epistolas, que o grande S. Jeronymo escreveo a Furia e a Salvia, e a todas aquellas Matronas taõ ditosas, que foraõ filhas espirituaes de hum taõ grande Pai; porque naõ he possivel acrecentar coisa alguma ao que elle diz, senaõ esta advertencia: que a verdadeira viuva naõ deve já mais vituperar nem censurar aquelles que passaõ a segundas, ou ainda a terceiras e quartas bodas; porque em certos casos o dispoem Deos assim, para sua maior gloria. E devem ter sempre diante dos olhos esta doutrina dos antigos: que nem as viuvas nem a virgindade, tem melhor lugar no Ceo, que aquelle que lhe for assinado pela humildade.

CAPITULO XLI.

Huma palavra ás Donzelas.

DOnzelas, se pretendeis o Matrimonio temporal, guardai zelosamente o vosso primeiro amor, para vosso primeiro marido. Tenho por hum grande engano, presentar em lugar de hum coraçaõ inteiro e sincero, hum coraçaõ todo usado, falsificado, e perturbado de amor. Mas se a vossa boa sorte vos chama ás castas e virginaes bodas espirituaes, e quereis para sempre conservar a vossa virgindade, oh bom Deos! conservai

o voſſo amor o mais delicadamente que puderdes, para eſte Divino Eſpoſo, que como he a meſma pureza, nada ama tanto como a pureza: e a quem as primicias de tudo ſaõ devidas, mas principalmente as do amor. As Epiſtolas de S. Jeronymo vos proveráõ de todos os documentos, que vos ſaõ neceſſarios. E já que o voſſo eſtado vos obriga á obediencia, eſcolhei hum Director, ſob cuja conducta poſſais mais ſantamente dedicar o voſſo coraçaõ e o voſſo corpo á Divina Mageſtade.

QUAR-

QUARTA PARTE,

QUE CONTÉM MUITOS DOCUMENTOS necessarios, contra as tentações mais ordinarias.

CAPITULO I.

Que naõ devemos fazer caso das palavras dos filhos do mundo.

TAnto que os mundanos conhecerem, que quereis seguir a vida devota, arremessaráõ sobre vós mil dardos de dicterios e murmurações: os mais perversos calumniaráõ a vossa mudança, de hipocrisia e fingimento: diraõ que o mundo vos mostrou má cara, e que por elle vos lançar de si recorrestes a Deos. Vossos amigos se empenharáõ em vos fazer milhares de admoestações mui prudentes e caridosas, a seu parecer. Vireis a dar (diraõ elles) em algum humor melancolico, perdereis o credito com o mundo, farvos-heis insofrivel, envelhecereis antes de tempo, padeceráõ vossos negocios domesticos: he preciso viver no mundo como no mundo: bem se póde conseguir a salvaçaõ sem tantos misterios nem tal multidaõ de bacatelas.

Minha Philotea, tudo isto naõ he mais que hum louco e vão falar: e a semelhante gente nada se lhe dá da vossa saude, nem dos vossos negocios: *Se vós foreis do mundo* (diz o Salvador), *amára o mundo o que he seu; mas como naõ sois do mundo, por isso vos aborrece* (1). Nós vemos muitos Cavalheiros e senhoras, passarem a noite inteira, e ainda muitas noites a fio, jogando o xadrez ou as cartas: ha por ventura applicaçaõ mais triste melancolica e sombria do que esta? Os mundanos com tudo naõ dizem palavra, e aos amigos nenhum cuidado lhes dará isto: e pela meditaçaõ de huma hora, e por nos ver levantar hum pouco mais cedo do ordinario, para nos preparar á Communhaõ, todos buscaõ o Medico para que nos cure do humor hipocondriaco, e da tericia. Passarse-haõ trinta noites em bailes, e ninguem se queixa, e por ter velado na noite de Natal, todos tossem e se queixaõ do ventre no dia seguinte. Quem naõ vê nisto, que o mundo he hum juiz iniquo; benevo-lo e affavel para com seus filhos, mas aspero e rigoroso para com os de Deos.

Naõ he possivel estar bem com o mundo, senaõ perdendo-nos com elle, nem he possivel contenta-lo, pois he mui fantastico. *Veio Joaõ* (diz o Salvador) *naõ comendo nem beben-*

(1) Joan. 15. v. 19. *Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret: quia vero de mundo non estis, propterea odit vos mundus.*

bendo, e dizeis que está endemoninhado: Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizeis que he Samaritano (1). He certo, Philotea, que ſe por condeſcendencia, nos diſtrahir-mos em rir jogar e dançar com o mundo, eſte ſe eſcandalizará: ſe o naõ fizermos, nos acuſará de hipocriſia ou melancolia: ſe nos enfeitarmos, entenderá que o fazemos com algum deſignio: ſe andarmos ſem adorno, atribuirá iſto a baixeza de coraçaõ: chamará as noſſas alegrias diſſoluções, ás noſſas mortificações triſtezas, e vendo-nos aſſim com máos olhos já mais lhe poderemos ſer agradaveis. Exagera as noſſas imperfeições, e publica que ſaõ peccados: de noſſos peccados veniaes, faz mortaes: e os peccados de fraqueza, os converte em culpas de malicia: de ſorte que aſſim como diz S. Paulo: *A caridade he benigna* (2), pelo contrario, o mundo he maligno: em lugar de que a caridade nunca cuida mal, pelo contrario o mundo ſempre julga mal, e quando naõ póde acuſar noſſas acções, acuſa noſſas intenções: e ou os carneiros tenhaõ pontas ou naõ, ſejaõ brancos ou negros, nem por iſſo deixa o lobo de os comer, ſe póde.

Qualquer coiſa que façamos, nos fará ſem-

---

(1) Luc. 7. v. 33. *Venit Joannes Baptiſta neque manducans panem, neque bibens vinum, & dicitis, demonium habet: Venit filius hominis manducans & bibens, & dicitis.*

(2) I. Corinth. 13. v. 14. *Charitas benigna eſt.*

ſempre guerra o mundo: ſe eſtivermos muito com o Confeſſor, perguntará como póde haver tanto que dizer? Se eſtivermos pouco, dirá que naõ dizemos tudo: eſpreitará todos noſſos movimentos, e por huma ſó palavra colerica, afirmará que ſomos inſofriveis: o cuidar em noſſos negocios lhe parecerá avareza, e a noſſa manſidaõ, neceſſidade. Quanto aos filhos do mundo, as ſuas raivas ſaõ generoſidade, a ſua avareza economía, as ſuas familiaridades entretenimentos honrados: he certo que as aranhas ſempre deſtroem a obra das abelhas.

Deixemos a eſte cego, Philotea, que grite quanto quizer, como a cigarra para inquietar os paſſaros de dia: ſejamos firmes em noſſos intentos, invariaveis em noſſas réſoluçóes: a perſeverança nos dará a conhecer, ſe he certo termo-nos inteiramente ſacrificado a Deos, e entregado á vida devota. Os Cometas e Planetas ſaõ quaſi igualmente luminoſos na apparencia, mas os Cometas deſaparecem em pouco tempo, por naõ ſerem mais que huns fogos paſſageiros, e os Planetas daõ huma claridade perpetua. Aſſim a hipocriſia e a verdadeira virtude tem muita parecença no exterior, mas diferença-ſe huma da outra, em que a hipocriſia naõ tem duraçaõ, e ſe diſſipa como fumo quando ſóbe, mas a verdadeira virtude ſempre he firme e conſtante. Naõ he pequena cõmodidade, para ſegurarmos bem o principio da noſſa devoçaõ, receber oprobrios e calumnias; porque por eſte modo evitamos o perigo da vaidade e ſoberba,

ba, que saõ como as (1) parteiras do Egypto, ás quaes tem mandado o Faraó infernal, que matem os filhos varões de Israel, no proprio dia do seu nascimento. Estamos crucificados para o mundo, e o mundo deve estar crucificado para nós: se elle nos tem por loucos, tenhamo-lo nós por insensato.

CAPITULO II.

Que devemos ter bom animo.

A Luz posto que seja fermosa e deleitavel aos nossos olhos, os deslumbra depois que estiveraõ ás escuras por muito tempo. Antes que nos familiarizemos com os habitadores de algum paiz, ainda que sejaõ mui cortezes e affaveis, sempre encontramos alguma estranheza. Poderá suceder, minha Philotea, que nesta mudança de vida, sintais no vosso interior muitas contradições; e que esta grande e absoluta despedida, que fizestes das loucuras e necedades do mundo, vos cause algum resentimento de tristeza, e descahimento de animo: se assim vos suceder, tende huma pouca de paciencia, porque naõ será nada: isto naõ he mais que hum pouco de espanto, que a novidade vos causa, passado elle recebereis milhares de consolações. Poderá succeder, que ao principio vos cause alguma mole-

(1) Exod. 1. v. 15.

leſtia, o deixar a gloria que os loucos e chocarreiros vos daõ em voſſas vaidades: mas oh bom Deos! querereis vós perder a eterna, que Deos verdadeiramente vos dará? Os divertimentos e paſſatempos váos, em que vos empregaſtes os annos paſſados, ſe repreſentaráõ ainda em voſſo coraçaõ, para o attrahir e fazer pôr da ſua parte: mas tereis vós animo de renunciar a felicidade eterna, por eſtas liviandades enganadoras? Crède-me, que ſe perſeverardes, naõ tardará que recebais muitas ſuavidades, taõ delicioſas e agradaveis, que confeſſareis, naõ ter o mundo ſenaõ fel em comparaçaõ deſte mel; e que hum ſó dia de devoçaõ vale mais, que mil annos de vida mundana.

Mas como vêdes que o monte da perfeiçaõ chriſtá he altiſſimo, Ah Deos meu! direis vós: como o poderei eu ſubir? Animo, Philotea; quando as moſquinhas das abelhas começaõ a tomar fórma, chamaõ-ſe ninfas; e ainda naõ ſabem voar ſobre as flores, nem ſobre os montes, nem ſobre os oiteiros viſinhos para ajuntar o mel: mas pouco a pouco criando-ſe com o mel que ſuas máis tem preparado, eſtas pequeninas ninfas tomaõ azas, e ſe reforçaõ de ſorte, que depois voaõ a buſca-lo por todo o paiz. Verdade he, que ainda ſomos pequenas moſcas na devoçaõ, nem poderiamos ſubir ſegundo o noſſo intento, que naõ he menos que chegar ao ſimo da perfeiçaõ chriſtá: mas ſe começarmos a tomar fórma, por meio dos noſſos deſejos e reſoluções, nos começaráõ a ſahir as azas. Devemos

mos pois eſperar, que algum dia viremos a ſer abelhas eſpirituaes, e que voaremos; e entretanto vivamos do mel de tantos documentos que os antigos devotos nos tem deixado; e peſſamos a Deos, que nos dê azas como de pomba (1); para que naõ ſó poſſamos voar no tempo da preſente vida, mas tambem deſcançar na eternidade da futura.

CAPITULO III.

Da natureza das tentações, e da diferença que ha entre ſentir a tentaçaõ e conſentir nella.

COnſiderai, Philotea, huma Princeza moça extremoſamente amada de ſeu eſpoſo: e que algum perverſo, para a perder e manchar ſeu leito nupcial, lhe envia algum infame menſageiro de amor, para tratar com elle ſeu danado intento. Primeiramente propoem eſte menſageiro á Princeza a intençaõ de ſeu amo. Em ſegundo lugar, agrada ou deſagrada á Princeza a propoſta e embaixada. Em terceiro lugar, conſente ella, ou a rejeita. Deſte modo Satanás o mundo e a carne, vendo a huma alma deſpoſada com o Filho de Deos, lhe enviaõ tentações e ſugeſtões, pelas quaes: 1. Lhe propoem o peccado: 2. Sobre iſto ella ſe agrada, ou deſagrada: 3. Ella conſente ou reſiſte; que ſaõ em ſuma os tres

(1) Pſalm. 57. v. 4.

tres degráos por que ſe deſce á inquidade ; a tentaçaõ , a deleitaçaõ , o conſentimento. E poſto que eſtas tres acçóes ſe naõ conheçaõ taõ manifeſtamente em toda a outra ſorte de peccados , naõ deixaõ de conhecer-ſe nos peccados grandes e enormes.

Ainda que a tentaçaõ de qualquer peccado que ſeja , duraſſe toda a noſſa vida , naõ ſeria poderoſa , para nos fazer deſagradaveis a Deos , em quanto nos naõ agradaſſe , e nós lhe naõ deſſemos conſentimento. A razaõ he : porque na tentaçaõ naõ obramos nós , mas ſofremos ; e como nella naõ tomamos prazer , tambem naõ podemos ter genero nenhum de culpa. S. Paulo ſofreo por dilatado tempo as tentaçóes da carne , e taõ longe eſteve de ſer deſagradavel a Deos , que ao contrario por ellas foi Deos glorificado. A bemaventurada Angela de Fulgino experimentou tentaçóes carnaes taõ crueis , que mete compaixaõ quando as conta. Grandes foraõ tambem as tentaçóes que padeceo S. Franciſco e S. Bento , quando hum ſe lançou nos eſpinhos , e o outro na neve , para as mitigar ; e com tudo naõ perderaõ nada da graça de Deos , antes a aumentáraõ muito.

Deveis pois , Philotea , moſtrar-vos mui animoſa no meio das tentaçóes , e naõ vos dar por vencida em quanto ellas vos deſagradarem , obſervando bem a diferença que ha entre ſentir e conſentir : qual he , que as podemos ſentir , ainda que nos deſagradem , mas naõ as podemos conſentir ſem que nos agradem ; porque de ordinario o prazer ſerve de

de-

degráo para vir ao consentimento. Offereçaõ-nos os inimigos de nossa alma quantos engodos e attractivos quizerem: estejaõ sempre á porta do nosso coraçaõ para entrar, e façaõ quantas propostas quizerem: que em quanto estivermos na resoluçaõ de lhes naõ agradar em tudo isto, naõ he possivel que ofendamos a Deos. Nada menos, que o Principe esposo da Princeza que tenho representado, naõ póde dar-se por ofendido da sobredita mensagem, em quanto ella disto naõ tiver genero algum de prazer. Esta diferença ha com tudo entre a alma e esta Princeza, na presente materia; que a Princeza tendo ouvido a proposta deshonesta, póde, se lhe parecer, despedir o mensageiro, e naõ o querer mais ouvir: mas naõ está sempre em poder da alma, naõ sentir a tentaçaõ, posto que sempre esteja o naõ consentir nella: e por esta causa ainda que a tentaçaõ dure e persevere dilatado tempo, nos naõ póde causar damno, em quanto nos he desagradavel.

Mas quanto á deleitaçaõ, que póde seguir-se á tentaçaõ; como temos duas partes em nossa alma, huma inferior outra superior, e a inferior naõ segue sempre a superior, mas faz sua obra á parte; succede muitas vezes, que a parte inferior se deleita na tentaçaõ sem o consentimento, e ainda contra a vontade da superior. Esta he a contenda e guerra que o Apostolo S. Paulo descreve quando diz (1): que

(1) Gal. 5. v. 17. *Caro concupiscit adversus spiritum, & spiritus adversus carnem.*

que a ſua carne apetece contra o eſpirito, e que (1) ha huma lei dos membros e outra lei do eſpirito, e outras coiſas ſemelhantes.

Viſtes alguma vez, Philotea, hum grande brazeiro de lume cuberto de cinza, que quando dalli a dez ou doze horas ſe vem buſcar lume, naõ ſe acha mais que hum pouco no meio do brazeiro, e ainda cuſta trabalho o acha-lo? alli eſtá com tudo, porque ſe acha, e com elle ſe podem acender todos os outros carvões, já quaſi extinctos. O meſmo ſuccede na caridade, que he a noſſa vida eſpiritual, no meio das grandes e violentas tentações; porque a tentaçaõ lançando a ſua deleitaçaõ na parte inferior, cobre, ao que parece, toda a alma de cinza, reduzindo o amor de Deos a huma pequena faiſca; porque naõ apparece em parte alguma ſenaõ no meio do coraçaõ, e no fundo da alma; e ainda parece que naõ eſtá alli, pelo trabalho, que cuſta acha-lo: eſtá com tudo na verdade, porque ainda que tudo eſteja perturbado em noſſa alma e corpo, temos a reſoluçaõ de naõ conſentir no peccado, nem na tentaçaõ; e o deleite que agrada ao noſſo homem exterior, deſagrada ao interior: e poſto que cerque a vontade, nem por iſſo eſtá dentro della: no que ſe conhece, que ſemelhante deleitaçaõ he involuntaria, e ſendo tal naõ póde ſer peccado.

CA-

(1) Rom. 7. v. 23. *Video aliam legem in membris meis, &c.*

CAPITULO IV.

Dois bellos exemplos ſobre eſta materia.

IMporta tanto entender iſto bem, que nenhuma dificuldade terei, em me demorar a explica-lo. O mancebo de quem fala S. Jeronymo, que deitado e prezo com fitas de ſeda, bem delicadamente, ſobre huma cama branda, foi provocado com todo o genero de torpes tocamentos e attractivos, por huma deshoneſta mulher, que ſe deitou com elle para contraſtar a ſua conſtancia, por ventura deixaria de ſentir terriveis eſtimulos da carne? Era poſſivel que naõ eſtiveſſem ſeus ſentidos combatidos do deleite, e a ſua imaginaçaõ ſummamente ocupada da preſença de objectos taõ laſcivos? Sem duvida que eſtavaõ: e naõ obſtante no meio de tanta perturbaçaõ e taõ brava tempeſtade de tentações, e entre tantos deleites que o cercavaõ, deu a conhecer que o ſeu coraçaõ naõ eſtava vencido, e que a ſua vontade de nenhum modo conſentia; porque o eſpirito vendo tudo rebelado contra ſi, e naõ ſendo ſenhor de membro algum de ſeu corpo, excepto a lingua, a cortou com os dentes, e a cuſpio na cara daquella alma perdida, que atormentava a ſua mais cruelmente com aquellas torpezas, do que os algozes o poderiaõ fazer com os tormentos. Deſte modo o tirano, que deſconfiára de o vencer com as dores, cuidou de o contraſtar com os prazeres.

A hiſtoria da batalha de Santa Catharina de Sena em ſemelhante materia, he em tudo admiravel: em ſumma vem a ſer. O eſpirito maligno tendo alcançado de Deos licença de aſſaltar a honeſtidade deſta Santa Virgem, com a maior furia que podeſſe, com tanto porém que a naõ tocaſſe, induzio toda a ſorte de ſugeſtões em ſeu coraçaõ: e para mais a mover, vindo com ſeus companheiros em fórma de homens e mulheres, obrava á ſua viſta milhares de torpezas e deshoneſtidades, juntando a iſto palavras e vozes deshoneſtiſſimas: e poſto que todas eſtas coiſas foſſem exteriores, com tudo por meio dos ſentidos penetravaõ bem dentro do coraçaõ da Virgem, o qual, como ella meſma confeſſou, eſtava todo cheio, naõ lhe ficando mais, que a mera e pura vontade ſuperior, que naõ foi agitada deſta tempeſtade de torpeza e deleitaçaõ carnal: Durou iſto muito tempo, até que aparecendolhe Noſſo Senhor hum dia, lhe diſſe ella: Onde eſtaveis, meu doce Senhor, quando meu coraçaõ eſtava cheio de tantas trévas e ſordidezas? Ao que elle reſpondeo: Eu eſtava dentro do teu coraçaõ, filha minha. E como, replicou ella, habitaveis vós em meu coraçaõ, havendo nelle tanta torpeza? Morais vós em lugares taõ deshoneſtos? Diſſe-lhe Noſſo Senhor: Dize-me, eſſes impuros penſamentos de teu coraçaõ davaõ-te prazer ou triſteza, amargura ou deleitaçaõ? Reſpondeo ella: ſumma amargura e triſteza. Tornou-lhe o Senhor: E quem era o que introduzia eſſa grande amargura e triſteza em teu coraçaõ, ſenaõ

eu,

eu, que eſtava eſcondido no meio da tua alma? Crêde-me, filha minha, que ſe eu naõ tivera eſtado preſente, aquelles penſamentos que cercavaõ a tua vontade, e a naõ podiaõ render, ſem duvida a venceriaõ; e entrando dentro e ſendo recebidos com goſto pelo teu alvedrio, teriaõ dado a morte á tua alma: mas como eu eſtava dentro, cauſava eſſe deſprazer e eſſa reſiſtencia em teu coraçaõ, com a qual elle reſiſtio quanto pôde á tentaçaõ: e naõ podendo tanto quanto quizera, ſentia em ſi maior deſprazer, e aborrecimento contra ella e contra ſi proprio: e aſſim eſſas penas eraõ de grande merito e ganancia para ti, e de grande aumento á tua virtude e fortaleza.

Vêdes Philotea, como eſte fogo eſtava cuberto de cinza, e que a tentaçaõ e deleite tinhaõ tambem entrado no coraçaõ e cercado a vontade; a qual ſó aſſiſtida de ſeu Salvador, reſiſtio por entre amarguras deſprazeres e deteſtaçóes do mal, que lhe ſugeriaõ; negando perpetuamente o ſeu conſentimento ao peccado que a rodeava. Oh bom Deos! que triſteza para huma alma amante de Deos, naõ ſaber ao menos ſe o tem comſigo ou naõ: e ſe o amor divino pelo qual peleja, eſta ou naõ de todo extincto nella: mas eſta he a flor mimoſa da perfeiçaõ do amor celeſtial, fazer ſofrer e pelejar o amante pelo amor, ſem ſaber ſe tem o amor, pelo qual e para o qual elle peleja.

CA-

CAPITULO V.

Conforto para a alma que eſtá metida em tentações.

PHilotea minha, eſtes grandes aſſaltos e eſtas tentações taõ poderoſas as naõ permite Deos nunca, ſenaõ ás almas, que elle quer levantar a hum puro e excelente amor ſeu: mas naõ ſe ſigue daqui, que depois dellas ficaõ ſeguras de o conſeguir; porque ſuccede muitas vezes, que os que tinhaõ ſido conſtantes em violentos combates, naõ correſpondendo depois fielmente ao favor divino, ſe tem achado vencidos de bem pequenas tentações. Iſto vos digo, para que ſe vos ſucceder alguma vez ſer affligida de taõ grande tentaçaõ, ſaibais que Deos vos ajuda com hum favor extraordinario, pelo qual declara, que vos quer engrandecer na ſua preſença: e que com tudo iſſo eſtejais ſempre humilde e temeroſa, naõ vos aſſegurando de poder vencer as tentações pequenas, depois de ter vencido as grandes, ſenaõ por huma fidelidade continua para com ſua divina Mageſtade.

Quaeſquer tentações pois que vos venhaõ, e qualquer que for a deleitaçaõ que ſe lhes ſeguir, em quanto a voſſa vontade recuſar o conſentimento, naõ ſó á tentaçaõ, mas á deleitaçaõ, de nenhum modo vos perturbeis, porque naõ ofendeſtes a Deos. Quando hum homem eſtá em eſpaſmo, de modo que naõ dá ſi-

ſinal algum de vida, ſe lhe poem a maõ ſobre o coraçaõ, e por pouco movimento que alli ſe ſinta, ſe julga que eſtá vivo, e que por meio de alguma agua precioſa, ou de algum epythima, o poderáõ reſtituir ao ſeu vigor e ſentidos: aſſim ſuccede as vezes, que com a violencia das tentações, parece eſtar a noſſa alma cahida em hum desfalecimento total de ſuas forças, e como paſmada naõ tem vida eſpiritual, nem movimento: más ſe quizer-mos conhecer o que iſto he, ponhamos-lhe a maõ ſobre o coraçaõ: conſideremos ſe elle e a vontade tem ainda ſeu movimento eſpiritual, iſto he, fazem o ſeu dever, em recuſar conſentir á tentaçaõ, e deleitaçaõ: porque em quanto o movimento de reſiſtencia eſtá em noſſo coraçaõ, ſeguros eſtamos de que a caridade, vida da noſſa alma, eſtá em nós; e que Jeſu Chriſto Noſſo Salvador habita em noſſa alma, poſto que eſcondido e encoberto: e aſſim mediante o exercicio continuo da oraçaõ, dos Sacramentos, e da confiança em Deos, nos reſtituiremos ás noſſas forças, e viveremos huma vida inteira e deleitavel.

CAPITULO VI.

De como a tentaçaõ e deleitaçaõ podem ser peccado.

A Princeza de que temos falado, naõ teve culpa alguma na requesta deshonesta que se lhe fez; porque como suppozemos, lhe succedeo contra a sua vontade: mas se pelo contrario, ella por meio de alguns atractivos e afagos tivesse dado motivo a ser buscada, pertendendo corresponder com amor, áquelle que a galanteava, indubitavelmente seria culpada na mesma pertençaõ: e ainda que se mostrasse melindrosa, naõ deixaria de merecer reprehensaõ e castigo. Assim succede algumas vezes, que meramente a tentaçaõ nos poem em peccado, por sermos nós a causa della. Por exemplo: sei que jogando, facilmente me enraiveço e blasfemo, e que para isto me serve o jogo de tentaçaõ, peco todas e quantas vezes jogar, e sou culpado de todas as tentaçóes, que me succederem no jogo. Do mesmo modo, se sei que alguma conversaçaõ me ocasiona tentaçaõ e queda, e vou a ella voluntariamente, serei indubitavelmente culpado em todas as tentaçóes que nella me acontecerem.

Quando a deleitaçaõ que procede da tentaçaõ se póde evitar, sempre he peccado o recebê-la; conforme for o prazer que della se toma, e o consentimento que se lhe dá, gran-

grande ou pequeno, dilatado ou de pouca duraçaõ. Sempre ſeria coiſa reprehenſivel na Princeza de que acima falei, ſe naõ ſómente déſſe ouvidos á propoſta torpe e deshoneſta que ſe lhe fez, mas tambem depois de a ter ouvido, tomaſſe della prazer, entretendo o ſeu coraçaõ com goſto neſta materia; porque ainda que naõ quizeſſe conſentir na real execuçaõ do que ſe lhe propunha, com tudo conſentia na applicaçaõ eſpiritual do ſeu coraçaõ, pelo contentamento que nella recebeſſe: e ſempre he deshoneſtidade, applicar o coraçaõ ou o corpo a coiſa deshoneſta: antes a deshoneſtidade conſiſte de tal modo na applicaçaõ do coraçaõ, que ſem ella a applicaçaõ do corpo naõ póde ſer peccado.

Quando pois fordes tentada de qualquer peccado, conſiderai ſe voluntariamente déſtes cauſa á tentaçaõ, e entaõ a meſma tentaçaõ vos poem em eſtado de peccado, pelo riſco a que vos arrojaſtes. Iſto ſe entende, ſe podieis commodamente evitar a ocaſiaõ, e ſe tinheis previſto ou devido prever a vinda da tentaçaõ: mas ſe naõ déſtes cauſa nenhuma á tentaçaõ, de nenhum modo vos póde ſer imputada a peccado.

Quando a deleitaçaõ que ſe ſegue á tentaçaõ, ſe podia evitar e ſe naõ evitou, ſempre haverá algum genero de peccado, ſegundo a pouca ou muita demora que houve nella, e a cauſa do prazer que tivemos. Huma mulher que naõ tendo dado cauſa a ſer galanteada, naõ obſtante toma prazer de o ſer, naõ deixa de ſer reprehenſivel, ſe o prazer que ella re-

cebe naõ tem outra caufa mais que o galanteio. Por exemplo : fe o amante que a galanteia , tocaffe primorofamente huma viola e ella goftaffe , naõ das finezas de amor , mas da armonia e fuavidade do inftrumento , naõ haveria nifto nenhum peccado : pofto que naõ devia continuar por muito tempo nefte prazer , receando paffar delle a deleitar-fe no galanteio. Da mefma forte pois , fe alguem me propuzer algum eftratagema cheio de invençaõ e artificio , para me vingar de meu inimigo , e nifto naõ tomar prazer , nem der confentimento algum á vingança que fe me propoem , mas fómente á futileza da invençaõ e artificio ; fem duvida que naõ pecco : pofto que naõ feja conveniente deter-me muito nefte prazer , temendo que pouco a pouco feja induzido a algum confentimento da mefma vingança.

Somos ás vezes affaltados de hum eftremecimento de deleitaçaõ , que immediatamente fegue a tentaçaõ , antes que commodamente fe poffa prevenir : ifto naõ póde fer mais , que hum bem ligeiro peccado venial ; o qual fe faz maior , fe depois de termos conhecido o mal em que cahimos , nos demoramos por negligencia algum tempo , a negociar com a tentaçaõ , fe a havemos aceitar ou defpedir : e ainda muito maior ferá , fe tendo-a percebido , nos demorármos nella algum tempo com verdadeira negligencia , fem genero algum de propofito de a lançar fóra ; porque tanto que voluntariamente e de propofito deliberado refolvemos comprazer-nos em fe-

me-

melhantes deleitações, este deliberado proposito he hum grande peccado, se o objecto da deleitação for notavelmente máo. Grande vicio he em huma mulher, querer-se entreter em amores perversos, ainda que na realidade naõ queira entregar-se ao amante.

CAPITULO VII.

Remedios para as tentações graves.

LOgo que sentirdes em vós algumas tentações, fazei como os meninos pequenos, quando vem o lobo ou urso no campo, que sem demora correm a acoitar-se entre os braços de seu pai ou mái, ou pelo menos os chamaõ em sua ajuda e socorro. Recorrei deste modo a Deos, implorando sua misericordia e socorro, que he o remedio que Nosso Senhor ensina: Orai, para que naõ entreis em tentaçaõ.

Se virdes que a tentaçaõ persevera, ou que se aumenta, correi em espirito a abraçar-vos com a santa Cruz, como se visseis a Jesu Christo crucificado diante de vós: protestai-lhe que naõ consentireis a tentaçaõ, e pedi-lhe socorro contra ella, e continuai sempre em protestar, que naõ quereis consentir, em quanto a tentaçaõ durar.

Mas feitas estas protestações e estas negações de consentimento, naõ olheis para a cara da tentaçaõ, mas sómente para Nosso Senhor; porque se olhardes para a tentaçaõ, prin-

principalmente quando ella he forte, podereis desfalecer de animo.

Diverti o vosso espirito com algumas occupações boas e louvaveis; porque estas occupações entrando em vosso coraçaõ, e tomando lugar, lançaráõ fóra as tentações e sugestões malignas.

O maior remedio contra todas as tentações, grandes ou pequenas, he manifestar o proprio coraçaõ, e communicar as sugestões sentimentos e affectos que tivermos, com o nosso Director; porque notai, que a primeira condiçaõ que o inimigo faz com a alma, que elle quer enganar, he o silencio: como fazem os que querem enganar as mulheres casadas e donzelas, que no primeiro invite lhes prohibem, que naõ communiquem as suas propostas aos pais nem aos maridos: pelo contrario Deos em suas inspirações, requer sobre todas as coisas, que nós as façamos reconhecer por nossos Superiores e Directores.

E se depois de tudo isto, a tribulaçaõ porfiar em atribular-nos e perseguir-nos, naõ temos outra coisa que fazer, senaõ teimar da nossa parte no protesto de naõ querer consentir; porque assim como as donzelas naõ as podem casar, em quanto ellas disserem que naõ; assim a alma, ainda que atribulada, nunca póde ser ofendida em quanto disser que naõ.

Naõ disputeis com vosso inimigo, nem lhe respondais já mais huma só palavra, senaõ aquella que Nosso Senhor lhe respondeo, com que o confundio: *Vai-te dahi Satanás; adorarás ao Senhor teu Deos, e a elle*

só

ſó ſervirás (1). E aſſim como a mulher caſta, naõ deve reſponder huma ſó palavra, nem olhar para a cara do infame que a ſolicita, e lhe propoem alguma deshoneſtidade: mas cortando tudo de golpe, deve no meſmo inſtante voltar o coraçaõ a ſeu eſpoſo, e ratificar a fidelidade que lhe tem prometido, ſem ſe demorar em ſemelhante converſaçaõ: aſſim a alma devota vendo-ſe acometida de alguma tentaçaõ, de nenhum modo deve entreter-ſe em diſputar nem reſponder; mas ſimplesmente voltar-ſe logo para a parte de Jeſu Chriſto ſeu eſpoſo, e proteſtar-lhe de novo a ſua fidelidade, e que quer para ſempre ſer unicamente toda ſua.

CAPITULO VIII.

Que ſe deve reſiſtir ás tentações leves.

AInda que ſe haja de peleijar contra as tentações graves com hum animo invencivel, e a victoria que conſeguirmos nos ſeja utiliſſima; com tudo póde ſuceder, que nos ſeja de maior proveito combater bem com as pequenas; porque aſſim como as grandes excedem em qualidade, as pequenas excedem em numero; e poderſe-ha comparar a victoria deſtas com a daquellas. Os lobos e urſos ſaõ

(1) Matth. 4. v. 10. *Vade Satana, Dominum Deum tuum adorabis, & illi ſoli ſervies.*

ſaõ ſem duvida mais perigoſos que as moſcas; mas como nos naõ cauſaõ tanta importunidade e nojo, naõ exercitaõ tanto a noſſa paciencia. Coiſa bem facil he evitar o homicidio, mas he coiſa dificultoſa evitar as raivas menores, de que ſe nos offerecem ocaſiões todos os inſtantes. Coiſa bem facil he a hum homem ou a huma mulher, evitar o adulterio; mas naõ he taõ facil evitar viſtas, correſpondencias amoroſas, gracejos e favores pequenos, dizer e aceitar palavras de galanteio. Muito facil he, naõ dar no thalamo competidor ao marido, nem competidora á mulher, quanto ao corpo; mas naõ he taõ facil, naõ lho dar quanto ao coraçaõ. Bem facil naõ manchar o thoro nupcial, mas bem pouco facil naõ negociar com o amor matrimonial. Bem facil naõ furtar os bens alheos, mas dificultoſo naõ os apetecer e cubiçar. Bem facil, naõ proferir falſos teſtemunhos em juizo, mas dificultoſo naõ mentir na converſaçaõ. Bem facil, naõ embebedar, mas dificil o ſer ſobrio. Bem facil naõ deſejar a morte de outrem, mas dificultoſo naõ lhe deſejar incommodidade. Bem facil naõ o infamar, mas bem dificultoſo naõ o deſprezar. Em fim eſtas miudas tentações, de raivas ſuſpeitas zelos invejas amores leviandades vaidades dobrezes enfeites fingimentos e penſamentos deshoneſtos, ſaõ as que continuamente exercitaõ aquelles meſmos, que ſaõ mais devotos e reſolutos: e por iſſo, minha cariſſima Philotea, nos devemos com grande cuidado e diligencia preparar para eſta peleija; e eſtai certa, que quan-

tas

tas victorias conseguirmos, contra estes pequenos inimigos, tantas pedras preciosas seraõ postas na coroa de gloria, que Deos nos prepara no Ceo. Por cuja causa vos digo, que procurando pelejar bem e valerosamente com as grandes tentações, devemos tambem defender-nos com diligencia destes miudos e debeis ataques.

CAPITULO IX.

Como se ha de dar remedio ás tentações leves.

QUanto pois a estas pequenas tentações, de vaidade, suspeitas, tristeza, inveja, affeições, e outras semelhantes ninherias, que como moscas e mosquitos, nos andaõ passando por diante dos olhos, e humas vezes nos picam nas faces, outras no nariz; como he impossivel estarmos totalmente livres da sua importunidade, a melhor resistencia que lhes podemos fazer, he naõ nos afligir; porque nada disto nos póde causar damno, ainda que nos póde enfadar; com tanto que tenhamos firme resoluçaõ de querer servir a Deos.

Desprezai pois estes miudos assaltos, e naõ vos ponhais nem ainda sómente a considerar o que querem dizer: deixai-os zunir á roda dos vossos ouvidos quanto quizerem, e andar para cá e para lá á roda de vós, como fazem as moscas: e quando vos vierem picar, e virdes

des que ſe demoraõ algum tanto em voſſo coraçaõ, naõ façais mais nada ſenaõ abana-las meramente, naõ peleijando com ellas, nem lhes reſpondendo: mas fazendo actos contrarios quaesquer que ſejaõ, e principalmente de amor de Deos. E ſe me dais credito, o melhor ſerá, naõ porfiardes, em querer oppor a virtude contraria á tentaçaõ que ſentis; porque iſto ſeria quaſi o meſmo, que diſputar com ella: mas depois de terdes feito hum acto de virtude directamente contraria, ſe tiverdes lugar de conhecer a qualidade da tentaçaõ, voltai ſimplesmente o voſſo coraçaõ para Jeſu Chriſto crucificado, e com hum acto de amor ſeu beijai ſeus ſagrados pés. Eſte he o melhor modo de vencer ao inimigo, tanto nas leves como nas graves tentaçóes; porque o amor de Deos contem em ſi a perfeiçaõ de todas as virtudes, e com mais excelencia que as meſmas virtudes, e tambem he o mais denoſo remedio contra todos os vicios. E coſtumando-ſe o voſſo eſpirito a recorrer em todos os aſſaltos a eſte aſilo geral, nenhuma obrigaçaõ terá de ver e examinar de que genero ſaõ as tentaçóes que lhe vem; mas ſimplesmente ſentindo-ſe perturbado ſe acolherá a eſte grande remedio; o qual alem diſto, he tam formidavel ao eſpirito maligno, que quando vê que as ſuas tentaçóes nos provocaõ a eſte divino amor, céſſa de nos tentar.

Iſto baſte, quanto ás leves e frequentes tentaçóes: e ſe alguem com ellas quizeſſe entreter-ſe por miudo, mortificarſe-hia e naõ faria nada.

CA-

CAPITULO X.

Como devemos fortalecer o coraçaõ contra as tentações.

COnfiderai de tempos a tempos, que paixões dominaõ em voffa alma: e tendo-as defcoberto, tomai hum theor de vida que lhes feja de todo contrario, em penfamentos, palavras, e obras. Por exemplo, fe vos fentis inclinado á paixaõ de vaidade, cuidai a miudo nas miferias defta vida humana, quanto eftas vaidades feraõ enfadonhas na hora da morte, quanto faõ indignas de hum coraçaõ generofo, que naõ faõ mais que ridicularías e entretenimentos de meninos, e outras coifas femelhantes.

Falai com frequencia contra a vaidade, e ainda que ifto vos pareça contrafeito, naõ deixeis de a defprezar muito; porque por efte meio ganhareis reputaçaõ com o partido contrario: e á força de dizer mal de alguma coifa, nos movemos a aborrece-la, ainda que no principio lhe tiveffemos affecto. Fazei obras de abatimento e humildade, as mais que puderdes, ainda que vos pareça, que naõ goftais diffo; porque defte modo vos habituareis na humildade, e enfraquecereis a vaidade de forte, que quando a tentaçaõ vier, a naõ poderá favorecer tanto a voffa inclinaçaõ, e tereis mais força para combate-la.

Se fordes inclinada á avareza, confiderai a miu-

miudo na loucura defte peccado, que nos faz efcravos, do que naõ foi criado fenaõ para nos fervir: e que alfim quando chegar a morte, forçofamente largareis tudo, e o deixareis nas mãos de quem o diffipará; ao qual fervirá ifto de ruina e condenaçaõ, e outros penfamentos femelhantes. Falai com efficacia contra a avareza, louvando muito o defprezo do mundo: violentai-vos a fazer frequentes efmolas e obras de caridade, e deixai paffar algumas ocafiões de adquirir.

Se fois inclinada a amar e fer amada, confiderai frequentemente, quaõ perigofo he efte divertimento, tanto para vós como para os outros: quaõ indigna coifa he, profanar e empregar em paffatempos, a mais nobre coifa que tem a noffa alma: quaõ fujeito eftá ifto á cenfura de huma fumma leveza de juizo. Falai commummente a favor da pureza e fingeleza de coraçaõ; e tambem o mais que puderdes, obrai acções conformes a efte dizer; evitando todas as finezas e galanteios.

Em fumma: em tempo de paz, ifto he, quando as tentações do peccado a que eftais propenfa, vos naõ apertaõ, fazei muitos actos da virtude contraria: e fe as ocafiões fe vos naõ offerecerem, bufcai-as a ellas; porque defte modo fortalecereis o voffo coraçaõ, contra a tentaçaõ futura.

CA-

CAPITULO XI.

Do desassocego.

O Desassocego naõ he huma simples tentaçaõ, mas huma origem, da qual e pela qual nos vem muitas tentações: direi pois sobre isto alguma coisa. A tristeza naõ he outra coisa, senaõ a dôr do animo, do mal que em nós está, contra nossa vontade: ou o mal seja exterior, como pobreza, achaques, desprezos; ou seja interior, como ignorancia, securas, repugnancias, tentações. Quando pois a alma conhece ter algum mal, lhe desagrada o tê-lo, e eisaqui a tristeza: e em continente deseja livrar-se delle, e ter meios para o despedir. Até aqui tem ella razaõ; porque naturalmente cada hum deseja o bem, e foge do que entende ser máo.

Se a alma busca meios para se livrar do mal por amor de Deos, buscalos-ha com paciencia mansidaõ humildade e tranquilidade, esperando ficar livre delles, mais da bondade e providencia de Deos, que do seu trabalho industria e diligencia: se procurar ver-se livre por amor proprio, se afadigará e esquentará em busca de meios, como se este bem dependesse mais della, do que de Deos: naõ digo que ella assim o entende, mas digo, que se empenha como se o entendesse.

E se naõ encontra logo o que deseja, entra

tra em grandes deſaſſocegos e impaciencias, às quaes como naõ deſvanecem o mal antecedente, antes pelo contrario o empeioraõ, entra a alma em huma agonia e triſteza deſmarcada, com hum desfalecimento de animo e de forças tal, que lhe parece, que o ſeu mal já naõ tem remedio. Eiſaqui vereis, como a triſteza que no principio he juſta, gera deſaſſocego, e o deſaſſocego depois hum exceſſo de triſteza ſummamente perigoſo.

O deſaſſocego he o maior mal que póde vir á alma, excepto o peccado. Porque aſſim como as ſedições e turbulencias interiores de huma Republica a arruinaõ inteiramente, e embaraçaõ o poder reſiſtir aos eſtranhos; aſſim o noſſo coraçaõ eſtando perturbado e inquieto em ſi meſmo, perde a força de manter as virtudes que tinha adquirido: e ao meſmo paſſo, os meios de reſiſtir ás tentações do inimigo, o qual entaõ faz toda a diligencia por peſcar, como ſe diz, na agua turva.

Provem o deſaſſocego de hum deſejo deſordenado, de nos livrarmos do mal que ſentimos, ou adquirir o bem que eſperamos: e com tudo, naõ ha coiſa que mais empeiore o mal, e deſvie mais o bem, que o deſaſſocego e a afflicçaõ. Os paſſaros ficaõ prezos nas redes e laços, porque achando-ſe enredados nelles, trabalhaõ e forcejaõ deſordenamente por ſe ſoltar: ficando cada vez mais embaraçados, quanta mais diligencia fazem. Quando pois eſtiverdes preza do deſejo, de vos verdes livre de algum mal, ou de chegar a conſeguir algum bem; primeiro que tudo, ponde

o voſſo animo em ſocego e tranquilidade, fazei aſſentar o voſſo juizo e vontade: e depois com toda a brandura e ſuavidade, proſegui em buſcar o que deſejais, tomando por ſua ordem os meios convenientes: quando digo com toda a brandura, naõ quero dizer com negligencia; mas ſem afflicçaõ, turbaçaõ, e deſaſſocego: de outra ſorte, em vez de conſeguirdes o fim de voſſo deſejo, perdereis tudo, e vos embaraçareis mais.

A minha alma eſtá ſempre em minhas mãos, ó Senhor, e eu me naõ tenho eſquecido da voſſa lei (1), dizia David. Examinai mais de huma vez ao dia, ou ao menos á noite e pela manhá, ſe tendes a voſſa alma nas voſſas mãos, ou ſe alguma paixaõ ou deſaſſocego vo-latem tirado. Conſiderai ſe tendes o voſſo coraçaõ ao voſſo mando, ou ſe elle ſe tem eſcapado das voſſas mãos, para ſe enredar com algum affecto deſordenado, de amor, odio, inveja, cubiça, temor, enfado, ou alegria: e ſe ſe deſgarrou, primeiro que tudo buſcai-o, e trazei-o com toda a brandura á preſença de Deos, ſobmetendo todos voſſos affectos e deſejos á obediencia e conducta da vontade divina. Porque aſſim como os que temem perder alguma coiſa precioſa, a apertaõ bem na maõ, aſſim á imitaçaõ daquelle grande Rei, devemos nós ſempre dizer: O' meu Deos! a minha alma eſtá em riſco, e por iſſo a trago ſem-

(1) Pſalm. 118. v. 109. *Anima mea in manibus meis ſemper, & legem tuam non ſum oblitus.*

ſempre em minhas máos: e deſte modo me naõ tenho eſquecido da voſſa ſanta lei.

Naõ conſintais a voſſos deſejos, por pequenos que ſejaõ e de pouca importancia, que vos inquietem; porque depois dos pequenos, acharáõ os grandes e mais importantes o voſſo coraçaõ mais diſpoſto á turbaçaõ e deſordem. Quando preſentirdes que vem o deſaſſocego, encomendai-vos a Deos, e aſſentai em naõ fazer nada do que o voſſo deſejo vos pede, em quanto o deſaſſocego naõ tiver paſſado totalmente, ſalvo ſe for coiſa que ſe naõ poſſa diferir: e entaõ deveis com huma ſuave e tranquila força, deter a corrente do voſſo coraçaõ, temperando-o e moderando-o quanto vos for poſſivel: e além diſto, fazerdes a obra, naõ conforme ao voſſo deſejo, mas conforme á razaõ.

Se poderdes deſcobrir o voſſo deſaſſocego a quem dirige a voſſa alma, ou pelo menos a algum confidente e devoto amigo, naõ duvideis, que logo vos achareis inteiramente ſocegada; porque a communicaçaõ das penas do coraçaõ faz o meſmo efeito na alma, que a ſangria no corpo daquelle, que tem febre continua: eſte he o remedio dos remedios. Pelo que ElRei S. Luiz, deu eſte conſelho a ſeu filho: *Se tiveres em teu coraçaõ algum trabalho, dize-o logo ao teu Confeſſor, ou a alguma peſſoa de bondade, e aſſim poderás levar o teu mal mais facilmente, com o conforto que ella te dará.*

CA-

CAPITULO XII.

Da trifteza.

A *Trifteza que he fegundo Deos* (diz S. Paulo) *obra a penitencia para a falvaçaõ, a trifteza do mundo obra a morte* (1). A trifteza pois póde fer boa ou má, conforme os efeitos que em nós faz. He verdade que mais faõ os máos do que os bons; pois naõ produz mais que dois bons, a faber a compaixaõ e a penitencia: e tem feis máos, que faõ, anguftia, preguiça, indignaçaõ, zelos, inveja, e impaciencia; o que fez que o Sábio diffeffe: *A trifteza mata a muitos, e a ninguem aproveita* (2); porque por dois regatos bons que procedem da origem da trifteza, procedem tambem feis, que faõ muito máos.

Da trifteza fe ferve o inimigo para executar fuas tentaçóes com os bons; porque affim como procura que os máos fe alegrem no feu peccado, affim folicita que os bons fe entrifteçaõ nas fuas boas obras: e affim como naõ póde introduzir o mal fenaõ fazendo que pareça agradavel; affim tambem naõ póde defviar o bem, fenaõ fazendo que fe repre-

Y fen-

(1) II. Corint. 7. v. 10. *Quæ fecundum Deum triftitia eft, pœnitentiam in falutem ftabilem operatur: fæculi autem triftitia mortem operatur.*

(2) Ecclef. 30. v. 25. *Multos occidit triftitia, & non eft utilitas in ea.*

ſente deſagradavel. O inimigo folga com a triſteza e melancolia, porque como elle he triſte e melancolico, e o ſerá eternamente, deſeja que todos ſejaõ como elle.

A triſteza má perturba a alma, e a poem em deſaſſocego, cauſa temores deſordenados, deſgoſto da oraçaõ, amodorra e oprime o cerebro, priva a alma de conſelho de reſolu. çaõ de juizo, e coragem, e lhe proſtra as forças: em huma palavra, he como o rigoroſo Inverno, que conſome toda a formoſura da terra, e entorpece todos os animaes; porque priva a alma de toda a ſuavidade, e a torna como tolhida e impoſſibilitada em todas ſuas faculdades.

Se alguma vez vos ſucceder, Philotea, ſerdes aſſaltada deſta triſteza má, praticai os remedios ſeguintes: *Se alguem eſtá triſte*, (diz S. Thiago) *ore* (1). A oraçaõ he hum remedio ſoberano, porque levanta o eſpirito a Deos, que he a noſſa unica alegria e conſolaçaõ: mas quando orardes, uſai de afectos e palavras, ou ſejaõ exteriores ou interiores, que ſe encaminhem á confiança e amor de Deos: como, ó Deos de miſericordia! meu bom Deos! meu benigno Salvador! Deos de meu coraçaõ! alegria minha! minha eſperança! meu amado eſpoſo! bem amado de minha alma! e outras ſemelhantes.

Reſiſti vivamente ás inclinações da triſteza, e ainda que vos pareça, que tudo o que neſ-

(1) Jacob. 5. v. 13. *Triſtatur aliquis veſtrum, oret.*

neste tempo fizerdes, o fazeis com frieza, tristeza e frouxidaõ, nem por isso deixeis de o fazer; porque o inimigo que pretende entibiar-nos nas boas obras, com a tristeza, vendo que naõ deixamos de as fazer, e que sendo feitas com resistencia saõ de maior valor, cessará de nos affligir.

Cantai canticos espirituaes, porque o inimigo muitas vezes por este meio desiste da sua obra: seja boa testimunha o espirito de que Saul estava obsesso ou possesso, cuja violencia era reprimida com a Psalmodia. (1)

He tambem bom empregarmo-nos em obras exteriores, e varia-las o mais que possivel for, para divertir a alma do objecto triste; purificar e aquecer os espiritos, porque a tristeza he huma paixaõ de compleiçaõ fria.

Executai acções externas fervorosas, ainda que seja sem gosto, abraçando a imagem do Crucifixo, apertando-a ao peito, beijando-lhe os pés e as mãos, levantando os olhos e mãos ao Ceo, e levantando a voz a Deos, com palavras de amor e confiança, como saõ estas (2): Meu amado para mim, e eu para elle (3). Meu amado he para mim hum ramalhete de mirrha, que se deterá entre meus peitos (4). Meus olhos desfalecem em vós, ó meu Deos, dizendo quando me consolareis

 vós?

(1) Reg. 18. v. 10.

(2) Cant. 2. v. 16. *Dilectus meus mihi & ego illi.*

(3) *Fasciculus mirrhæ dilectus meus mihi.*

(4) Psalm. 118. v. 82. *Defecerunt oculi mei, dicentes, quando consolaberis me.*

vós? Jesus sede para mim Jesus, Viva Jesus e viverá a minha alma: *Quem me apartará do amor de meu Deos* (1)? e outras semelhantes.

A disciplina moderada he boa contra a tristeza, porque esta voluntaria afflicçaõ exterior impetra a consolaçaõ interior: e a alma sentindo as dores de fóra, se esquece das que tem dentro. A frequencia da sagrada Communhaõ he excelente, porque este paõ celeste fortifica o coraçaõ e alegra o espirito.

Descobrireis todos os resentimentos, affectos e sugestões, que provierem da vossa tristeza, ao vosso Director e Confessor, humilde e fielmente: Buscai a conversaçaõ de pessoas espirituaes, frequentando-as o mais que puderdes neste tempo. Finalmente, resignai-vos nas mãos de Deos, dispondo-vos a sofrer esta tristeza enfadonha com paciencia, como justo castigo das vossas alegrias vans. E tende por certo, que Deos depois que vos tiver provado, vos ha de livrar deste mal.

CA-

(1) Rom. 8. v. 35. *Quis nos separabit a charitate Christi?*

CAPITULO XIII.

Das consolações espirituaes e sensiveis, e como nellas nos devemos portar.

COntinúa Deos a existencia deste grande mundo em huma perpetua alternativa; pela qual o dia se muda em noite, a Primavera em Estio, o Estio em Outono, o Outono em Inverno, e o Inverno em Primavera, e nenhum dos dias se parece inteiramente com o outro, huns vemos nublados e chuvosos, outros secos e ventosos: variedade que dá grande formosura a este Universo. O mesmo passa no homem, que segundo o dito dos antigos, he hum mundo abreviado; porque já mais está no mesmo estado: e a sua vida passa sobre a terra como as aguas, fluctuando e ondeando, em huma continua variedade de movimentos, que humas vezes o levantaõ á esperança, outras o abatem ao temor, já o inclinaõ para a direita com a consolaçaõ, já para á esquerda com a afflicçaõ: e já mais hum só de seus dias, nem sequer huma de suas horas, se parece inteiramente com a outra.

Hum grande documento se encerra nisto. Devemos procurar ter huma continua e inviolavel igualdade de coraçaõ em taõ grande desigualdade de accidentes: e ainda que todas as coisas que nos cercaõ, se mudem e revolvaõ por muitos modos, devemos persistir

con-

conſtantemente immoveis, olhando ſempre, caminhando, e aſpirando ao noſſo Deos.

Tome a nào a derrota que quizer, desfira as velas para o Poente ou para o Levante, para o Meio dia ou para o Setemptriaõ, leve-a que vento a levar, nem por iſſo a agulha de marear ſe voltará ſenaõ para a ſua formoſa eſtrela, e para o pólo. Volte-ſe tudo de ſima para baixo, naõ digo ſó á roda de nós, mas dentro em nós: iſto he, eſteja a noſſa alma triſte ou alegre, com ſuavidade ou com com amargura, com paz ou com turbaçaõ, com claridade ou em trévas, em tentaçóes ou em deſcanço, com goſto ou com deſgoſto, com ſecura ou com ternura, queime-a o Sol ou a refreſque o orvalho; em todo o caſo deve ſempre a cuſpide do noſſo coraçaõ, do noſſo eſpirito, e da noſſa vontade ſuperior, que he a noſſa agulha, voltar-ſe e caminhar inceſſante e perpetuamente para o amor de Deos, ſeu Creador, ſeu Salvador, ſeu unico e verdadeiro bem. Ou vivamos ou morramos (diz o Apoſtolo) (1) ſe ſomos de Deos, quem nos apartará do amor e caridade de Deos? Nada por certo nos ſeparará deſte amor: nem a tribulaçaõ, nem a anguſtia, nem a morte, nem a vida, nem a dor preſente, nem o temor dos accidentes futuros, nem as artes dos eſpiritos malignos, nem a altura das conſolaçóes, nem a profundeza das affliçóes, nem

(1) Rom. 14. v. 8. *Sive vivimus, ſive morimur, domini ſumus, &c.*

nem a ternura nem a fecura, nos deve já mais feparar defta fanta caridade, que eftá fundada em Jefu Chrifto.

Efta refoluçaõ abfoluta de nunca mais deixar a Deos, nem apartar-nos de feu fuave amor, ferve de contrapezo a noffas almas, para as confervar em igualdade, entre a defigualdade dos varios movimentos que a condiçaõ defta vida nos acarrea: porque affim como as abelhas vendo-fe no campo combatidas do vento, tomaõ humas pedrinhas para fe poderem fofter no ar, e naõ ferem taõ facilmente levadas da força da tempeftade; affim a noffa alma, tendo abraçado vigorofamente a refoluçaõ, de fe dar ao preciofo amor de feu Deos, permanece conftante no meio da inconftancia e alternativa, das confolações e afflicções, tanto efpirituaes como temporaes, exteriores como interiores.

Mas alem defta doutrina geral, temos neceffidade de alguns documentos particulares.

Digo pois, que a devoçaõ naõ confifte na doçura fuavidade confolaçaõ e ternura fenfivel do coraçaõ, que nos provoca a lagrimas e fufpiros, e nos caufa huma certa fatisfaçaõ agradavel e goftofa, em alguns exercicios efpirituaes: Naõ, cariffima Philotea, a devoçaõ e ifto naõ faõ a mefma coifa; porque ha muitas almas, que tem eftas ternuras e confolações, que nem por iffo deixaõ de fer muito viciofas; e por confeguinte naõ tem verdadeiro amor de Deos, e muito menos alguma verdadeira devoçaõ. Saul perfeguindo de morte a David, que tinha fugido delle

pa-

para o deserto (1) de Engade, entrou só em huma cova, onde David com os seus estava escondido: David que nesta ocasiaõ teve muita commodidade de o matar, lhe concedeo a vida, naõ querendo nem sequer asusta-lo: mas deixando-o sahir á sua vontade, o chamou depois para lhe mostrar a sua innocencia, e o fazer sabedor, de como o tivera em seu poder. E que naõ fez Saul neste passo, para testimunhar, que o seu coraçaõ estava compadecido de David? Chamou-lhe seu filho, poz-se a chorar em alto pranto, a louva-lo, a confessar a sua benignidade, a rogar a Deos por elle, a pronosticar a sua futura grandeza, e encomendar-lhe seus descendentes, para depois de sua morte. Que maior suavidade e ternura de coraçaõ podia elle mostrar? e sem embargo de tudo isto, naõ mudou de animo, nem deixou de continuar em perseguir a David taõ cruelmente como dantes. Por este modo se achaõ pessoas, que considerando a bondade de Deos, e a Paixaõ do Salvador, sentem grandes ternuras de coraçaõ, que lhe fazem exhalar suspiros, e lagrimas, orações e acções de graças mui sensiveis, em forma que diriamos, terem o coraçaõ possuido de huma grande devoçaõ: mas quando vimos á prova, achamos, que assim como as chuvas de passagem, de hum Veraõ mui calido, cahindo de pancada sobre a terra, a naõ penetraõ, nem servem senaõ para criar

(1) I. Reg. 24. v. 4.

criar cucumelos; aſſim as lagrimas e ternuras cahindo ſobre hum coraçaõ vicioſo, e naõ o penetrando, lhe ſaõ totalmente inuteis; porque com tudo iſto eſtes miſeraveis naõ largaráõ hum real do mal adquirido que poſſuem, nem renunciaráõ hum ſó de ſeus perverſos affectos, nem quereráõ ter a menor deſcommodidade do mundo, por ſerviço do Senhor, por quem choráraõ: de ſorte, que os bons movimentos que tem tido, naõ ſaõ mais que huns certos cucumelos eſpirituaes, que naõ ſó naõ ſaõ verdadeira devoçaõ, mas mui de ordinario grandes aſtucias do inimigo, que entertendo as almas com eſtas pequenas conſolaçóes, faz que fiquem contentes e ſatisfeitas dellas; e que naõ buſquem a verdadeira e ſolida devoçaõ, que conſiſte em huma vontade conſtante reſoluta prompta e efficaz, de executar o que ſabe ſer do agrado de Deos.

Huma criança entra em pranto desfeito, vendo ferir a ſua mãi com a lanceta, quando a ſangraõ: mas ſe ao meſmo tempo a mãi por quem chora, lhe pede huma maçá, ou papel de confeitos que tem na maõ, de nenhuma ſorte os quer largar. Taes ſaõ a maior parte das ternuras das noſſas devoçóes: vendo dar hum golpe de lança, que treſpaſſa o coraçaõ de Jeſu Chriſto crucificado, choramos ternamente. Ah Philotea! juſto he chorar a morte e Paixaõ doloroſa de noſſo Pai e Redemptor; mas porque lhe naõ damos nós com boa vontade a maçá que temos nas mãos, e que nos pede inſtantemente? A ſaber o noſſo co-

coraçaõ, unica maçã de amor, que efte amado Salvador requer de nós. Porque lhe naõ refignamos tantos miudos affectos deleitações complacencias, que nos quer tirar das mãos, e naõ pode; porque eftes faõ os noffos confeitos, de que fomos mais golofos, do que defejofos da fua celeftial graça. Ah, que ifto faõ amizades de crianças, ternas, mas fracas, fantafticas, e fem effeito! A devoçaõ pois naõ confifte neftas ternuras e fenfiveis affectos, que ás vezes procedem do natural fer mui brando, e mui acómodado a receber a impreffaõ que fe lhe quer dar: e outras vezes provèm do inimigo, que para nos engodar com ellas, excita na noffa imaginaçaõ a aprehenfaõ proporcionada a femelhantes effeitos.

Ifto naõ obftante, eftas ternuras e affectuofas fuavidades, faõ algumas vezes boniffimas e de utilidade; porque excitaõ o apetite da alma, confortaõ o efpirito, e ajuntaõ á promptidaõ da devoçaõ hum fanto regozijo e alegria, que faz as noffas acções fermofas e agradaveis, ainda no exterior. Efte he o gofto que fe tem das coifas divinas, pelo qual exclama David: *Oh Senhor, quaõ doces faõ voffas palavras ao meu paladar! mais doces faõ que o mel para a minha boca* (1). E na verdade a mais pequena confolaçaõ da devoçaõ que recebemos, vale mais de qualquer modo, que as mais excelentes recreações do mun-

---

(1) Pfal. 118. v. 103. *Quam dulcia faucibus meis loquia tua, fuper mel ori meo!*

mundo. Os peitos e o leite, isto he, os favores do divino Esposo, saõ melhores á alma, que o mais generoso vinho dos prazeres da terra: quem os tem provado, todas as de mais consolações tem por fel e absintio. E assim como os que tem a erva scythica na boca, recebem huma taõ extremosa suavidade, que naõ sentem fome nem sêde: assim aquelles a quem Deos tem dado este maná celestial de suavidades e consolações interiores, naõ podem desejar nem receber as consolações do mundo, e muito menos deleitar-se e influir-se nos affectos dellas. Saõ estas humas pequenas antecedencias das suavidades immortaes, que Deos concede ás almas que o buscaõ: estes saõ os confeitos, que dá a seus filhinhos para os engodar: estes as aguas cordiaes, que lhes offerece para os confortar: e tambem ás vezes saõ penhores dos premios eternos. Dizse que Alexandre Magno navegando pelo mar alto, fora o primeiro que descobrira a Arabia Feliz pelo olfato dos suaves cheiros que o vento lhe trazia; por esta causa cobrára animo, e o dera a todos seus companheiros: assim nós recebemos muitas vezes doçuras e suavidades neste mar da vida mortal, as quaes sem duvida nos fazem presentir as delicias daquella patria celestial, para onde caminhamos e aspiramos.

Mas (dirme-heis vós) supposto haver consolações sensiveis, que saõ boas e vem de Deos, e que tambem as ha inuteis e perigosas, e ainda prejudiciaes, que provèm da natureza, ou ainda do inimigo: como poderei

eu

eu difcernir humas das outras, e conhecer as más ou inuteis entre as boas? He doutrina geral, cariffima Philotea, ácerca dos affectos e paixões da noffa alma, que os devemos conhecer pelos feus fructos: os corações faõ as arvores, os affectos e paixões faõ feus ramos, e as obras ou acções faõ os fructos. O coraçaõ bom he o que tem bons affectos, e os affectos e paixões boas, os que produzem bons effeitos e acções fantas. Se as fuavidades ternuras e confolações nos fazem mais humildes fofredores trataveis caritativos e compadecidos do proximo, mais fervorofos em mortificar noffas concupifcencias e más inclinações, mais conftantes em noffos exercicios, mais maneiros e fujeitos aquelles a quem devemos obedecer, mais finceros na noffa vida; fem duvida, Philotea, que ellas faõ de Deos: mas fe as fuavidades fó tem fuavidade para nós, fe nos fazem curiofos afperos picados impacientes teimofos féros prefumptuofos duros para com o proximo; e cuidando que já fomos huns fantinhos, nos naõ queremos fujeitar mais á direcçaõ, nem á correcçaõ, indubitavelmente faõ as confolações falfas e perniciofas. A arvore boa naõ produz fenaõ bons fructos.

Quando tivermos deftas doçuras e confolações, devemos humilhar-nos muito diante de Deos: livremo-nos muito de dizer por caufa deftas doçuras; oh que bom fou! Naõ, Philotea, naõ faõ eftes os bens, que nos tornaõ melhores; porque como tenho dito, naõ confifte nifto a devoçaõ: antes digamos, oh

que

que bom he Deos, para os que nelle efperaõ, e para a alma que o bufca! Quem tem affucar na boca, naõ póde dizer, que a fua boca he doce, mas fim que o affucar he doce: do mefmo modo, ainda que efta doçura efpiritual feja boa, e Deos que a dá boniffimo, naõ fe fegue, que he bom quem a recebe.

Conheçamos que ainda fomos meninos pequenos, que neceffitamos de leite, e que eftes confeitos fe nos daõ, porque ainda temos o efpirito tenro e delicado, e neceffita de engodos e attractivos, para fer atrahido ao amor de Deos.

Mas depois difto, geralmente falando e de ordinario, recebamos humildemente eftas graças e favores, e eftimemo-las por fummamente grandes; naõ tanto pelo que faõ em fi mefmas, mas por fer a maõ de Deos quem no-las poem no coraçaõ. Como faria huma mãi, que para acariciar feu filho, lhe meteffe ella mefmo os confeitos na boca a hum e hum; porque fe o menino tiveffe juizo, eftimaria mais a doçura do regalo e caricia, que a mefma doçura dos confeitos. E affim, Philotea, muito he ter eftas doçuras, mas a doçura das doçuras he confiderar, que Deos com fua maõ amorofa e maternal, no-las mete na boca, no coraçaõ, na alma, e no efpirito.

Tendo-as affim recebido humildemente, empreguemo-las com cuidado, conforme a intençaõ de quem no-las dá. Porque cuidamos nós que Deos nos dá eftas fuavidades? Para fazer-nos fuaves com todos, e amorofos para

com elle. A mái dá os confeitos ao menino, para que elle a beije: beijemos pois a este Salvador, que tantas suavidades nos dá. Beijar ao Salvador he obedecer-lhe, guardar seus Mandamentos, executar sua vontade, seguir os seus desejos, em fim abraça-lo ternamente com obediencia e fidelidade. Quando pois tivermos recebido alguma consolaçaõ espiritual, devemos nesse dia ser mais diligentes em obrar bem e humilhar-nos.

Convem alem de tudo isto, renunciar de tempos a tempos estas doçuras ternuras e consolaçóes, apartando o nosso coraçaõ dellas: protestando, que ainda que as aceitamos humildemente e as amamos porque Deos nolas envia, e ellas nos convidaõ ao seu amor, com tudo naõ saõ ellas o que buscamos, mas Deos e seu santo amor: naõ a consolaçaõ, mas o consolador; naõ a doçura, mas o doce Salvador; naõ a ternura, mas aquelle que he a suavidade do Ceo e da terra. Com este affecto nos devemos dispôr a persistir-mos firmes no santo amor de Deos, ainda que em nossa vida nunca mais recebamos consolaçaõ alguma: e a querer-mos dizer assim sobre o monte Calvario, como sobre o Thabor: Oh Senhor (1)! bom he para mim estar comvosco, ou vós estejais na Cruz, ou na Gloria.

Finalmente vos advirto, que se vos vier alguma abundancia notavel de semelhante con-

(1) Matth. 17. v. 4. *Domine, bonum est nos hic esse.*

consolações ternuras lagrimas e doçuras, ou nellas alguma coisa extraordinaria, o cómuniqueis fielmente ao vosso Confessor; para saberdes como vos deveis moderar e portar. Pois escrito está: *Achastes o mel? comei o que vos baste.* (1)

CAPITULO XIV.

Das securas, e esterilidades espirituaes.

OBrareis pois como vos acabo de dizer, carissima Philotea, quando tiverdes consolações, mas este belo e agradavel tempo naõ durará sempre, antes succederá algumas vezes serdes de tal sorte privada e destituida do sentimento de devoçaó, que já vos parecerá, ser a vossa alma huma terra deserta infructuosa e esteril, na qual naõ ha vereda nem caminho para achar a Deos; nem agua alguma de graça, que a possa regar, por causa das securas, que parece a tem tornado inculta. Oh que digna de compaixaó he a alma, que se acha neste estado! principalmente quando este mal he vehemente; porque entaó á imitaçaó (2) de David, se sustenta de lagrimas dia e noite, em quanto com mil sugestões, o ini-

(1) Proverb. 25. v. 16. *Mel invenisti, comede quod sufficit tibi.*

(2) Psalm. 4. v. 4. *Fuerunt mihi lacrimæ meæ panes die ac nocte.*

inimigo para a desesperar zomba della, dizendo lhe: Ah pobre! onde está o teu Deos? por onde o poderás achar? quem te poderá nunca restituir a alegria da sua divina graça?

Que fareis pois neste tempo, Philotea? Vêde donde vos vem o mal. Ordinariamente nós mesmos somos a causa de nossas esterilidades e securas.

Assim como a mãi recusa dar assucar ao filho, por ser atreito a criar bichos, assim Deos nos priva das consolações, quando tomamos dellas alguma vã complacencia, e somos sujeitos aos bichos do descuido. Bom he para mim, Deos meu, que vós me humilheis, porque antes que fosse humilhado, vos tinha ofendido.

Quando somos negligentes em recolher as suavidades e delicias do amor de Deos, entaõ he o tempo em que elle as aparta de nós, em pena da nossa preguiça. O (1) Israelita que naõ colhia o maná muito de madrugada, naõ o podia fazer depois já Sol fóra, por estar entaõ todo desfeito.

Estamos ás vezes deitados em huma cama de contentamentos sensuaes e consolações caducas, como estava a Esposa santa dos Cantares: o (2) Esposo de nossas almas bate á porta de nosso coraçaõ, inspira-nos que tornemos a nossos exercicios espirituaes; mas nós regateamos com elle, sentindo haver de dei-

xar

---

(1) Exod. 16. v. 2.
(2) Cant. 5. v. 3.

xar estes váos divertimentos, e separar-nos dos falsos contentamentos: e por isso passa adiante e nos deixa jazer: e depois quando o queremos buscar, naõ temos pequeno trabalho em acha-lo. Bem o merecemos assim, pois fomos taõ infieis e desleaes a seu amor, que rejeitámos este exercicio por seguir o das coisas do mundo. Ah! que se vos naõ ha de dar maná do Ceo, pois tendes ainda da farinha do Egypto. As abelhas aborrecem todos os cheiros artificiaes; e as suavidades do Espirito Santo saõ incompativeis com as delicias enganosas do mundo.

A dobrez e refolho de animo, praticada nas confissões e conferencias espirituaes que se fazem com o Confessor, daõ causa a securas e esterilidades; porque como mentis ao Espirito Santo, naõ he de maravilhar, que elle vos negue a sua consolaçaõ: naõ quereis ser singela e candida como hum menino? pois naõ tereis os confeitos dos meninos pequenos.

Como vos tendes fartado bem das consolações mundanas, naõ he para estranhar que as delicias espirituaes vos enfastiem. As pombas já fartas, diz o antigo Proverbio, achaõ amargosas as cerejas: *Encheo de bens*, diz Nossa Senhora, *os famintos, e aos ricos deixou vazios* (1). Os ricos dos prazeres mundanos naõ saõ capazes dos espirituaes.

Se conservardes bem os fructos das consola-

Z la-

(1) Lucæ 1. v. 53. *Esurientes implevit bonis, & divites dimisit inanes.*

lações recebidas, recebereis outras de novo: Porque ao que tem, se lhe dará mais: e aquelle que naõ tem o que se lhe deu, mas o perdeo por sua culpa, tirarse-lhe-ha aquillo mesmo que naõ tem: a saber, priva-lo-haõ das graças, que lhe estavaõ preparadas. Verdade he que a chuva vivifica as plantas que tem verdura, mas ás que estaõ sem ella, lhes tira ainda aquella mesma que tem, porque apodrecem de todo. Por muitas destas causas perdemos nós as consolações e devoções, e cahimos em secura e esterilidade espiritual. Examinemos pois a nossa conciencia, por ver se achamos em nós alguns defeitos semelhantes. Mas adverti, Philotea, que naõ convém fazer este exame com desassocego e demasiada curiosidade, mas depois de ter fielmente considerado como nos portámos nisto, se acharmos em nós a causa do mal, devemos dar graças a Deos; porque descuberta a causa, está curada ametade da doença. Se pelo contrario, naõ virdes nada em particular, que vos pareça ter dado causa a esta secura, naõ vos detenhais em mais curiosa inquiriçaõ; mas com toda a singeleza, sem examinar mais particularidade alguma, fazei o que vos vou a dizer.

Humilhai-vos summamente diante de Deos, no conhecimento do vosso nada e miseria. Ai de mim! que he o que sou? naõ outra coisa, Senhor, senaõ huma terra seca, que gretando por toda a parte, mostra a sede que tem da chuva do Ceo, e entre tanto o vento a dissipa e reduz em pó.

In-

Invocai a Deos e pedi-lhe a sua alegria: *Concedei-me Senhor a alegria da vossa saude* (1). *Pai meu, se he possivel, passe de mim este caliz* (2). Vai-te daqui ò vicio infructifero, que desseccas a minha alma, e vem ò vento agradavel das consolações, e sopra no meu jardim, e os seus bons affectos espalharáõ cheiro da suavidade.

Buscai o vosso Confessor, mostrai-lhe bem o vosso coraçaõ, procurai que veja bem todas as dobrezes da vossa alma, aceitai os avisos que vos der com grande singeleza e humildade. Porque como Deos ama infinito a obediencia, torna ordinariamente uteis os conselhos que se tomaõ de outrem, principalmente dos Directores de almas, ainda que por outra parte naõ pareçaõ de proveito: assim como foraõ saudaveis a Naamam as agoas do Jordaõ, das quaes Eliseo lhe mandou usasse, sem alguma aparencia de razaõ humana.

Mas depois de tudo isto, naõ ha coisa taõ util nem de tanto fructo em semelhantes securas e esterilidades, como naõ nos affeiçoarmos, nem nos afferrar-mos ao desejo de ser livres dellas. Naõ digo, que naõ devemos ter alguns simples desejos de livrar-nos, digo sim que naõ devemos affeiçoar-nos a isso, mas resignar-nos na mera disposiçaõ da especial providencia de Deos, para que em quanto fôr do

Z ii seu

(1) Psalm. 50. v. 14. *Redde mihi lætitiam salutaris tui.*

(2) Matth. 26. v. 39. *Pater mi, si possibile est transeat a me calix iste.*

ſeu agrado, ſe ſirva de nós, no meio dos eſpinhos, e por meio deſtes deſejos Digamos pois a Deos neſte tempo: *Pai, ſe he poſſivel, paſſai de mim eſte caliz*; mas acrecentai com grande valor: *Com tudo naõ ſe faça a minha vontade, mas a voſſa*: e paremos niſto com o maior deſcanço que pudermos; porque vendo-nos Deos neſta ſanta indiferença, nos conſolará com muitas graças e favores; como quando vio a Abraham reſoluto a privar-ſe de ſeu filho Iſaac, ſe ſatisfez de o ver indiferente neſta mera reſignaçaõ, e o conſolou com huma viſaõ deliciofiſſima, e com ſuaviſſimas bençáos. Por tanto devemos em todo o genero de afflicçóes, aſſim corporaes como eſpirituaes, e nas diſtracçóes ou ſubſtracçóes da devoçaõ ſenſivel que nos acontecerem, dizer de todo o noſſo coraçaõ, e com huma ſubmiſſaõ profunda: *O Senhor me deu as conſolaçóes, o Senhor mas tirou; bemdito ſeja o ſeu ſanto Nome* (1). Porque perſeverando neſta humildade, nos concederá ſeus deliciofos favores, como fez a Job, que conſtantemente uſava de ſemelhantes palavras em todas ſuas deſconſolaçóes.

Finalmente, Philotea, no meio de todas as noſſas ſecuras e eſterilidades, naõ percamos o animo, mas eſperemos com paciencia, que tornem as conſolaçóes: ſigamos ſempre a noſſa derrota, naõ deixando por iſto exercicio

(1) Job. 1. v. 21. *Dominus dedit, Dominus abſtulit . . . ſit nomen Domini benedictum.*

cio algum de devoçaõ, antes se for possivel, multipliquemos nossas boas obras: e se naõ podermos offerecer ao nosso Esposo doces liquidos, offereçamos-lhos secos; porque tudo vale o mesmo, com tanto que o coraçaõ que lhos offerece, esteja perfeitamente resolvido a querer ama-lo. Quando a Primavera he fermosa, as abelhas fazem mais mel e criaõ menos filhos; porque com o favor do bom tempo, se embebem tanto em fazer a sua colheita nas flores, que se esquecem da sua producçaõ: mas quando a Primavera he aspera e nublada, entaõ produzem mais crias e menos mel; porque naõ podendo sahir para colherem o mel, se ocupaõ em propagar a sua especie. Succede muitas vezes, minha Philotea, que a alma vendo-se na fermosa primavera de consolações espirituaes, se emprega tanto em colhe-las e gosta-las, que na abundancia destas doces delicias faz muito menos obras boas; quando pelo contrario, entre as asperezas e esterilidades espirituaes, á medida que se vê privada dos sentimentos agradaveis de devoçaõ, multiplica tanto mais obras solidas, e abunda de producçaõ interior de verdadeiras virtudes, de paciencia, humildade, abjecçaõ de si mesma, resignaçaõ e abnegaçaõ do seu amor proprio.

Este he hum grande abuso de muitos, finaladamente de mulheres, entender, que o serviço que fazemos a Deos sem gosto, sem ternura de coraçaõ, e sem affecto, he menos agradavel á Magestade Divina: antes pelo contrario, as nossas acções saõ como as ro-

sas,

ſas, as quaes ainda que freſcas, tem mais graça; com tudo eſtando ſecas tem mais cheiro, e efficacia. Do meſmo modo, poſto que as noſſas obras, feitas com ternura de coraçaõ nos ſejaõ mais agradaveis: digo a nós, que naõ atendemos ſenaõ ao noſſo proprio deleite; he certo que ſendo feitas em ſecura e eſterilidade, tem mais cheiro e valor diante de Deos. Sim, cariſſima Philotea, em tempo de ſecura, a noſſa vontade nos leva ao ſerviço de Deos como á viva força, e por conſeguinte, deve ſer mais vigoroſa e conſtante, que no tempo da ternura. Naõ he tanto de eſtimar, ſervir a hum Principe na ſuavidade de hum tempo pacifico entre as delicias da Corte: mas ſervi-lo no aperto da guerra, entre as revoltas e infeſtaçóes, he hum verdadeiro ſinal de conſtancia e fidelidade. A B. Angela de Fulgino diz, que a oraçaõ mais agradavel a Deos he aquella, que ſe faz por força e conſtrangida; iſto he aquella a que vamos, naõ por goſto algum que nella tenhamos, nem por inclinaçaõ, mas puramente por agradar a Deos, a que a noſſa vontade nos leva como contrafeitos, forçando e violentando as ſecuras e repugnancias, que a iſto ſe oppoem. O meſmo digo de toda a caſta de boas obras; porque quanto mais contradiçóes temos, ſejaõ exteriores ou interiores, mais eſtimadas e prezadas ſaõ pára com Deos. Quanto menos de noſſo intereſſe particular houver em conſeguir as virtudes, tanto mais aqui reluzirá a pureza do amor divino. O menino beija facilmente a mãi, quando lhe dá

do-

doce, mas o final de que a ama muito, he beija-la depois de lhe ter dado abfintio ou azibar.

CAPITULO XV.

Confirma-fe e illuftra-fe o que eftá dito com hum exemplo notavel.

MAs para fazer toda efta inftrucçaõ mais evidente, quero enxerir aqui huma excelente paffagem da Hiftoria Ecclefiaftica de S. Bernardo, como a achei em hum douto e judiciofo Efcritor. Diz pois affim: He coifa ordinaria em quafi todos os que começaõ a fervir a Deos, e que ainda naõ eftaõ experimentados em fubftracções da divina graça, nem nas alternativas efpirituaes; que em lhe vindo a faltar efte gofto da devoçaõ fenfivel, e efta agradavel luz que os convida a apreffar-fe no caminho de Deos, perdem totalmente o animo, e cahem em pufilanimidade e trifteza de coraçaõ. As peffoas bem entendidas daõ efta razaõ: que a natureza racional naõ póde por muito tempo permanecer faminta, e fem alguma deleitaçaõ celeftial ou terrena: como pois as almas remontadas fobre fi mefmas, com a experiencia dos prazeres fuperiores, facilmente renunciaõ os objectos vifiveis; affim tambem quando por difpofiçaõ divina, lhe he tirada a alegria efpiritual, achando-fe por outra parte privadas de confolações corporaes, e naõ eftando ainda coftumadas a efperar com

paciencia que torne o verdadeiro Sol, lhes parece que naõ eſtaõ nem no Ceo nem na terra, e que eſtaõ ſepultadas em huma noite perpetua: e á maneira de crianças que ſe deſmamaõ, tendo perdido o peito, enfermaõ e gemem, e ſe fazem enfadonhas e importunas, principalmente a ſi meſmas. Iſto pois de que falamos, ſuccedeo indo em jornada a hum da comitiva chamado Gofredo de Perrone, novamente dedicado ao ſerviço de Deos. Eſte achando-ſe repentinamente com ſecura e deſtituido de conſolaçaõ, e ocupado de trévas interiores, entrou a lembrar-ſe de ſeus amigos mundanos, dos parentes, das poſſes que acabava de deixar, e entre tanto o acometeo huma taõ brava tentaçaõ, que naõ a podendo encobrir no ſemblante, a entendeo hum dos ſeus mais confidentes: e chegando-ſe deſtramente a elle com doces palavras lhe diſſe em ſegredo: que quer iſſo dizer Gofredo? porque cauſa contra o teu coſtume, eſtás penſativo e afflicto? Reſpondeo Gofredo com hum profundo ſuſpiro: Ai, irmaõ meu, nunca já mais em minha vida eſtarei alegre. Movido o amigo a compaixaõ com eſtas palavras, com hum zelo fraternal foi logo contar tudo iſto ao commum Pai S. Bernardo, o qual vendo o perigo entrou em huma Igreja proxima, a rogar a Deos por elle: e Gofredo neſte tempo oprimido da triſteza, encoſtando a cabeça ſobre huma pedra adormeceo. Mas depois de hum breve eſpaço ſe levantáraõ, hum da oraçaõ com a graça conſeguida, e outro do ſomno com o ſemblante riſonho

S

e ſereno : de modo que ſeu amigo admirado de taõ grande e repentina mudança , ſe naõ pode conter de o reprehender amigavelmente , do que antes lhe tinha reſpondido. Entaõ lhe tornou Gofredo : ſe antes vos diſſe , que já mais eſtaria alegre , agora vos aſſeguro que já mais eſtarei triſte.

Eſte foi o ſucceſſo da tentaçaõ deſte devoto perſonagem : mas notai nelle , Philotea.

Que Deos concede ordinariamente aos que entraõ no ſeu ſerviço , algum goſto anticipado , para os retirar dos goſtos terrenos , e os animar á continuaçaõ do amor divino : como a mãi , que para engodar e attrahir ſeu filho , a que tome o peito , lhe poem mel no bico.

Que ſem embargo diſto , eſte bom Deos algumas vezes (conforme ſua ſábia diſpoſiçaõ) nos tira o leite e mel das conſolações , para que deſmamando-nos aſſim , aprendamos a comer o paõ ſeco e mais ſolido de huma devoçaõ vigoroſa , exercitada á prova de deſgoſtos e tentações.

Que ás vezes ſe levantaõ bem grandes tentações , por meio das ſecuras e eſterilidades : e entaõ convém peleijar conſtantemente com as tentações , porque eſtas naõ provem de Deos : mas devem-ſe ſofrer com paciencia as ſecuras , pois Deos as ordenou para noſſo exercicio.

Que nunca devemos perder o animo entre os enfados interiores , nem dizer como o bom Gofredo , já mais eſtarei alegre ; porque no meio da noite devemos eſperar a luz : e reciprocamente no mais alegre tempo do eſpirito

que

que podermos ter, naõ devemos dizer: jâ mais eftarei trifte: porque como diz o Sábio: Nos dias felizes lembra-te da defgraça (1). Hafe-de efperar no meio dos trabalhos, e temer entre as profperidades: e tanto em huma como em outra ocafiaõ convém fempre humilhar.

Que he hum remedio foberano, defcobrir o proprio mal a algum amigo efpiritual, que nos poffa confolar.

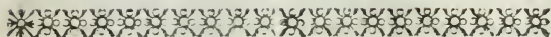
Em fim por conclufaõ defta advertencia taõ neceffaria, noto, que nifto como em tudo o noffo bom Deos e o noffo inimigo tem contrarias pertenções; porque Deos nos quer conduzir por ellas a huma grande pureza de coraçaõ, e a huma total renuncia do noffo intereffe proprio, no que he de feu ferviço, e a hum perfeito defpir de nós mefmos: mas o inimigo procura valer-fe deftes trabalhos, para nos fazer perder o animo, para que nos voltemos para a parte dos prazeres fenfuaes, e em fim para nos fazer enfadonhos a nós mefmos e aos outros, a fim de defacreditar e infamar a fanta devoçaõ. Porém fe obfervardes os documentos que vos tenho dado, aumentareis grandemente a voffa perfeiçaõ, no exercicio que tiverdes entre eftas afflicções interiores, das quaes naõ acabarei de falar, fem vos dizer ainda huma palavra. Algumas vezes os defgoftos efterilidades e fécuras provém da in-

(1) Ecclef. 11. v. 27. *In die bonorum ne immemor fis malorum.*

indifpofiçaõ do corpo : como quando pelo excefſo das vigilias dos trabalhos dos jejuns , fe acha oprimido de canfaço adormecimento e pezo , e de outras femelhantes enfermidades , as quaes pofto que dependem do corpo , naõ deixaõ de incômodar o efpirito , pelo eftreito nexo que tem entre fi. Em taes ocafiões devemo-nos lembrar fempre , de fazer muitos actos de virtude , com a ponta do noſſo efpirito e vontade fuperior ; porque ainda que pareça , que toda a noſſa alma dorme , e eftá oprimida de modorra e canfaço ; nem por iſſo as acções do noſſo efpirito deixaõ de fer mui agradaveis a Deos. E podemos nefte tempo dizer como a Efpofa fanta : *Eu durmo , mas o meu coraçaõ vigia* (1) . E como diſſe acima , fe ha menos gofto em trabalhar defta forte , tambem ha mais merecimento e virtude : mas o remedio neftas ocafiões , he fortalecer o corpo , com algum genero de legitima recreaçaõ e alivio. Pelo que S. Francifco ordenou a feus Religiofos , que foſſem moderados em feus trabalhos de forte , que naõ confumiſſem o fervor do efpirito.

Ao propofito , efte gloriofo Pai foi certa vez acometido e agitado de huma taõ profunda melancolia , que fe naõ podia reprimir , fem a moftrar em fuas acções ; porque fe queria converfar com os Religiofos , naõ podia : fe fe retirava delles , achava-fe peior : a abftinen-

(1) Cant. 5. v. 2. *Ego dormio , & cor meum vigilat.*

nencia e maceraçaõ da carne proſtravaõ-no ; e a oraçaõ naõ o aliviava nada. Dois annos andou aſſim , de ſorte que lhe parecia eſtar deſamparado de Deos : mas em fim depois de haver humildemente ſofrido eſta bruta tempeſtade , lhe reſtituîo o Senhor em hum momento huma feliz tranquilidade. Iſto he para que ſe veja , que os maiores ſervos de Deos eſtaõ ſujeitos a eſtas ſecuras , e que os menores ſe naõ devem eſpantar , quando lhe vierem algumas.

QUINTA PARTE,

QUE CONTÉM OS EXERCICIOS e dictames para renovar a alma, e a confirmar na devoçaõ.

CAPITULO I.

Que convém renovar todos os annos os bons propositos, com os exercicios seguintes.

O Primeiro ponto destes exercicios consiste, em reconhecer bem a sua importancia. A nossa natureza humana descahe facilmente de seus bons affectos, por causa da fragilidade e má inclinaçaõ da nossa carne, que oprime a alma e a puxa sempre para baixo, se ella se naõ levanta sempre ao alto, á viva força de resoluçaõ: assim como os passaros cahem logo em terra, se naõ multiplicaõ os impulsos e bater das azas, para continuarem o vôo. Por cuja causa, Philotea carissima, precisais de reiterar e repetir mui amiudo os bons propositos que tendes feito de servir a Deos: receando que pelo naõ fazer assim, venhais a descahir do vosso primeiro estado, ou ainda em outro muito peior; porque as quédas espirituaes tem esta propriedade, que sempre nos precipitaõ em

em mais baixo eſtado, do que eſtavamos antes de ſubir ao alto da devoçaõ. Naõ ha relogio, por bom que ſeja, que naõ neceſſite de que o armem e lhe dem corda duas vezes ao dia, pela manhã e á tarde: além diſto, he preciſo que huma vez no anno ſe deſarmem todas as peças, para ſerem limpas da ferrugem que tiverem contrahido, e ſe endireitarem as que eſtiverem tortas, e ſe reforçarem as que eſtiverem gaſtas. Aſſim aquelle que verdadeiramente cuida do ſeu coraçaõ, deve levanta-lo a Deos de manhá e de tarde, com os exercicios acima mencionados: e além diſto, deve conſiderar muitas vezes o ſeu eſtado, endireita-lo e pôlo em ordem: e em fim ao menos huma vez no anno, deve deſconcertar e ver todas as peças, iſto he todos ſeus affectos e paixões, para remediar todos os defeitos que alli póde haver.

E aſſim como o Relojoeiro unta com algum oleo delicado, as rodas, roſcas e molas do ſeu relogio, para que os movimentos ſe façaõ mais docemente, e eſteja menos ſujeito á ferrugem: aſſim a peſſoa devota depois de praticar eſte deſmancho do proprio coraçaõ, para melhor o renovar, o deve untar com os Sacramentos da Confiſſaõ e Eucariſtia: eſte exercicio reſarcirá voſſas forças abatidas com o tempo, aquecerá o voſſo coraçaõ, fará reverdecer voſſos bons propoſitos, e florecer as virtudes do voſſo eſpirito.

Os antigos Chriſtáos aſſim o praticavaõ cuidadoſamente, no dia anniverſario do Baptiſmo de Noſſo Senhor: no qual como diz

S.

S. Gregorio Bifpo de Nanzianzo, renovavaõ a profiſſaõ e proteſtaçaõ que ſe fazem neſte Sacramento. Façamos nós o meſmo, cariſſima Philotea, diſpondo-nos e empregando-nos niſto, com toda a boa vontade e ſeriedade.

Havendo pois eſcolhido tempo conveniente, ſegundo o conſelho de voſſo Padre eſpiritual, e tendo-vos retirado hum pouco mais á ſolidaõ eſpiritual e real, fareis huma ou duas ou tres Meditaçóes ſobre os ſeguintes pontos, ſegundo o methodo que vos dei na Segunda parte.

CAPITULO II.

Conſideraçaõ ſobre o beneficio que Deos nos faz, em nos chamar a ſeu ſerviço, ſegundo a proteſtaçaõ acima dita.

Conſiderai os pontos da voſſa proteſtaçaõ. O primeiro he haver deixado rejeitado deteſtado e renunciado para ſempre todo o peccado mortal. O ſegundo he ter dedicado e conſagrado voſſa alma, voſſo coraçaõ, voſſo corpo com tudo o que diſto depende, ao amor e ſerviço de Deos. O terceiro he, que ſe vos ſucceder cahir em alguma acçaõ má, vos levanteis logo mediante a graça de Deos. Naõ ſaõ fermoſas ſantas dignas e generoſas reſoluçóes eſtas? Ponderai bem em voſſa alma, quaõ ſanta, racionavel e para deſejar he eſta proteſtaçaõ.

Conſiderai a quem fizeſtes eſta proteſtaçaõ,

çaõ, que foi a Deos. Se as palavras arrezoadas dadas aos homens nos obrigaõ eſtreitamente, quanto mais as que temos dado a Deos? *Ah Senhor!* (dizia David) *a vós foi, a quem o meu coraçaõ diſſe: Meu coraçaõ arrotou eſta boa palavra, nunca já mais me eſquecerei.* (1)

Conſiderai em preſença de quem, porque foi á viſta de toda a Corte celeſtial: a Virgem Santiſſima, S. Joſeph, voſſo Anjo da guarda, S. Luiz; toda eſta bemdita companhia vos via, e reſpirava ſobre vós palavras de alegria e conſolaçaõ: vendo com olhos de amor indizivel, o voſſo coraçaõ proſtrado aos pés do Salvador, dedicando-ſe a ſeu ſerviço. Houve diſto particular alegria na Jeruſalem celeſtial, e agora ſe fará della commemoraçaõ, ſe de boa vontade renovardes as voſſas reſoluções.

Conſiderai por que meios fizeſtes a voſſa proteſtaçaõ: oh que doce e affavel foi Deos comvoſco neſte tempo! Mas dizei-me de verdade, naõ foſtes convidada com doces attractivos do Eſpirito Santo? as cordas com que Deos puxou voſſa barquinha a eſte porto ſaudavel, naõ foraõ de amor e caridade? naõ vos foi elle engodando com o aſſucar divino, por meio dos Sacramentos, da liçaõ, e da oraçaõ? Ah cariſſima Philotea, vós dormieis e Deos vigiava ſobre vós, e penſamenteando ſo-

(1) Pſalm. 44. v. 2. *Eructavit cor meum verbum bonum dico ego, &c.*

ſobre vós penſamentos de paz, meditava por vós meditações de amor.

Conſiderai em que tempo vos atrahio Deos a eſtas grandes reſoluções; pois foi na flor da voſſa idade: oh que felicidade! aprender depreſſa o que naõ podemos ſaber ſenaõ mui tarde. Santo Agoſtinho, tendo ſido a ſua vocaçaõ aos trinta annos de idade, exclamava: *Oh antiga fermoſura quaõ tarde vos conheci! eu te via, e naõ te conſiderava.* E vós podereis tambem dizer: oh doçura antiga, porque vos naõ tenho eu já goſtado? Ah, que talvez naõ o tenhais merecido: e entre tanto agradecendo a mercê que vos fez de vos chamar na voſſa mocidade, dizei com David: *Oh meu Deos, vós me alumiaſtes e tocaſtes deſde a minha mocidade, e para ſempre anunciarei voſſa miſericordia* (1). E ſe foi em voſſa velhice, Philotea, que grande graça, depois de ter abuſado dos primeiros annos, chamar-vos Deos antes da morte; e ſer elle quem deteve a corrente das voſſas miſerias, em tempo que ſe as continuaſſeis, ſerieis eternamente miſeravel.

Conſiderai os effeitos deſta vocaçaõ, e achareis em vós, ſegundo entendo, feliz mudança, comparando o que ereis com o que ſois. Naõ tendes por grande felicidade ſaber falar com Deos por meio da oraçaõ? ter affecto a querer ama-lo? ter atalhado e pacificado

Aa mui-

---

(1) Pſalm. 70. v. 17. *Deus docuiſti me a juventute mea, &c.*

muitas das paixões que vos perturbavaõ ? ter evitado muitos peccados e enredos de consciencia ? em fim, ter commungado com tanta frequencia, (o que antes naõ fazieis) unindo-vos a esta bella fonte de graças eternas. Oh que grandes saõ estas mercês ! Convém, minha Philotea, pezalas com o pezo do Santuario. A maõ direita de Deos, foi a que obrou tudo isto (1) : *A maõ de Deos* (diz David) *obrou a virtude : a sua maõ direita me levantou. Oh que naõ morrerei ! mas viverei e cantarei de coraçaõ com a boca e com as obras, as maravilhas da sua bondade.*

Depois de todas estas considerações, as quaes como bem vêdes, estaõ cheias de affectos bons, deveis simplesmente concluir, com huma acçaõ de graças, e oraçaõ affectuosa, de vos aproveitardes bem : retirando-vos com grande humildade e confiança em Deos, reservando fazer a instancia destas resoluções, para depois do segundo ponto deste exercicio.

CA-

(1) Psalm. 117. v. 16. *Dextera Domini fecit virtutem : dextera Domini exaltavit me : non moriar sed vivam, & narrabo opera Domini.*

CAPITULO III.

Do exame da nossa alma, sobre o seu adiantamento na vida devota.

ESte segundo ponto do exercicio he hum pouco dilatado, e para o praticar vos direi: que naõ he preciso, que o façais todo de hum jacto, mas por varias vezes: como tomando o que respeita o modo de portar-vos com Deos, por huma vez: por outra o que pertence a vós mesma, de outra o concernente ao proximo, e na quarta a consideraçaõ das paixões. Naõ he necessario que façais de joelhos, senaõ o principio e fim, que comprehende os affectos: os outros pontos do exame os podereis fazer utilmente passeando, e ainda com mais utilidade no leito, se por ventura aqui podeis estar algum tempo sem sonolencia e bem desperta: mas para se fazer isto, he preciso tê-los lido bem antes. He com tudo necessario, fazer todo o segundo ponto, em tres dias e duas noites, quando muito; tomando de cada dia e de cada noite alguma hora, venho a dizer, algum tempo conforme puderdes. Porque se este exercicio se fizer em tempos mui distantes huns dos outros, perderá a força, e causará mui fraca impressaõ. Depois de cada ponto do exame, notareis em que vos achais culpada, que defeitos tendes e as principaes distracções que tiverdes sentido; para vos poderdes declarar, e tomar con-

ſelho, e reſoluçaõ e conforto eſpiritual. Poſto que neſtes dias que praticardes eſte exercicio e os mais, naõ ſeja abſolutamente neceſſario retirar-vos de converſações, com tudo, convém fazê-lo hum pouco, principalmente junto da noite, para vos poderdes deitar a boas horas, e tomar o deſcanço de corpo e eſpirito neceſſario á meditaçaõ. E entre dia convém fazer frequentes aſpirações a Deos, a Noſſa Senhora, aos Anjos, a toda a Jeruſalem celeſtial: tambem he preciſo, que tudo iſto ſe execute com hum coraçaõ namorado de Deos, e da perfeiçaõ da voſſa alma. Para bem comecardes pois eſte exame.

1 Ponde-vos na preſença de Deos.

2 Invocai o Eſpirito Santo, pedindo-lhe luz e claridade, para vos poderdes bem conhecer: como Santo Agoſtinho, que clamava diante de Deos em eſpirito de humildade: *Oh Senhor! conheça-vos eu a vós, e conheça-me a mim.* E S. Franciſco que perguntava a Deos dizendo: *Quem ſois vós, e quem ſou eu?* Proteſtai que naõ quereis conhecer o voſſo adiantamento, para vos comprazer em vós meſma, mas para vos alegrar em Deos: nem taõ pouco para vos váglorìar, ſenaõ glorificar a Deos e lhe dar graças.

Proteſtai que, ſe como cuidais, achardes ter aproveitado pouco, e ainda retrocedido; nem por iſſo quereis ficar abatida, nem entibiar-vos com genero algum de deſalento e deſcahimento de animo: antes pelo contrario, vos quereis animar e alentar mais, humilhar e remediar os defeitos, mediante a graça de Deos. Fei-

Feito isto, considerai com socego e tranquilidade, como até á hora presente, vos tendes portado com Deos, com o proximo, e com vós mesma.

CAPITULO IV.

Exame do estado da nossa alma para com Deos.

1 COmo está o vosso coraçaõ contra o peccado mortal? tendes huma resoluçaõ forte de nunca mais o cometer, por qualquer caso que possa succeder? Durou-vos esta resoluçaõ, desde a vossa protestaçaõ até o presente? Nesta resoluçaõ consiste o fundamento da vida espiritual.

2 Que tal está o vosso coraçaõ para com os Mandamentos de Deos? Achai-los bons, suaves, agradaveis? Ah, filha minha, quem tem o gosto em boa disposiçaõ, e o estomago saõ, apetece os bons manjares e rejeita os máos.

3 Como está o vosso coraçaõ a respeito dos peccados veniaes? talvez vós naõ sabereis resguardar de cometer ora hum ora outro: mas haverá alguns, a que tenhais especial inclinaçaõ, e o que será peior, affecto e amor.

4 Como está o vosso coraçaõ com os exercicios espirituaes? amai-los? estimai-los? enfastiaõ-vos? cansaõ-vos? a quaes sentis maior ou menor inclinaçaõ? ao ouvir a palavra de Deos, a sua liçaõ, a medita-la, a pratica-la,

la, a aſpirar a Deos, a confeſſar-vos, a receber os aviſos eſpirituaes, a preparar-vos a Cómunhaõ, a cõmungar, a reprimir os affectos, e o que niſto houver, que repugne ao voſſo coraçaõ? E ſe achardes alguma coiſa, a que eſte coraçaõ ſe incline menos, examinai donde procede eſte deſgoſto, e qual ſeja a cauſa.

5 Como eſtá o voſſo coraçaõ para com o meſmo Deos? alegra-ſe o voſſo coraçaõ em ſe lembrar de Deos? ſente niſto doçura agradavel? Ah que David dizia: *Lembrei-me de Deos, e me deleitei.* Experimentais em voſſo coraçaõ huma facilidade em o amar, e hum particular goſto de vos ſaborear neſte amor? Recrea-ſe o voſſo coraçaõ em cuidar na immenſidade de Deos, na ſua bondade e doçura? Se a lembrança de Deos vos vem no meio das ocupaçóes do mundo e ſuas vaidades, dais-lhe por ventura lugar? ocupa o voſſo coraçaõ? parece-vos que o voſſo coraçaõ ſe poem da ſua parte, e em certo modo a ſahe a receber? Ha certas almas que aſſim ſaõ.

6 Se algum homem caſado chega de longe, tanto que ſua mulher o ſente, e lhe ouve a voz, ainda que eſteja embaraçada com ſuas ocupaçóes, ou detida com algum violento cuidado, nem por iſſo fica ſuſpenſo o ſeu coraçaõ, mas abandonando outros cuidados, ſó cuida na vinda de ſeu marido. O meſmo ſuccede ás almas, que amaõ muito a Deos, ainda que eſtejaõ embaraçadas, quando Deos lhe vem a lembrança, perdem a atençaõ a tudo o mais, com o goſto que tem de ver,

que

que lhe vem esta sua amada lembrança : e he este hum sinal summamente bom.

7 Como está o vosso coraçaõ para com Jesu Christo Deos e homem? Gostais de estar com elle? As abelhas gostaõ muito de andar junto do seu mel, e as vespas perto dos monturos: assim as boas almas, tem o seu contentamento junto de Jesu Christo, e sentem summa ternura de amor com elle: mas as más, se comprazem com as suas vaidades.

8 Qual he o vosso coraçaõ para com Nossa Senhora, os Santos, e o vosso Anjo da Guarda? amai-los muito? tendes huma especial confiança na sua benevolencia? gostais das suas imagens, das suas vidas, e dos seus louvores?

Quanto á vossa lingua, como falais de Deos? folgais de falar com acerto, segundo a vossa condiçaõ e sufficiencia? gostais de cantar os seus Canticos?

Quanto ás obras, considerai se tendes o coraçaõ na gloria exterior de Deos, e fazei qualquer coisa para honra sua; porque os que amaõ a Deos, amaõ com David o decoro da sua casa.

Sabereis vós advertir, se tendes deixado algum affecto, e renunciado alguma coisa por Deos? porque he hum bom sinal de amor, privar de alguma coisa em obsequio da pessoa que se ama. Que tendes pois deixado por amor de Deos?

CAPITULO V.

Exame do voſſo eſtado para com vós meſma.

COmo vos amais a vós meſma? amais-vos demaſiado para eſte mundo? ſe aſſim he deſejareis ficar ſempre nelle, e cuidareis ſummamente em vos eſtabelecer neſta terra: mas ſe vos amais para o Ceo, deſejareis, ou ao menos vos conformareis facilmente em ſahir daqui na hora que Noſſo Senhor quizer.

Guardais boa ordem no amor de vós meſma? porque nada nos arruina tanto como o amor deſordenado de nós meſmos. O amor pois ordenado quer, que amemos mais a alma que o corpo, que tenhamos mais cuidado de adquirir virtudes que qualquer outra coiſa: que tenhamos mais conta com a honra celeſtial, que com a terrena e caduca. O coraçaõ bem ordenado, diz mais vezes comſigo: que diraõ os Anjos ſe eu cuidar niſto ou naquilo; do que, que diraõ os homens?

Que amor tendes vós ao voſſo coraçaõ? cuſta-vos ſervi-lo em ſuas moleſtias? Ah! e quanto lhe deveis eſte cuidado de o ſocorrer, e procurar que ſeja ſocorrido, quando as paixões o atormentaõ, e para iſto deixar tudo o mais.

Em quanto vós eſtimais, em comparaçaõ de Deos? em nada certamente: iſto porém naõ he grande humildade, que huma moſca ſe tenha por nada a reſpeito de huma monta-

nha:

nha: nem huma pinga de agua em comparaçaõ do mar: nem huma faiſca de fogo a viſta do Sol: a humildade conſiſte em naõ nos eſtimarmos mais que os outros, e em naõ querermos ſer mais eſtimados dos outros. Como eſtais vós neſta materia?

Quanto á lingua, louvais-vos por eſte ou aquelle modo? liſonjeais-vos quando falais de vós?

Quanto as obras, tomais algum divertimento contrario a voſſa ſaude? quero dizer divertimento vaõ, inutil, demaſiadas vigias ſem cauſa, e outros ſemelhantes.

CAPITULO VI.

Exame do eſtado da noſſa alma para com o proximo.

DEve-ſe amar muito o marido e a mulher com hum amor ſuave e tranquilo, firme e continuo, e iſto ha de ſer em primeiro lugar, porque Deos o manda e o quer. O meſmo digos dos filhos e parentes proximos, e tambem dos amigos, cada hum ſegundo a ſua ordem.

Mas falando em geral, como eſtá o voſſo coraçaõ para com o proximo? amai-lo mui cordialmente, e por amor de Deos? Para conhecerdes iſto bem, deveis recordar-vos de certas peſſoas enfadonhas e deſagradaveis; porque com eſtas he, que ſe pratíca o amor de Deos para com o proximo: e muito mais com

com os que nos fazem algum mal, por palavra ou por obra. Examinai se o vosso coraçaõ está largo para elles, ou se tendes grande repugnancia em os amar.

Estais prompta a murmurar do proximo, principalmente dos que vos naõ amaõ? fazeis algum damno ao proximo, directa ou indirectamente? pouco discurso he preciso, para o conhecerdes facilmente.

CAPITULO VII.

Exame sobre os affectos da nossa alma.

DEmorei-me tanto nos pontos antecedentes, em cujo exame consiste o conhecimento do aproveitamento espiritual, que temos conseguido; porque o exame dos peccados he para as Confissões daquelles, que naõ cuidaõ no seu adiantamento.

Naõ he pois necessario, que nos mortifiquemos, sobre cada hum destes articulos, mas com toda a suavidade consideremos, em que estado se acha o nosso coraçaõ, no que pertence a elles, desde a nossa resoluçaõ: e que faltas notaveis temos cometido.

Mas por abreviar: todo o exame se ha de reduzir ao conhecimento das proprias paixões: e se nos cança considera-las taõ miudamente, como temos dito, poderemos examinar quaes temos sido, e como nos temos portado.

Em nosso amor, para com Deos, para com

com o proximo, para com nós mesmos.

Em nosso odio, para com os peccados que temos, e para com os peccados dos outros; porque devemos desejar, sejaõ desterrados huns e outros.

Em nossos desejos, no tocante as riquezas, aos gostos, e ás honras.

Em o temor dos perigos de peccar, e das perdas dos bens deste mundo: teme-se ordinariamente muito huma destas coisas, e a outra muito pouco.

Na esperança talvez demasiadamente posta no mundo e nas creaturas, e mui pouco em Deos, e nas coisas eternas.

Na tristeza, se he mui excessiva por coisas vás.

Na alegria, se he demasiada, e por coisas indignas.

Que affectos, em fim, tem embaraçado o nosso coraçaõ, que paixões o dominaõ, em que principalmente se tem distrahido.

Porque pelas paixões da alma se reconhece o seu estado, tocando ora huma ora outra: assim como hum tangedor de viola beliscando todas as cordas, as que acha dissonantes as tempera, e levanta ou afrouxa: assim nós depois de ter tocado o amor, o odio, o desejo, o temor, a esperança, a tristeza, e alegria de nossa alma; se as acharmos dissonantes ao som que queremos tocar, que he a gloria de Deos, bem podemos temperalas, mediante a sua graça, e os conselhos do nosso Padre espiritual.

CA-

CAPITULO VIII.

Affectos que se haõ de praticar depois do exame.

DEpois de ter suavemente considerado cada ponto do exame, e visto em qual delles estais, passareis aos affectos deste modo.

Dai graças a Deos, dessa pouca emenda, q e tiverdes achado na vossa vida depois da vossa resoluçaõ: e reconhecei que só a sua misericordia a obrou em vós, e por vós.

Humilhai-vos muito diante de Deos, reconhecendo, que se vós naõ tendes adiantado muito, foi por vossa negligencia; porque naõ correspondestes fiel, animosa e constantemente ás inspirações, luzes e impulsos, que vos foraõ dados na oraçaõ e fóra della.

Prometei louva-lo sempre, pelos auxilios que vos concedesse, para vos tirar de vossas más inclinações, e trazer-vos a esta pequena emenda.

Pedi-lhe perdaõ da infidelidade e deslealdade, com que lhe tendes correspondido.

Offerecei-lhe o vosso coraçaõ, para que inteiramente se senhoree delle.

Suplicai-lhe, que vos faça totalmente fiel.

Invocai os Santos, a Virgem Santissima, o vosso Anjo, o vosso Patrono, S. Joseph, e assim os demais.

CA-

CAPITULO IX.

Consideraçoes proprias para renovar os nossos bons propositos.

DEpois de feito o exame, e ter conferido bem com algum digno Director, sobre as faltas e seus remedios, valervos-heis das consideraçóes seguintes, fazendo huma cada dia, por modo de meditaçaõ, gastando nisto o tempo da vossa oraçaõ: e será isto sempre com o mesmo methodo (quanto a preparaçaõ e affectos) de que usastes nas meditaçóes da Primeira Parte: pondo-vos primeiro que tudo em presença de Deos, implorando a sua graça para bem vos estabelecer no seu santo amor e serviço.

CAPITULO X.

Consideraçaõ primeira, da excelencia das nossas almas.

COnsiderai a excelencia e nobreza da vossa alma, dotada de hum entendimento, que conhece naõ só todo este mundo visivel, mas conhece tambem que ha Anjos, e o Ceo, que ha hum Deos soberanissimo bonissimo e inefavel, que ha huma eternidade; e além disto conhece o que he preciso para viver bem neste mundo visivel, para se ajuntar com os An-

Anjos no Ceo, e gozar de Deos eternamente.

Tem mais a vossa alma huma vontade em tudo nobre, a qual póde amar a Deos, e o naõ póde aborrecer em si mesmo: vêde quaõ generoso he o vosso coraçaõ: e assim como as abelhas se naõ pódem pôr em coisa alguma corrupta, mas sómente se detem sobre as flores, assim o vosso coraçaõ só póde ter descanço em Deos, e nenhuma creatura o póde saciar. Representai vivamente os mais prezados e activos divertimentos, que em outro tempo ocupáraõ o vosso coraçaõ; e julgai com verdade, se naõ estavaõ cheios de desassocego, molesto de pensamentos picantes, e cuidados importunos; no meio dos quaes era miseravel o vosso pobre coraçaõ.

O nosso coraçaõ quando corre apos as creaturas, oh, e com que anciá naõ vahe cuidando em fartar os seus desejos! mas tanto que as alcança, reconhece a vaidade do seu intentō, e que nada o póde contentar. Deos naõ quer, que elle ache lugar algum, em que possa descançar: para que, como a (1) pomba que sahio da Arca de Noé, volte ao seu Deos, donde sahio. Oh quanta he a fermosura natural do nosso coraçaõ! pois por que o havemos entreter contra sua vontade em serviço das creaturas?

Oh bella alma minha (deveis vós dizer) se tu pódes conhecer e querer a Deos, para que te entretens em coisas menores? pódes per-

(1) Gen. 8. v. 9.

pertender a eternidade, porque te entretens com momentos? Eſte foi hum dos pezares (1) do filho prodigo, que podendo viver delicioſamente á meza de ſeu Pai, comia vilmente na dos brutos. Alma, tu es capaz de Deos: infeliz de ti, ſe te contentas com menos que Deos. Exaltai muito a voſſa alma, com eſta conſideraçaõ, moſtrai-lhe como he eterna e digna da eternidade: infundi-lhe valor a eſte propoſito.

CAPITULO XI.

Segunda conſideraçaõ da excelencia das virtudes.

CОnſiderai, que ſó as virtudes e a devoçaõ, pódem fazer, que a voſſa alma eſteja contente neſte mundo. Vêde como ſaõ fermoſas: comparai as virtudes com os vicios, que lhe ſaõ contrarios: que ſuavidade na paciencia comparada com a vingança: na manſidaõ, a reſpeito da ira e triſteza: da humildade, em comparaçaõ da arrogancia e ambiçaõ: da liberalidade comparada com a avareza: da caridade, com a inveja: da ſobriedade, com as diſſoluções. As virtudes iſto tem de admiravel, que deleitaõ a alma com huma doçura e ſuavidade incomparavel, depois de praticadas, mas os vicios a deixaõ ſummamen-

(1) Luc. 15. v. 17.

mente endurecida e mal parada. Eia, porque naõ pretendemos nós conseguir estas suavidades?

Dos vicios quem tem pouco, naõ está contente; e quem tem muito, está descontente: mas das virtudes o que tem pouco já tem algum contentamento, o qual depois sempre vahe em aumento, quanto mais nellas se adianta. Oh vida devota como es bella, doce agradavel e suave! vós sois a que suavizais as tribulações, e fazeis suaves as consolações: sem vós o bem he mal, e os prazeres cheios de desassocego, inquietaçaõ e desfalecimento. Oh, e que bem podera, quem te conhecer, dizer com a Samaritana: *Domine, da mihi hanc aquam* (1). Senhor dai me desta agua: aspiraçaõ de que usavaõ mui frequentemente Santa Tereza, e Santa Catharina de Genova, posto que em diferente materia.

CAPITULO XII.

Terceira consideraçaõ sobre o exemplo dos Santos.

CONsiderai o exemplo dos Santos, de todas as sortes. Que he o que naõ obraraõ por amar a Deos, e ser seus devotos: vêde os Martires invenciveis em suas resoluções, que tormentos naõ padeceraõ pelas sustentar; mas

(1) Joan. 4. v. 15.

mas ſobre tudo as fermoſas e florentes Donzelas, mais candidas na pureza que as aſſucenas, e mais rubicundas que a roſa na caridade: humas de doze, outras de treze, quinze, vinte e vinte cinco annos, ſofreraõ mil generos de martirios, antes que renunciar a ſua reſoluçaõ: naõ ſó no que tocava a profiſſaõ da Fé, mas no que era da proteſtaçaõ da ſua devoçaõ: querendo humas antes morrer que deixar a pureza, outras antes que deixar de ſervir aos afſligidos, conſolar os atormentados, e ſepultar os mortos. Bom Deos! que conſtante ſe tem moſtrado eſte ſexo fragil, em ſemelhantes ocaſiões.

Olhai tantos ſantos Confeſſores, com que fortaleza deſprezáraõ o mundo! quaõ invenciveis foraõ em ſuas reſoluções. Nada os pôde dellas apartar: abraçaraõ-nas ſem reſerva, e mantiveraõ-nas ſem excepçaõ. Deos meu! que diz Santo Agoſtinho de ſua mãi Santa Monica? Com que firmeza perſeverava em ſervir a Deos em ſeu matrimonio, e em ſua viuvez! E S. Jeronimo de ſua amada filha Paula, entre tantos contraſtes e variedade de accidentes? Mas qual ſerá a cauſa de naõ fazermos o meſmo, com taõ excelentes patronos? Elles eraõ o meſmo que nós ſomos, elles o faziaõ pelo meſmo Deos, e pelas meſmas virtudes; porque naõ faremos nós outro tanto, no noſſo eſtado, e ſegundo a noſſa vocaçaõ, pela noſſa amada reſoluçaõ e ſanta proteſtaçaõ?

CAPITULO XIII.

Do amor que Jesu Christo nos tem.

COnsiderai o amor com que Jesu Christo nosso Senhor padeceo tanto neste mundo, e particularmente no Horto do Olivete, e no monte Calvario: este amor vos via, e por todas suas penas e trabalhos, alcançava de Deos Padre boas resoluções e propositos para vosso coraçaõ; e pelo mesmo meio conseguia tambem tudo o que vos he necessario, para manter nutrir fortificar e consumar estas resoluções. Oh resoluçaõ como es preciosa, pois es filha de huma tal mãi, qual he a Paixaõ de meu Salvador. Oh quanto, a minha alma te deve amar, pois taõ amada foste do meu Jesus. Oh Salvador da minha alma, já que morrestes para me alcançar minhas resoluções, concedei-me a graça, de antes morrer que deixalas.

Vedes, minha Philotea, como he certo, que o coraçaõ do nosso amado Jesus via o vosso, desde a arvore da Cruz, e o amava: e por este amor lhe alcançou todos os bens que gozareis, e entre elles estas resoluções. Sim, carissima Philotea, nós todos podemos dizer com Jeremias: Senhor, antes que eu fosse, vós me vieis, e me chamaveis por meu nome; porque verdadeiramente a sua divina bondade, prepara em seu amor e misericordia todos os meios geraes e particulares de nossa salvaçaõ,

e

e por conseguinte as nossas resoluções. Sim por certo, bem como huma mulher pejada prepara o berço, as fachas, as mantilhas, e tambem a ama, para o filho que espera ter, ainda antes de ser nascido: assim Nosso Senhor, tendo a sua bondade pejada e ocupada de vós, desejando criar-vos para a salvaçaõ e fazer-vos filha sua, preparou desde a arvore da Cruz, quanto vos era preciso; o vosso berço espiritual, as vossas mantilhas e fachas, a vossa ama, e tudo o que era conveniente para a vossa felicidade. Estes saõ todos os meios, todos os attractivos, todas as graças, com que elle conduz a vossa alma, e a quer levar á perfeiçaõ.

Ah meu Deos! quaõ profundamente deviamos arreigar isto em nossa memoria. He possivel, que tenha eu sido amada, e taõ docemente amada do meu Salvador, que se puzesse a cuidar em mim em particular, e em todas estas miudas circumstancias, com que me attrahio a si? e quanto devemos nos amar, estimar, e empregar bem tudo isto em nossa utilidade. Que suave consideraçaõ esta! O benevo-lo coraçaõ de meu Deos cuidava em Philotea, e a amava, e lhe procurava milhares de meios para a sua salvaçaõ: e de mais, como se naõ tivera outra alma no mundo em que cuidar, assim como o Sol alumiando huma parte da terra, lhe communica a sua luz como se a esta só alumiára; porque do mesmo modo Nosso Senhor pensava e cuidava de todos seus amados filhos: de tal modo que cuidando em cada hum, parece que naõ cui-

dava dos mais: *Elle me amou* (diz S. Paulo) *e se entregou por mim* (1). Como se dissera, por mim só, e como se naõ se houvera entregado pelos demais. Isto, Philotea, deveis imprimir na vossa alma, para estimardes e manterdes vossa resoluçaõ, que taõ preciosa foi para o coraçaõ do Salvador.

CAPITULO XIV.

Quinta consideraçaõ do amor eterno de Deos para comnosco.

COnsiderai o amor eterno, que Deos vos tem tido: pois antes que Nosso Senhor Jesu Christo padecesse por vós na Cruz, já sua Divina Magestade dispunha de vós, em sua soberana bondade, e vos amava extremosamente. Mas quando começou a amar-vos? começou quando começou a ser Deos. E quando começou a ser Deos? nunca. Porque sempre foi sem principio nem fim, e assim vos amou sempre desde a eternidade: e por isso vos preparou as graças e favores que vos tem feito. Elle mesmo o diz pelo Profeta: *Eu te amei* (fala como se a vós só o dissera) *com huma caridade perpetua: e por isso te tenho atrahido tendo piedade de ti* (2). Cuidado ha pois

(1) Gal. 2. v. 20. *Dilexit me, & tradidit semetipsum pro me.*

(2) Jerem. 31. v. 3. *In charitate perpetua dilexi: ideo atraxi te miserans.*

pois entre outras coiſas, em fazer que tomeis reſoluçaõ de o ſervir.

Oh bom Deos, que reſoluções ſaõ eſtas, que Deos tem penſado, meditado e traçado deſde a ſua eternidade? quanto nos devem ſer eſtimaveis e precioſas? quanto devemos padecer, antes que apartar-nos dellas hum atomo? Naõ por certo, ainda que todo o mundo houveſſe de perecer; porque todo o mundo inteiro naõ val huma alma, e huma alma nada val, ſem ſuas proprias reſoluções.

CAPITULO XV.

Affectos geraes ſobre as antecedentes conſiderações, e concluſaõ do exercicio.

OH amaveis reſoluções! vós ſois a bela arvore da vida, que meu Deos tem plantado da ſua maõ, no meio de meu coraçaõ; que meu Salvador quer regar com ſeu Sangue, para que dê fructo: antes padecerei mil mortes, que conſentirei que algum vento vos arranque. Naõ, nem a vaidade, nem as dilicias, nem as riquezas, nem as tribulações, me arrancaráõ já mais do meu propoſito.

Mas ai Senhor: vós plantaſtes, e em voſſo ſeio paternal guardaſtes eſta arvore, para o meu jardim. Oh e quantas almas ha, que naõ foraõ deſte modo favorecidas! e como poderei eu já mais humilhar-me baſtantemente a voſſa miſericordia?

Oh fermoſas e ſantas reſoluções! ſe eu vos

con-

confervar vós me confervareis : fe viveres em minha alma, a minha alma vivirá em vós. Vivei pois fempre, oh refoluções, que fois eternas na mifericordia de meu Deos, eftai e vivei eternamente em mim, que já mais vos naõ deixarei.

Depois deftes affectos, deveis propôr em particular os meios requifitos, para manter eftas amaveis refoluções : e proteftai, que vos quereis fielmente fervir da frequencia da Oraçaõ, dos Sacramentos, das boas obras, da emenda de voffas faltas reconhecidas no fegundo ponto, do evitar as más ocafióes, do cumprimento dos avifos que vos forem dados a efte refpeito.

Feito ifto, com toda a ancia e efficacia, proteftai mil vezes de perfeverar em voffas refoluções : e como fe tiveffeis voffo coraçaõ alma e vontade em voffas mãos, a dedicai, confagrai, facrificai e offertai a Deos, proteftando, que naõ atornareis mais a tomar, mas a deixareis na maõ de fua Divina Mageftade, para feguir em tudo e por tudo fuas ordens. Pedi a Deos, que vos renove toda, que abençoe a voffa renovaçaõ de proteftaçaõ, e que a fortifique. Invocai a Virgem, o voffo Anjo, a *S.* Luiz, e outros Santos.

Com efta commoçaõ de coraçaõ hide aos pés do voffo Padre Efpiritual, acufai-vos das faltas principaes, que advertirdes ter cometido defde a voffa confiffaõ geral, e recebei a abfolviçaõ, da mefma maneira que fizeftes a primeira vez : proferi diante delle a proteftaçaõ e affinai-a : e por fim hide unir voffo cora-

ra-

raçaõ renovado, a ſeu principio e Salvador, no Santiſſimo Sacramento da Euchariſtia.

CAPITULO XVI.

Dos ſentimentos que ſe haõ de conſervar depois deſte exercicio.

NO dia em que tiverdes feito eſta renovaçaõ, e nos ſeguintes, haveis repetir mui amiudo, com o coraçaõ e com a boca, aquellas palavras fervoroſas de S. Paulo, Santo Agoſtinho, Santa Catharina de Genova, e outros. Eu já naõ ſou meu, ou viva ou morra: eu ſou de meu Salvador: nada tenho de mim nem meu: o meu ter he Jeſus: o meu ſer he ſeu. Oh mundo tu ſempre es o meſmo, e eu ſempre tenho ſido a meſma; mas daqui em diante naõ ſerei a meſma. Naõ naõ ſeremos já os meſmos, porque teremos mudado o coraçaõ, e o mundo que tanto nos tem enganado, ſerá enganado em nós: pois naõ percebendo a noſſa mudança ſenaõ pouco a pouco, cuidara que ſomos dos de Eſau, e nós ſomos dos de Jacob.

He preciſo que todos eſtes exercicios deſcancem dentro do coraçaõ, para que apartando-nos da conſideraçaõ e meditaçaõ, nos portemos acertadamente entre os negocios e converſações: para que o licor de noſſas reſoluções ſe naõ derrame e perca; porque convém que ſe diſſolva, e penetre bem todas as

par-

partes da alma : mas tudo iſto ſem violencia de eſpirito , nem de corpo.

CAPITULO XVII.

Reposta a duas objecções, que ſe podem fazer a eſta Introducçaõ.

DIrvos-ha o mundo , minha Philotea , que eſtes exercicios e dictames ſaõ tantos em numero , que quem os quizeſſe obſervar , naõ poderia dar atençaõ a outra coiſa. Ah , cariſſima Philotea , quando nós naõ fizeſſemos outra coiſa , aſsás fariamos niſto , pois fariamos o que devemos fazer neſte mundo. Mas naõ vedes a precauçaõ. Se ſe houveraõ de fazer todos eſtes exercicios todos os dias , na verdade que ocupariaõ todo o tempo ; mas naõ he neceſſario , ſenaõ fazer em ſeu tempo e lugar , cada hum quando lhe chegar a ſua vez. Quantas Leis civís ha no Digeſto e Codigo , que ſe devem obſervar ? Mas iſto ſe entende , quando ſe oferecer ocaſiaõ , e naõ he preciſo exetuta-las todos os dias. Além de que , ElRei David carregado de negocios dificultoſiſſimos , praticava muitos mais exercicios do que eu vos tenho apontado. S. Luiz Rei paſmoſo na guerra e na paz , e que com incomparavel cuidado adminiſtrava juſtiça e manejava negocios , ouvia todos os dias duas Miſſas , reſava Veſperas e Completas com ſeu Capelaõ , fazia ſua oraçaõ , viſitava os Hoſpitaes , todas as Sextas feiras ſe confeſſava e tomava diſci-

pli-

plina, ouvia frequentissimamente os Sermões, tinha mui a miudo conferencias espirituaes: e com tudo isto, naó perdia huma só ocasiaó do bem publico, que naó desempenhasse e executasse diligentemente: e a sua Corte estava a mais vistosa e florente, que já mais estivera em tempo de seus predecessores. Praticai pois fervorosamente estes exercicios, segundo vos tenho advertido, e Deos vos dará bastante lugar e forças, para o expediente de todos os mais negocios: sem duvida, ainda que para isso houvesse de parar o Sol, como fez no tempo de Josué. Sempre fazemos muito, quando Deos trabalha comnosco.

O mundo dirá, que eu quasi totalmente supponho, que a minha Philotea tem o dom de Oraçaó mental, e que como nem todos o tem, naó servirá para todos esta Introducçaó. Sem duvida, he verdade, que supponho isto: e tambem he verdade, que nem todos tem o dom de Oraçaó mental: mas tambem he verdade, que quasi todos o podem ter, ainda que sejaó os mais rudes: com tanto que tenhaó bons Directores, e queiraó trabalhar pela adquirir, tanto quanto a materia o merece. E se se achar alguem, que naó tenha este dom em nenhum gráo (o que naó cuido que possa acontecer senaó rarissimamente) o prudente Padre espiritual, lhe fará suprir esta falta, com lhe ensinar a dar atençaó ou á liçaó, ou a ouvir as mesmas consideraçóes que vaó postas nas meditaçóes.

CA-

CAPITULO XVIII.

Tres ultimos e principaes avisos ácerca desta Introducçaõ.

REpetireis todos os primeiros dias do mez, a protestaçaõ que está na Primeira Parte, depois da oraçaõ: e a cada momento que puderdes, protestareis querer guarda-la, dizendo com David: *Nunca já mais eternamente me esquecerei de vossas justificações, meu Deos; porque nellas me tendes vivificado* (1). E quando sentirdes algum distrahimento em vossa alma, tomai a vossa protestaçaõ nas mãos, e prostrada em espirito de humildade, a proferi de todo o vosso coraçaõ, e achareis hum grande alivio.

Fazei profissaõ manifesta de querer ser devota: naõ digo de ser devota, mas de o querer ser: e naõ tenhais pejo das acções cõmuas, e precisas, que nos conduzem ao amor de Deos: protestai resolutamente que tratais de meditar, e que antes quererieis morrer, que peccar mortalmente: que quereis frequentar os Sacramentos, e seguir os conselhos do vosso Director (posto que ordinariamente naõ seja necessario nomea-lo, por muitas razões) porque esta franqueza de confessar, que quere-

(1) Psalm. 118 v. 93. *In æternum non obliviscar justificationes tuas: quia in ipsis vivificasti me.*

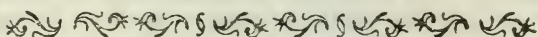
remos ſervir a Deos, e nos temos dedicado ao ſeu amor com eſpecial affecto, he mui agradavel a Mageſtade Divina, que naõ quer nos envergonhemos delle, nem da ſua Cruz; porque ella corta o caminho a muitos laços, que o mundo nos quereria armar em contrario: e nos obriga por brio a ſegui-la. Os Filoſofos publicavaõ-ſe por Filoſofos, para que os deixaſſem viver filoſoficamente: e nos devemos darnos a conhecer por deſejoſos da devoçaõ, para que nos deixem viver devotamente. E ſe alguem vos diſſer, que ſe póde viver devotamente, ſem a pratica deſtes documentos e exercicios, naõ lho negueis; mas reſpondeilhe amigavelmente, que a voſſa fraqueza he taõ grande, que ha miſter mais ajuda e ſoccorro que outros.

Em fim, cariſſima Philotea, rogo-vos por quanto ha ſagrado no Ceo e na terra, pelo Bautiſmo que recebeſtes, pelos peitos a que Jeſu Chriſto ſe alimentou, pelo coraçaõ caridoſo com que vos ama, e pelas entranhas de miſericordia com que vos eſpera, continueis e perſevereis neſta ditoſa empreza da vida devota: Os noſſos dias paſſaõ, a morte eſtá á porta: *A trombeta* (diz S. Gregorio Nazianzeno) *toca a retirar: cada hum ſe prepare, porque o Juiz he chegado.* A mãi de S. Symforiano vendo-o conduzir ao martyrio, gritava atraz delle. Filho meu, meu filho, lembra-te da vida eterna, olha para o Ceo, e conſidera o que nelle reina, o teu fim proximo terminará brevemente a carreira deſta vida. Philotea minha, o meſmo vos direi eu:

olhai

olhai para o Ceo, e naõ o deixeis pela terra: olhai para o Inferno, e naõ vos lanceis nelle pelo que he momentaneo: olhai para Jesu Christo, e naõ o renuncieis pelo mundo: e quando o trabalho da vida devota vos parecer duro, cantai com S. Francisco.

Considerando os bens que espero
Os trabalhos me saõ divertimento.

Viva Jesus a quem com o Padre e o Espirito Santo seja dada honra e gloria, agora e sempre por seculos de seculos. Amen.

MODO DE REZAR DEVOTAMENTE o Rosario, e bem servir a Virgem Maria.

PEgareis no Rosario pela Cruz, que beijareis, tendo-vos primeiro persignado; e ponde-vos na presença de Deos, dizendo o Credo desde o principio até o fim.

No primeiro Padre nosso, invocareis a Deos, pedindo-lhe aceite o serviço, que lhe quereis fazer, e que vos assista com a sua graça para bem rezar.

Nas primeiras tres Ave Marias, buscareis a interseçaõ da Virgem Santissima; saudando-a na primeira como a mais amada Filha de Deos Padre: na segunda, como Mãi de Deos Filho: e na terceira como Esposa querida de Deos Espirito Santo.

Em

Em cada dez Ave Marias, confiderareis hum dos Myfterios do Rofario, conforme o cómodo que tiverdes, lembrando-vos do myfterio que vos propuzerdes: principalmente ao pronunciar os Santiffimos nomes de Maria e Jefus, paffando-os pela voffa boca com huma grande reverencia de coraçaõ e de corpo. Se vos vier algum outro affecto (como dôr dos peccados paffados, ou propofito de emenda) o podereis meditar por todo o difcurfo do Rofario o melhor que puderdes: e vos recordareis defte affecto, ou outro que Deos vos infpirar, principalmente quando pronunciardes os Santiffimos nomes de Jefus e Maria.

No Padre noffo que eftá no fim do ultimo Myfterio, dareis graças a Deos da mercê que vos fez, em permitir que o rezaffeis.

Ao paffares as tres Ave Marias que fe feguem, faudareis a Santiffima Virgem Maria, fuplicando-lhe na primeira, que offereça o voffo entendimento ao Padre Eterno, para fempre poderdes meditar as fuas mifericordias: na fegunda, lhe pedireis offereça a voffa memoria a Deos Filho, para terdes fempre na lembrança a fua morte e Paixaõ: na terceira, lhe rogareis, que offereça a voffa vontade ao Efpirito Santo, para poderdes andar fempre inflamada em feu divino amor.

Ao paffar o Padre noffo que eftá no fim, fuplicareis á Divina Mageftade, aceite tudo para fua gloria e da fanta Igreja; de baixo de cujo eftendarte pedireis vos conferve, e traga a elle todos os que andaõ extraviados: e rogareis a Deos por todos voffos amigos, aca-

ban-

bando como começaſtes pela profiſſaõ da fé, dizendo o Credo, e fazendo o ſinal da Cruz.

Trareis o Roſario á cintura, ou em outro lugar patente, como huma ſagrada diviſa, com a qual quereis proteſtar, que deſejais ſer ſervo de Deos Noſſo Senhor, e de ſua Santiſſima Eſpoſa, Virgem, e Mãi, e de viver como verdadeiro filho da Santa Igreja Catholica Apoſtolica Romana. Amen.

INDICE

PARA SE ACHAR FACILMENTE qualquer materia deste Tratado. O numero mostra as paginas.

A

B

C

Ca-

F

H

I

L

M

N

O

P

R

S

T

V

F I M.